

O Ministério do Turismo e a Casa do Bom Menino de Arapongas
apresentam:

De Corpo e Alma
VOLUME II - REENCONTRO

“Incentivar a leitura é a forma mais eficaz de disseminar cultura e valores, incitar a imaginação e despertar a criatividade.”

Elaine Sekimura

Dedicatória

Aos apaixonados pelo mundo lúdico da leitura e da escrita.

De Corpo e Alma

VOLUME II - REENCONTRO

Projeto – Professora

Andressa de Oliveira Fante Reis

Colaboração – Professora

Thais Cunha Barreto

Colaboração - Apoio

Danielle Oliveira Naciso

Capa e Ilustrador Gráfico

Rafael dos Santos Calizotti

Revisão Historiográfica

Pedro Alberto Tazawa Delmont Pais

Revisão de Texto

Vanderlei de Souza

Diagramação e Supervisão Gráfica

Claudinei A. Fernandes

Eurípedes Fornasieri Neto

Casa do Bom Menino de Arapongas – Projeto Crescer

Presidente: Paulo Hermínio Pennacchi

Conselho Fiscal/Coord. Estratégica:

Maria Cleide Zanin Pennacchi

Secretário: Luiz Antônio Sartório

Tesoureiro: Reginaldo Giroldo

Diretora: Marisa Padovezi Ferreira Bazana

Coordenadora Pedagógica: Aline de Oliveira

Assistente Pedagógica: Letícia Maria Brambila da Luz

Metodologia e Formação Continuada:

Andressa de Oliveira Fante Reis

.....

Arapongas, PR

Outubro de 2021

.....

Impressão e acabamento: Idealiza Gráfica e Editora Ltda

Tel: (43) 3373-7876

sac@idealizagraf.com.br

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, fotocopiado, gravado ou outro, sem autorização prévia por escrito dos autores.

Os infratores serão processados na forma da lei.

Todos os direitos reservados à Casa do Bom Menino de Arapongas.

Arapongas – PR, 2021.

Agradecimentos

Agradecer a quem sempre nos apoiou: a Deus por toda força, bênção e inspiração.

Nosso agradecimento a todo o grupo envolvido, que não mediu esforços para a realização deste segundo volume chamado Reencontro, da trilogia De Corpo e Alma.

Gratidão especial a todos os patrocinadores através da Lei de Incentivo à Cultura do ano de 2021. Como sempre, pessoas que conhecem a transparência e respeitam o trabalho da instituição, que tem como missão edificar pessoas, chamada Casa do Bom Menino de Arapongas.

.....

Boa Leitura!

Prefácio

*“Deus dá a todos uma estrela.
Uns fazem da estrela um sol,
Outros nem conseguemvê-la”.*

Helena Kolody

Faz 17 anos que o Paraná perdeu Helena Kolody, um dos nomes mais importantes já produzidos pelo nosso estado na área da poesia. Ela se foi aos 91 anos e já havia algum tempo que não escrevia mais. Dizia que não fazia mais poemas porque não tinha mais os sonhos de antigamente. “Eu sonhava os meus poemas”, revelou em uma entrevista. Apesar de não escrever mais, Helena ainda recitava muitas de suas criações e, segundo os amigos, depois de apresentar problemas cardíacos, ela entrou na UTI do Hospital de Caridade de Curitiba dizendo versos.

A referência a Helena Kolody na abertura deste prefácio tem o propósito de lembrar que, de fato, o Criador deu a todos nós uma estrela. Nossa missão ao longo da caminhada é fazer com que ela brilhe o máximo possível, enchendo de luz a nossa vida e a vida dos que caminham ao nosso lado. Porém, a nossa missão, para ser completa, compreende também ajudar aqueles que precisam de uma mão amiga. Aqueles que sabem que têm uma estrela, mas, como disse a poetisa, muitas vezes nem conseguemvê-la.

Helena também é o nome da personagem principal deste segundo volume da trilogia “De Corpo e Alma”. Mais uma vez, os alunos do Projeto Crescer foram convidados pela equipe docente literária a encarar essa fascinante missão: produzir uma obra a várias mãos, em um cenário em que a pandemia da Covid-19 começou a apresentar um quadro

mais ameno, porém ainda capaz de impor cuidados e restrições.

Se é verdade que a vida imita a arte, podemos definir três palavras-chave para este livro e para o momento vivido pelo Projeto Crescer. São palavras através das quais se percebe que a vida e a arte estão entrelaçadas, tanto através da trama que reconstrói a rotina das personagens como dessa poderosa união entre pessoas que, desafiadas, trazem à luz a mais essa valiosa criação. Cada capítulo, cada parágrafo, cada frase, tudo foi unido com capricho, dedicação e muita criatividade. Por um lado, demonstrando o que os alunos aprenderam durante as aulas de língua portuguesa. Por outro, o que eles trouxeram de contribuição para fazer do universo de Helena algo tão encantador, capaz de prender a nossa atenção ao longo de quase 500 páginas.

A primeira das três palavras-chave é o reencontro. Na vida, destaque para o reencontro dos alunos que voltaram para o Projeto Crescer em abril. Voltaram aos poucos, seguindo todos os protocolos de saúde, mas com uma alegria enorme por rever os amigos, os professores, a direção, a equipe toda, enfim. A alegria de ver o brilho nos olhos de cada colega, de ouvir a sua voz, o seu sorriso e de sonhar com a vida voltando gradativamente ao normal. O reencontro com a sala de aula, a biblioteca, o refeitório, o pátio, a sala de informática, os espaços onde se multiplicam experiências de aprendizado e convivência. Destaque também para o reencontro com os pais: a família, mais do que nunca, precisa estar junto com a escola. Tudo isso também leva o aluno a um reencontro consigo mesmo e com tantas possibilidades de ser e de fazer um mundo melhor. Respeitando, naturalmente, os pais e os alunos que, neste momento, optaram por seguir com as aulas através do nosso Portal ou pelo material impresso.

Na história de Helena, o reencontro se dá através da busca incansável pelas pessoas que se distanciaram, do pai que desapareceu ao se tornar um prisioneiro de guerra, do avô que partiu desse plano, po-

rém deixou lições profundas sobre a arte de viver bem e em família, do irmão que deixou Lublin e foi atrás do sonho de ser cosmonauta, e do amor que se apresenta como uma difícil escolha entre duas pessoas queridas. Como na vida, a obra é marcada pelos reencontros entre personagens, mas também delas com elas próprias, num processo contínuo de aprendizagem. Na vida e na arte, cada indivíduo seguindo o maravilhoso projeto de crescer.

A segunda palavra é mudança. Reencontros muitas vezes levam a mudanças. No caso do Projeto Crescer, o reencontro vem permitindo acompanhar melhor os efeitos da pandemia na vida de cada um. Os reflexos que tudo isso significou dentro de casa, no seio da família e na vida dos alunos. O medo, a angústia, a ansiedade, a desesperança e a desestruturação de hábitos. Daí surge um novo jeito de se trabalhar a partir da realidade da pessoa que retorna. Uma verdadeira reviravolta dentro da instituição, ainda em tempos de pandemia, para buscar o que foi perdido neste tempo, com uma organização voltada para as individualidades. Assim, podemos buscar, de forma mais eficiente e rápida, o que ficou perdido no caminho. Neste mês de setembro, através de oficinas pilotos, começamos a trabalhar com os alunos através da classificação por níveis de conhecimento, e não por série, num novo formato pedagógico que, com uma educação individualizada, vai permitir resultados mais rápidos e de forma eficaz.

Como na vida, no livro os reencontros também levam a mudanças. Reencontros que não vamos detalhar aqui, para não estragar a surpresa reservada a cada leitor. Importa saber que na arte também os reencontros abrem portas para múltiplas possibilidades, cabendo a cada um, depois de devidamente instruído pela família, pela escola e pela própria vida, fazer as escolhas mais apropriadas.

A terceira palavra-chave é a resiliência, que em poucas palavras pode ser definida como a capacidade de se adaptar às mudanças. Na vida

e no livro, as pessoas com maior capacidade de resiliência mostram-se mais confiantes para lidar com os desafios que surgem pelo caminho, enquanto as pessoas com menor resiliência tendem a ficar presas no sofrimento ou nas dificuldades pelas quais estão passando. A pandemia trouxe uma carga de obstáculos capaz de fortalecer a resiliência de toda uma geração. Precisamos crescer com isso.

Às vezes, pessoas que ainda não conhecem o nosso trabalho costumam perguntar: “O que exatamente os estudantes fazem no Projeto Crescer?”.

Essas crianças e jovens fazem mais do que estudar e participar de oficinas culturais e pedagógicas. Elas fazem coisas incríveis, como se unir para escrever mais um livro, exatamente como esse que você tem agora nas mãos.

Nosso sonho é que um dia estejamos todos unidos nessa tarefa de transformar vidas. Aí, quem sabe, poderemos até fazer uma variação para o poema da Helena Kolody: “Deus dá a todos uma estrela/ No Projeto Crescer nós fazemos dela um sol/ Aqui todos conseguem vê-la”.

Boa leitura.

Paulo Hermínio Pennacchi

- Presidente da Casa do Bom Menino de Arapongas

Sumário

<i>Dedicatória</i>	3
<i>Agradecimentos</i>	8
<i>Prefácio</i>	9
1. Palavras de um diário.....	15
2. Segredos em caos.....	31
3. Deixe a máscara cair	48
4. Um plano quase perfeito	65
5. Respostas repartidas.....	85
6. Prazer em conhecê-lo.....	101
7. Gotas de saudade.....	119
8. Nuvem de pensamentos	138
9. O jogo dos sentimentos.....	160
10. Convite especial	181
11. A viagem dos sonhos.....	200
12. Lugares inesquecíveis	221
13. Aventuras em Gdansk.....	238
14. O passado vale a pena	257
15. Sonhos lúcidos	275
16. Uma vida de desilusões.....	294
17. Finalmente uma resposta.....	314
18. Cicatrizes do tempo.....	335

19. Sintomas da distância.....	354
20. Declaração inesperada	373
21. Pitadas de egoísmo.....	393
22. A peça que faltava	413
23. O baile de máscaras	423
24. A decisão inicial	442
<i>Responsáveis pelas ilustrações do livro.....</i>	<i>470</i>
<i>Participação dos alunos Projeto Crescer I.....</i>	<i>472</i>
<i>Participação dos alunos Projeto Crescer II</i>	<i>480</i>
<i>Patrocinadores.....</i>	<i>483</i>

7



Palavras de um diário

20 de abril.

Querido diário,

A princípio, peço-te perdão por todo esse tempo que te privei do toque molhado da ponta da caneta em tuas páginas. Numa tentativa de superar meu pedaço que não conseguia deixar o passado de lado e seguir em frente, abandonei-te, para tentar escrever agora na vida as próximas linhas, ao invés de só tentar recuperar o conteúdo das páginas já rasgadas.

Entretanto, este dia tão marcante veio acompanhado de um turbilhão de pensamentos que não pude calar; então cheguei à conclusão de que necessitava de uma companhia que fosse boa ouvinte e paciente o bastante para o meu desabafo.

Pois bem, devo me apresentar a ti novamente, querido diário, pois assim como as curvas de minha letra manuscrita, meu inteiro ser está irreconhecível, caso compare-me com a pessoa que escreveu anteriormente neste pequeno caderno. Pois, assim como as nuvens do céu mudam suas formas, a minha vida também se transformou.

Bem, como deve se recordar, meu nome é Helena, sou oficialmente uma estudante do ensino médio, e hoje especificamente estou completando 15 anos. Se, há alguns anos, eu tentasse adivinhar, diria que estaria rachando, pois seria tamanha felicidade que não haveria de caber no meu corpo. Porém, curiosamente, as primeiras palavras que rondaram minha cabeça quando percebi em qual dia estava foram “Queria que o universo percebesse quão especial essa data é para mim e abrisse uma exceção na continuidade de seu fluxo para me agraciar com um único presente: mais um abraço do vovô Wicenty”.

A meu ver, as visitas que me cercaram após aquele trágico dia deveriam repensar suas atitudes antes de decidirem vestirem-se de

“médicos da alma” e prescreverem o tempo como cura às famílias.

Não sei se meu caso é raridade ou se fui tão ingênua a ponto de, por um instante, realmente acreditar que remédio algum existente na face da Terra diminuiria a dor de perder uma das pessoas mais importantes da minha existência.

Até hoje, em todos os lugares onde olho nesta casa enxergo pequenas marcas de meu avô e em todas as reuniões familiares não consigo deixar de imaginar o quanto essas seriam diferentes com a presença dele. A sua cadeira na sala de jantar permanece vazia, a maioria de suas roupas foram doadas, exceto por algumas que permanecem na gaveta para recordação. Mesmo quando pego uma das peças para abraçar, o cheiro que remetia ao acolhimento não se faz mais presente. As cartas e bilhetes escritos por sua mão, que precisamente desenhava as letras no papel, são os meus tesouros e, fora uma ou outra lágrima minha que atingiu as folhas, estão praticamente impecáveis de tão bem que as guardo e protejo. Por mais que por um longo período eu pegasse e engavetassem cada peça que pudesse ser entendida como um pedacinho dele, fui obrigada a me adaptar a sua falta. Seus curtos fios prateados não são mais encontrados pela casa quando é dia de faxina e o timbre de sua voz não mais agracia nossos ouvidos. Apesar de, no começo, meu egoísmo me fazer prestar atenção somente no meu pranto, minha avó Aurora sofreu tanto quanto eu (desconfio que até um pouco mais). Ela encara o lado da cama oposto ao que dorme tentando aceitar que naquela parte do colchão não conseguirá mais ver os contornos do corpo do vovô ao levantar-se, que terá que se contentar em falar “Boa noite” uma vez a menos toda vez que chegar a hora de dormir, que o espião que certa vez roubou o seu coração e nunca mais devolveu dessa vez não mais retornará, nem mesmo daqui a seis anos ou mais, que as gostosuras que cozinha terão um apreciador a menos e que não poderá ver vovô suspirando fundo em sinal de contentamento ao experimentar

as suas comidas favoritas feitas por sua amada esposa.

Eu de fato nunca me apaixonei, então não tenho ideia da dimensão de toda a dor que minha avó sente. Não consigo imaginar qual a sensação de ter que deixar alguém que você ama com tão profunda e imensa intensidade partir. Ela saiu do ninho de seus pais para criar um novo com meu avô; mesmo com todas as incertezas jurou lealdade e carinho eternos, que estariam um ao lado do outro independentemente do quão desastrosas fossem as situações; ela esperou enquanto ele servia a pátria polonesa durante a guerra e teve garra o suficiente para criar minha mãe nas partes mais difíceis da infância, para sustentar a casa e para sempre manter sua fé intacta enquanto seu amado não voltava para casa, enquanto ele se arriscava todos os dias nos campos de batalha e por lugares que ela nem sabia exatamente onde se localizavam.

E pensar que, mesmo quando todas as turbulências passaram e uma época mais mansa os atingiu, ela manteve toda essa coragem dentro de si, caso um dia tivesse que a usar novamente! Quando essa data chegou, e a nossa casa precisou que outro alguém assumisse a posição de líder, que clareasse nossos horizontes, ela estava preparada, mesmo sem saber, pois, Vovó Aurora foi quem tomou as rédeas do lugar agora. Ela é quem designa as tarefas de cada um e tenta apartar os desentendimentos familiares. Ela, incontestavelmente, é muito sábia e consigo ver os traços de liderança herdados do meu avô pela convivência. Todavia, sem as histórias dele e a impressionante capacidade de nos fazer mergulhar em profunda reflexão, as nossas diferenças provocam brigas que, às vezes, levam mais de um dia para se resolverem.

Mas, afinal, não só de tragédias são feitos os planos do Criador. Na verdade, apego-me à crença de que a maioria dos acontecimentos são bons, portanto, também lhe trago boas novidades. Os esforços diários de Theodor estão finalmente sendo recompensados, as muitíssimas horas que dedicou aos estudos sobre assuntos de cosmonautas foram

convertidas em aprovações nas provas nas quais ele precisava passar para ter acesso à porta que continha a parte inicial do caminho que, caso Deus permita, o levará para a conquista da tão esperada carreira. Assim que ele completou a maioridade, há alguns meses partiu para outra cidade, pois foi convidado para aprender em um dos institutos onde a União Soviética está desenvolvendo suas pesquisas espaciais. Acredito que essa oportunidade foi entregue a ele em perfeita hora, já que a União Soviética a cada dia que passa avança mais em suas pesquisas, com o intuito de superar as conquistas espaciais dos Estados Unidos - é quase como se houvesse uma competição entre os dois para ver quem impressiona mais nas notícias.

Embora alegra-me ver meu irmão mais velho andando em direção aos seus sonhos, eu gostaria mesmo que ele corresse em direção aos meus braços, pois as cartas que envia não são suficientes para matar a saudade, visto que, surpreendentemente, nos tornamos bem mais próximos depois que o nosso avô partiu. Mas eu preciso me manter firme, afinal ele prometeu que, a princípio, serão somente 8 meses que passará fora e que, mesmo que lhe ofereçam a chance de ficar mais meses por lá, virá nos visitar com certa frequência e sempre, SEMPRE enviará cartas.

Falando em companheirismo, deve se lembrar, querido diário, do nome do dono dos olhos azuis que fizeram meu coração palpitar pela primeira vez. O Benjamin continuou ao meu lado por algum tempo, mas ele e sua mãe, Ewa, concordaram que seria melhor se ele estudasse em um colégio que possuísse um time oficial de futebol americano com certo prestígio, para que ele pudesse entrar nesse meio, já que há anos é o seu desejo seguir sua trajetória através da prática desse esporte. Felizmente, a localização de sua escola é próxima à da que eu estou frequentando, e, em meio às obrigações, conseguimos encontrar uma hora ou outra para continuar nutrindo nossa amizade que, tendo sido

fortemente estruturada, tem aguentado firmemente a distância. É claro que não é exatamente como antes, mas não é porque é a Laura quem agora ocupa o posto de minha melhor amiga que vamos nos esquecer.

Aliás, quem diria que quanto mais nós crescêssemos, mais a Laura e eu ficaríamos unidas? Posso dizer que é como se ela fosse minha irmã, mas sem toda aquela parte de compatibilidade genética e semelhanças físicas. Estamos na mesma sala e, sempre que os professores propõem atividades em dupla, nós reconhecemos nossa parceria no mesmo momento por meio da comunicação pelo olhar, sem que nem os metros entre nossas carteiras sejam capazes de atrapalhar. Ela está tão bonita! Deixou os cabelos crescerem e continua com a sua característica franjinha; sua boneca favorita é representada por um pequeno chaveiro em formato de menina, que ela carrega pendurado na bolsa, pois temia ser vítima de piadas de mau gosto caso continuasse a levar um brinquedo que muitos consideram infantil demais para a nossa idade. Na minha opinião, infantis são as pessoas que julgam as outras por motivos desse gênero, pois todos temos objetos valiosos sentimentalmente, os quais queremos manter sempre por perto, assim como a pequena chave dourada na minha pulseira, que simboliza a presença de vovô e me serve como lembrete pessoal para nunca mais acabar tropeçando em meus próprios passos ao tentar atravessar um caminho apressadamente, sem levar em consideração os obstáculos e as consequências, que podem atingir não só a mim, como também os outros ao meu redor.

Mas enfim, não julgo Laura por tentar evitar essas situações. Eu mesma já fui alvo desse tipo de brincadeira por conta de minhas sardas, e devo admitir que, por conta disso, em momentos de fraqueza já tive vontade de escondê-las dos outros, mas, devido à impossibilidade de fazer tal ação, obriguei-me a ignorar os comentários maldosos e, no fim, grande parte deles deixou de acontecer.

Por outro lado, não pude ignorar a decepção que foi voltada a

mim, por parte da minha mãe, naquele dia. Não que eu possa culpá-la de qualquer maneira, afinal até mesmo eu fui capaz de reconhecer a seriedade da linha que havia acabado de atravessar. Digamos que, depois daquele incidente, nossa relação nunca mais foi a mesma; era como se, além de ter cutucado novamente a ferida, ainda não totalmente cicatrizada, eu também tivesse usado os cacos da confiança quebrada para fazer cortes na pele da minha mãe.

Vovó Aurora nos deu um baita e merecido sermão quando estava prestes a completar 30 manhãs e 30 noites nas quais eu e minha mãe não trocamos sequer uma palavra. Eu havia desistido de me desculpar e tentar realizar gestos para que ela me perdoasse, mas a mágoa em sua feição não dava nem indícios de que pretendia diminuir. Acho que ela não entendia, e também nem queria, o porquê de eu ter ido tão longe e de forma tão inconsequente. Porém, depois das duras palavras de vovó, reconhecemos que não adiantaria continuar agindo daquela maneira, pois éramos família e então sempre deveríamos superar os desentendimentos para que a união fosse conservada.

Mais difícil do que aceitar o quanto verdadeiras eram aquelas palavras, foi colocá-las em prática. O que posso dizer? Foi um processo gradual, no qual iniciamos voltando com o diálogo básico entre pessoas que residiam no mesmo local, até que finalmente conseguimos, de vez em quando, retirar um sorriso do rosto uma da outra.

Porém é impossível evitar que o assunto venha à tona em certas ocasiões. Ainda há momentos em que eu e ela estamos tão cheias de nossos próprios problemas que não nos controlamos e toda aquela culpa que uma depositou na outra emerge e se solidifica em forma de frases ignorantes que carecem de um toque de amor para mostrar ao outro o que queremos falar, porém sem ofender.

Sou muito grata por essas ocasiões não serem tão recorrentes,

pois o nosso mau humor sempre acabava respingando no Theo e em outras pessoas, deixando-as tristes, ou até mesmo no Barth, meu papagaio, o qual ficou ressentido comigo durante uma tarde inteirinha quando me irritei e gritei com ele simplesmente por esse falar “Helena e Kataryna estão brigando. Que feio! Feio!”. Precisei de muitas batatas cozidas e atenção para conseguir me redimir. No final, ele aceitou minhas desculpas, assim como eu o perdoei quando fez cocô no meu macacão preferido minutos antes de eu ter que me arrumar para a escola. Enfim, nós nos entendemos, pois tal tutora, tal animal de estimação, ambos cometemos erros.

Eu mantendo sempre em minha mente pensamentos que me recordem do quanto a minha mãe me ama. Eu a machuquei muito, mas ela ainda está aqui para mim e eu ainda posso sempre contar com ela. Temos personalidades que se revelam opostas em relação a alguns posicionamentos, mas ela continuou provando que quando a coisa aperta para o meu lado, não importa o quão forte seja o seu mau humor, ela fará absolutamente tudo que estiver ao seu alcance para me ver feliz. Ela também é um ser humano, então não consegue disfarçar sua expressão quando está brava, e vez ou outra erra na maneira de colocar para fora o que está querendo dizer, mas eu também não sou perfeita - desde que me recordo, sou impulsiva e sensível quando se trata de emoções ruins, e nem por isso deixamos de ser mãe e filha. Então, esclarecendo para você, querido diário: sim, as coisas mudaram na nossa relação, mas continuamos sendo companheiras e amigas, que entregariam tudo pelo bem-estar uma da outra, mesmo que às vezes, só nos olhando, você não possa deduzir isso.

Ah! Como eu queria que todos os deslizes pudessesem ser mediados com a macia textura de batatinhas cozidas com amor. Nem sempre é fácil lidar com as reações em cadeia que as nossas decisões provocam. Um pensamento mal articulado, sozinho em si, é como o ba-

ter das asas de uma borboleta. Mas, ao me deixar levar pela teimosia, quando me dei por conta já estava no olho de um furacão grandioso e amedrontador, que intimidava pelo seu alto potencial de destruição e capacidade de provocar mudanças irreversíveis.

No final desse evento, que teve início no último dia de viagem na Colônia de Férias, pude concluir que nem sempre o tão aclamado arco-íris, que supostamente surge no final das tempestades, vale a pena. Pois quando os ventos diminuem sua velocidade e o céu para de deixar escorrer litros de água por entre seus dedos, o que caem são gotas de lágrimas e suor dos indivíduos que têm que consertar os tetos desmanchados e acalmar os filhos aflitos pelos altos barulhos, ou seja, o sacrifício é muito grande por apenas um show de listras iluminadas que têm a audácia de provavelmente não aparecer.

Enfim, o que já passou não pode mudar jamais, nem mesmo por conta dos nossos arrependimentos, então mudemos de assunto. Afinal, não era sobre esse o tema que eu pretendia conversar hoje com você, querido diário. A questão é, demorei tempo demais até perceber o verdadeiro significado que a minha décima quinta primavera carregava. Quando a minha idade chegou ao número 12, passei pelo meu Bat Mitzvá, cerimônia pela qual as meninas e meninos passam no judaísmo (sendo a dos meninos um ano mais tarde). Ela representa a nossa chegada à maturidade na religião e que agora os nossos pais não são mais os responsáveis pelas nossas atitudes e pecados, e sim nós mesmos. Além disso, teoricamente, ganhamos uma certa liberdade para fazer nossas próprias escolhas e temos o objetivo de nos tornarmos pessoas melhores a cada dia. Toda a ocasião em si foi muito linda e eu levei a sério cada palavra que nos foi dita sobre os nossos novos deveres. Senti que, caso vovô Wicenty estivesse me vendo lá do alto, escondido entre as estrelas, ele estaria muito orgulhoso de ver que, mesmo agora que não podemos mais contar com o seu físico para continuar nos guiando

pelo caminho espiritual, não nos afastamos de Deus - muito pelo contrário: reconhecemos que foi Ele que nos deu toda aquela força que surgiu repentinamente e nos permitiu aos poucos superar o fato de que agora o vovô tinha mudado a sua morada para uma casinha ao lado da residência do Criador. Porém, embora eu realmente tenha entendido a importância do Bat Mitzvá, o meu cotidiano em si continuou bem parecido ao que costumava ser. Apesar dos discursos, não senti que minha família me cobrava além do que eu já estava acostumada.

Já nos últimos tempos, sentia que, conforme meu aniversário ia chegando, mais a palavra “maturidade” era citada nas falas que se dirigiam a mim. Aparentemente, de uma hora para outra eu sofri uma bruta metamorfose e me tornei quase adulta aos olhos de todos. Perguntas sobre quais eram os meus planos futuros se tornaram cada vez mais recorrentes e, diferentemente de quando eu era criança, ao admitir que ainda não tinha certeza sobre o meu futuro, as sugestões que me eram apresentadas pareciam bem mais frias e, honestamente, entediantes, do que as de antigamente. Não ouvia mais sobre profissões vibrantes como bailarina e veterinária, e sempre que me ocorria de cogitar um cargo alto como o de gerência, até dos confins da galáxia surgiam pessoas para me desmotivar, usando o argumento de que não compensaria empenhar-me tanto para conseguir um título que, por conta do modelo de governo que a Polônia segue atualmente, o socialismo, somente os cargos de alta chefia do estado são atrativos, visto que eles possuem o poder de mando na nossa economia. Portanto, “para o meu próprio bem”, era mais recomendado que eu optasse por algo mais simples, e que não me desgastasse tanto, já que eu provavelmente não teria muitas chances de ocupar uma dessas posições no governo.

“Poder”, outro item que vem ganhando mais destaque no vocabulário que utilizam nas conversas comigo. Quanto mais eu ganhar, mais “poder” eu terei para adquirir os itens que eu desejar. Somente

as pessoas que têm parentes que moram no exterior e que lhes mandam dólares têm o “poder” para ter os produtos de determinadas lojas que só aceitam essa específica moeda; portanto, eu devo engolir a vontade de experimentar certas coisas que não são para pessoas como eu. Eu não devo mais agir como uma criança, pois isso não é mais aceitável com o meu tamanho, mas também não tenho o mesmo “poder” que os adultos, afinal eu ainda sou muito nova.

Quando olho ao meu redor, enxergo um limbo, me encontro na idade em que Theodor começou a levar a sério sua rotina de estudos de cosmonauta; portanto, tenho plena consciência de que já passou da hora de eu escolher uma linha de chegada específica e começar a correr para alcançá-la, mas com toda essa pressão, sinto que minhas vontades vão sendo esmagadas pela realidade até que eu me torne bem pequenininha e fale tão baixo a ponto de nem eu mesma conseguir ouvir minha voz. Eu acho que deveria parar de entregar tanta relevância à opinião dos outros e focar mais em mim, no meu autoconhecimento, mas como conhecer plenamente alguém que está em constante e diária mudança? Como iniciar um planejamento se nem estou certa de onde pretendo chegar? E tem mais: por que eu supostamente tenho que definir tudo isso de uma hora para outra? Tenho a impressão que quando as pessoas me olham elas veem a imagem de uma quase mulher, mas, por mais que eu encare o meu reflexo na frente do espelho, sou incapaz de enxergar o momento em que o físico da Leninha de vovô Wicenty desparou no desenvolvimento, esquecendo-se completamente de esperar pela alma, que ainda identifica-se com a de uma menina.

Ah, vovô! Qual seria o conto de fantasia que o senhor escalaria para me contar e qual seria a intensidade do abraço no qual as suas palavras gentis me envolveriam? O senhor pediria para que as intromissões que me deixam cada vez mais confusa se calassem e abrissem espaço para que eu pudesse ver com mais clareza quais são

as fronteiras da estrada com a qual eu mais me identifico? Acho que dessa vez o senhor não pôde prever tais frustrações para deixar um bilhetinho escondido em um lugar pensado estrategicamente para que eu o encontrasse bem na situação em que ansiasse por uma certa consolação. Eu tenho que ser mais resiliente e aprender a abrir por mim mesma as fechaduras que me impedem de chegar até meus objetivos agora, não é mesmo? Em sua antiga caixa de ferramentas não há nenhum outro saquinho de tecido entre as peças enferrujadas que contém em seu interior justamente as respostas pelas quais estou procurando, infelizmente.

Outrossim, cada vez mais infelizes estão os cidadãos aqui em Lublin, e, pelos boatos, nas outras cidades polonesas também. Pelo que eu observo, a população está cada vez mais cansada de não ter acesso às mercadorias de seus desejos e à qualidade de vida em geral. Pelas histórias que fui ouvindo durante meu crescimento, quando o comunismo iniciou todos estavam muito esperançosos, pois igualdade e boas condições foram prometidas ao nosso povo, mas as décadas foram passando e a desintegração da ilusão da possível concretização de uma utopia abriu espaço para falta de paciência e decepção. Há algum tempo uma revolução começou a acontecer, mas falhou miseravelmente; o governo permitiu que se usasse todo o tipo de repressão para assegurar a ordem, mesmo os meios que continham violência, ou seja, sussurraram sobre esperança e boas transformações nos ouvidos dos adultos da época após a Segunda Guerra Mundial. Assim, o modelo de liderança foi implantado no país, porém depois que aqueles que ansiavam pelo “poder” o conseguiram, aparentemente não cumpriram suas promessas, e quando perceberam que aqueles que não concordavam com as atitudes tomadas estavam sendo escutados, ao invés de dar o que os cidadãos tanto pediam, prenderam aqueles que tinham coragem de discordar em alto som.

Em algumas noites eu tento me convencer de que aquilo que dizem que os prisioneiros sofrem não passa de lorota, de que desaparecimentos não acontecem por conta do desejo de querer silenciar quem revela a verdade. Ao mesmo tempo que meu sangue ferve pelas injustiças, quase me perco de mim pelo medo de acabar falando algo inapropriado perto de alguém que posteriormente venha a ameaçar a mim ou a minha família por eu ser contra ao que aqueles que estão lá em cima estão fazendo. Em algumas manhãs, quando eu acordo, tento frisar para mim mesma que não estou me tornando mais um rosto carrancudo, que andará pela cidade insatisfeito com tudo, mas contentando-se em falar nada, alguém que desanima as crianças de irem atrás de seus sonhos, porque os seus próprios não se concretizaram, alguém que não seja capaz de segurar a alegria na vida por conta dos empecilhos e nem de fazer brotar uma gargalhada da garganta das pessoas que ama. Sei que posso parecer exagerada, mas conforme a juventude for se esvaindo do meu corpo e meus cabelos perderem a tonalidade de fogo, rezo para que restem mais do que cinzas de toda a esperança que arde em mim. Quando os adultos me cumprimentam satisfeitos por eu estar mais perto de me tornar um deles, não consigo identificar minhas emoções com nitidez, afinal a maioria aparenta estar tão calejada e apagada pelos ventos frios que a maré trouxe. Eu espero ter força o bastante para me reerguer conforme as dificuldades forem me atingindo, e ser como aqueles adultos que nunca deixam suas luzes interiores esvaírem-se, pois estão sempre a reacendê-las, do mesmo jeito que uma das minhas professoras do ensino fundamental, a Alicja, que a minha avó Aurora e que a minha mãe Kataryna.

— HELEENNA!

Sei que você, querido diário, deve ter muitas perguntas ainda, porém estão chamando pelo meu nome, ou seja, terei que interromper nosso reencontro. Mas não se preocupe, pois eu voltarei em breve desta

vez.

Guardei o caderno na penteadeira e, seguindo aquele timbre familiar, caminhei até a cozinha. Quando o vi, fui logo me apressando para chegar até a porta e envolvê-lo em um abraço apertadíssimo e verdadeiro.

— Benjamin! Você citou que estaria ocupado com os treinos. Eu não esperava te ver por aqui hoje! — disse, conforme afrouxava o aperto que, a princípio, nem o deixava respirar.

— Mas é claro que eu não iria deixar de parabenizar a minha debutante favorita neste mundo inteirinho, né? Fiz questão de mostrar ao treinador nada menos que o meu melhor, terminando às voltas na quadra, que ele havia mandado a gente fazer, mais rápido do que o esperado, assim ele não negou quando pedi para ser liberado apenas 50 minutos antes do horário previsto.

— Mas que estratégia genial! Não esperava nada menos de você.

— Mas olhe! — disse ele retirando do bolso uma pequena caixa embrulhada com papel azul eclesiástico, um pouco amassado e com um laço de fita lilás — Conhecendo-o tenho quase absoluta certeza de que você vai adorar.

Eu imediatamente peguei o embrulho de suas mãos, quase explodindo de curiosidade para descobrir o seu conteúdo. Apesar da euforia, consegui me controlar e desfazer o laço cuidadosamente para que não rasgasse. Abri a caixinha e em seu interior me deparei com uma pequena pulseira prateada que continha espaço para que a dona pendurasse pingentes que lhe agradassem. Ben me ajudou a colocá-la no braço delicadamente.

— Que linda! — sussurrei.

— E não é só isso, TANDAN! — ele retirou do outro bolso um pingente em formato de bola de futebol americano. — Vou me dar ao luxo de ser o responsável pelo primeiro item que fará parte dela! Assim, sempre que estivermos muito atarefados e você sentir a minha falta, poderá olhar para ele e recordar-se de mim.

— Sinto muito, meu queridíssimo amigo, mas acredito que se encontra atrasado em alguns anos — peguei a chave dourada da outra pulseira e coloquei-a em seu novo lugar; após isso, acrecentei também bola de futebol americano à decoração. — Mas tudo bem, o segundo lugar também carrega grande prestígio, não é mesmo?

— É verdade, eu não tinha pensado sobre isso, acho que ninguém teria chance contra quem conquistou o topo do pódio nesse caso. Mas devo admitir que ela combinou muito com você. Concorda comigo?

— Eu simplesmente adorei! Você realmente contém em sua cabeça o conhecimento sobre vários de meus gostos, não consigo imaginar presente melhor. *Dziękuję Ci* — finalizei, agradecendo em polonês.



2



Segredos em caos

20 de abril.

Querido diário,

Aqui estou eu novamente. Mais cedo, recebi meu visitante inesperado e logo em seguida minha avó chegou e todos ficamos tão imersos na nossa conversa que nem percebi o tempo passar.

Mas, sem mais delongas, voltemos aos temas que provavelmente são de teu interesse. Pensando aqui com as minhas engrenagens sobre o tempo em que parei de escrever em ti, percebi que provavelmente você está muito curioso acerca de qual foi o desfecho daquele plano que Laura, Benjamin e eu orquestramos para tentar encontrar o meu pai.

Benjamin havia optado por esperar do lado de fora da sala quando o marinheiro que nos avistara se aproximou e me encarou com tanta profundidade que era quase como se até os confins do meu espírito fossem revelados. Com o último átomo de firmeza que me restava, perguntei:

— Bartolomeu?

O homem congelou instantaneamente! O sangue, que outrora avermelhava suas bochechas demonstrando fadiga, já havia partido de seu rosto. Ele estava em choque e não desviava o olhar, enquanto sua expressão mostrava que um conflito repentino havia se iniciado em sua mente. Será que, finalmente, tudo teria valido a pena? Apesar de ele aparentemente ser um completo desconhecido para mim, a fragrância que emanava da sua pele parecia ter sido reconhecida pelo meu olfato, que puxava uma lembrança distante. Ele não me causava estranheza. Se ao menos eu pudesse ouvir a sua voz. Eu ansiava para que a resposta fosse um grandioso “Sim” e que eu pudesse lhe contar que sou sua filha, que estava procurando por ele e que havia passado por imensáveis acontecimentos para chegar até lá, mas que eu não acolhe-

ria nenhum arrependimento, pois estaríamos unidos de novo, depois de tantas vezes que a Terra girou em torno do Sol, mas não permitiu que as nossas estradas se cruzassem, depois de tantos ventos que recusaram-se a carregá-lo até mim e de tantos segredos ocultados de mim pela minha família. Eu poderia finalmente acrescentar o galho que faltava na minha árvore genealógica, aquela tão preciosa parte que constituía o outro lado da união que deu origem ao meu ser, poderia contar-lhe tudo que sentia e todas as dúvidas para as quais não encontrara resposta alguma, e ele também me questionaria sobre tudo que não tivera oportunidade de testemunhar por conta das circunstâncias. Finalmente...

— MARINHEIRO! Não me recordo de ter permitido que qualquer membro do pelotão se retirasse de seu posto. Está a negligenciar seu trabalho? Deveria me alarmar a respeito disso e tomar as medidas necessárias para que a sua obediência seja reconstituída? — falou um senhor ao subitamente adentrar pela porta. Logo atrás dele eu conseguia ver Benjamin sinalizar um pedido de desculpas e suplicar para que eu rapidamente saísse dali e o seguisse.

Em alguma parte do meu cérebro, eu sabia que o mais seguro era seguir as instruções de meu amigo, pois aquele homem que provavelmente era de uma patente maior, além de ser muito rude, poderia descobrir nossa farsa e arruinar nossas chances de escapar sem problemas. Mas como eu poderia? Tinha batalhado tanto por aquele momento! Eu precisava saber qual era a resposta, eu implorava para Deus que todo aquele planejamento e riscos tomados não tivessem sido em vão. Mas o que saiu da boca daquele homem, antes paralisado, foi:

— Não, senhor general! Perdão, senhor general! Não irá acontecer novamente. Estarei voltando ao meu posto imediatamente — durante sua fala, ele fez um sinal discreto com a mão para que eu partisse enquanto ainda restava tempo.

Me obriguei a seguir o comando, mas quando estava prestes a sair correndo pelo corredor com Ben, numa velocidade nunca presenciada antes, o general agarrou meu braço e falou:

— *Nem pense em fazer isso!*

Pelo seu tom, notei que era inútil tentar concluir minha fuga. Ele não deixaria que eu fosse para qualquer lugar longe dali. Benjamin transmitia o mais puro desespero. Estava tremendo, entretanto não me deixou e deu meia volta para me auxiliar. Imitando os gestos feitos pelo marinheiro, ele mentiu:

— *Senhor general, me chamo Bendito e esse é meu companheiro. Nós somos marinheiros que foram transferidos há pouco tempo. Vie-mos no último navio e nos foi designada a tarefa de realizar a limpeza. Acabamos este cômodo, então, se o senhor nos permitir, vamos para o próximo, e, além disso, não temos pretensão alguma de atrapalhar o senhor gastando seu preciso tempo. Então pedimos licença, por favor.*

— *Você pede permissão para sair por vocês dois. Por acaso esse seu companheiro não tem o conhecimento da fala?*

— *Infelizmente não, senhor general! Meu companheiro perdeu a capacidade física de falar, por isso eu o ajudo em toda comunicação que precisa...*

Antes do Benjamin terminar a sua fala, o general inesperadamente puxou uma das mechas mais longas de meu cabelo com força suficiente para quase me fazer cair para traz, e eu, por puro impulso, não pude controlar o agudo grito que se deixou escapar por entre meus dentes, destruindo de vez o nosso disfarce.

— *Interessante — disse o general. — Não sei como as duas crianças tiveram a capacidade de enganar os marinheiros de um navio in-*

teiro com essa evidente e péssima farsa; mas, se cogitaram que iriam escapar de mim, com antecedência informo seu imenso equívoco. Nas suas mãos faltam calos, nas caras, rugas pelo envelhecimento precoce que a guerra de verdade provoca. A sua voz, rapazinho, ainda há muito que engrossar e seus ossos que crescerem, sem mencionar que até um estúpido é informado o suficiente para reconhecer uma menina trajada de uma fantasia, e, como você bem sabe, mulheres, na esmagadora maioria dos lugares do mundo, não são permitidas em campo de batalha.

Ben até tentou gaguejar algo, mas nós dois já tínhamos entendido que, embora não houvesse panela alguma com óleo fervendo nas proximidades, certamente estávamos fritos. O homem que ainda estava dentro da sala aparentemente tentou dar um passo à frente em sinal de protesto contra o tratamento que estávamos recebendo, mas desistiu no meio do caminho, acredo que numa tentativa de não aumentar o número de problemas para nós três.

— *O que você está esperando, marinheiro? Já não mandei você voltar às suas atividades? Até quando permanecerá parado, pensando na morte da bezerra ou em qualquer outra coisa não relevante, ao invés de seguir as ordens dadas a ti? Ainda não aprendeu a lição?*

— *Sim, senhor general. Peço permissão para me retirar.*

— *Caso ainda tenha um ou dois miolos restantes nessa sua cabeça de vento, perceba que a permissão foi concedida desde que terminei meu sermão. Vá logo, pois tenho pressa e ainda tenho que lidar com estes dois forasteiros.*

O rapaz abaixou a cabeça e seguiu seu caminho; quando passou perto de mim, me estiquei o máximo que pude para tentar pegar sua mão, mas não alcancei. Então disse:

— Não vá embora, por favor.

— Você por acaso não tem nenhuma relação com o fato desses dois intrusos terem conseguido adentrar o nosso estabelecimento, né? Sabe muito bem que isso seria digno de uma conversa a respeito das regras e do que é considerado traição.

— Não diga isso! — arrumei a postura e falei decidida — Esse marinheiro nem ao menos nos conhece. Ele só estava no lugar errado e na hora errada. Eu e meu amigo fizemos tudo por nossa própria conta. Imploro para que não o puna por nossa causa.

— Então aparentemente alguém possui pleno conhecimento das palavras, não é mesmo? Vejamos o que farei com vocês dois. Volto em um minuto, e não recomendo que vocês deem nenhum passo sequer até lá. Afinal, não querem meter-se em uma encrenca ainda maior caso eu os ache, correto?

— Sim, senhor general — falamos em coro, reconhecendo nossa derrota, e então ele sumiu por entre aquele emaranhado de corredores.

— Preciso me retirar agora, entretanto não tenham medo. Ao certo sofrerão certas consequências em casa, pelo menos sofreriam se fossem meus filhos. Mas tenho certeza de que o general garantirá que voltem para as suas moradas o mais rápido possível. Portanto, obe-deçam e não se envolvam em mais enrascadas desnecessárias. Com licença — com essas últimas sentenças, o homem deu meia volta e seguiu para o grupo, com sua face ainda descolorida e suas pernas fraquejando como quem faz alguma coisa contra seu mais íntimo desejo.

Então, com a imagem de suas costas, só me restou concluir que provavelmente não era ele. O meu pai faria algo mais, certo? Ele me abraçaria e ficaria feliz em me ver novamente, não agiria com tamanha indiferença e nem dirigiria palavras que carecessem tanto de afeto.

Além disso, não haveria de ser ele de qualquer forma. Mal reparei em seu rosto, mas tenho quase absoluta certeza de que lá não havia nenhuma manchinha semelhante à minha que me saltasse aos olhos, e os poucos cabelos que apareciam por fora do chapéu de seu uniforme não eram ruivos como os meus. E mesmo que muitos anos já tenham se passado e eu não apresente mais os mesmos traços de um bebê, ele me reconheceria, o fundo de seu coração me reconheceria. Então, por que Deus? Por que eu tinha a impressão de estar deixando algo muito precioso ir embora sem lutar para que permanecesse comigo? Por que eu não estava enxergando o arco-íris que deveria surgir no céu após as lutas? Por que eu fui incapaz de sossegar os meus impulsos e perceber que não importava o quanto eu queria aquilo, essa missão sempre teve grandes chances de não ser concluída com sucesso. O que eu esperava também? Só porque fui para a mesma cidade a qual era endereço das cartas que foram enviadas há muito tempo, eu acabaria por encontrar o meu pai? Qual era a probabilidade de ele estar aqui, de qualquer maneira, e ainda por cima de eu conseguir chegar exatamente ao lugar em que se encontrava, mesmo nunca tendo estado naquela região em toda minha vida?

Nós quase havíamos sido assaltados e sabe-se lá quais e quantos foram os perigos dos quais o Criador nos livrou nessa tarde. Definitivamente, as palavras que sempre ouvia estavam corretas: “Deus nunca nos abandona, apesar de nos proporcionar a dádiva do livre arbítrio”. De fato, Ele me fez livre, e o que eu fiz com isso? Escolhi ir pelo lado mais inimaginavelmente contraindicado possível.

Enfim, um suspiro profundo de Benjamin me fez retornar ao mundo real. Olhei para o meu melhor amigo, que estava mais pálido que o marinheiro de antes, com seus olhos cheios de lágrimas que só não transbordavam por um fio. Ele estava com medo. Foi aí que começo a cair minha ficha. O Sol já estava quase se pondo e nós estávamos

presos ali, logo a Laura não teria mais desculpas para mim e os professores iriam verificar mais atentamente o “Benjamin” em seu quarto e descobririam que ele era um monte de travesseiros articuladamente arrumados na cama e cobertos pelo edredom. Será que o rapaz de antes estava certo e o general realmente não nos faria nada de mal? E se ele nos mandasse para algum canto que não fosse nossas casas por pensar que somos órfãos ou algo assim, pois deduziria que bons pais não deixariam os filhos saírem por aí daquele jeito? De toda forma, não havia nenhuma solução instantânea que estivesse ao meu alcance, então o que me restava era ao menos tentar consolar o meu amigo Ben.

— *Ei, pelo jeito não saiu tudo conforme o esperado, não é? O “X vermelho” no mapa não continha um tesouro de verdade. Eu sinto muito por te colocar nessa — disse com ar de tristeza e arrependimento.*

Benjamin engoliu em seco e enxugou suas lágrimas antes que essas escorressem, recuperando um pouco de sua compostura a custo de muita força de vontade.

— *Eu escolhi entrar nessa com você Helena, portanto não vou e nem quero simplesmente despejar toda a culpa em você. Estou pensando que realmente entramos numa furada e que não tem como voltar, mas também fomos ingênuos ao pensar que em nenhum momento alguém iria descobrir, né?*

— *Acho que você tem razão, Ben. Eu nem sei o que falar ou o que sentir neste momento.*

— *Veja: embora eu sinceramente esteja apavorado, estou aqui. Tudo bem? Entramos nesta juntos e vamos superar juntos também. Eu vejo que foi imprudência nossa, mas entendo que o motivo de tudo isso era muito importante para você. É uma pena que não conseguimos encontrar o Bartolomeu, e você deve estar muito triste, mas não temos*

mais tempo nem pistas por onde procurar.

— Ah, por enquanto em nem quero mais pensar sobre isso Ben. Eu não sei onde é que eu estava com a cabeça ao imaginar que conseguiria passar por todos os muros que me distanciam do meu pai. Se fosse tão fácil assim ele teria voltado, certo? Eu nem sei o motivo pelo qual ele não se faz presente hoje, mas mesmo que ele estivesse a um tempão por esses lados, ele iria voltar para a minha família por conta própria, e caso acontecesse ao contrário, talvez significasse que não é mais parte de seus desejos. As vezes o doce poeta que existia tenha sido substituído por uma pessoa da qual eu não teria orgulho. Seria ainda pior se eu o encontrasse e descobrisse que, na verdade, ele nunca quis que seu esconderijo fosse descoberto. Às vezes, todo esse mistério na nossa história seja para me poupar de alguma deceção, né?

— Ei, não diga isso! Não podemos somente formular teorias e pensar da pior maneira possível para manchar a imagem de seu pai no seu coração, sem ao menos saber o que é ou não verdadeiro. Não jogue água em toda aquela luz que ele despejou, nas poesias guardadas em sua casa por motivos injustificáveis. Por hora, acho que você tem razão na parte em que acredita que devemos parar de nos arriscar tanto. Eu queria conseguir enxergar outra saída, mas tudo que estava ao nosso alcance já foi feito. Acho que, sejam lá quais forem os próximos passos a respeito dessa situação, cabe à vida tomá-los. É melhor paramos de tentar apressar tanto as coisas, mas eu tenho fé de que o reencontro de vocês ainda estará para acontecer a qualquer dia.

— Ben, você é o melhor amigo que eu poderia ter! Mesmo agora em que estamos aqui, continua a tentar manter a minha esperança viva. Mas dessa vez, acho que vou optar por deixar ela guardadinha em algum armário de difícil acesso no meu interior, pois você é maravilhoso demais para que eu acabe por te prejudicar novamente.

— Então os engracadinhos continuaram aí? Que bom para vocês! Não gostariam de ter que lidar com a minha versão brava e cansada se eu tivesse que gastar energia para capturá-los novamente — disse o general. — Sigam-me.

Caminhamos de mãos dadas em sinal de companheirismo. Bati-mentos a mil até chegarmos a uma salinha que continha três cadeiras e uma mesa. Soltamos as mãos e cada um sentou-se em um dos assentos.

— Então, desembuchem! Quais são seus nomes? De onde vieram e o que pretendiam fazer aqui?

Não sei como Benjamin ainda tinha ânimo para responder ao general de forma tão controlada.

— Meu nome é Benjamin, senhor, e essa é a Helena. Nós somos estudantes e viemos de ônibus a um passeio escolar para uma Colônia de Férias não muito distante daqui. Na verdade, nós moramos na cidade de Lublin.

— Por acaso não se esqueceu de responder nada, rapazinho?

Antes que da sua boca, já aberta, saísse algum som, eu falei:

— Nós viemos atrás de informações a respeito do paradeiro de uma pessoa importante para mim, senhor, seu primeiro nome é Bartolomeu. Achamos que ele estivesse por aqui, mas não se preocupe. Percebemos que nos enganamos, e tal indivíduo não está presente neste estabelecimento. Então, quando tentamos voltar para a Colônia, o senhor nos descobriu.

— Entendi. E os seus professores e pais concordaram com essa vinda?

— Não, senhor. Viemos por conta própria — respondi em voz

baixa.

— *Como imaginei. Afinal, nenhum adulto responsável que ainda tivesse miolos largaria duas crianças numa missão tão ridícula como essa. Aliás, o que aconteceu aos seus próprios miolos menina? Já vi soldados agirem com imprudência assim que esses chegaram à marinha, mas nunca vi uma moça ter esse comportamento. Por acaso a sua mãe não teve capacidade de educar-te como é esperado? E você, moleque, veja se usa a cabeça para tomar suas atitudes! Como queres se tornar um homem decente se nem ao menos consegue raciocinar logicamente? Agora, por conta da brincadeira sem graça de vocês, terei que abrir mão de minha noite de folga para resolver isso, levá-los de volta e dar um merecido sermão em todos os professores que não se atentaram a esta palhaçada. Vocês trouxeram muita vergonha para seus pais e para a sua escola. Por acaso, depois de tudo que passamos para proteger a pátria, não são capazes de ter o mínimo possível de respeito pelos integrantes da marinha? Sentem-se orgulhosos por causar todo esse transtorno?*

— *Pedimos desculpas, senhor general – lamentamos em coro.*

— *Desculpa alguma adiantaria se alguma coisa tivesse acontecido com vocês. Vocês precisam ter noção de que nem sempre “perdão” resolverá os deslizes. Se tivessem passado pela guerra, aprenderiam a dar mais valor à segurança e a não se colocar em desnecessários perigos.*

O general ligou para a escola para informá-los, como havia falado. Deu um sermão na pessoa que atendeu o telefone (provavelmente um de nossos professores) e, por fim, nos levou de volta à Colônia de Férias de caminhão, após termos conseguido um barco para voltar ao outro lado por onde viemos.

Assim que descemos do caminhão, dei uma boa olhada na fantasia feita com tanto carinho pela minha avó. Outrora estava impecável, mas agora estava suja e em algumas partes continha pequenos rasgos. O que vovó Aurora vai me falar?

No portão da Colônia, estavam o professor Ivo, que se encontrava tão furioso a ponto de, caso alguém me questionasse, eu jurar que havia visto alguma fumaça sair da ponta de sua cabeça, e a professora Alicja, que estava de cabeça baixa e silenciosa. Olhando um pouco mais para baixo, pude ver Laura com os olhos inchados e vermelhos de tanto chorar. Sua orelha era segurada firmemente pelo professor Ivo.

O general nos deixou aos cuidados dos professores e seguiu o seu caminho. Eu e Benjamin ficamos parados, olhando para o chão, até que o professor Ivo quebrou o silêncio.

— VOCÊS TÊM ALGUMA IDEIA DO QUE FIZERAM?! Tinha que ser a Helena, é claro. Mas você, Benjamin, um aluno tão aplicado! Eu jamais esperaria isso de você. É bem aquele ditado mesmo: “Me diz com quem tu andas que eu digo quem tu és”. Com tal escolha de companhia não tinha como estar sendo inclinado para outro lado, a não ser o ruim. Vocês acham que somos seus empregados? Para ficar aguardando ansiosamente o momento em que os “bonitos” resolverem aparecer de volta no lugar do qual nem haviam de ter saído? Nós professores ficamos quase carecas de tanta preocupação e, no meu caso, raiva desse comportamento imbecil que vocês tomaram. São dois INÚTEIS mesmo, não prestam nem para se comportarem durante uma festa a fantasia que foi organizada justamente para agradá-los. Mas nããããoo... não puderam permitir que os colegas de classe aproveitassem o prêmio da conquista deles sem preocupação! Vocês precisaram fugir e causar toda uma cena! Eu nem quero ouvir as desculpas que vocês inventaram para justificar seus atos. P-A-R-A-B-É-N-S por envergonharem a escola desse jeito!

Não podíamos fazer nada a não ser ficar de bocas fechadas e ouvir o que o professor Ivo queria nos dizer. Depois de alguns minutos ele soltou a orelha de Laura.

— Vá para o seu quarto e pense no quanto foi bom aliar-se a encrenqueiros e a tudo de “ótimo” que isso lhe trouxe — Laura saiu apressadamente, enquanto gotas salgadas voltavam a brotar de seu interior — E vocês dois venham aqui, AGORA!

O professor Ivo segurou nossas orelhas, uma em cada mão, e nos arrastou para dentro. No trajeto encarei a professora Alicja, que dias atrás havia juntado forças para me defender das palavras ignorantes do outro professor, mas ela nem sequer levantou a cabeça. Tinha plena noção de que mais tarde também ouviria reprovações dela, e também já sabia que, apesar de seu tom nunca ficar tão áspero quanto o do professor Ivo, doeria bem mais. Pois ela nunca nos julgava ou repreendia se não tivéssemos feito algo realmente errado, suas broncas nunca foram desrespeitosas e sempre buscaram compreender nosso lado, mas, pelo visto, desta vez tínhamos feito algo realmente ruim, que respingaria até nela, que era inocente. Implorei a Deus para que não tivesse sido ela quem atendera o telefone e escutara toda aquela humilhação que o general passou pelo meio de comunicação. Mais tarde, eu viria a descobrir que, infelizmente, fora ela sim.

Dando agora um salto de algumas horas, querido diário, vou pular para a viagem de retorno, mas não se iluda, pois muitos outros sermões acorreram além dos citados, como o da professora Alicja. Ela falou de maneira calma e com palavras sábias, e sua voz mostrava uma legítima decepção. Como eu já esperava, foi capaz de me adentrar bem mais do que as outras broncas, e me senti tão envergonhada que me falta coragem para descrevê-lo mais detalhadamente, pois nunca quero reviver aquela sensação. Mais ainda do que a professora Alicja, eu estava imensamente desapontada comigo mesma.

Nós nos sentamos nos mesmos lugares do ônibus e, depois de algumas horas de sono e do café da manhã, a poeira havia baixado ligeiramente, o suficiente para que Laura, Benjamin e eu estivéssemos em condições de pelo menos iniciar uma conversa.

—Ahh, finalmente acabou por enquanto — comemorei me espreguiçando no banco.

— *Mas não se engane, Helena. Quando voltarmos para casa será bem pior. Não quero nem imaginar o que me aguarda* — lamentou Benjamin.

— *Vou adicionar um lembrete mental para nunca mais inventar de me meter numa furada dessas* — acrescentou Laura — *Eu fiquei apavorada, tivemos muita sorte dos outros professores só permitirem que o professor Ivo puxasse nossas orelhas. Vocês sabem o que dizem de algumas das outras escolas da cidade. Já que não há nenhuma lei que os impeça de bater nos alunos, poderíamos estar com algumas marcas agora.*

— *Nem me fale, Laurinha. Eu sinto muito por ter te envolvido, teria sido melhor de minha parte se não tivesse te contado sobre toda essa desastrosa missão. Definitivamente sou uma péssima amiga para vocês dois, mas prometo que nunca mais algo desse gênero voltará a se repetir.*

— *Helena, eu já não te falei várias vezes que nem tudo é sua culpa? Não estou nos defendendo nem nada, pois foi errado de nossa parte, mas eu e a Laura aceitamos tomar partido disso tudo. Você não colocou nenhuma faca em nossos pescoços nos obrigando a participar. Até tínhamos uma nobre razão para tentar agir, mas deveríamos ter aproveitado os nossos neurônios ao invés de sair sozinhos pelas ruas.*

— *Mas tá bom, vamos mudar de assunto enquanto ainda temos*

tempo. Nós três estaremos encrencados quando chegarmos em casa, então vamos ter uma conversa mais leve para dar espaço para a mente se acalmar e se preparar para enfrentar as consequências. Ainda não acredito que não tivemos sucesso, mas parando para pensar, mesmo se vocês tivessem achado o seu pai, Helena, teríamos levado sermão. Foi uma ideia de jerico mesmo, mas já foi. Fazer o quê?

— Você tem razão, Laura. Ainda estou atordoada por todos esses acontecimentos. Não posso dizer que conseguirei ficar com um semblante alegre, mas acho que podemos falar sobre outras coisas por enquanto — suspirei. — Será que você conseguirá revelar aquela foto que nós tiramos na pose dos três mosqueteiros, Benjamin?

— Conseguirei sim! Tenho um cômodo especializado para fazer isso na minha casa, chamamos de “quarto escuro”.

E assim, jogamos conversa fora até chegarmos novamente em Lublin. Depois cada um enfrentou seus próprios sermões e castigos. A mãe de Benjamin o proibiu de me visitar por três semanas e dobrou sua parte na limpeza da casa durante tanto tempo que agora nem me recordo quanto foi ao certo. A Laura ficou sem sua boneca preferida por 15 dias. Ela ficou muito triste, mas já que sua participação havia sido menor, o castigo também foi mais leve. Já eu, tive que ajudar mais a tratar dos animais, inclusive na parte da limpeza das sujeiras que eles fazem, se é que me entende, querido diário. Mas o pior não foi isso. Minha ação deu início a uma semana de discussões onde minha mãe se questionava onde havia errado em minha criação, e minha avó repreendia nós duas: ela por nunca ter me contado sobre meu pai, e a mim por todo o resto. Minha avó buscou se desculpar inúmeras vezes com a mãe do Ben, Ewa, por tê-lo envolvido naquela história, mas ela falava que parte da culpa era de Benjamin, pois ninguém o havia obrigado a ir também (me lembrei das palavras dele na Colônia de Férias, assumindo sua parte de responsabilidade por ter ido, acho que já sei de

(onde ele herdou esse pensamento).

Digamos que os dias que se seguiram foram bem longos, mas por um milagre conseguimos superá-los. Espero que agora você consiga entender um pouco mais sobre os motivos que me levaram a deixar de escrever, querido diário, e também que tenha sanado parte de sua curiosidade. Acredito que, a esta altura, já esteja ficando farto de tanto descobrir sobre esse antigo tema, então aqui me despeço. Até uma próxima oportunidade, e não se desespere, não o deixarei mais sozinho por tanto tempo.

Até breve!



3



Deixe a máscara cair

Acordei um pouco atrasada, como de costume, me espreguicei e fui trocar de roupas. Coloquei uma blusa vermelha e uma saia azul escura e fui até a cozinha para tomar meu café da manhã.

— Bom dia, vovó! Que cheiro maravilhoso, eu consegui o sentir assim que abri a porta de meu quarto. São pães de batata?

— Bom dia, Helena. São sim, mas acho que está faltando um leitinho fresquinho para acompanhá-los, hein!

— Bem lembrado, vovó, vou até a vaquinha para apanhá-lo agora mesmo.

É engraçado como até hoje demoro alguns segundos até perceber que essa tarefa agora pertence a mim. Depois que vovô se foi e o Theodor não está mais em casa, essa passou a ser minha função. Embora isso já faça alguns bons meses, às vezes caminho pelo corredor com a expectativa de ainda ver todos juntos na mesa. Eu acabei me acostumando com o fato de que nunca mais estaremos com a nossa família cem por cento completa de novo, mas ainda é difícil aceitar totalmente.

Cheguei até a vaquinha que estava bebendo água, então esperei que ela terminasse até me posicionar com o banquinho embaixo dela. Minhas mãos se mexeram automaticamente por conta da prática, e o leite branquinho atingiu o balde de metal. Quando ele ficou cheio, apnehei-o e retornei para entregá-lo para minha avó.

— Por acaso você esqueceu que sua aula possui horários bem definidos, Helena? Vamos, vamos, tome seu café rapidamente e vá antes que perca o ônibus.

Meu Deus! Olhei no relógio pendurado na parede e quase me desesperei. Eu não poderia perder o ônibus de jeito nenhum! Praticamente engoli minha fatia de pão inteira e tomei de uma vez o leite de

meu copo cheio.

— Tchau, vovó! Não se esqueça que voltarei um pouco mais tarde, pois vou estudar na casa da Laura hoje! Mas não se preocupe, estarei de volta antes de anoitecer.

Após me certificar que minha avó tinha me escutado, disparei para o ponto chegando exatamente no momento em que as portas do grande veículo se abriram.

— Essa foi por pouco, hein? Toma aqui um gole de água para se recuperar. — disse Benjamin enquanto retirava a bolsa do assento ao seu lado para que eu me sentasse. Já que tínhamos mudado de escola e, consequentemente, de condução, essa nova passava em um ponto mais perto da casa dele, assim ele conseguia sempre pegar um banco inteiro vazio e guardá-lo para a gente. Podia até parecer falta de educação não permitir que outra pessoa, além de mim, é claro, tomasse aquele lugar, porém esse era um dos poucos e preciosos momentos em que tínhamos uma oportunidade de apreciar a presença um do outro, portanto era muito sagrada. Após eu tomar um largo gole de sua garrafa de água, falei:

— Pois é, mas é como você já sabe: a Heleninha aqui pode até tardar, mas nunca falha!

— Ah, claro. Então não seria apropriado que nós nos recordássemos da semana passada, onde alguém correu atrás do ônibus por três quarteirões até que seu fôlego se esgotou para aceitar que o motorista não iria mesmo parar?

— Tudo bem, eu devo admitir que naquele dia houve um pequeno deslize nos meus cálculos, mas não podemos julgar um professor de russo por apenas um erro de ortografia, certo?

— Certo, mas então aquele dia no mês passado que...

— Está bem, está bem! Você me convenceu e pôs por terra todos os meus argumentos, e isso é indiscutível.

Nós dois rimos daquela situação.

— Mas você não vai acreditar. Nesta semana haverá uma reunião entre os professores de educação física da minha escola, e nela eles decidirão quem serão os sortudos que farão parte do time oficial de futebol americano desta temporada.

— Finalmente! Já era hora de terem essa reunião! Tenho certeza de que perceberão o grande astro em ascensão que possuem no colégio.

— E de quem a senhorita, por acaso, está falando hein? Pois saiba que, até onde eu me lembro, só tem espaço para um jogador aí no seu coração. Não acredito que você estava me iludindo durante todo esse tempo. Lamentável, Helena, lamentável – brincou ironicamente.

— Não seja bobo, Ben! Mas é claro que estava me referindo a você. Quem mais? Mas olha que absurdo! Já estamos chegando na sua escola. Parece que os minutos estão apostando corrida com o nosso ônibus. Não sei quem é que possui a maior velocidade.

— Olha, pode parar agora de ler os meus pensamentos, viu? Ao menos me peça permissão para isso na próxima vez – disse ele, dando uma piscadela, e depois se dirigiu para a saída do veículo.

Após ele retribuir o meu aceno do lado de fora, eu fiquei observando o Benjamin virar as costas e adentrar a escola. Ele está um pouco mais alto e possui uma aparência mais atlética por conta dos treinos. Apostaria que está mais popular entre as garotas agora... não que isso me interesse, é claro. Se me perguntassem se isso me incomoda, a resposta definitivamente seria não. Isso. Afinal, somos bons amigos, mas nada mais que isso.

Quando chegou a minha vez, desci as pequenas escadas e caminhei para a grande construção que era o meu colégio. Ele possuía dois andares e suas paredes eram pintadas em tons de azul marinho e bege, com alguns poucos detalhes de outras cores. As janelas das salas eram de um tamanho ótimo; permitiam uma boa ventilação nas salas de aula, o que era maravilhoso no verão, porém viviam emperrando nos dias frios de inverno.

— Finalmente você chegou, Helena! Está tudo certo para você ir à minha casa depois da escola? Nós definitivamente precisamos estudar para a prova da semana que vem. Como eu detesto as provas de russo, elas não testam só o nosso conhecimento, como também a nossa capacidade de lidar com o desespero ao comparar o número e complexidade de questões com os minutos que temos para concluir-las. Me causa arrepios só de pensar.

— Exatamente! Mas não é de se estranhar também, visto quem é que aplica a matéria. Parece que alguns dos professores daqui sentem prazer ao nos ver suar durante os testes. Nos acusam de não estudar o suficiente, mas também não melhoraram sua metodologia de ensino. É sempre a mesma coisa, sabe? Eles escrevem no quadro as informações e discursam em frente à turma, enquanto nós anotamos e permanecemos em silêncio. Não tem nenhum outro tipo de interação em que possamos participar maisativamente. Chega a ser deprimente.

— Totalmente! Mas fazer o quê? O jeito é estudar e engolir o choro. Deus nos livre dos temidos exames finais, que são complicadíssimos e ainda tiram um pedaço das nossas férias. E falando nele mesmo, adivinha qual é a nossa primeira aula de hoje?

— Nem me lembre...

— Então, hoje ampliaremos o vocabulário de vocês. Espero que

não fiquem lerdeando para copiar as palavras do quadro, pois temos muito o que escrever ainda.

Ele estava segurando, no mínimo, umas 16 páginas e, não sei o porquê, mas algo me dizia que elas tinham somente o conteúdo da aula de hoje. Que massada! Por que, dentre tantas instituições que oferecem o ensino médio, o professor Ivo tinha que trabalhar justamente na que eu frequentava?

— Meus dedos doem de tanto escrever – reclamou Laura, assim que chegamos na sua casa.

— Nem me fale, os meus também. O Criador foi muito misericordioso ao permitir que aquilo chegassem ao fim - meus dedos estralaram enquanto eu os esticava.

— Então, vamos comer algo antes de começar? Estou faminta, minha mãe preparou torta de pêssego ontem e sobraram alguns pedaços para comermos agora.

— Boa ideia, Laurinha.

Fomos até a mesa, onde os pedaços restantes estavam em uma bacia coberta por um pano de prato. Em seguida, a mãe de Laura entrou na cozinha para nos cumprimentar.

— Boa tarde, meninas! Como vocês estão? Então vocês já chegaram. Sinta-se como se a casa fosse sua, Helena.

— Boa tarde, dona Magda! Estou muito bem, obrigada por perguntar.

— Mãe, nós vamos estudar no meu quarto assim que comermos um pouco dessa gostosura que você preparou.

— Tudo bem, mas não se esqueça de guardar um pedaço para o seu pai, viu?

— Pode deixar.

E foi assim que fizemos. Estudando para a prova enquanto achávamos graça da pronúncia de algumas palavras. Definitivamente é uma língua um pouco complexa, mas, na minha opinião, conseguimos progredir consideravelmente. Quando o Sol estava dando indícios de que era do seu desejo se pôr, percorri a trajetória de volta para minha residência, coincidentemente chegando ao mesmo tempo que a minha mãe.

Assim que entramos, vovó Aurora afirmou que gostaria de conversar conosco acerca de uma decisão que ela havia tomado, pois isso poderia impactar um pouco na rotina de todas nós. Fiquei meio aprensiva. O que deveria ser diferente o bastante para vovó nos convocar dessa maneira?

— Então, como vocês já sabem, nossa casa é bastante espaçosa e temos muitos quartos de visita que não são usados há muitos anos – ela começou. – Então tomei a liberdade de alugar um deles, afinal isso seria útil financeiramente. Sei que não estamos passando por necessidades, nem algo assim, porém em meio à situação atual enfrentada pelos poloneses, devido ao socialismo, não somos capazes de prever o dia de amanhã. O nosso novo inquilino é um rapaz que é ex-prisioneiro de guerra. A respeito de seu caráter, não se preocupem, pois, como já é do conhecimento de vocês, me asseguro de deixar somente pessoas decentes entrarem em nossa morada e, no primeiro ato de desrespeito a qualquer uma de nós, ele já está ciente de que seria expulso imediatamente. Ademais, vamos ter que tomar um pouco mais de cuidado com o nosso comportamento a partir de hoje, pois assim como queremos colaboração, é nosso dever colaborar também. O nosso inquilino é tímido e aprecia a privacidade, portanto não é direito de ninguém entrar em seu

quarto, nem mesmo para a faxina. Ele me assegurou que cuidará do seu próprio espaço adequadamente. Não quero ninguém o espionando, nem nada do gênero. Quando ele se sentir confortável, virá se apresentar a vocês. E por último, mas não menos importante, é de extrema relevância que vocês diminuam o barulho, principalmente no começo da manhã e no meio da noite. Alguma pergunta a respeito do que acabei de passar?

Precisei de um tempo para raciocinar, pela quantia considerável de informações que foram despejadas de uma vez. Uma nova pessoa morando em nossa casa? Essa seria difícil de engolir, pois desde que eu nasci somente vivi junto com membros da minha própria família. Pelo bem dele, espero que não tente se apropriar da cadeira de vovô, nem de seus pertences ou canecas. Será que ele vai ser audacioso o bastante para questionar as decisões de minha avó, ou vai achar-se no direito de colocar o dedo em todos os assuntos só por residirmos no mesmo local? Vovó falou que ele tem um bom caráter, mas todos os indivíduos aparentam ser legais à primeira vista, e só começam a mostrar suas asas depois de ganharem intimidade. Eu certamente seria educada com ele, mas ele jamais conseguirá ter o mesmo valor que meu irmão ou avô. Bem, eu não estava em completo acordo com tudo isso, mas já que vovó Aurora decretou que seria daquela maneira, só me restava confiar que ela havia tomado a decisão certa.

Eu acenei com a cabeça, indicando que não tinha nenhuma pergunta ou abjeção a respeito de sua escolha. Mamãe, mesmo que um pouco a contragosto, fez o mesmo. Acho que, nesse ponto, nós duas estávamos nos sentindo da mesma forma. Mas a vida se transforma, não é mesmo? Resolvi tomar um banho para me renovar e, enquanto minha pele entrava em contato com a água morna, percebi que não possuía muita ideia a respeito do que era um prisioneiro de guerra. Concluí que talvez eu fosse perguntar sobre isso na próxima aula de história.

Nós três jantamos e fomos assistir televisão. Eu achei estranho

o homem não ter ido compartilhar a refeição conosco, mas talvez ele estivesse cansado da viagem até ali e também se sentisse um pouco tímido. A princípio eu relevei isso. Antes que eu fosse dormir, lembrei da dúvida que emergiu quando eu estava no banheiro.

— Vovó Aurora?

— Sim, Helena? Mas já aviso que se você planeja pedir para comer o doce de leite que eu preparei agora, a resposta é não. Ele será acompanhamento com o pão no café da manhã.

Que massada! Aquele doce de leite realmente era irresistível, mas, surpreendentemente, não era sobre isso que eu queria falar.

— Embora eu ache que a senhora falar isso seja o equivalente a uma tortura, vovó, não era sobre isso – falei brincando – Eu gostaria de pedir para que você me contasse uma história sobre prisioneiros de guerra, vovó.

— Posso contar sim, Helena. Por acaso você também estaria interessada em escutar, Kataryna?

— É uma proposta intrigante, mãe, mas irei dormir agora. O dia foi trabalhoso e bastante exaustivo, portanto preciso urgentemente de um longo descanso. Todavia, desejo uma excelente história para vocês. Boa noite!

— Boa noite – dissemos em sintonia.

Minha avó sentou-se no sofá da sala e eu me deitei, apoiando minha cabeça em seu colo.

— Então, vamos começar. Quando o planeta estava passando por momentos difíceis, apesar de duas gigantescas guerras já terem chegado ao fim, havia muitos outros conflitos pelo continente. Inclusive alguns

que incluíam a Polônia. Assim, homens de muitas famílias continuavam a ser convocados para lutar pela pátria, até mesmo aqueles que mal haviam acabado de atingir a maioridade ou que tinham filhos e uma esposa para cuidar. Em um certo dia, chegou a vez da convocação de um jovem rapaz chamado Oton. Embora seu nome significasse “rico”, não possuía muita fortuna em dinheiro, mas era abençoado com a riqueza de ter uma calorosa e bonita família. Sua esposa havia gerado dois filhos seus, um menino e sua irmãzinha caçula, que não havia completado nem três aninhos de idade. Então, infelizmente, ele teve que deixá-los para realizar o seu dever. Durante o tempo em que passou em campo de batalha, enfrentou muitos acontecimentos difíceis, perdeu amigos próximos, sofreu inimagináveis traumas e ferimentos e ainda foi capturado pelo inimigo.

— Meu Deus, vovó, que terrível! Os homens que capturaram ele eram maus, não eram?

— Bem, é complicado dizer isso... Veja bem, Helena: os inimigos também eram pessoas que estavam lutando pelas suas casas, tinham que obedecer aos líderes, não importando quão cruéis fossem as ordens, para garantir que eles mesmos não fossem acusados de traição. Nós geralmente consideramos como “mau” quem inicia toda a situação, mas temos que levar em consideração que aqueles que decretaram oficialmente guerras e disputas raramente se encontravam nos campos de batalha. Então os soldados de vários lugares diferentes que lutavam entre si eram como lados opostos de uma mesma moeda, pois ambos, na maioria das vezes, não estavam lá por sua própria vontade e faziam coisas ruins para garantir a sua própria sobrevivência ou porque se tornavam amargos conforme eram influenciados pelo hostil ambiente no qual estavam inseridos.

— Entendi. Então os heróis e vilões muitas vezes são estabelecidos de acordo com quem é o narrador da história, vovó?

— Exatamente! Em alguns casos, personagens que realmente fizeram coisas muito más são quase sempre vilões, mas em outros os papéis podem se inverter bastante, conforme cada versão. Mas sem mais interrupções, continuemos a história. Tudo bem?

— Sim, senhora.

— Onde é mesmo que eu estava? Me lembrei. Quando os inimigos capturaram Oton, queriam obrigar-lo a falar a localização de seus companheiros, dentre outras informações sobre as estratégias que estavam usando. Entretanto, ele sabia que, se contasse, seria responsável pelo assassinato de dezenas de pessoas. Então se negou. Não satisfeitos com a sua atitude difícil, os sequestradores o torturaram de diversas formas. Mesmo assim, ele não entregou o que os inimigos queriam. Não conseguindo obter o que procuravam, consideraram Oton como descartável, porém não podiam devolvê-lo para seu grupo. Já que ele havia sido carregado até o esconderijo deles, sabia da localização. Portanto, decidiram que a “melhor opção” era usá-lo até que a morte o rendesse.

— Não estou gostando do decorrer dessa história! Odeio finais tão tristes.

— Espere! Ainda há o que contar. Tenha paciência, Helena. Bem, quando estavam prestes a deixar o coitado falecer por culpa das condições da prisão e dos péssimos tratamentos, perceberam que, embora ele não quisesse dar as respostas que almejavam, poderia ser de considerável utilidade caso trabalhasse arduamente nas minas para encontrar coisas que fossem de algum valor financeiro para eles. A verdade era que eles nunca planejaram de fato libertar o pobre Oton. Eles o estavam usando como mera ferramenta que seria descartada depois que não fosse mais útil. Entretanto, o guerreiro polonês já desconfiava disso antecipadamente e não deixara barato. Enganou os seus sequestradores, fingindo estar doente e quase definhando, para que esses não prestassem tanta

atenção nele e fossem afrouxando a supervisão. Como havia vários prisioneiros, ninguém notou isso. Assim, quando uma briga aconteceu nas minas, os supervisores foram obrigados a intervir. Afinal, o objetivo era que aquelas pobres almas usassem a força para gerar riquezas e artifícios relevantes na estratégia e nada mais. Oton fugiu pela mata e correu o quanto pôde.

— Ah, graças a Deus! Já estava ficando preocupada.

— Quem dera tivesse acabado por aí, Helena! Os inimigos caçaram o polonês como lobos farejam sua presa. Portanto, Oton passou por maus bocados, até encontrar um vilarejo onde pudesse se abrigar. Muito ainda se desenrolou depois disso, entretanto já está tarde e você tem aula amanhã de manhã. Então, vamos parar por aqui.

— Por favor, vovó! Me conte o final da história, nem que seja de forma resumida, senão meu travesseiro amanhecerá cheio de fios ruivos que terão caído devido a minha curiosidade!

— Olha, Helena, acho que você está exagerando um pouco, hein! Mas tudo bem. No desfecho, depois de ser muito judiado, Oton voltou para sua cidade natal.

— Mas ele voltou para a família dele?

— Bem, eu acho que não exatamente do jeito que você está imaginando, mas digamos que ele conseguiu, sim. Agora vá adormecer.

— Tudo bem, tudo bem. Obrigada pela história, vovó Aurora. Boa noite.

— Bem, sei que não sou tão perfeita, pois quem possuía esse dom de nos fazer viajar nas palavras era o seu avô Wicenty, mas acho

que não me saí tão mal assim, não é mesmo? Boa noite, Heleninha!

Abri um sorriso melancólico e concordei com a cabeça antes de me dirigir ao meu quarto. E antes de dormir, pensei em como seria intrigante conhecer aquele ex-prisioneiro. Afinal, diferentemente do conto, ele provavelmente tinha passado por situações similares na vida real. Será que ele sabia contar histórias também? Enfim, já que vovó não permitia que eu desse o primeiro passo, esperaria que ele viesse conversar com a gente antes de questioná-lo sobre qualquer coisa. Sim. Isso era o correto a se fazer.

Inesperadamente, os dias que se passaram foram extremamente calmos e, embora eu tivesse consciência de que realmente havia um novo morador por ali, nada realmente havia mudado. Ele fazia suas refeições em horários diferentes dos nossos, não saía do quarto enquanto eu ou minha mãe estivéssemos acordadas e também não fazia muito barulho. As janelas, a cortina e a porta do cômodo que ocupava permaneciam sempre fechadas, dando-me quase a impressão de que ele estava se escondendo.

Comecei a desconfiar de que alguma coisa talvez estivesse errada. Não era possível! Eu não cruzei com ele nem uma vez sequer e mais de uma semana já havia se passado. Hoje não teremos nenhuma prova, mas sim a revisão de um conteúdo que já compreendi, então a minha presença não seria totalmente fundamental; se eu faltasse, não teria tanta relevância, pois tive uma boa frequência neste semestre. Eu poderia só falar com ele por alguns minutos, para me apresentar e coisas assim, e depois deixá-lo em paz.

— Isso está fora de questão, Helena — sussurrei para mim mesma.

Eu jurei de pés juntos que aquela cena na colônia de férias seria

o primeiro e único incidente no qual deixei minha teimosia ir longe demais. Vovó Aurora, e até mesmo minha mãe, confiaram em mim e me deixaram escapar do castigo, que era por período indeterminado. Eu tinha que refrescar minha memória, e pensar em todos os motivos que eu tinha para não fazer nada que pudesse me comprometer desta vez.

Comecei a me arrumar para pegar o ônibus, distanciando aqueles pensamentos tentadores e perigosos. Tomei café da manhã normalmente e segui meu caminho. Enquanto eu saía de casa, ouvi uma voz que eu conhecia muito bem.

— Oiê! Oiê! Tudo bem com você?

Claramente era o Barth quem estava falando e ele parecia estar se dirigindo a alguém, em algum cômodo, perto dos quartos, o que eu não entendi muito bem, pois vovó ainda estava na cozinha. Não era possível que... Não! Helena! Foco ou você irá perder o ônibus.

Estava prestes a entrar pelas portas automáticas do veículo, quando dei meia volta. Acenei para o Ben, que parecia ligeiramente confuso.

— Você vai entrar ou não vai, menina? – perguntou o motorista.

— Hoje não, senhor. Percebi que deixei algo em casa. É complicado, preciso voltar imediatamente. Tchau!

Era verdade que eu tinha deixado algo na minha casa. A curiosidade. Aquela que uma vez matou o gato e que agora eu estava prestes a usar para me colocar em maus lençóis. Era pelo bem do Barth. A vovó pode não ter se atentado a isso, mas mesmo que ele seja uma boa pessoa, não sabemos se gosta de papagaios ou se sabe que nem todos os animais em casa são para finalidade de alimentação, não é mesmo? É claro que ninguém neste mundo ousaria matar uma ave tão bela em troca de um frango a passarinho, mas nunca se sabe! Vai que ele deixa alguma frase

escapar e acabe magoando o Barth! Como uma boa dona, eu devo protegê-lo de todo mal e isso inclui conhecer os indivíduos que têm contato com ele. Eu obedeci a vovó e não mexi nas coisas dele, então eu tenho o direito de pelo menos pedir para que ele não interaja com os meus animais sem me dar um aviso prévio, certo? Sim, eu estava fazendo isso pelo bem do Barth, mesmo que isso inclua desobedecer só um pouquinho o que me foi ordenado.

Quem eu estava querendo enganar? Mas é só um “Olá” e nada mais. Tomara que minha avó Aurora não fique brava e às vezes pessoas tímidas precisam só de um empurrãozinho para começar a socializar, se não ele ficará calado por toda a eternidade. E, além disso, eu já estou na metade do caminho. Então não há mais volta e também não há ninguém comigo para que o problema respingue se eu for apanhada.

Silenciosamente, eu entrei no quintal e pude ouvir vovó lavando as panelas. Que massada! Como eu iria entrar se não conseguisse passar pela porta? Se bem que minha janela estava destrancada e era baixa o suficiente para que eu pulasse para dentro. Perfeito! Uma vez estabelecido o meu objetivo, consegui executar todos os passos com sucesso, e, quando já estava dentro do quarto, me posicionei atrás da porta, que estava quase totalmente fechada, sobrando apenas uma fresta que me permitiu observar a movimentação do corredor.

Eu já estava inquieta, digamos que o silêncio não era uma das minhas mais desenvolvidas habilidades. Aquilo era ridículo! Ainda tinha chances de desistir e voltar a tempo para a terceira aula.

Comecei a ouvir passos que ecoavam pelo assoalho antigo, cada vez mais próximos, mas eu me desequilibrei e encostei na porta, que se movimentou um pouco. Tudo bem, o som havia sido tão minúsculo que ninguém o notaria de qualquer maneira. Mas então os rangidos das tábuas começaram a ficar altos, indicando que alguém havia invertido o

seu percurso apressadamente.

— Bom dia! Já vai vir tomar o seu café da manhã? — gritou a minha avó da cozinha.

— Bom dia, dona Aurora! Vou sim. Só havia me distraído com um barulho, mas acho que não era nada. Desculpe pela demora.

— Venha logo, caso contrário me irritarei e guardarei a comida, hein! — ela sempre falava isso, mas nunca o fazia de verdade.

Então o inquilino retornou à trajetória de antes. Eu olhei atentamente, mas só fui capaz de enxergar seu vulto conforme ele passava. Nunca pensei que os gritos ardidos de vovó me salvariam de uma furada.



t



Um plano quase perfeito

Que susto! Bem, a ideia de fazer contato direto estava fora de questão. Mas eu não posso sair de mãos vazias. Tenho que pensar em algo para fazer essa falta na aula valer a pena. O quarto dele estava aberto e essa poderia ser a minha única oportunidade para olhar lá dentro. Já que não poderíamos ter uma conversa para que eu tirasse minhas próprias conclusões a respeito de ele ser adequado ou não para fazer companhia a Barth, pelo menos seria possível tentar achar algo que dissesse um pouco a respeito dos seus gostos.

Andei na ponta do pé até alcançar a entrada do cômodo, que à primeira vista parecia-me bem comum. Uma cama, um guarda-roupa, duas mesas de canto, um com livros em cima e outro com um abajur, com flores pintadas. Ele me pertencia quando eu era mais nova. Provavelmente essa foi uma solução imediata enquanto vovó não comprava um novo. Também havia um tapete bem grande centralizado no chão.

Era a hora de colocar a mão na massa. Nas gavetas achei somente roupas normais, nada que fosse motivo para qualquer estranheza; em cima de seu armário, no entanto, havia um baú. Por experiência própria, aprendi que são os misteriosos baús que guardam os maiores segredos dos indivíduos, aqueles que eles não querem que ninguém descubra ou traga à tona novamente. Era exatamente lá que eu deveria procurar.

Cuidadosamente, comecei a arrastar o objeto. Sou obrigada a admitir que era alguns quilos mais pesado do que eu imaginava. Assim, quando a última pontinha deixou de estar apoiada no guarda-roupa, fui incapaz de suportar todo o peso do baú com meus braços e...

BLAFT!

Ao cair no chão, ele se abriu, espalhando todos os pertences do inquilino pelo chão e provocando um imenso estrondo. Logo tratei de me apressar e juntar todos os objetos de volta ao seu recipiente, paran-

do somente para observar uma foto que me chamou a atenção. Já que estava apressada, guardei-a no bolso e segui com a tarefa. Juntei tudo e, na base da ansiedade, adquiri forças para erguer o baú e colocá-lo lá em cima.

— Helena, posso saber a razão que a trouxe aqui?

Olhei para trás e vi minha avó com os braços cruzados.

— É... eu estava... Procurando uma coisa. Isso! E achei que estivesse por aqui.

— O que o seu avô Wicenty já lhe explicou sobre mentiras? Você está de castigo por violar a privacidade do nosso hóspede. Helena, eu achei que já tivéssemos conversado sobre isso! Você jurou que que depois da Colônia de Férias nunca mais voltaria a desobedecer daquela maneira. Pelo visto, serei obrigada a considerar, a partir de agora, que os seus juramentos não representam garantia alguma de suas próximas ações. Será que você não tem consideração pelo bem-estar de sua própria família? Imagine só se ele ainda estivesse aqui dentro quando você resolveu entrar para xeretar, se sentisse ofendido e resolvesse ir para outra hospedagem! Creio que você saiba o quanto duro eu e sua mãe estamos dando para manter esta casa e que você não queira ser a responsável pela perda de um dos meios pelos quais agora conseguimos a nossa renda. Por favor, eu estou pedindo para que você pare com isso! Não há desgosto maior para mim do que ver minha neta, a qual cuidei com tanto carinho, demonstrando tanta ingratidão por tudo que lhe proporcionamos!

— Mas vovó...

— Mais nada, Helena! Já para o seu quarto!

— Sim, senhora.

Eu queria permanecer ali e fazer um juramento sob os olhos do Criador, de que, desta vez, não iria mais acontecer. Pedir para que ela não olhasse para mim daquela maneira e que eu conseguisse lhe provar que realmente considerava a minha família o bem mais precioso do universo. Mas a minha cota de promessas já havia se esgotado. Se eu quisesse convencê-la de algo agora, teria que ser por meio de atitudes e não mais de sílabas jogadas ao vento. Outrossim, eu sabia que ficar de pé ali, a sua frente, sendo que ela já tinha me falado para me retirar, seria somente mais uma demonstração de rebeldia.

Então, voltei para o ponto de partida. Não tive coragem de devolver a fotografia, pois a minha vó poderia pensar que, além de tudo, eu havia roubado algo do nosso hóspede, o que só iria piorar tudo. Tirei-a do bolso. Nela havia um rapaz não muito mais velho que um adolescente, que vestia um terno e, ao lado dele, estava um casal de adultos com semblantes orgulhosos. Entretanto, a foto estava rasgada ao meio. Então não era possível saber o que continha na outra metade. Reparei um pouco mais no rosto do jovem. Apesar de não me recordar de conhecer ele, aqueles contornos me eram quase imperceptivelmente familiares.

Acho que guardei uma foto de meu pai no fundo da gaveta.

Procurei-a, mas não encontrei. Onde será que ela havia se enfiado? Queria comparar com a fotografia que achei nos pertences do inquilino, só para tirar uma ideia maluca de minha mente, mas não consegui achá-la. Não importava por onde eu vasculhasse. É por isso que prefiro arrumar minhas bugigangas pessoalmente, pois assim elas nunca somem de vista.

Ah, novamente em um beco sem saída! Essas missões mirabolantes raramente dão certo no final das contas. Por que eu compararia as fotografias? Muitas pessoas têm o rosto no formato oval e aquele homem não carregaria a foto de parentes dos outros por aí. Talvez, pelo

fato de ter deixado minha teimosia ganhar espaço de novo, meu cérebro tenha resgatado desejos reprimidos daquela época. Qualquer que seja a teoria que estivesse correta, eu deveria arranjar algo para me distrair, visto que não tinha nada programado, pois a essa altura eu deveria estar no colégio. E ainda desperdicei a minha conversa diária com Benjamin no ônibus, que massada! Devo avaliar melhor o peso das minhas opções antes de tomar minhas decisões.

— O ALMOÇO ESTÁ PRONTO.

Ouvi o comunicado da vovó Aurora e fui imediatamente, pois não queria estressá-la ainda mais.

— Oi, vovó... — tentei puxar assunto, mas ela não me respondeu.

O almoço seguiu com um clima demasiadamente desconfortável pairando no ar. Ao terminar a minha porção, aguardei alguns minutos, esperando que ela me pressionasse para tirar mais comida, mas isso não aconteceu. Então levei o prato na pia acreditando que antes de eu alcançá-la a vovó não iria aguentar. Mas o que saiu de sua boca foi:

— Já que preferiu vadear hoje, ao invés de se concentrar nos seus estudos, trate de tirar a mesa, lavar a louça e limpar a poeira dos móveis da cozinha, antes de retornar ao seu quarto.

— Sim, senhora — ela realmente estava chateada.

Uma vez finalizadas as minhas tarefas, voltei para o meu cantinho, me isolando novamente, enquanto ouvia os talheres do rapaz que só agora estava se alimentando. Fui até minha estante de livros, que fiz junto com o Theodor alguns dias antes de termos que nos despedir. Ela era de madeira clara e possuía oito nichos em formato cúbico para que eu organizasse todos os meus livros. Coloquei a mão na frente do rosto e, com a outra, relei em um livro aleatoriamente com a ponta do dedo

indicador. “Frankenstein”, essa seria minha leitura daquela tarde. É um dos meus clássicos! Sou apaixonada por essa ficção científica. De certo conseguiria me entreter por algumas boas horas. Uma pessoa feita literalmente de partes de outros corpos. É completamente loucura pensar que um cientista poderia fazer esse experimento e que, ainda por cima, no livro isso tenha dado certo. Quer dizer, mais ou menos.

Mergulhei na minha leitura conforme a luz do Sol ia, lentamente, provocando sombras em diferentes ângulos. Em um certo momento, o ex-prisioneiro de guerra foi para os seus aposentos (o que percebi pelos rangeres do assoalho) alguns minutos antes da chegada da minha mãe. Do que será que ele tinha tanto medo? Enfim, isso não fazia mais parte dos meus interesses. Foi oficialmente apagado da minha lista de tarefas futuras.

— Helena? — alguém falou ao adentrar-se no lugar.

— Oi, mãe. Tudo bem? Precisa de alguma coisa?

— Nada específico. Eu só queria perguntar se você sabe o que aconteceu com a sua vó. Ela está toda carrancuda enquanto corta as batatas com mais força do que a costumeira, como se estivesse descontando alguma raiva nas coitadas.

— É complicado, mãe, mas acho que o motivo por trás de seu mau humor sou eu. Tudo começou quando eu faltei na aula de manhã...

— Espere um segundo. Você fez o quê? Estava doente ou algo assim?

— Não mãe, eu matei a aula por outra razão.

— Meus Deus, Helena! Onde é que foi parar o seu comprometimento?

— Calma mãe, tenho mais para contar. Eu planejava ir, mas no meio do caminho, retornei. Acontece que eu fiquei muito curiosa para conhecer o novo morador da nossa casa depois da história que a vovó Aurora contou. Sabe, ele nunca dava as caras e admito que, quando ouvi ele interagindo com o Barth, isso me instigou ainda mais a descobrir sobre a personalidade dele. Então entrei pela janela e fiquei esperando que ele saísse do seu quarto. Quando tive a chance, vasculhei lá dentro em busca de qualquer coisa que pudesse me dar alguma dica. Acabei encontrando um baú em cima do guarda-roupa dele, mas o deixei cair no chão. O som, provocado pela queda, fez a vovó ir ver o que estava se passando. Assim, ela me encontrou e ficou furiosa.

— Agora eu entendo o porquê do humor da mamãe, Helena. Depois do que aconteceu na Colônia de Férias, sua avó foi a primeira pessoa a voltar a confiar em você. Mesmo quando eu ainda estava brava, ela continuou depositando fé em você e te dando o privilégio da confiança, essa que você prometeu que nunca mais quebraria.

— Eu sei, mamãe, mas não pude me controlar. A curiosidade foi tanta que acabei me esquecendo completamente disso.

— Nós duas sabemos que isso não é verdade. Você deveria falar que acabou ignorando ela, pois algo me diz que isso cutucou a sua cabeça, mesmo quando já havia feito a sua escolha.

— É, infelizmente não tenho como negar isso. Mas eu não fiz por mal.

— Helena, você tem que compreender que não importa se as suas intenções eram boas ou não, pois o fato é que você não cumpriu com a sua palavra. Sabe, na nossa religião, o judaísmo, a palavra é reconhecida como algo de estrondoso valor. Quando o próprio Deus criou o mundo, ele usou desse recurso para concretizar sua vontade, pois assim

que ele ordenou, tudo o que existe surgiu. Ou seja, se até o nosso Criador usa as palavras, isso é sinal de que elas são muito sagradas, correto?

— Sim, mãe, estou compreendendo. Nesse caso, então, a confiança é basicamente a nossa palavra sem garantias físicas? Como quando queremos comprar uma fruta, mas esquecemos o dinheiro, então falamos para o vendedor que traremos a quantia no dia seguinte e ele acredita, apesar de não ter nenhuma garantia física de que iremos trazer mesmo. Então a confiança que temos com os outros é o equivalente ao valor de nossas palavras?

— Exatamente, portanto temos que levá-las muito a sério. A nossa honra deve sempre ser mantida e fortificada, pois a confiança é muito frágil. Se você tivesse prestado atenção, talvez conseguisse ouvir a fé que ela tinha em você trincando quando ela te pegou naquela situação. Quando você falou que não iria mais descumprir as regras, o que lhe foi imposto pelo seu próprio bem, você colocou a sua credibilidade nisso, e ela acreditou. Mas, se isso continuar, você acordará em uma manhã e perceberá que sua honra foi manchada de massa de tomate e deixada para secar durante mais de uma volta da Terra em torno do seu próprio eixo. Você entende o que isso significa?

— Que se chegar a esse ponto, a mancha não poderá ser mais limpa e eu terei que andar até o fim da minha vida com ela suja para todos verem?

— Isso aí. E se não te falha a memória, o que o meu pai dizia quando via os netos ou eu mesma andando com as roupas sujas?

— Ele pedia para nós trocarmos, pois quanto maior o nosso autocuidado e autovalorização, mais refletiremos para os outros o quanto somos precisos.

Algumas lágrimas escorreram pela minha bochecha ao imaginar

vovô me olhando com desencanto, lá do alto, enquanto segurava a mão do Criador.

— Eu ainda consigo ouvir a voz dele enquanto mandava você ir se lavar, quando chegava toda cheia de barro depois de uma tarde cheia de brincadeiras, Kataryna.

Demos um pequeno pulo, pela presença repentina de vovó. A quanto tempo será que ela estava ali?

— Não posso dizer que a confiança entre nós, Helena, tão bem explicada pela sua mãe, está restabelecida, mas vamos esquecer toda aquela discussão, tudo bem? Helena, nosso inquilino merece ser respeitado, ele significa muito para mim, além de sua estadia nos ajudar financeiramente. Então eu não quero mais presenciar cenas como aquela, você comprehende?

— Sim, vovó Aurora. Felizmente, dessa vez a senhora chegou antes que qualquer desastre irreversível acontecesse. Obrigada por isso. Não vou mais causar problemas.

— Assim eu espero. Mas, mudando o rumo desta discussão, acredo que alguém não seja mais merecedora de uma festa de 15 anos agora, hein.

— Dessa vez eu tenho que concordar com a senhora, mamãe.

As duas se entreolharam, trocando piscadelas, enquanto eu estava completamente perdida.

— O quê? Uma festa? Vocês estavam planejando? Por favor, me digam que eu não a perderei! Nem consigo me recordar da última vez em que fui a uma festa, quem dirá uma em que eu fosse a anfitriã! — implorei.

— Minha neta, você tirou a sorte grande. Após puxar do passado lembranças do seu avô, meu coração se aqueceu, portanto estou me sentindo mais tolerante do que na hora do almoço. E, caso a sua mãe concorde, abriremos uma exceção, só desta vez.

— Você também tem o meu consentimento, Helena. Mas não se engane! A faxina da casa inteira estará em suas mãos esta semana, filha, para compensar a sua avó pelo estresse que causou para ela. Além disso, espero ver bons resultados naquela prova de russo que você terá. Na verdade, nós pensamos se você não preferiria planejar sua festa de acordo com seus próprios gostos. O que acha?

— Seria simplesmente perfeito. Eu poderei convidar alguns amigos?

— É claro que sim, mas não muitos, pois será algo relativamente simples. Não podemos ultrapassar o nosso orçamento. Combinado? — respondeu minha avó.

— Está mais do que combinado! Eu não vejo a hora de começar os preparativos.

No dia seguinte, realmente peguei o ônibus. No caminho, fiquei pensando no que diria para o Ben e cheguei à conclusão de que o melhor era falar a verdade, como sempre fiz com ele.

— Olha quem resolveu dar o ar da graça hoje! Estava me perguntando se minha mochila teria um banco só para ela de novo — disse o Benjamin.

— De jeito nenhum! Esse lugar aqui é quase minha propriedade privada já.

— Ei, não fale isso alto! Você sabe o que o socialismo pensa so-

bre propriedade privada. Vai que alguém escuta e te acusa de ser apoiadora do capitalismo.

— Você tem razão. Desculpe pelo descuido. Mas, como você está?

— Eu acho que tenho o direito de perguntar primeiro, hein. Aconteceu alguma coisa para você não ir para o colégio ontem?

— Então... é uma longa história. Hipoteticamente falando, se minha avó tivesse alugado um dos quartos vazios da nossa casa para um homem e eu tivesse faltado na aula para bisbilhotar em seus pertences, desejando encontrar algo que revelasse que ele seria uma boa pessoa, porém tudo isso para proteger o meu papagaio, o que você diria?

— Helena, onde você estava com a cabeça?

— Eu me pergunto a mesma coisa, Ben. Mas ele é todo misterioso, sabe? Soube pela minha avó que ele é ex-prisioneiro de guerra, mas não conseguimos nem ter contato visual. É quase como se ele nem estivesse lá. Me pergunto o porquê disso.

— Conhecendo-te, diria que deixou a curiosidade falar mais alto, não é? Mas você quer falar sobre isso?

— Olha, Ben, eu bem que gostaria, porém temos poucos minutos restantes e eu tenho um tema que merece mais destaque. Terei uma festa de aniversário daqui a 15 dias! E você está convidado, obviamente.

— Que maravilhoso, Helena! Vai ser uma ótima maneira de memorar seu recente aniversário. Não vejo a hora de chegar esse dia. Vou começar a me organizar desde já para não ter nenhum compromisso ou treino nessa data.

— Conto com você! Mas, tenho que começar a me planejar logo

quais comidas vamos preparar, o que eu vou vestir, qual será a decoração...

— Só de ouvir, percebo que dará bastante trabalho, mas é tudo por um bem maior.

— Exatamente, Ben! Espero que seja muito divertido!

— E será. Não se preocupe com isso, mas saiba que qualquer coisa pode contar comigo para ajudar.

— Igualmente. Agora se apresse, pois já estamos chegando no ponto em que você vai descer.

— Vou indo então. Até outra hora!

— Até.

Então ele foi embora. Sinto tanto a falta de quando nós pertencíamos à mesma instituição de ensino. Não existiam despedidas tão rápidas assim e, mesmo convivendo um com o outro diariamente, os assuntos nunca eram escassos - acredito que porque podíamos debater sobre todos os cantinhos dele. Hoje em dia, sempre temos muita coisa a dizer, porém acabamos não nos aprofundando tanto nos temas. O relógio movimenta seus ponteiros velozmente, delimitando até onde podemos ir.

— Veja só! Quem é viva sempre aparece! – comentou Laura ao vir ao meu encontro.

— Nem me fale, tive algumas coisinhas para resolver. Mas te contarei tudo detalhadamente mais tarde. Por enquanto, certifique-se de estar livre daqui a 15 dias. Não aceitarei nenhuma desculpa, hein!

— Deixe-me adivinhar... pelo seu tom, uma certa menina que conheço, e que coincidentemente é minha melhor amiga, terá uma festa?

— Ei! Desse jeito você acaba com todo o suspense! Mas, sim! Eu estava pensando em pedir para minha vó fazer um tanto de *paczki* para a ocasião. O que você acha?

— Só de pensar nesses pãezinhos recheados e cobertos de açúcar, já fico com água na boca!

— Então considerarei isso uma aprovação. Ah, outra coisa importante: temos que marcar um dia para estudarmos para o teste de russo. Uma das condições para que eu tenha a festa é que eu vá bem nele.

— Então, pelo visto esse estudo é urgente mesmo! Você poderia ter escolhido uma matéria mais fácil. Sabe que um número minúsculo de pessoas tira notas maiores que medianas com o professor Ivo.

— Nós vamos conseguir. Nós TEMOS que conseguir! A partir de hoje pode me chamar de a Dedicação, pois serei tão estudiosa que não poderei nem sair de meus aposentos por esse motivo. Serei até um daqueles adolescentes que colocam uma placa de “Não perturbe” na entrada do quarto.

— Acho que isso será engraçado de ver. Não esqueça que irei cobrar a explicação de sua falta de ontem.

Nos dias que se seguiram, fui obrigada a adotar uma rotina bem rígida e isso era bem mais difícil do que eu imaginava. Com o aumento de minhas tarefas domésticas e minha determinação para passar na prova, tive que me acostumar a viver de um jeito que nunca havia experimentado. Estudei algumas tardes com a Laura e outras sozinha. Quando parava para olhar o relógio, o dia já estava quase terminando e eu ainda sentia que havia coisas a terminar. É claro que isso, a princípio, me influenciou fisicamente. No ônibus, Benjamin me perguntou algumas vezes se estava me sentindo bem, pois sempre estava andando com um livro de russo na mão e meu cabelo estava menos brilhoso do que nor-

malmente. Eu expliquei para ele o meu objetivo e no mesmo instante ele compreendeu o que significava almejar tal resultado numa avaliação do professor Ivo. Benjamin tentou me motivar ao máximo, me ajudando com as dúvidas que eu tinha, quero dizer, naquelas que ele sabia resolver.

Quando a temida data chegou, aproveitei todos os segundos para ler e reler as questões e alternativas, segui resolvendo por ordem de maior facilidade, deixando para me dedicar por último às mais difíceis. Por fim, entreguei as resoluções orgulhosa pelo meu esforço, mas apreensiva pela incerteza desse valer ou não a pena. No dia do resultado, concluí que o estudo não tinha valido a pena, mas sim a galinha inteirinha, quando ouvi:

— Helena, você tirou... Espere, acredito que houve um pequeno equívoco na correção, deixe-me revê-la — o professor Ivo estava confuso e incrédulo — Como é que isso foi acontecer? Vejamos, a cola está fora de cogitação, pois os alunos que se sentaram ao seu lado ficaram com notas inferiores. E eu teria notado caso estivesse escondendo um pedaço de papel.

— Professor, eu não trapaceei, não! O senhor pode, por favor, falar a minha nota de uma vez?

— Já que está com tanta pressa, veja você mesma e fique tão pasma quanto eu.

Ele me entregou as folhas, erguendo os ombros numa tentativa de demonstrar indiferença. Um redondo, grandioso e estupendo “10” estava me aguardando quando corri os olhos para o espaço onde a nota era colocada.

— Quem disse que a rato não pode superar a serpente!? — exclamei satisfeita!

— O QUÊ? – esbravejou o professor.

— Eu falei “o esforçado pode conquistar mais que o suficiente”, professor.

Ele me ignorou e continuou a distribuição. Laura fez um gesto para demonstrar que estava orgulhosa de mim e eu fiz outro para mostrar que sentia o mesmo em relação a ela, que havia ido muito bem também. Acredito que ela acabou sendo influenciada pelo meu foco e revisando a matéria com muita dedicação. Então nós duas colhemos os doces frutos de tudo isso. Mais doce ainda foi ver a minha avó e a minha mãe espantadas pelo meu 10. Acho que consegui fazê-las perceber que eu estava disposta a me redimir. Uma vez que esse obstáculo havia sido ultrapassado, pude me concentrar mais nos preparativos para o grande dia.

— Oi, Barth. Tudo bem? O que você acha de passarmos um tempinho juntos lá na casa da árvore? Eu tenho batatinhas cozidas.

— Helena! Helena!

Subi com ele no meu ombro e me sentei perto da janela, no chão de madeira. Aquela casinha havia passado por várias reformas. Algumas partes do teto foram refeitas por mim e pelo Theodor, algumas tábuas das paredes foram substituídas e a estrutura reforçada. Afinal, algumas madeiras vão apodrecendo, com destaque para o período de inverno, onde a umidade é tanta que adentra até espaços que nem sabíamos que existiam. Além disso, a neve que se acumula na parte de cima geralmente permanece até que derreta sozinha, pois, por ficar muito escorregadio, é perigoso subir lá em cima. Entretanto, no geral, eu diria que está muito bem preservada. Sem o vovô para realizar os reparos, aprendemos a nos virar e no final funcionou.

— Barth, deixe-me te contar as novidades. Está tudo indo para

os seus respectivos eixos. Optamos por esperar essa quinzena para que a plantação de batatas fosse colhida. Então vovó Aurora liberou para mim um pedacinho do dinheiro conseguido através da parcela de tubérculos que foi vendida. Assim conseguirei comprar as decorações. Será algo simples, teremos *paczki*, *kanapka* (espécie de sanduíche aberto com bastante recheio) e eu consegui convencer minha avó para também fazer uma deliciosa torta de maçã. Eu falei para ela que estaria tudo bem se ela quisesse convidar o ex-prisioneiro também, mas ela explicou que naquele dia ele teria que tratar de algumas coisas na cidade. Que massada! Achei que essa seria uma desculpa perfeita. Mas enfim, você possivelmente conhecerá mais três colegas meus, que virão além da Laura e do Benjamin. Então, para que você não fique ansioso, te descreverei o básico sobre eles. Primeiro o Edgar. Eu suponho que vocês estabelecerão uma boa relação, pois ele gosta muito de animais, e quer seguir pelo ramo da enfermagem e não se engane pela quietude inicial dele, Barth: depois que ele se sente mais à vontade, torna-se tagarela como eu. A Amélia é levemente brava, mas muito forte. Ela quer trilhar uma carreira militar e não deixa que ninguém a tente desmotivar sem um belo sermão. E finalmente, a Rita. Ela atinge altos agudos e complexos graves quando canta e sabe costurar impressionantemente bem. Algumas partes de sua pele são mais pigmentadas que outras. Ela contou que isso acontece porque ela tem uma patologia nomeada de vitílico. Assim, a quantidade de melanina, que é a substância responsável pelas diferentes tonalidades de pele, diminuiu em alguns lugares de seu corpo, tendo como consequência essas manchinhas. Mas não se desespere Barth, não é transmissível. Então você não perderá as cores de suas lindas penas. Ademais, também não prejudica a saúde da minha amiga, embora ela seja vítima de algumas piadas na sala. Eu já briguei com algumas pessoas que faziam isso com ela, afinal já me senti insegura com as minhas sardas e isso é muito chato.

O Barth estava atento ao nosso bate-papo e inclinou a cabeça

quando eu dei uma pausa para comer uma das batatinhas.

— Eu quero! Eu quero!

É claro que eu atendi o seu inocente desejo e quando terminei de engolir o que se encontrava na minha boca, continuei:

— Sobre a decoração, escolhi uma linda toalha dourada para estender na mesa que colocaremos no quintal, algumas fitas da mesma cor para pendurar nas árvores e arbustos próximos e, como toque final, no dia colherei algumas flores como as dos açafões, gerânios e amarílis cor-de-rosa, para enfeitar a mesa e outros lugares. E, fora os meus cinco amigos, virão a mamãe, a vovó Aurora e eu. Eu queria que mais dois nomes estivessem na lista, mas o Theodor não pode largar tudo só para comparecer ao evento e o vovô Wicenty... Bem, você já sabe que agora só posso ter a esperança de que ele me deseje um “feliz aniversário” do mundo espiritual. E eu sei que com certeza ele irá, mas é muito triste que só ele possa nos ver. Eu sei que o meu avô está feliz, mas mesmo assim seria muito reconfortante se eu pudesse constatar isso com os meus próprios olhos.

— Vovô Wicenty quer Helena alegre!

— Obrigada, Barth, pelo consolo. Te devolverei ao seu cantinho e voltarei para casa. Nós logo teremos que jantar e eu necessito de um caprichado sono da beleza, pois ninguém quer ser uma anfitriã cheia de olheiras, de acordo?

— De acordo, de acordo!

Enfim, a tão esperada data chegou. Surpreendendo a todos, eu acordei bem cedinho para começar a aprontar tudo nos mínimos detalhes. Minha avó me presenteou com um lindo e delicado vestido rodado vermelho, com detalhes brancos. Ele ia até a altura dos joelhos e possuía

renda na parte superior e nas mangas, que alcançavam os meus pulsos. Eu o combinei com um par de sandálias marrons, tomei a liberdade de pegar emprestado um batom rosa clarinho da minha mãe, preendi uma mecha do meu cabelo para trás e o enfeitei com uma presilha de metal. Eu me olhei no espelho e - uau! Estava deslumbrante. O quanto a Helena do passado havia crescido era nítido, o que me assustava ligeiramente.

— Está pronta, filha? Alguns dos convidados acabaram de chegar.

— Só um segundo, mãe. Já estou saindo.

Após uma rápida checagem final, fui lá fora. Nós três tínhamos feito a decoração e tudo estava exatamente do jeitinho que eu havia imaginado.

— Helena, você está arrasando! Que poder! – Amélia me elogiou.

— Muito obrigada! E você também está divina. Pode ficar à vontade. Em cima da mesa temos gostosuras para degustar.

— Atchim! Embora essas flores sejam lindas, acho que devo me manter um pouco afastada delas para evitar um ataque alérgico – comentou Rita entre espirros.

— Oi, Helena! Feliz aniversário! Aquele seria o papagaio sobre o qual você comentou? Posso fazer carinho nele? – Eu sabia que Barth faria um novo amigo hoje.

— Edgar! Que legal que você conseguiu vir! É sim e é claro que você pode, só chegue devagar para que ele não se assuste!

— Pode deixar, obrigado! Com licença... – e lá se foi o Edgar.

Repentinamente, alguém tapou os meus olhos com as palmas das mãos.

— Adivinha quem é! — uma voz fina exclamou, o que era curioso, já que ela não combinava com as mãos largas que tocavam minhas pálpebras.

— Vocês dois...

Em um gesto veloz, segurei os pulsos de Benjamin e girei, ficando de frente para ele e para Laura, me livrando da inocente pegadinha. Depois disso, eu os puxei para perto e os envolvi em um amigável abraço coletivo.

— Você não pretende nos esmagar, não é mesmo? — brincou Laura.

— É fenomenal que vocês também tenham vindo! Há quanto tempo não nos reuníamos. Laura, você já conhece todo mundo, então vamos apresentar o Benjamin aos outros — abri um sorriso divertido.

Ficamos reunidos até escurecer, rindo, comendo e conversando. Cantamos o meu “*Sto Lat*”, que são os parabéns na minha língua, e a Rita me fez uma linda homenagem em forma de canção. Foi um privilégio ouvi-la cantar e saber que estava se direcionando para mim. Sua voz era angelical e ela era definitivamente muito habilidosa. Gradativamente, os convidados voltaram para suas residências e eu, minha avó e minha mãe limpamos a bagunça e guardamos os enfeites. Eu certamente escreveria uma carta para o Theo, contando tudo o que ele perdera e ressaltando que eu já não podia me aguentar de tanta vontade de revê-lo.



5



Respostas repartidas

A noite havia sido longa, mas eu tinha aula, portanto precisava me levantar. Minhas pálpebras ainda estavam pesadas de sono, então resolvi ir tomar um banho para despertar e conseguir me concentrar nas matérias. Notei que ao lado da minha cama estava pendurada a antiga toalha de banho de vovô Wicenty e quando a toquei ficou claro que alguém a tinha usado.

— Vovó, aconteceu alguma coisa com a sua tolha? Vi que a senhora usou a do vovô em seu último banho – questionei enquanto estava sentada à mesa.

— De jeito nenhum, Helena! A minha ainda está em impecável condição. Você não está se confundindo?

— Então será que foi a minha mãe? Mas ela geralmente é mais sensível do que nós quando se trata dos objetos que pertenciam ao vovô...

— Ah, acho que entendi do que você está falando. Eu emprestei aquela toalha ao nosso hóspede, pois a que ele trouxera já estava velha e acabou se rasgando conforme era lavada.

— Entendi... – O que faltava agora? A vovó permitir que ele sentasse no lugar do vovô durante as refeições?

— Mas não fique enciumada, pois ambas sabemos que o seu avô já abandonou todo e qualquer pertence material para concretizar sua passagem ao mundo espiritual.

— Suas palavras são sabias e incontestáveis, vovó. Mas onde é que ele senta quando se alimenta?

— Por enquanto, no lugar de ser irmão, mas não é de propósito. Ele não tem esse conhecimento ainda e, já que o Theo não está aqui, não

me incomodei em avisar. Mas já chega de tantos questionamentos. Afinal, temos dois ouvidos e só uma boca e essa ainda tem que organizar o seu cronograma para conseguir comer, além de expressar ideias em forma de som.

Fiz como vovó indicou e terminei o meu café da manhã, seguindo minha rotina normalmente, até chegar o momento de encontrar o Ben.

— Você não vai acreditar, Helê. Finalmente os professores revelaram os nomes de quem está oficialmente escalado para o time de futebol americano desta temporada.

— E então? Você foi escolhido?

— Vim informá-la que... Só um segundo para a minha pausa de suspense... Sim!

— Eu sabia! Parabéns, meu jogador oficial! Que orgulho!

— Agora terei ainda mais treinos semanais, além da obrigação de me certificar de não ficar com nenhuma nota vermelha para não perder minha vaga no time.

— Mas isso nunca foi algo difícil para você, Ben. Você tirará de letra. Mas é realmente como as pessoas dizem? Vocês têm alguns privilégios na escola por jogar futebol americano e uniformes personalizados?

— Sobre os uniformes, é verdade sim. E eu inclusive adoro as cores que escolheram para a confecção deles. Entretanto, sobre os privilégios, eu não diria que é bem assim. Sinto que fiquei mais popular, mas alunos vêm puxar conversa comigo e eu acho isso legal, mas nitidamente há aqueles que se aproximam só para poder falar para os colegas que

são amigos ou amigas de um dos jogadores. Para mim isso é bem estranho, porque alguns são falsamente gentis e tentam fazer de tudo para que gostemos deles. Eu prefiro amizades como a sua, pois você mostra quem realmente é quando está comigo e eu não preciso ficar receoso de agir conforme minha real personalidade. Quando precisamos ficar forçando uma amizade é como se nunca deixássemos de pisar em cacos de vidro, sempre precisando de muito cuidado a cada mísero passo.

— Que maneira poética de apresentar esse tema, Ben. Sinto que você pensou bastante sobre isso.

— É que é algo complexo de digerir o fato de que alguns indivíduos só se aproximam de nós por puro interesse. Isso simplesmente não entra na minha cabeça.

Após nos despedirmos, fiquei raciocinando a respeito das palavras dele. A vida do Benjamin também estava se transformando gradativamente e ele estava perdido em alguns pontos de toda essa situação. Acho que a adolescência chega para bagunçar a cabeça de todos nós. Parando para pensar nisso, é realmente muito raro nos depararmos com algum adulto que diga ter permanecido o mesmo desde de a sua juventude. Quais serão os adjetivos que a Helena do futuro usará para descrever a minha versão nesta idade?

— Mocinha? Você não irá descer?

— Sim, senhor motorista. Obrigada por me tirar de meus devaneios. Quase que perco o ponto.

— Helena, você chegou finalmente. Achou que eu iria te deixar escapar? Ficamos tão entretidas com a organização da sua festa que você nem me contou o porquê daquela misteriosa falta e eu não esqueci.

— Bem lembrado, Laura. Acho que ainda temos alguns minutinhos

nhos antes que toquem o sinal.

Expliquei para a Laura tudo que tinha se passado nessas últimas semanas em relação ao ex-prisioneiro, desde o começo, inclusive sobre os meus sentimentos, a fotografia rasgada e a aceitação de minha derrota.

— Minha nossa! Eu imaginava que poderia ser algo diferente do cotidiano, mas não pensei que seria tanto! Mas eu entendo você. Enxergando pela sua perspectiva, eu acredito que se eu estivesse no seu lugar também ficaria muito curiosa e até um pouco receosa. Saber que tem outro indivíduo morando na mesma casa que você, mas nunca tê-lo visto, é quase uma história de fantasma.

— Ao menos um fantasma eu já constatei que ele não é, afinal espíritos não precisam tomar banho, nem se enxugar.

— Não diga isso, sua boba! Eu não estava falando em um sentido completamente denotativo.

Nós rimos e seguimos para as aulas que aconteceram sem muitas emoções. Em alguns momentos, eu me perdia em devaneios pensando que talvez a Laura tivesse razão. Qualquer um estranharia esse inquilino extremamente isolado e, visto que existe uma parte da minha história que é repleta de segredos, não era de se espantar que eu quisesse averiguar suas intenções. Será que eu deveria desistir mesmo? Talvez eu devesse apenas tomar mais cuidado antes de agir e prosseguir minhas investigações de maneira mais segura. Mas eu precisava de alguém que fosse mais sensato que eu para me auxiliar a traçar os meus passos seguintes. E acho que a Laura seria ideal para isso. Comparada a mim, ela é muito mais racional e detalhista, além de ter praticamente uma memória de elefante. Na prova de russo mesmo, apesar de estudarmos juntas, observei que ela precisava dedicar bem menos tempo à leitura das

regras para aprendê-las. No intervalo, aproveitei para fazer a proposta.

— Laura, eu estava aqui pensando e cheguei à conclusão de que, por mais que eu tente reprimir os meus instintos, uma hora ou outra eu acabarei fazendo algo imprudente de novo por conta da minha teimosia. Então, talvez a solução não seja somente deixar como está, e sim prosseguir minha procura mais cuidadosamente. Porém, como já é de seu conhecimento, eu não sou a pessoa mais habilidosa quando se trata de planejamento. Então você acha que conseguiria e poderia me ajudar a continuar tentando descobrir informações sobre o novo indivíduo que reside em minha casa?

— Olha, eu acho que posso fazer isso, Helê. Mas desta vez sem mais fugas ou criação de mentiras, tudo bem? Não posso nem imaginar o tamanho da bronca que levaria se me colocasse em encrencas novamente, pois meus pais ficaram furiosos após aquela minha participação no plano da Colônia de Férias. Então vamos usar o bom senso como base para qualquer ação, tudo bem?

— Era exatamente isso que eu queria ouvir, minha cara amiga!

— Então ok, mas nós temos algum ponto de partida?

— Além da foto que está guardada, eu acredito que não.

— Então vamos fazer assim: amanhã nos encontramos na minha casa, depois da aula, você leva essa fotografia que já está com você e, além disso, se possível tente pegar aqueles recortes de fotos que você havia encontrado naquele baú escondido na sua casa há alguns anos. Eu me lembro de que quando você e o Benjamin me contaram sobre aquele antigo plano, você havia comentado que havia encontrado algo assim. E, já que você falou que se familiarizou com o rosto da foto, quem sabe você não se lembrou de algum jovem que aparecia no fundo de uma das fotografias e vocês não possam ter algum parentesco distante? Podemos

encontrar alguma pista comparando tudo isso.

— Laura, você é genial, sabia? Eu passei tanto tempo tentando encontrar aquela foto de meu pai, que eu havia guardado no quarto, que me esqueci desses recortes. Também, já faz tanto tempo que não os vejo! Tenho quase certeza de que ninguém mudou aqueles objetos de lugar. Portanto, com sorte, não será tão trabalhoso de achá-los.

Mais tarde eu descobri que estava completamente enganada. Esperei que todos adormecessem para que eu não fosse surpreendida por ninguém. Eu sabia que minha avó entrava em um sono pesado depois de certo tempo e o cômodo escondido era longe demais dos aposentos de minha mãe para que ela pudesse se alarmar caso eu fizesse o mínimo de barulho possível. O único que eu não conhecia os hábitos era o ex-prisioneiro, então me certifiquei de ter aguardado bastante depois de todas as luzes terem se apagado, o suficiente para que ele pudesse jantar com privacidade caso desejasse. Era tudo ou nada. Algumas horas antes eu havia pegado escondida a chave que abria o cômodo e chequei se a chavinha dourada permanecia em minha pulseira, afinal, não adiantaria nada chegar até o baú e não poder destrancá-lo. Então refiz os passos, meus e de Benjamin, que trilhamos naquela primeira vez, usando uma lanterna de luz fraca para me localizar. Porém, para o meu desalento, a grande espécie de caixa de madeira havia sido mudada de lugar. Que massada! Onde é que poderia estar? De todo modo, era muito arriscado procurar, pois se eu derrubasse algo não teria desculpas para ainda estar de pé no meio da madrugada.

— Vamos Helena, você combinou com a Laura que iria usar mais a racionalidade – sussurrei para mim e retornoi para a cama.

Pelo menos eu tinha aquela foto rasgada e o objetivo era descobrir mais sobre o inquilino e não sobre o meu pai. Por enquanto, ela teria que ser suficiente.

Na tarde seguinte, fomos juntas até a casa de Laura. Eu havia falado que iríamos estudar para uma matéria difícil, então minha avó sabia que eu poderia demorar.

— Então, Laura. Seguindo seus conselhos, eu me controlei para não gerar confusão, mas para isso tive que abrir mão de procurar por aqueles recortes. Portanto, tudo que temos é essa fotografia. Ela é bastante antiga, mas ainda é possível ver os contornos da face do rapaz sem esforço.

— Então, vamos começar esta análise. Aqui podemos ver um rapaz muito jovem, vestido com um terno, e de cabelo penteado. Em um de seus lados há um senhor e uma senhora. A proximidade indica que eles têm intimidade, talvez sejam irmãos, ou melhor, tenho quase certeza absoluta de que são os pais do garoto. Também estão muito arrumados e não parecem nada tristes.

— É verdade, Laura. Quando eu vi pela primeira vez achei que eles demonstravam estar orgulhosos, pelas suas expressões.

— É uma possibilidade, Helena. Será que o filho deles fez algo para que se orgulhassem dele? Talvez toda essa boa vestimenta seja porque a fotografia tenha sido tirada em uma data relevante. Talvez um aniversário ou a conclusão do ensino médio?

— Ah, eu não sei não, Laura. Acho que se o Benjamin estivesse aqui, ele prestaria atenção nos mínimos detalhes, então poderia ajudar. Deixe-me tentar pensar como ele... já sei! Olhe para o fundo, essa construção não se assemelha a uma sinagoga? Talvez estivessem celebrando algum costume de sua religião ou data comemorativa!

— E como você sabe como uma sinagoga se parece, Helena?

— Sinagogas são os locais onde vamos para praticar a fé da mi-

nha religião, o judaísmo.

— Ah, entendi! Obrigada por explicar para mim. Mas olhe, será que isso é o que eu estou pensando, Helena? Veja esse pedaço do papel, bem próximo à parte que está rasgada. Não parece tecido? Eu acredito que poderia ter outra pessoa ao lado dele e, para ela estar vestida de branco, só pode ser um casamento. Olhe! Faria todo sentido. Por algum motivo a foto foi rasgada bem ao meio, separando o noivo da noiva.

— Eu nunca teria reparado nesse pedacinho de tecido que está aparecendo, Laura. Você é muito inteligente mesmo. Puxando na memória, eu acho que essa sinagoga se localiza em Lublin, não é? Nunca a frequentei, mas já passei na frente muitas vezes. Fica no caminho daquele lugar onde vamos para comprar açúcar, sabe? Mas ela está bem mais intacta e conservada na fotografia do que na atualidade. Se tivéssemos mais alguma dica, como uma data, poderíamos perguntar algo sobre esta foto para os responsáveis pela sinagoga.

Como se uma lâmpada tivesse acendido logo acima da cabeça de Laura, ela pegou o papel, virando seu verso para cima. Lá havia alguns pequenos números escritos com letra cursiva.

— É isso! Essa provavelmente é a data do dia do casamento! E se a gente fosse lá agora mesmo? Ainda não é nem metade da tarde e o Sol demorará para se pôr. Conseguimos ir e voltar tranquilamente e ainda com tempo de sobra. Podemos pedir à minha mãe se podemos ir, o que acha?

— Simplesmente brilhante!

Com a autorização da mãe de Laura, fomos juntas até a sinagoga, que ainda estava fechada. Possivelmente o horário do culto ainda estava longe. Então batemos palmas na esperança de que algum funcionário nos atendesse. Graças ao Criador, uma moça muito educada surgiu para

nos atender.

— Boa tarde! O rabino não se encontra presente no momento. Eu e meu amigo estamos responsáveis pela limpeza da sinagoga hoje, mas caso a dúvida de vocês seja simples, talvez possamos ajudá-las. É a respeito dos períodos em que ocorrem as orações?

— Moça, na realidade nós viemos para perguntar se ainda existem registros sobre os casamentos que aconteceram aqui anos atrás – falei para ela.

— De que período exatamente?

Mostramos a foto e ela pediu para aguardarmos alguns segundos. Então ela voltou para dentro e, quando retornou, estava acompanhada por seu amigo.

— Essas duas mocinhas estão perguntando sobre os registros do casamento que aconteceu nesta data. Você sabe algo sobre isso? – ela apontou para os números escritos a mão.

— Ah, desculpe decepcioná-las meninas, mas até onde eu sei o meu pai me contou que aconteceu um incêndio no local onde os registros de matrimônios eram guardados e, ao ver o ano em que ocorreu a cerimônia da foto, sinto informá-las que é praticamente certo que esses registros foram extintos.

— Nós podemos falar com o rabino que oficializou a união do casal, senhor? Qualquer informação que conseguirmos já seria de grande utilidade.

Os dois amigos se entreolharam e foi possível ver lágrimas enchendo os olhos do moço, mas ele as enxugou e se recompondo após um profundo suspiro.

— Infelizmente não somos mais capazes de contatá-lo, pois o senhor que oficializou as cerimônias de casamento naquele tempo entregou a alma aos céus seis meses atrás, devido a uma patologia que o atingiu. Ele era dono de um coração muito amável e justo, então acredito que ele adoraria falar com vocês a respeito disso caso ainda tivesse a oportunidade, mas o Criador chegou à conclusão de que gostaria de ter o bom espírito do nosso querido rabino de volta com ele. Portanto, não há muito o que se possa fazer sobre isso.

Laura e eu, nos entreolhamos, notando que o moço já havia sido muito ligado ao falecido rabino e que tínhamos acabado de tocar em um machucado ainda aberto. Então decidimos partir.

— Agradecemos profundamente pela atenção e pedimos perdão por ocupar o tempo de vocês. Vamos voltar para casa — começou Laura.

— Isso mesmo! Sentimos muito pela perda de vocês e desejamos forças. Tenham um excelente final de tarde e até um outro dia, caso seja da vontade de Deus.

Fizemos o caminho de volta cabisbaixas. As pessoas retratadas na fotografia provavelmente nem sabiam do que ocorreu com o rabino que fez parte daquela ocasião. Como pode o ciclo da vida ter um final tão belo e tão melancólico simultaneamente? Enfim, não cabia a nós compreender isso, pois certos mistérios de Deus não existem para que nós os desvendemos. Quando chegamos, a Laura disse:

— Helena, vamos melhorar nosso humor! Ninguém merece ficar com essa atmosfera pesada pairando sob nossas cabeças. Ainda está cedo para que você vá embora. O que acha de jogarmos algo?

— Acho uma ideia muito boa. Você tem algum jogo em mente?

— Vamos pensar juntas? O que eu tinha em mente você não iria

gostar por ser algo mais praticado pelas crianças. E você sabe que já estamos crescidas, então...

— Mas estamos só nós duas aqui, não há nenhum outro colega de classe para julgar. E se fizéssemos algo infantil só um pouquinho? Que tal...

— Brincarmos de pega-pega? – dissemos em coro.

— Laurinha, caso eu estivesse eu sua pele eu já começaria a correr, pois está oficialmente decretado que está comigo! – disparei em direção a minha amiga depois de lhe dar por volta de oito segundos de vantagem.

Corremos velozmente, tentando encostar uma na outra, dando sempre alguma vantagem para nos distanciarmos após nos alcançarmos. Admito que perdi o equilíbrio e levei alguns tombos quando tropeçava em alguma pedra ou galho no quintal de Laura, mas a grama sempre amortecia a queda, fazendo com que eu só tivesse adquirido alguns leves arranhões nos dois joelhos quando retornei para a minha residência. Fazia muito tempo que eu não corria sem ser pelo motivo de estar atrasada. Nós bem que podíamos parar de desnecessariamente rotular determinadas brincadeiras, pois eu tranquilamente conseguia imaginar até mesmo a minha mãe gargalhando quando encostasse em alguém no pega-pega. Foi uma ótima maneira de acalmar os nervos e de melhorar o nosso humor, além de termos a satisfação de saber que, ao menos hoje, fizemos algo que beneficia a saúde de nossos corpos, embora eu consiga sentir um melhor bem-estar da minha alma também.

É bem mais agradável quando podemos enxergar as situações de uma perspectiva mais alegre, então decidi que, ao invés de tentar agir pelas costas do inquilino para tentar obter informações a seu respeito, eu poderia optar por um gesto que fosse, digamos assim, menos agressivo.

Ainda não tinha nada em mente, mas eu certamente pensaria em algo mais tarde.

Depois do jantar, me recolhi e fiquei encarando meus cadernos e canetas. Era isso! Nenhuma maneira de tentar se comunicar respeitava mais a privacidade de alguém do que os famosos bilhetes. Eu poderia deixar algo na porta dele enquanto ninguém estivesse olhando, assim ele poderia escolher se responderia ou não, além de não precisar fazer contato visual comigo para compreender minha mensagem. Outrossim, eu poderia fazer um agrado, afinal ele provavelmente soube daquela vez em que mexi em seus pertences.

Orquestei o meu plano com perfeição, disfarcei que iria beber o meu chá gelado no quarto, mas na verdade só o mudei de copo e coloquei o outro vazio na pia. Também sorrateiramente, peguei dois pãezinhos de batata e um pouco de doce de leite que vovó havia feito e os escondi. Quando todos estavam dormindo, escrevi o bilhete, passei o doce de leite nos pãezinhos, coloquei-os em um prato e então deixei tudo em frente ao local onde o ex-prisioneiro dormia. Em cima da hora, notei que, por sorte, as portas dos dormitórios abriam deslocando-se para dentro, então não teríamos nenhuma bagunça inesperada por um pedaço grande de madeira acabar atingindo o copo de vidro e derrubando seu conteúdo no chão.

Oi! Tudo bem com você? Aqui está um lanche para adocicar um bocadinho a amargura do mundo. Espero que você goste e que possamos nos conhecer em breve.

PS: Desculpe se causei qualquer incômodo, espero que eu possa repará-lo se for o caso.

Helena.

Estava feito. Agora teria que ter paciência e esperar pelo momento em que ele saísse e visse o recado. Então, voltei para a cama, deixei a minha porta entreaberta e fiquei atenta, porém o escurinho da noite e os barulhos dos grilos e cigarras do lado de fora formavam uma melodia tão embriagante que estava me fazendo ficar sonolenta.

Entretanto, eu precisava me segurar na guerreira que havia dentro de mim e me conter. Eu desejava saber qual seria a reação dele, se ele leria o bilhete e comeria os pãezinhos ou se seria ignorante o bastante para jogar tudo fora. Se bem que mesmo indivíduos que são rudes não resistem ao chamado quando suas barrigas roncam. Aquela era uma ótima estratégia para ganhar alguns pontos. Doces eram como golpes baixos para mim, mas a essa altura valia tudo para obter um satisfatório resultado na missão. É nessas ocasiões que precisamos usar as nossas mais secretas e infalíveis armas e equipamentos e a minha armadilha estava tão bem estruturada que mesmo eu cairia nela e me daria uma chance. Era impossível que ele não ficasse tocado pelo gesto e resolvesse começar a estabelecer uma comunicação com os outros moradores da casa ao invés de somente com a vovó Aurora. Verdadeiramente, acredito que teríamos esperançosas probabilidades de ele se sentir tão tocado no coração e resolver se apresentar amanhã mesmo, no café.

Se eu estivesse na marinha, de certo ganharia até uma medalha de ouro por me sobressair na arte da estratégia. Traria honra ao meu grupo após conseguir um aliado tão difícil ou por fazer que o inimigo revelasse a sua verdadeira forma. Um plano perfeito. Meus cachinhos de fogo seriam impressos no jornal com tinta colorida, para simbolizar o quanto importante teria sido a minha contribuição e incentivar a população para que não apagasse as suas peculiaridades, e sim as usasse em prol do bem de toda a nação.

Mas os ponteiros do relógio foram alcançando novas posições gradativamente. Comecei a revisar fatos históricos relevantes e comple-

xos em minha cabeça para me manter concentrada e focada. Cantarolei cinco vezes o hino completo da Polônia e contei 74 carneirinhos parando para descrever as diferentes pelagens de cada um deles, mas nada aconteceu. Nem um barulhinho que representasse o ranger do assoalho, nem o som de uma pessoa tomando largos goles de um doce e saboroso chazinho gelado ou mastigando macios pãezinhos de batata feitos pelas mãos habilidosas da minha avó Aurora. Absolutamente nada.

As cigarras haviam cansado de cantar e agora somente os gritos eram responsáveis pela tentadora melodia de ninar que alcançava meus ouvidos. Mesmo quando eu os tentava cobrir com o travesseiro, eu não poderia levantar, pois o som dos meus pés tocando as tábuas de madeira espantariam a minha preciosa presa e isso não poderia, em nenhuma circunstância, acontecer. Então fui me rendendo lentamente à macia textura dos cobertores a ao conforto que o travesseiro continha. Era como se algum indivíduo tivesse amarrado pequenos pesos em minhas pálpebras, que insistiam em fazer os cílios de cima encontrarem-se com os que ficavam na parte de baixo. Então, depois de muitíssima luta de minha parte, eu adormeci e sonhei que era uma admirada guerreira antiga que estava perdendo sua primeira batalha.



6



Prazer em conhecê-lo

Me espreguiçei lentamente enquanto minha visão ia se desembuçando e eu me obrigava a sair do quentinho dos cobertores que enrolavam o meu corpo. Eu havia mesmo pegado no sono contra a minha vontade; enfim, não havia como voltar atrás. Então eu contaria com as evidências restantes, talvez o papel e os lanchinhos tivessem desaparecido e vovó Aurora perguntasse a respeito de um misterioso pratinho e um copo sujos que poderiam ter surgido na pia da cozinha. Levantei e abri as cortinas, aproveitando os raios de Sol que atingiam a superfície da minha pele. Olhei no relógio e percebi que, não que fosse qualquer novidade, eu estava atrasada, e muito.

Eu me aprontei rapidamente, me vesti, calcei os sapatos e adenrei o corredor. Para a minha indignação, o bilhete e os agrados comestíveis estavam intactos. Nem ao menos suas posições haviam sido modificadas. Que massada! Seria aquele um sinal de que eu fora ignorada? Pelo visto eu poderia dar “tchau, tchau” às minhas medalhas de ouro, pois os meus cálculos estavam perceptivelmente incorretos. Não era à toa que minha matéria favorita era história e não matemática. Estava prestes a pegar os pãezinhos para mim quando pensei que, talvez, o inquilino apenas não tivesse visto o recado. Eu mesma havia me certificado de colocar o plano em ação somente quando não havia mais nenhum sinal de que algum morador da casa ainda estivesse de pé. E, já que visivelmente os nossos horários não eram compatíveis, poderia ser só um mal-entendido que estivesse causando toda essa minha frustração. Enfim, deixei o bilhete e os alimentos lá, pois havia uma esperança ainda. Tal atitude foi bastante criticada pelo meu estômago e paladar, pois estava com tão pouco tempo que tive que pegar algumas bolachinhas e ir comendo no caminho. Elas eram deliciosas, mas, convenhamos, não eram nada se comparadas com o doce de leite da vovó Aurora. Só me restava rezar para que toda aquela gostosura não fosse jogada fora, caso o prisioneiro não lhe desse atenção e vovó as descartasse após passar por lá e encontrar comida perdida pelo chão.

— Bom dia, Benjamin!

— Bom dia – disse ele depois de um grande bocejo.

— Que desânimo é esse que adentrou o seu ser, Ben? Aconteceu algo que tenha te impedido de dormir de noite?

— Obrigado pela preocupação, Helê. Mas não teve nenhuma situação séria que tenha provocado esse meu estado. A culpa foi minha, que passei boa parte da noite escrevendo o trabalho de história que devo entregar nessa semana. Já que organizei apenas recentemente o meu novo cronograma, quando percebi que, se não me apressasse, não teria tempo para fazer o trabalho, já estava em cima da hora. Acreditei que o faria mais rapidamente, mas fui inocente em pensar que não demoraria para terminar um longo trabalho de uma das matérias nas quais mais tenho dificuldade neste período: história. Não quero nem imaginar como será a prova.

— Entendo a sua situação, Ben. Quando estudei para a prova de russo também passei por alguns perrengues. Você sabe que pode me pedir ajuda para estudar caso esteja com dificuldades, certo? Tenho certeza que conseguimos algumas horas. Além disso, eu acredito que algumas vezes temos um rendimento bem maior caso estudemos com algum amigo ou amiga que entende melhor do que nós a matéria.

— Você tem razão, Helena. Às vezes eu esqueço que posso contar com a sua ajuda em história. Eu sempre ficava impressionado com as suas apresentações quando você citava e explicava alguns fatos. Você falava de uma forma fácil de entender e de guardar na cabeça.

— Não me elogie dessa maneira senão eu ficarei toda vermelha! Não sei se realmente posso essas habilidades, mas obrigada.

Minutos mais tarde, Laura e eu estávamos caminhando pela es-

cola quando um pequeno aglomerado de alunos nos chamou a atenção. Eu encostei no ombro de Rita, quando ela estava se dirigindo para o lugar.

— Oi Ritinha, tudo bem? Você saberia nos dizer o motivo por trás de todo aquele alvoroço?

— Vocês não souberam? Um novo aluno entrou para a nossa classe. Então estão todos indo dar as boas-vindas e puxar assunto com ele. Pelo jeito, ele é muito gentil e inteligente. Parece ser legal, então eu estava agora mesmo indo dar um “Oi”. Vocês querem vir junto?

— Agradecemos pelo convite, Rita. Mas agora tem muitas pessoas lá, então nós vamos em um outro momento – respondeu Laura.

— Tudo bem. Tchau Helena e Laura.

Logo após nos despedirmos eu olhei para Laura com uma brincalhona e fingida expressão de tristeza.

— Laura, por que vamos falar com ele só depois? Eu estou curiosa para saber quem é o novo estudante.

— Eu também estou, Helena. Mas acho que seria melhor assim, afinal, eu não sei você, mas eu me sentiria um pouco tímida caso um monte de pessoas que eu nem conhecesse se aglomerassesem, todas de uma vez, em cima de mim, logo no meu primeiro dia em uma escola nova, na qual nunca estivera antes.

— Faz sentido. Eu não tinha pensado nisso.

— Agora vamos, que a aula de física já vai começar.

Quando estávamos todos sentados, a professora começou a nos avisar que iria começar uma nova matéria e que era preciso muita aten-

ção de nossa parte, pois ela cairia em algumas questões da prova.

— Bom dia, alunos! Hoje estudaremos sobre velocidade. Alguém tem alguma ideia ou gostaria de arriscar dizer o que acha que significa velocidade?

Essa era uma pergunta complexa, pois eu conseguia pensar em muitos exemplos nos quais a velocidade era aplicada, como quando o ônibus nos leva para os lugares que queremos ir mais rapidamente ou quando eu me apresso para chegar ao ponto antes que as portas automáticas do veículo se fechem e não me deixem mais entrar. Mas colocar isso em palavras, formando uma definição específica que descrevesse em termos técnicos o que era velocidade, era muito mais complicado.

— Professora, é quando um objeto se desloca por um espaço em uma quantidade de tempo? — arriscou o aluno novo, timidamente, após ter erguido a mão e a professora tê-lo permitido falar.

— Isso mesmo! Espere só um segundo, eu não me recordo de já ter visto você nas nossas aulas, mocinho. Por acaso você é novo nesse colégio?

— Sou sim, professora. Meu nome é Thomas Klein, eu e minha família nos mudamos recentemente.

— Entendi, Thomas. Nós temos uma tradição na qual os novos estudantes sempre se apresentam para o resto da turma. Você se incomodaria de se levantar da sua carteira e de nos dizer o seu nome, idade, algo que goste de fazer e um de seus sonhos?

— É... não me incomodo não, professora — ele se levantou como a professora havia pedido, um pouco desajeitado. — Boa tarde a todos. Como eu acabei citando anteriormente, o meu nome é Thomas Klein, eu nasci em outro país, mas me mudei para cá nesta última semana. Eu te-

nho 15 anos de idade, gosto de praticar natação, algumas vezes eu jogo futebol e um dos meus sonhos é um dia ser bem-sucedido e ser capaz de orgulhar a minha família.

— Eu tenho um amigo que gosta de jogar futebol americano também, o nome dele é Benjamin e ele joga no time oficial do colégio dele – comentei sem pensar muito.

— Ah, desculpe, mas acredito que houve um pequeno engano. Eu não gosto muito de jogar futebol americano, e sim aquele outro esporte onde a bola é redonda e nós a chutamos com o pé. O objetivo dele é fazer com que ela atinja o gol do time adversário. Na realidade, eu acho que o futebol americano é muito violento e um pouco sem graça, visto que a bola nem ao menos é capaz de rolar caso a coloquemos no chão, por conta de seu formato meio achatado. Também acho que ele seja originado de uma nação um pouco hipócrita e orgulhosa demais, que se denomina “americana”, sendo que há muitos outros países no continente deles. Eu acredito que as pessoas darem tanto destaque para algo desse gênero seja concordar com essa atitude, do país de origem do esporte, de se intitular melhor do que os outros aleatoriamente. Quero dizer, aquilo nem se parece com futebol de verdade...

— Você tem alguns pontos, mas para mim está tudo bem que existam pessoas que gostem dele. Quero dizer, só porque preferimos uma coisa à outra não precisamos atacar e menosprezar o outro lado. Na verdade, quando você generaliza o caráter de toda uma nação você está sendo tão rude quanto pensa que eles são, não é mesmo? – afirmei secamente e decidida. Como alguém pode responder um simples comentário de uma pessoa daquela maneira? Não foi como se eu tivesse dito algo para ofendê-lo.

— Você fala como se realmente fosse capaz de enxergar a personalidade de uma pessoa pelo que ela é sem nem ao menos levar em

consideração o conceito já pré-estabelecido que você tem do lugar de origem dessa e de suas crenças. Não acha que a ignorante está sendo você, que age como se fosse moralmente perfeita? Pois aposto que assim que chegasse alguém diferente no seu mundinho, você seria uma das primeiras a julgar.

— Eu nunca falei que era perfeita e nem que não cometia erros morais. De onde você tirou essas barbaridades?

— Viu? Você mal falou uma frase e já foi hipócrita. Você sabia que quando diz que alguém é bárbaro, no sentido pejorativo, é porque, antigamente, uma nação denominou de “bárbaros” todos os outros povos que não faziam parte dela e usaram o termo da forma mais suja possível, como se os outros fossem inferiores. E mesmo séculos depois as pessoas continuam a falar desse modo, como se não fosse nada demais.

— Chega! Eu já estou farta desta discussão de vocês dois! Mal se conheceram e já estão nutrindo tamanha rivalidade? Por acaso se esqueceram qual é o lugar onde se encontram? A partir de agora eu só quero ouvir a voz de vocês caso essa venha informar alguma resposta sobre o conteúdo. Qualquer coisa que não se encaixe nisso será o suficiente para que sejam expulsos da sala. Eu fui clara?

— Foi sim, professora – Que ótimo! Eu tenho que levar bronca por conta de um garoto que mal chegou e não conseguiu controlar seus nervos.

— Foi clara sim, professora. Perdão pelo alvoroço, isso não vai se repetir. – disse ele.

Quando o intervalo chegou, fui beber água e molhar meu rosto para me acalmar. Eu estava explodindo de raiva por conta daquela cena. Quem ele pensava que era? O hipócrita era ele, que possuía mais orgulho em excesso viajando por suas veias do que o povo ao qual es-

tava criticando. Interrompi meus pensamentos quando Laura e Amélia se aproximaram.

— Ei, Helena, não liga para o que ele disse. Só demonstrou ser um menininho fraco, que desconta nos outros as suas frustrações individuais. E pensar que as pessoas ainda falam que ser “homem” é ser forte e prestativo. Se soubessem quantas atitudes infantis que já vi moleques tomarem...

A Amélia é muito sensata, acredito que ela já tenha sido vítima de muitos preconceitos por conta de seu sonho e que já tenha ouvido muitas vezes que era incapaz simplesmente por ser mulher. Isso deve ser revoltante. Mas nem por isso ela desiste. Às vezes me inspiro nela e busco ter a mesma atitude para conseguir meus desejos, assim que descubro quais são.

— Ela está certíssima, Helê. Você não falou nada de errado e nem tentou provocá-lo. A má educação veio de forma extremamente gratuita, chego a envergonhar-me por ele.

— Obrigada pelo apoio, meninas. Naquele momento eu queria agarrá-lo pelo pescoço e lhe ensinar a ser mais gentil, mas isso não adiantaria nada. Eu só iria gerar mais confusão. Ademais, retribuir ódio com ódio nunca vale a pena, pois acabamos ficando mais estressados do que a pessoa que nos chateou.

— Ninguém merece esse tipo de gente, Helena. Essa grosseria poderia até me fazer perder a fome, mas não podemos nos deixar atingir. Você ou a Laura querem um pouco dessas frutas que eu trouxe para o lanche? Hoje peguei mais do que o necessário para um indivíduo só.

Dividimos a refeição e depois voltamos para a sala. Era aula de geografia e estávamos vendo um mapa que mostrava quais nações possuíam modelos de governo iguais ao nosso, o socialismo, e quais eram

do contrário, capitalistas. O professor nos disse que deveríamos agradecer pelo comunismo, que prega a igualdade e a extinção da propriedade privada, pois, segundo ele, no capitalismo é cada um por si, a desigualdade é acentuada, as pessoas raramente pensam no bem-estar coletivo e o governo não tem grandes preocupações a respeito da distribuição dos recursos coletados de forma igualitária para o povo. Inclusive eles nem recolhem diretamente grande parte do que os cidadãos produzem. Então, cada um fica apenas com o que tem e com o que consegue comprar e isso era muito triste.

Eu não divido a mesma opinião que esse meu professor. Na teoria, tudo deveria funcionar perfeitamente no nosso país, já que estamos nesse tão elogiado “melhor modelo”, mas na prática não é isso que temos. Segundo os adultos que têm contato com outras cidades e que falam sem rodeios sobre o que eles veem, muitos cidadãos estão sendo perseguidos pelo governo, pois, embora nosso regime seja dito como democrático, não se tolera pessoas que o critiquem. Outrossim, não há essa utópica e igualitária justiça, pois as pessoas mais poderosas politicamente sempre possuem mais do que as outras e até são tratadas de melhor forma em alguns estabelecimentos. Ademais, sou incapaz de informar com propriedade se o que sai da boca do meu professor condiz com o que ele realmente pensa. Afinal, mesmo que ele apoiasse o capitalismo, não é como se fosse permitido compartilhar essa categoria de ideias nas escolas.

Até mesmo as famílias dos alunos podem ser investigadas caso esses demonstrem algum interesse no capitalismo; então nem sequer ousamos questionar sobre o assunto. Tenho a impressão de que, em alguns momentos, todos estão imaginando e tendo as mesmas dúvidas, mas ninguém tem a coragem de colocar isso para fora porque, além de possuir bravura, é preciso ser insano para cometer um erro desses. Ninguém quer ir para um gulag, não é mesmo? Os criminosos e inimigos

do governo são mandados para prisões com tal nome, que funcionam como campos de trabalho forçado, detentores de tenebrosas descrições que viajam pelos boatos.

O menino novo parecia inquieto e contrariado enquanto escutava a fala do nosso professor, como se suas ideias se acumulassem na gar-ganta e ele se controlasse firmemente para não revelá-las.

E assim a aula se encaminhou normalmente até que terminasse. Enquanto a professora de matemática não chegava, aproveitei para trocar alguns sinais silenciosos com a Laura. O pai de Laura possuía um livro que continha o passo a passo para aprender libras e, desde que descobrimos ele, estávamos aprendendo por conta própria quando tínhamos um tempo livre juntas. Antes de ver o livro, eu não fazia ideia de que isso existia. Dá para imaginar? É como falar com as mãos e expressões faciais, porém sem nenhum som. É um jeito que as pessoas com deficiência auditiva usam para se comunicar. Embora eu e minha amiga não conhecêssemos ninguém com essa deficiência, nós achamos o livro muito útil para nosso próprio benefício, pois com a libras abrimos um leque que a nossa comunicação através do olhar não possuía; podíamos agora conversar sobre diversos temas mesmo em carteiras diferentes, o que era maravilhoso. É claro que, já que só estudávamos de vez em quando, ainda estávamos em processo de aprendizagem e faltava muito para nos tornarmos fluentes nisso, porém já tínhamos o alfabeto em libras decorado na ponta da língua, ou melhor dizendo, na ponta dos dedos, além de sabermos algumas frases que não eram presas a ele. Então era possível transmitir os nossos pensamentos se conseguíssemos resumi-los em poucas e simples palavras.

“Você fez a tarefa de matemática? ” – gesticulei para Laura

“ Sim. Mas não entendi o exercício cinco direito, e você? ”

“Tive dificuldades, mas consegui fazer. O resultado deu 37, e o seu? “

“As minhas contas resultaram em 82, como assim? Que tal fazermos deste modo: quem acertar ensina a outra a resolver corretamente mais tarde? ” – sugeri.

“Brilhante! Tomara que pelo menos uma das duas tenha acertado. Chego a me arrepiar ao imaginar como nos sairemos na prova caso não entendamos a matéria”.

“Não diga isso nem de brincadeira!”

Em alguns aspectos, libras era mais simples do que o polonês. Um exemplo: na linguagem de sinais, para representar que uma frase está na forma negativa basta fazer expressões com o rosto e balançar a cabeça em forma negativa enquanto se faz os gestos com as mãos, e não precisa acrescentar mais nada. Já na língua falada existem inúmeras opções que se pode colocar como: nunca, não, jamais, entre outras. E precisamos saber todas, pois uma simples palavrinha muda completamente o que a outra pessoa está tentando dizer, obrigando-nos a permanecer sempre alertas em um bate-papo.

Eu também acho que a forma de chamar as pessoas pelo nome é muito mais lógica e até engraçada nas libras, pois além do seu nome escrito, que pode ser representado através do alfabeto, as pessoas geralmente têm um sinal próprio que representa como são chamadas. Normalmente você pode pedir para um surdo ou surda te presentear com um sinal. Assim, esse indivíduo verá uma característica marcante em você e determinará um gesto que se relacione com isso para ser o seu “nome”. O livro continha o seguinte exemplo: caso uma moça tenha um queixo que chame atenção, o seu nome pode ser algum gesto relacionada a isso. Segundo o autor, não era válido ficar trocando de nome caso não

gostássemos do que nos foi dado, mesmo que ressalte algum traço que não gostamos muito. Então eu imaginei que isso poderia ser um pouco estranho a princípio, pois ao dizer seu sinal para um colega, esse talvez ficasse instigado a reparar mais naquele seu detalhe.

De qualquer forma, minha amiga e eu pensamos em nos autonomear. Entretanto ficamos com receio de estar “burlando as regras das libras”. Então escolhemos continuar soletrando nossos nomes de nascimento mesmo até, caso isso aconteça um dia, conhecermos alguém com deficiência auditiva que esteja disposto a nos presentear com um sinal.

Quando olhei para a Laura novamente, percebi que ela estava balançando as mãos freneticamente para me fazer acordar para a vida de novo, pois eu havia me distraído e me perdido no meu próprio universo. Achei interessante, pois a linguagem de sinais nos permite conhecer um pouquinho sobre como seria não escutar. Precisaríamos que nossos amigos encostassem em nossos ombros para nos fazer emergir de nossos devaneios. Afinal, não adiantaria gritar conosco.

Quando ela percebeu que eu estava de volta à realidade, voltou a gesticular, mas desta vez não era nada específico das libras, e sim ela estava apenas apontando para o meu lado direito, como se quisesse que eu visse alguma coisa. Então fiz como ela sugeriu.

O aluno novo estava olhando para mim, o que eu estranhei. Será que ele estava querendo puxar briga novamente? Eu não cairia nessa. Se a professora chegasse e eu estivesse discutindo com ele, ela certamente me expulsaria da sala e eu já tinha suficientes problemas me rodeando. Então, quando ele tentou gesticular algo para mim, eu simplesmente virei o rosto. Não estava interessada em nenhuma grosseria que ele quisesse falar para mim. Já tinha tido o bastante antes do intervalo.

— Bom dia, alunos. Como vocês estão?

— Bom dia, professora – dissemos em coro.

— Hoje iremos aprender sobre trigonometria, especificamente a do triângulo retângulo. Alguém sabe o que é um triângulo retângulo?

— É um triângulo no qual um dos cantinhos de dentro dele formam um ângulo de 90 graus, professora? Aquele que se a gente pegar dois iguais e juntar formam um retângulo certinho?

— Parabéns! É exatamente isso mesmo. Qual o seu nome?

— É Thomas Klein, professora.

— Entendi. Então, já que estamos no último horário, suponho que você já tenha se apresentado para a turma e que possamos seguir a matéria?

“Sim professora, ele já se apresentou. Sorte a sua inclusive, pois você não vai ter o desprazer de ver o modo deselegante com que ele trata as pessoas depois disso”, pensei comigo mesma, antes mesmo de ele balançar a cabeça em concordância. Seguimos aprendendo o que eram os catetos, a hipotenusa e sobre as fórmulas do seno, cosseno e tangente de um triângulo retângulo. Para a minha irritação, o novo estudante se destacava muito em matemática e sempre recebia elogios que, na minha opinião, ele não merecia. Ou, melhor dizendo, eu não poderia negar que ele era bom naquilo, mas adjetivos tão doces que adentram as orelhas como se fossem melodia deveriam ser direcionados apenas aos indivíduos que fossem minimamente agradáveis, o que nem de longe era o caso. A professora concluiu todo o planejamento antes do esperado. Então, para a nossa alegria, tivemos 20 minutos para conversar antes que o sinal desse o ar da graça. Laura, Amélia, Edgar, Rita e eu nos juntamos em uma espécie de rodinha.

— Gente, estou chocada até agora com a atitude do Thomas a

respeito da Helena na aula de física – começou Amélia.

— Nem me fale – respondi.

— Ah, pessoal, vocês realmente guardaram ressentimento daqui-lo? Na minha perspectiva foi mais um mal-entendido. Eu sei que você, Helê, não quis ofender ninguém, mas se você estivesse no corpo de outra aluna poderia ver que as suas palavras davam a entender que você estava querendo contar vantagem sobre o Benjamin, por ele ser de um time oficial e o Thomas não. Então, ele deve ter se sentido atacado, por isso devolveu com grosseria. Além disso, eu vi um pouquinho de verdade sobre as pessoas se esquecerem que o futebol não se resume somente no americano – inesperadamente, argumentou Rita sem elevar a voz.

— Sou obrigado a concordar com a Ritinha, galera. Antes da aula eu estava no grupo que foi dar as boas-vindas para o Thomas, um pouco antes da Rita se juntar a nós, e ele era um cara legal, pelo menos à primeira vista. E no restante das aulas ele não tratou ninguém mal. Temos que levar em consideração que ele não conhecia nenhum de nós, então ele deveria estar nervoso por não saber o que esperar. Nós sabemos que a Helê de maneira alguma quis importuná-lo, mas ele não conhecia ela e nem sabia se era uma boa pessoa ou uma valentona que gosta de fazer bullying. Para mim, temos que lembrar que nem todos ficam quietos quando se deparam com uma provável provocação. Ele também não usou nenhum xingamento contra você, apenas argumentou, pois estava na defensiva – concordou Edgar.

— É, agora que vocês falaram isso, não posso fazer outra coisa a não ser concordar em algumas partes. Mas ainda acho que ele não precisava ter sido tão rude. Como vocês mesmo disseram, ele nem me conhecia. Concluo que nós dois tivemos uma parcela de culpa naquela discussão.

— Sim, sim. Foi só um engano, portanto vocês têm que se resolver logo. Eu te ajudo a puxar assunto com o Thomas outro dia, pois depois das ignoradas que você deu a ele, duvido muito que o garoto tentará tomar qualquer iniciativa de novo.

Dei um pequeno riso e concordei com a fala de Laura. Ela estava falando com sensatez. A próxima semana seria uma nova chance de resolver os desentendimentos da aula de física, mas por ora eu iria para casa e me ocuparia em ver se o meu recado havia chegado ao seu destinatário. O dia foi tão movimentado que não voltei a esse tema, nenhuma vez, na minha mente.

O almoço fez o seu delicioso cheiro alcançar as minhas narinas quando eu estava na entrada da minha moradia. Então um sentido se ligou ao outro e eu comecei a salivar ao pensar no saboroso gosto da refeição.

— Seja bem-vinda de volta, minha netinha. Como foi a sua manhã?

— Oi, vovó! Foi cheia de emoções, mas muito boa também.

— Você já vai lavar as mãos para comer?

— Vou sim, mas antes preciso trocar de roupa. A temperatura aumentou e agora estou quase morrendo de calor.

Segui para o meu quarto e, antes que estendesse meu olhar até a entrada do cômodo que o ex-prisioneiro habitava, uma folha cortada ao meio, que estava logo em frente à minha porta, prendeu meu olhar.

Olá, Helena.

Espero que a sua manhã tenha sido tão doce quanto a surpresa com que você me agraciou. Por enquanto, lamento muito pelo fato

de ser incapaz de conceder o desejo do seu bom coração, que anseia pela oportunidade de dar as boas-vindas a este simples ser humano que agora também está habitando a sua calorosa morada. Entretanto, peço que não te entristeças, pois creio que talvez o tempo em que os nossos caminhos se cruzarão chegará um dia.

Sobre o seu pedido de perdão, caso tivesse feito algo que não tivesse sido do meu agrado: não se preocupe, pois nenhuma desculpa é preciso.

Não podia acreditar que eu tinha obtido a minha resposta! O bilhete não possuía a identificação do remetente. Porém, se estivesse bem claro quem o havia mandado, eu teria agradecido. De qualquer maneira, eu agora podia ter certeza que não havia prejudicado o contentamento do ex-prisioneiro com a hospedagem, o que era um alívio, além de poder me decretar vitoriosa. Afinal, minha tentativa de estabelecer uma comunicação tinha oficialmente funcionado. O Benjamin e a Laura ficariam orgulhosos de mim. Finalmente um plano que alcançou seu objetivo sem provocar nenhuma catástrofe.

Rapidamente fui analisar o bilhete com mais privacidade na minha cama. A caligrafia manuscrita fora caprichosamente desenhada no papel. As formas de cada letra eram minuciosamente padronizadas em todas as palavras e as orações formavam linhas tão retas que era quase como se a folha tivesse sido anteriormente pautada. Se não fosse pela perfeita condição do papel e a ausência de qualquer marca, eu diria que o ex-prisioneiro havia feito linhas de lápis usando a régua e depois as tinha apagado. Outrossim, a forma de organizar as frases era lindamente poética e o vocabulário muito amplo. Era quase como se eu pudesse imaginar formas e cenários, mesmo o assunto sendo teoricamente simples e cotidiano.

Aquela organização das palavras despertava em mim a sensação

muito forte de déjà vu e melancolia, daquelas que chegam a apertar o peito de saudade de algo que não é possível mais alcançar. Embora fosse diferente, a maneira poética na qual o hóspede havia escrito lembrou-me das fábulas do meu avô Wicenty, a sua voz parecia poesia quando a escutávamos, e o significado de suas lições eram tão belos quanto a Lua. Mas, diferentemente desse astro natural que sempre acompanha o nosso planeta, eu não veria meu avô Wicenty em todas as noites, nem mesmo nas que possuísssem um céu isento de nuvens. É curioso o modo como coisas do nosso cotidiano nos lembram daqueles que partiram e que eram especiais para nós. Não era a primeira vez e nem seria a última que isso aconteceria, mas sempre era angustiante quando algo me trazia uma densa saudade de meu querido avô de forma inesperada. Era quase cruel proporcionar tal emoção a alguém e não permitir que este alcançasse o objeto de sua falta. Essa é uma sensação que só quem já passou por uma perda conhece.

— HELENAA!

Minha avó gritou meu nome para que eu fosse ter a minha refeição. Então coloquei o bilhete entre as páginas de um de meus livros, deixando só uma pontinha para fora, quase como se fosse um marcador, e parti.

— Está tudo bem, Helena? Teria algum motivo para esse seu semblante de tristeza? — indagou minha avó Aurora.

— Nada específico, vovó. Estava apenas perdida em meus devaneios.



Z



Gotas de saudade

Querido diário,

Hoje é Shabat, já estamos no meio da noite e estou sentada no sofá da sala de estar com o Barth. Ele está mexendo no meu cabelo com as suas garras e bico, deixando o topo de minha cabeça com inúmeros fios arrepiados. Mas tudo bem, pois a sensação é muito boa, apesar dos pequenos beliscos que às vezes eu tomava sem que ele tivesse a intenção. Como de costume, fomos ao templo, usamos as vestimentas corretas, fizemos as refeições com a louça que pertencia a minha falecida tia-avó Tarsila, que eram usadas somente em ocasiões especiais, e ouvimos as bênçãos que agora eram feitas pela vovó Aurora, desde que o vovô passou a não estar mais entre nós. Caso você me pergunte o que o ex-prisioneiro faz nos fins de semana, já que ele não aparece quando eu e mamãe estamos em casa, bem, a vovó fala que ele sai bem cedinho para ir à casa de alguém e volta na madrugada de segunda feira. Não me pergunte o porquê, pois eu também não faço a mínima ideia.

Estou aqui, pois queria compartilhar contigo alguns pensamentos. Já faz alguns meses que o Theo não manda notícias. Isso é esquisito e frustrante, pois ele nunca demorou tanto tempo assim. Todavia eu entendo que não é culpa dele, pois os correios podem demorar muito tempo para percorrer toda trajetória e eles muitas vezes fazem as entregas por ordem de urgência. Eu sei que, para eles, acalmar uma família que está longe de um de seus integrantes não é prioridade, caso existam documentos de pesquisa que precisam ser levados para outros institutos. Mas eu gostaria de ver as reações que eles teriam se a angústia que me assola os alcançasse.

O Theodor saiu com apenas uma mala pelos portões da nossa residência e até hoje eu não comprehendo como pode caber tantos pedaços de nós três lá dentro. Só sei que conseguimos sentir o vazio de nosso interior que antes era preenchido por essas partes que meu irmão levou com ele e não devolveu. Não sei se você, querido diário, sabe como é

ter um v c oio incapaz de ser preenchido na sua alma, mas eu posso te afirmar com propriedade que  demasiadamente ruim.

Agora eu não posso mais brincar com ele nos balanços das pr cas e nem o importunar quando está concentrado em seus temas cosmon uticos. Ele não traz mais o leite morno da vaquinha e nem reclama da quantidade de vapor no banheiro quando ia se lavar depois de mim.

Ele não está aquí para que para rir comigo, nem para dividir o peso das situa es que nos abalam, e eu não estou l  para ajudá-lo, nem para obrigá-lo a admitir os motivos que o deixam com uma expressão de infelicidade e nem para ser o alvo de suas inocentes provoca es, que antes me deixavam brava, mas que agora me entristecem por sua falta.

Parei de escrever quando a minha mãe entrou saltitando e cantarolando uma música que eu não pude identificar. Eu sei que para a maioria dos seres humanos essa   uma atitude relativamente comum, mas não para a minha mãe. Ela geralmente era bem séria e mesmo quando estava contente não fazia essas coisas, ou seja, são poderia significar que algo divino estava acontecendo bem debaixo do meu nariz e eu não estava percebendo.

— Ei! Eu sei o que você está escondendo, mãe.

— Você sabe, minha filha? — disse ela com um ar brincalhão.

— Poderia, por favor, me deixar ver também?

— Ver o quê? — falou ela entre risos, fingindo não entender o que eu estava questionando, enquanto caminhava para fora da sala de estar.

— V oo o! A minha mãe não quer me deixar pegar a carta do Theodor de novo. Poderia vir aqui, por favor?

Como em um passe de mágica, vovó Aurora surgiu no cômodo, como se tivesse brotado por geração espontânea naquele exato instante.

— Espere, chegou uma carta do nosso Theozinho? Vamos Kataryna, mostre-a!

Minha mãe abriu um largo sorriso, as extremidades de seus lábios chegaram tão próximos das orelhas que eu cheguei a desconfiar que suas bochechas desapareceriam e que ela não seria capaz de voltar ao normal. Em seguida, tirou o envelope de baixo da camiseta, na parte das costas, e nós três nos amontoamos no sofá, com a minha mãe sentada no meio para desfrutar da leitura.

Esses eram sempre belos momentos entre as garotas da família. Nós nos reuníamos para devorar cada pedacinho da carta, normalmente a relíamos pelo menos três vezes, com o intuito de não deixar escapar nenhum detalhezinho. Criávamos teorias a respeito dos parágrafos que poderiam esconder informações nas entrelinhas e nos que eram mais abstratos. Era uma chance de entrar na vida do Theo novamente, mesmo com quilômetros nos separando. Já que ligações não eram permitidas para os novatos de lá, as cartas eram o único meio pelo qual podíamos saber sobre a sua saúde e bem-estar. É claro que o Theo tinha notícias bem mais interessantes ao nosso ver. De vez em quando ele usava alguns termos técnicos de sua área que não pertenciam ao nosso vocabulário cotidiano, porém ele sempre os explicava. Os seus envelopes habitualmente vinham acompanhados de um cheiro característico que virou sua marca registrada. Para fazê-lo, ele pegava de uma a três folhas de uma planta característica daquela região e as deixava junto com o papel. Assim, mesmo que a planta secasse devido à demora da viagem, seu odor permanecia, mesmo que fraco. Já cheguei a me perguntar se ela seria algum tempero típico, pois eu sei, por experiência própria, que os temperos mantêm guardada a sua essência mesmo depois que perdem o verde vivo de suas estruturas, conseguindo até dar mais sabor à

culinária.

— Hoje eu que vou ler em voz alta – decretou minha mãe.

— Que injusto, mamãe! Isso não seria um claro abuso de autoridade?

— Shiiu, Helena! Eu quero ouvir a Kataryna e estou ficando impaciente. Você já leu das últimas duas vezes.

Contrariada, eu acabei aceitando e fiquei em silêncio enquanto minha mãe limpava a garganta e começava a ler.

Mamãe, vovó e Helena dos cabelos flamejantes,

Sei que vocês devem estar morrendo de preocupação. Então, desde já, responderei as perguntas que eu sinto que a vovó Aurora faria. Sim, minha amada vovó, eu estou comendo certinho tanto em relação aos horários quanto à quantidade de alimentos que coloco em meu prato, me agasalho muito bem quando está frio e inclusive estou usando muitas vezes a blusa que a mamãe me deu de presente. Sempre que a visto, lembro de todas vocês e os meus músculos cardíacos se contraem de saudade. Ah, eu tenho feito vários exames médicos regularmente, pois é preciso ser saudável para se tornar cosmonauta. Então, posso garantir para você, mamãe, que a minha saúde chega a ser reluzente tão boa que está.

Em muitas noites, quando deito minha cabeça no travesseiro, viajo de volta para Lublin ao encontro de vocês, interagimos nas inúmeras memórias que criamos juntos e lá os sorrisos permanecem tão vibrantes que é quase como se não estivessem no passado. Tenham certeza de estarem dando risadas no presente para que no futuro, mesmo que próximo, nunca faltem gostosas e aconchegantes lembranças.

Depois que saí do internato “Thomas Tattó”, recebi muitas outras oportunidades na União Soviética. O meu professor falou que, já que eu estava me destacando entre os outros jovens, eles tinham interesse em continuar investindo em mim. Fiquei muito feliz ao perceber que estava fazendo um bom trabalho e que possuo um grande potencial, pois admito que algumas vezes já fiquei com medo de depois de tantas lutas descobrir que não era adequado para a profissão de meus sonhos. Mas, graças ao Criador, está dando tudo certo. Eu simplesmente não consigo me imaginar fazendo outra coisa da minha vida. Tudo que está acontecendo é literalmente um sonho se tornando realidade para mim. Como eu queria que vocês estivessem aqui! Eu agradeço todos os dias ao nosso Deus por eu ter nascido em uma família tão maravilhosa. Vocês me incentivaram a não desistir dos meus desejos, não importando o quanto absurdo eles pudesse soar. Vocês me ajudaram a pesquisar sobre quais provas eu deveria fazer, onde eu deveria ir para conseguir entrar nesse meio e conquistaram, junto comigo, os materiais que eu necessitava para os meus estudos. Dizem que cada um tem o que merece, mas mesmo tendo raciocinado muito a respeito, eu não consegui achar o que eu fiz de tão estupendo assim para merecer vocês. Vocês são minhas três mulheres preferidas e são absolutamente tudo para mim.

Tenho muito trabalho aqui no instituto. Nós aprendemos muitas coisas sobre o corpo humano, como deveríamos usar a força física caso fôssemos para uma missão e também nos ensinam a cozinhar, vocês acreditam? Obviamente os chefes de cozinha daqui não alcançam nem a sola de seus pés, vovó Aurora, mas não espalhe para eles que eu te contei isso, tudo bem? Se eles ficassem sabendo, me repreenderiam por estar duvidando das capacidades de nossos chefes. Mas você sabe que eu seria incapaz de mentir para a senhora ao dizer que já comi pratos mais deliciosos que os seus aqui. Sem falar que muito do que nos ensinam sobre cozinha está relacionado a como lidar com algumas comidas desidratadas e embaladas a vácuo, que teríamos caso estivéssemos

no espaço. Ainda estou tentando me acostumar com seus sabores, mas olha: quem já viveu se alimentando das gostosuras que a vovó Aurora faz, dificilmente irá se acostumar com coisas de menores qualidades. Mas tudo bem, é um pequeno sacrifício em prol de um sonho que já não é mais tão infantil para mim.

Outrossim, temos aulas de primeiros socorros, que são muito interessantes. Os professores dizem que saber primeiros socorros no espaço sideral é tão importante quanto saber isso na guerra, pois, embora sejam situações completamente diferentes, em ambas você está longe de qualquer hospital, ou seja, estaríamos encravados caso nos feríssemos e não soubéssemos como nos tratar.

Ah, agora vou contar uma de minhas partes favoritas: eu tive o privilégio de ver um foguete inteirinho por dentro e por fora. Foi IN-CRÍ-VEL! Ele era gigantesco e estava bem ali na minha frente. Vocês três são sequer capazes de imaginar a cena? Por um milagre eu não desmaiei de tanta emoção e mantive o foco, afinal não estávamos ali para diversão, e sim para adquirirmos conhecimentos sobre toda a parte estrutural dos foguetes. Vocês ficariam surpreendidas pelo tanto de informações que eu anotei em tão pouco tempo naquele dia.

Ainda sobre equipamentos técnicos, estudamos sobre os trajes espaciais (são as roupas que teríamos que usar caso fôssemos para o espaço). Eu sei de cor e salteado todos os componentes dele e suas funções. Sei também como fazer alguns reparos emergenciais, entre outras coisas como vesti-lo e tirá-lo.

A minha aula favorita é sobre gravidade zero, não somente a parte teórica, mas em específico a prática. Eu aposto que eu daria boas risadas ao ver a reação da Helena ao sentir na pele os efeitos dela. Aqui na Terra a gravidade sempre nos puxa para baixo. Aliás tenho uma curiosidade para vocês: estamos errados ao nomear o número que

vemos na balança como “peso”, porque a balança mede nossa MASSA e é ela que é calculada em quilogramas. Já o nosso peso é medido em Newtons (escala que usamos para medir a força) e encontramos ele fazendo uma simples conta de multiplicar entre a nossa massa e a força gravitacional. Aqui, se formos na balança e falarmos para o professor que o nosso “peso” é um tanto de quilogramas, é provável que levemos até um puxão de orelha e vejamos chamados de incompetentes. É engraçado por um lado, mas não faço essas brincadeiras para não acabar saindo prejudicado por conta disso. Voltando a falar da gravidade zero, quando estamos nela, explicando simplificadamente, não há nenhuma força nos puxando para baixo. Assim, nos sentimos bem mais leves e conseguimos dar pulos muito mais altos do que os que estamos acostumados. É muito divertido.

Ah, acabei de me recordar que agora eu tenho uma resposta mais concreta para uma dúvida que a vovó tinha quando eu era criança. Lembro que uma vez ela comentou que passou por alguns estrangeiros que estavam falando sobre “astronautas” e, assim que chegou em casa, me questionou se não era para isso que eu estava estudando. Eu expliquei que queria ser “cosmonauta”, pois era esse o nome que estava nos meus livros, mas eu não sabia muito bem a diferença. Simplificando para vocês três, cosmonauta e astronautas fazem praticamente as mesmas coisas, porém são profissionais de lugares diferentes. Enquanto nós, que somos da União Soviética, somos chamados de cosmonautas, os países capitalistas usam o termo astronauta para os profissionais dessa área.

Mudando um pouco o tema desta carta, venho avisar que tenho uma novidade na qual vocês ficarão muito interessadas, mas serei um pouquinho malvado e as deixarei curiosas por enquanto, pois só vou contar pessoalmente. Sim: eu escrevi “pessoalmente” e é exatamente o que vocês estão pensando. Em breve eu serei liberado por algumas

semanas para fazer uma visita a vocês. Não direi a data, pois desejo surpreendê-las. Eu até afirmaria que irei demorar, porém temos muitos documentos que precisam ser urgentemente enviados para alguns lugares, então acredito que demorará mais do que estamos acostumados para que os carteiros consigam entregar as cartas pessoais. Assim, tem a possibilidade de a data já estar perto quando vocês lerem essas notícias. De todo jeito, não se desesperem, pois pode até demorar um bocadinho. Porém elas sempre vão chegar, porque eu SEMPRE penso em vocês.

Saudade do seu abraço, mãe, do seu cafuné, vovó Aurora, e do seu único jeitinho de ser, Helena.

Com um amor tão infinito quanto o universo,

Theodor.

A última frase foi lida entre soluços e lágrimas pela minha mãe, mas não era somente ela que estava chorando. Eu estava em uma montanha russa sentimental que oscilava entre felicidade e tristeza, pois finalmente o Theodor ia voltar para casa, mas ele ainda não estava ali. O Barth estava agora no meu ombro, me observando.

— O meu menino, o meu precioso menino retornará! — disse mamãe no meio de seu pranto.

Quando eu a via nesse estado, eu fazia uma nota mental para nunca morar muito longe de Lublin, pois eu não queria que minha mãe chorasse assim por minha causa também. Ela já perdeu muitas pessoas que amava: o vovô Wicenty que partiu, o Theo que está seguindo seus sonhos e o meu pai, aquele que ela nem sabe qual foi o paradeiro. Será que quando o meu irmão mais velho saiu com sua bagagem ela teve medo que ele pudesse não retornar? Assim como foi com o meu pai, uma promessa não concretizada? Eu jamais havia parado para reparar

nisso, pois, além do meu avô e de Dorotha, eu não tinha perdido mais ninguém.

Aparentemente, minha mente e a da minha vó estavam em uma misteriosa harmonia, pois as palavras que saíram de sua boca foram:

— Eu sei, minha filha, que é difícil aceitar que tentar segurar aqueles que nós amamos para nós mesmos é como agarrar a água: não importa a força que usemos, ela sempre escorre por entre os nossos dedos ou por algum espacinho que encontra. E mesmo se tentarmos permanecer com as mãos em formato de concha para sempre, a água é tão danada que depois de algum tempo daria um jeito de evaporar. A gente sabe que quando os filhos aprendem a voar, existe sim uma possibilidade de que eles deixem o ninho, pois nem todos os pais tiveram a mesma sorte que a minha, de poder guardar meu primogênito tesouro debaixo das asas por tanto tempo. Talvez um dia o mesmo aconteça com a sua Heleninha, mas você será corajosa o bastante para apoiá-la em suas decisões e se manter firme e eu estarei aqui com você quando precisar. Você não estará sozinha.

A vovó envolveu a minha mãe em um abraço bem apertado e fez um sinal para que eu me juntasse a elas. Então eu deixei o meu querido papagaio no sofá e fui para fazer o que ela tinha sugerido. Quando isso aconteceu, minha mãe não pôde se aguentar e começou a chorar descontroladamente.

— Ei, mãe, não fique assim! Eu não vou sair nunca daqui.

— Helena, nós até que gostaríamos de acreditar nisso, mas te conhecendo, você e Kataryna são diferentes e é capaz desse seu espírito aventureiro te levar para os mais amplos horizontes. Está tudo bem, pois a sua mãe não ficará sozinha e ela sabe que, se algo apertar, bastará assobiar para que os passarinhos já crescidos venham ajudar. — respondeu

minha avó no lugar de mamãe, que estava incapacitada de dizer algo naquele momento.

Nós ficamos ali até a chuva que saía de seus olhos virar, gradativamente, uma garoa e depois somente algumas fungadas de nariz. Ela se retirou para o seu quarto com os olhos inchados e a pele que fica logo abaixo das narinas meio irritadas de tanto que as havia enxugado.

Eu também estava um pouco abalada, pois não era algo comum ver a minha mãe extravasando seus sentimentos com tanta sinceridade e inocência na frente de alguém, nem mesmo da família. Acredito que ela não gosta de se sentir exposta e de revelar que lá no fundo é como todos os indivíduos, independentemente de seu gênero ou nacionalidade: vulnerável. Pelo que percebo, ela não gosta de perder a sua pose de vaso inquebrável, mas é possível ver pelos remendos que formam os lindos desenhos de sua trajetória, que ela já se despedaçou e precisou ter seus caquinhos colados novamente em suas devidas posições. Naquela noite, eu fui dormir tarde, até que os meus nervos se acalmassem, e peguei no sono pensando nas palavras de minha avó a respeito de onde eu estaria quando me tornasse adulta. A parte ruim de ter que voar pela primeira vez é que, se você não faz direito, tem a chance de cair do topo de uma alta árvore.

O domingo chegou com uma leve garoa matinal que logo passou, dando espaço para mornos raios solares, e todas fomos fazer nossas atividades cotidianas. Ainda era primavera, então no quintal havia abelhas carregando o pólen que tinham pegado das flores em suas patinhas para algum lugar onde provavelmente se localizava sua colmeia. Eu estava tirando o pó de minha estante de livros quando levei um susto ao ouvir um barulho muito alto que indicava que alguma panela tinha sido derrubada de uma altura considerável e atingido com tudo o chão. Fui imediatamente ver se algo estava acontecendo, pois a vovó tinha muita coordenação motora e, diferente de mim, raramente quebrava copos ou

derrubava objetos.

Chegando até a cozinha, minha avó estava pegando a panela do chão enquanto conversava com alguém que estava na porta da cozinha.

— Desculpe a minha reação, senhor. É que fiquei bastante surpresa, pois não esperava uma notícia tão boa. Recebemos uma carta de meu neto ontem mesmo e normalmente leva bastante tempo até termos outras. Então, quando o senhor me informou que havia outra carta, meus braços fraquejaram de alegria por breves segundos.

Não precisou de muitos milésimos de segundo para que eu identificasse a silhueta que tinha entrado na propriedade. Uniformizado daquela maneira, carregando uma bolsa enorme, cheia de envelopes na garupa da bicicleta: claramente um carteiro.

— Carteiro — corri em sua direção. — Vovó é mesmo o carteiro! Ele veio entregar alguma coisa do Theodor?

— Olá, menininha! Estou muito envergonhado em dizer isso, mas quase perdi uma carta muito importante de vocês. Por algum motivo, esse envelope estava grampeado ao que vocês já receberam, porém ele se soltou dentro da minha bolsa e se misturou com os outros. Então, quando terminei todas as minhas entregas de ontem, percebi que esse havia sobrado, mas já era tarde da noite. Por conta disso, vim entregá-lo agora a vocês.

Minha mãe surgiu repentinamente e veio se juntar a nós. Minha avó assinou os papéis precisos, agradeceu o carteiro e depois ele partiu.

Já que ainda estávamos no fim de semana, nós aproveitamos para abrir a carta e ler imediatamente.

— Não sei se o meu coração pode aguentar mais uma dessas —

disse a minha mãe.

— Não se preocupe, mamãe, estamos todas juntas e, mesmo que você precise chorar mais um pouco para aliviar a sua alma, estaremos aqui.

Mamãe, vovó e Helena,

Aqui é o Theodor de novo, como já é do conhecimento de vocês. Acredito que vocês já tenham lido a primeira parte dessas minhas palavras. Felizmente ou não, desta vez o pacote entregue pelo carteiro terá o dobro de conteúdo, então vocês poderão ficar sabendo mais um pouquinho do que está se passando por aqui.

O motivo de vocês estarem recebendo esta folha de papel é que decidi contar a novidade para vocês agora mesmo. De primeira eu pretendia fazer um grande suspense e revelar isso apenas pessoalmente, mas o universo trouxe uma pequena chuva de meteoros, se é que vocês me entendem, que fez com que eu tivesse que adiar o meu planejamento. Por conta de alguns acontecimentos confidenciais que, como o próprio nome sugere, eu não posso revelar para pessoas que não pertencem ao instituto, mesmo sendo vocês, a minha ida para casa demorará mais algum tempo. O período de atraso é indeterminado por enquanto, por isso sinto que manter essa novidade em segredo por um maior período seria como traer cada uma de vocês, que sempre estão por dentro das importantes escolhas que tomo em relação a minha vida.

Sem mais delongas, eu tenho uma namorada. O nome dela é Ísis, nós nos conhecemos quando eu fui comprar pão e passei por um gramado onde ela estava ensinando algumas crianças a montar a cavalo, em pôneis na verdade. Então eu me apresentei e um acontecimento foi gerando outro... Enfim, estamos em um relacionamento sério há pouco mais de dois meses, mas provavelmente já terá passado mais tempo

quando as notícias chegarem até vocês. É desnecessário que vocês esquentem a cabeça a respeito do caráter dela, pois ela é muito gentil, educada e absolutamente perfeita para mim. Ela é decidida e sabe o que quer, isso inclusive foi uma das características que fez com que eu me apaixonasse perdidamente por essa garota. Tenho certeza que vocês três também irão amá-la quando a conhecerem.

Sobre a aparência dela, ela possui medianos cabelos castanhos e cacheados, que são incrivelmente deslumbrantes, é alta e tem 18 anos também. Eu sinto que ela me completa, sabe? Sempre me disseram que essa sensação é completamente incontrolável e eu duvidava quando era mais novo, mas amar alguém, mesmo que a tendo conhecido há poucos meses, é algo completamente embriagante e maravilhoso. Por favor, não fiquem bravas e nem enciumadas, pois ela não veio para competir com vocês, nem mesmo para me roubar de minha preciosa família. Na realidade, espero que vocês possam aceitá-la e, quem sabe, considerar ela como um mais novo membro do nosso invejável e unido grupo. Minhas expectativas estão bem altas a respeito desse meu novo e primeiro real relacionamento, mas - quem sabe? - o Criador tenha me presenteado com a oportunidade de conhecer cedo assim a alma que está destinada a mim.

De todo modo, era isso que eu gostaria de contar para vocês. Eu me sentiria muito culpado se não aproveitasse para enviar essa notícia junto com a carta anterior, pois já que eu sei que demorarei para revê-las, não quero esconder absolutamente nada. Afinal, esse nunca foi o meu objetivo. Então, por aqui eu vou me despedindo. Não esqueçam de continuar brilhando como estrelinhas no céu.

Com amor,

Theodor.

Quem leu as palavras de Theodor em voz alta desta vez fui eu.

E no final de sua assinatura eu estava simplesmente boquiaberta, do mesmo modo que mamãe e vovó. Demoramos vários minutos enquanto tentávamos engolir tudo aquilo, mas aquela informação era demais para qualquer uma de nós digerir assim tão facilmente. Guardamos o envelope junto com os demais em silêncio, perdidas na confusão de nossas próprias cabeças. Embora eu a princípio não possuísse nenhuma razão para detestar a moça, eu não me imaginava conseguindo gostar dela nem mesmo no futuro.

— Era só o que me faltava! Já não bastava o físico de Theodor estar em um lugar distante, agora talvez tenha um fator muito poderoso que prenda seu coração lá também – falou minha mãe, com a voz instável, como a de quem está prestes a chorar.

— Kataryna, minha filha, não fique assim. Já sei! Que tal darmos uma volta pelas redondezas para respirar um ar mais fresco e conversarmos sobre isso? Devemos permanecer calmas. O Theodor mesmo disse que ela não entrou na vida dele com o intuito de competir com a gente.

Minha mãe e eu concordamos com a cabeça. Nós três andamos sem rumo por algum tempo, enquanto apreciávamos as paisagens e a beleza das flores.

Quando voltamos já estava entardecendo e as nuvens coloriam o céu com tons de amarelo, laranja, rosa e azul. Cerrei meus olhos para identificar as duas figuras que estavam sentadas perto da entrada da casa: Laura, aparentemente com uma mochila preta nas costas, e Benjamin.

— Oi, gente! Eu não esperavavê-los por aqui neste confuso domingo – falei feliz emvê-los, porém ainda atordoada pelo fato de meu irmão possuir uma namorada.

— Ah, vocês voltaram! Está tudo bem? – perguntou o Ben ao notar nossas expressões.

— Na verdade, só estávamos andando pelas redondezas para pensar sobre algumas notícias que recebemos sobre o meu irmão, mas no geral está tudo bem sim, obrigada por perguntar. Mas e vocês? Que legal que vocês vieram, mas o que fazem por aqui neste fim de tarde?

Todos se cumprimentaram e Laura revelou o porquê de ambos estarem juntos ali.

— Ben e eu decidimos fazer uma surpresa para você hoje. No seu aniversário nós percebemos o quanto sentíamos falta de ter o trio reunido pelo menos um pouquinho, então a minha mãe conversou com a Dona Aurora em segredo para perguntar se nós dois poderíamos vir jantar aqui hoje.

— Ah, desculpem meninos, fiquei tão atordoada por algumas coisas relacionadas ao meu neto que até esqueci que vocês viriam hoje. Mas sejam muito bem-vindos e podem entrar. Desculpa tê-los deixado para fora. Tomara que não tenham esperado por muito tempo.

— Não se preocupe, dona Aurora. Laura e eu acabamos de chegar, não faz nem dez minutinhos.

Nós entramos e nos sentamos nas cadeiras que ficavam em torno da mesa, enquanto minha avó preparava uma salada de cenoura e um saboroso *kotlet schabowy*, um prato polonês que consiste em uma parte da costela do porco feita à milanesa. Quando acabamos de comer, todos voluntariamente ajudaram um pouquinho a arrumar a bagunça. Vovó ensaboava as louças, minha mãe enxaguava, eu secava, Laura guardava e o Benjamin havia desfeito a mesa e jogado os restos de alimentos num cestinho específico para depois juntarmos com a comida dos porcos. Quando nos demos conta, tudo estava pronto em tempo recorde. Laura então chamou a minha atenção e a de Ben para que fôssemos lá na sala, pois havia algo que ela queria nos mostrar. Fizemos como ela pediu.

Assim, ela pegou a mochila que havia trazido e abriu o zíper.

— Não vale espiar! Vocês dois virem de costas - ordenou.

Obedecemos, intrigados pelo suspense repentino.

— Já faz vários anos desde o começo de nossa amizade. Ela sobreviveu a várias turbulências, incluindo a mudança de escola de um dos membros do trio. Apesar disso, olhem para nós: estamos reunidos! E, apesar de isso não acontecer diariamente, nossos laços não enfraqueceram e, para mim pelo menos, isso é motivo de comemoração. Então, aproveitei algumas promoções que encontrei durante esses últimos três meses para planejar isso. Podem virar.

Voltamo-nos para nossa amiga novamente e, para a nossa surpresa, ela tinha em cada uma de suas mãos um embrulho diferente. O primeiro era em formato retangular e preto, com um laço vermelho. O outro, bem menor, era um saquinho de tecido verde-escuro, amarrado com uma fita cor-de-rosa.

— Em homenagem a nós mesmos e àquela nossa foto que foi tirada anos atrás na Colônia de Férias: este maior é o seu, Helena, e este outro é do Benjamin. Mas não julguem pelo tamanho, pois cada um ganhou algo que tinha mais a ver com a sua personalidade.

Abrimos os embrulhos. O meu presente era um livro com o título “Os três Mosqueteiros”, e o de Ben era um chaveiro prata em formato de uma espada.

— Meu Deus! Eu amei, Laura, muito obrigada! Você realmente sabe tudo sobre os meus gostos, inclusive a parte de mim que é apaixonada por literatura.

— Este chaveiro é muito bonito, obrigado! Vou colocá-lo na bol-

sa que levo para os treinos. Mas e você, Laura?

Laura revelou sua nova agenda que possuía a silhueta dos três mosqueteiros com seus grandes chapéus e com suas espadas voltadas para um céu noturno e muito estrelado.

— Ah, antes que eu me esqueça! Ben, desculpe decepcioná-lo, mas tenho algo a mais para a Helê, pois eu não poderia permitir que só você tivesse sua própria marca na pulseira que deu a ela.

Minha amiga tirou um delicado pingente prata em formato de menina do bolsinho do lado de sua mochila e me entregou. Eu, comovida, coloquei-o na minha pulseira junto com os outros.

— Laura, você não poderia ter escolhido nada que te representasse de uma maneira melhor. Eu, definitivamente, vou lembrar de você quando olhar para ele.

— Gente, é uma pena termos que interromper isso tudo, porém já está na hora de Laura e eu voltarmos para as nossas respectivas casas.

Eles se despediram e o Ben disse que acompanharia a Laura, pois poderia ser perigoso se ela voltasse para casa sozinha. Então os dois seguiram pelos seus caminhos e eu os fiquei observando até que seus corpos virassem nada mais que pontinhos na paisagem noturna.



8



Nuvem de pensamentos

Esfreguei meus olhos e me estiquei o máximo que pude na minha cama. Eu provavelmente teria que me apressar, afinal já estávamos na segunda-feira de novo. O meu braço esquerdo estava formigando, pois eu estava deitada em cima dele. Então fiquei balançando freneticamente até que a sensação passasse. Coloquei os meus pés no chão de madeira procurando algo para calçar. Mas algo estava estranho, pois eu estava com apenas uma de minhas meias no pé. Já sei! Baguncei os cobertores e consegui encontrar a fujona que havia saído do meu pé à noite e se escondido.

Terminei de me arrumar e lavei o rosto no banheiro para retirar algumas remelas secas que estavam grudadas nos meus célios. Tomei o meu lugar na mesa para o café da manhã. Ainda era cedo, então aproveitei para jogar conversa fora com a minha avó enquanto me alimentava.

— Adivinha quem resolveu fazer um agrado e ir pegar o leite da vaca em seu lugar hoje? – falou vovó em forma de charada.

— Então você fez isso para mim? Obrigada! – peguei um copo cheio de leite e apanhei algumas bolachinhas.

— Não é isso. A sua mãe levantou bem cedinho e fez essa tarefa hoje. Ela disse que precisava se distrair com algo antes de começar o trabalho. Acredito que ela ainda está meio impactada após saber que o seu irmão demorará mais um pouco e que agora ele tem uma nova companheira – respondeu vovó, dando sorrisinhos.

— Vovó, você fala dessa maneira, mas ontem você também parecia estar bastante chocada. Algo a fez mudar de opinião? – perguntei após terminar de mastigar uma bolacha.

— Digamos que eu tenha pensado ontem à noite no que o seu irmão escreveu e... Bem, eu cheguei à conclusão de que, se essa tal de Ísis for de fato boa gente, seria uma maneira de animar mais as coisas nesta

casa, não é mesmo? E não posso ser negativa por conta dessa situação, afinal um dia também chegará a sua vez e eu aposto que você preferiria que a nossa família te apoiasse caso você se apaixonasse por um menino e esse valesse a pena. Os meus netinhos estão crescendo, que orgulho!

— Vovó, sinto te desapontar, mas já pode tirar essa ideia da sua cabeça, pois eu, Helena, decreto que não cairei de amores por ninguém tão cedo.

— O Theo também falava a mesma coisa há alguns anos hein! Mudando de assunto, eu sei que o papo está bom, mas a dona Helena precisa que a sua boca pare de falar um bocadinho e agilize o processo de terminar o café. Isso é, se alguém quiser chegar a tempo no ponto de ônibus.

E mais uma vez eu havia me entretido demais nos assuntos. Infelizmente, desta vez, quando eu cheguei já era tarde demais. Eu só fui capaz de ver Benjamin balançando a cabeça negativamente, de brincadeira, é claro. Que massada! Se eu corresse para casa ainda daria tempo de ir de bicicleta.

Minha avó ainda estava na cozinha quando eu cheguei ofegante.

— Você não iria pegar o ônibus, Helena? — questionou vovó, embora já soubesse a resposta.

— Eu acabei perdendo ele hoje, mas ainda dá tempo de chegar antes da primeira aula se eu pegar a bicicleta — inspirei e expirei profundamente para recuperar a compostura e acalmar os meus batimentos cardíacos.

— É uma boa solução, afinal você raramente está andando de bicicleta. Será uma boa oportunidade para desenferrujar - disse ela.

— Ei! Eu não estou enferrujada, vovó Aurora!

— Sim, sim, Heleninha. Mas deixe-me deduzir algo que tem passado bastante pela minha mente recentemente: existe algum motivo especial para a minha neta ficar com esse rostinho de criança que deixou seu balão voar sempre que perde o ônibus? Soube que você e o Benjamin sempre sentam juntos...

— Vovó, já adianto que não é nadinha do que a senhora está pensando! Eu fico frustrada, pois perder a minha carona significa que terei que me exercitar muito para chegar até a escola. E sobre o Ben, nós sentamos juntos sim, mas é só porque é uma das poucas ocasiões que temos tempo para conversar. Eu não sei se contei para a senhora, mas o Benjamin agora faz parte do time oficial de futebol americano da escola dele, então tem ainda mais horas de treinos para se dedicar.

— Entendi, Heleninha. Uma última dúvida: você não comentou que deveria se apressar para chegar no horário?

Voltei para a realidade e fui pegar meu meio de locomoção velozmente. Era nítido que tinha perdido um pouco do costume, então precisava fazer mais força com as pernas do que antigamente. Mesmo assim, eu ainda era muito boa nisso e praticamente deslizava pela estrada. Eu usava a minha já velhinha bicicleta vermelha. Agora ela não tinha mais as fitas penduradas e estava começando a descascar em alguns pequenos pontos da pintura. Entretanto, ainda possuía sua cestinha e a buzina, e conseguia cumprir muito bem o seu papel.

Impressionantemente, cheguei no meu colégio antes do esperado. Acredito que, pelo meu objetivo mental de provar para mim mesma que não estava fora de forma, entrei pelos portões e guardei a minha bicicleta no lugar adequado. Depois fui direto falar com o Edgar, que estava folheando um livro grande e de muitas folhas.

— Bom dia, Edgar! O que é isso que você está lendo?

— Bom dia, Helena! Tudo bem? O meu pai me deu um livro sobre medicina ontem e desde então não consigo parar de lê-lo. Você sabe que desejo me tornar um enfermeiro no futuro e aqui tem muitas informações úteis que são do meu interesse. É absurdamente fascinante!

— Tem alguma página que você acharia legal me mostrar?

— Tem sim, olha essa aqui! Ela explica os detalhes que diferenciam os sangues entre os tipos A negativo, A positivo, AB, O negativo, entre outros. Você sabia que se uma pessoa tiver sangue O negativo e receber uma doação de qualquer outra tipologia, esse paciente pode até morrer? Antigamente, quando os hospitais ainda não sabiam dessa informação, colocar sangue em alguém que estivesse precisando era sempre uma caixinha de surpresas, porque ou a pessoa iria se recuperar milagrosamente ou ela iria morrer sem ter nada que os profissionais pudessem fazer a respeito.

— Nossa, que complexo! Imagina como deveria ser difícil ter uma profissão na área da saúde antigamente? Quero dizer, quando temos um parente ou amigo que está doente e o levamos ao médico, depositamos no especialista toda a nossa esperança de que a pessoa que é importante para nós se recupere. E, já que os conhecimentos foram evoluindo progressivamente, quando ainda não se tinha descoberto muitas coisas, os familiares deviam viver acusando os médicos dos mais absurdos crimes, simplesmente porque foi exigido deles mais do que estava ao alcance.

— De fato, eu penso no quanto deveria ser assustador se alguém que tivesse um poderoso cargo no governo exigisse que o médico ou enfermeiro tratasse de alguém enfermo que estivesse com alguma patologia que ainda não tivesse cura conhecida. Ainda bem que hoje em

dia a medicina já avançou consideravelmente. Mesmo assim, ainda há muitas perguntas que permanecem em aberto. Então é muito importante que os profissionais de saúde continuem sempre se atualizando. Enfim, acho que já vou guardar o meu livro na bolsa, pois daqui a pouco a primeira aula tem início.

— Você está certo, eu vou procurar a Laura. Até mais tarde!

— Até mais tarde, Helena.

Coincidentemente, a primeira aula era de biologia e Edgar aproveitou para mostrar o seu livro para o professor, que ficou contente pelo interesse do meu amigo pela área.

— Um minutinho de silêncio, por favor, pessoal! — O professor chamou atenção — Sei que a nossa aula já está chegando ao fim, mas aproveitarei para explicar como deverá ser feito o trabalho que eu passarei para vocês entregarem daqui a uma semana. Acredito que vocês se recordem que nós acabamos recentemente de estudar sobre a genética dos seres vivos. Nós estudamos sobre compatibilidade genética, características que são herdadas, algumas mutações e sobre o DNA, sua composição, multiplicação, dentre outros temas. Agora, para que vocês possam ver como todo esse ensinamento se aplica na prática, realizarão essa atividade. Já aviso que ela valerá uma boa porcentagem da média final de vocês neste período, portanto eu recomendo que vocês se esforcem. Um último detalhe antes de começar as explicações em si: o trabalho será em dupla.

Antes mesmo que o professor terminasse sua fala, a Laura olhou para mim e eu olhei para a Laura. Estava definido: faríamos uma esplendorosa dupla.

— Enfim, tendo o que eu falei anteriormente em vista, vamos ao que deverá ser o trabalho em si. Se vocês olharem ao redor, verão que

alguns de seus colegas têm o que chamamos de “bico de viúva”, que é basicamente quando o formato do seu couro cabeludo faz uma espécie de pontinha no meio da testa – ele apontou para algum dos alunos que possuíam aquela característica — E por que nós estamos conversando sobre isso? Bem, algumas características são determinadas pelos diferentes jeitos que um mesmo gene pode aparecer. Um gene é constituído por dois alelos e cada um deles pode ser dominante ou recessivo.

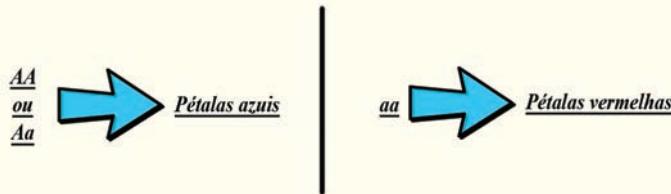
— Professor, eu estou um pouco confusa. Você poderia nos dar um exemplo, por favor? – pediu Laura.

— Posso sim, Laura. Inclusive, essa é uma ótima sugestão, afinal muitas vezes conseguimos entender melhor a matéria se utilizarmos os exemplos. Vejam bem: cada gene é feito por duas letras “A”, cada letra pode ser minúscula ou maiúscula, sendo o “A” dominante e o “a” recessivo. Até aqui tudo bem?

— Então o “a” é recessivo” e o “A” é dominante? Entendi professor.

— Isso mesmo, Laura. Um gene então é feito por duas letras A e essas podem ser dominantes ou recessivas. Portanto, um mesmo gene pode aparecer da seguinte maneira: aa, AA ou Aa. Todas as opções que possuem o A maiúsculo (dominante) terão a característica física que o A dominante carrega, pois ele é mais forte. Para ficar mais claro, olhem para o exemplo que tem no livro de vocês, na página 72.

Em uma determinada plantação de flores, aquelas que possuem um alelo dominante no gene que define a cor de suas pétalas terão a cor azul, enquanto as que não possuem ele têm a cor vermelha. Observe:



— Ah, professor, com o exemplo do livro ficou tudo bem mais claro agora. Mas é assim mesmo que acontece na vida real? — questionei.

— É exatamente isso que vocês terão que descobrir, Helena! Lembra-se de quando eu estava falando dos alunos que possuíam o bico de viúva? Você terão que responder a várias perguntas sobre genética e uma delas quer que vocês descubram justamente se quem tem o bico de viúva possui ou não um “A dominante”, digamos assim. Além disso, vou colocar algumas características e vocês me dirão se alguém na família de vocês as possuem ou não. O trabalho deverá ser manuscrito, cada membro do par terá que escrever a resposta de metade das questões, para que eu me certifique de que de fato houve uma separação igual das tarefas.

Todos concordamos e a aula chegou ao fim. A próxima matéria seria de história.

— Bom dia, pessoal. Tudo bem com vocês? Vou aproveitar para avisá-los sobre uma pesquisa que passarei para a semana que vem. O tema é “A Segunda Guerra Mundial” e vocês farão em duplas. Desta vez, eu sortearei os pares.

— O quê?! — Laura e eu exclamamos em conjunto.

— Professora, professora! Você não deixaria a gente escolher

com quem queremos fazer as pesquisas? Só hoje, por favor? – era a minha função tentar, afinal quem não arrisca não petisca, não é mesmo?

— Gente, vocês precisam entender que na vida profissional não é aceitável que vocês se juntem em “panelas” e trabalhem somente com os membros dela. Para a evolução é necessário que vocês desgrudem um pouco das suas zonas de conforto e encarem a realidade. Na vida temos que interagir com pessoas que nem sempre gostam de nós e vice-versa. Basta só uma pergunta simples para vocês constatarem que eu tenho razão: o seu melhor amigo ou melhor amiga almeja a mesma carreira que você?

Embora eu ainda não tivesse decidido a minha profissão dos sonhos, bastava só olhar para mim e para a minha melhor amiga que qualquer um saberia que quase certamente seguiríamos por sonhos diferentes, afinal os nossos jeitos e gostos eram completamente distintos.

— Este silêncio que está pairando pela sala apenas prova que a resposta na qual vocês chegaram mentalmente foi “não”. Então vamos seguir.

A professora retirou de sua bolsa um pote de vidro de tamanho razoável, escreveu o nome de todos os alunos em uma folha com linhas retas e depois os recortou, dobrou, colocou no pote e chacoalhou esse freneticamente depois de tampá-lo. Por fim, foi retirando os papeizinhos e formando as duplas conforme a ordem dos nomes que vinham.

— Edgar e Rita.

Mas que sortudos! A professora foi falando nome por nome e parecia que eu havia envelhecido aproximadamente seis anos até que, finalmente, o meu fosse citado.

— Thomas e Helena e, por último, Amélia e Laura.

O quê? Eu só poderia estar em um pesadelo! De todos os meus colegas de classe, por que eu teria que ficar justamente com aquele que eu não me dava bem? Deveria ser uma pegadinha do destino. Nós ainda não tínhamos trocado nenhuma palavra depois da última discussão e eu não fazia ideia do que se passava pela cabeça do garoto. Mal consegui prestar atenção no restante das matérias antes do intervalo. Eu só conseguia pensar que um de nós dois teria que tomar a iniciativa e marcar um dia para irmos à biblioteca realizar a atividade. E, infelizmente, teria que ser eu. Afinal, a Laura disse que duvidava muito que ele tentaria falar comigo depois daquela última ignorada que eu tinha feito. O receio começou e eu levei alguns segundos até perceber que eu já podia levantar e sair da sala.

— Que conspiração do destino, não é mesmo, Helena? Mas vamos lá, eu prometi que iria te ajudar a puxar assunto com ele e nós duas vamos fazer isso imediatamente.

— Ah, Laurinha, eu não tenho certeza se quero não...

— Ei, você não está pretendendo fingir para mim que é covarde, certo? O que é falar com alguém com o intuito de resolver um mal-entendido, para quem já andou por uma cidade desconhecida com só um amigo que também não fazia ideia do que estava fazendo, anos atrás? Vamos, vamos, antes que o intervalo acabe e não dê tempo de vocês marcarem de ir à biblioteca.

Quando eu e Laura chamamos sua atenção, Thomas estava participando de um grupo de alunos que jogavam conversa fora, embora não estivesse soltando muitas palavras e a sua feição indicasse que estava um pouco incomodado por estar no meio de tantos colegas.

— Olá, Thomas! Tudo bem? Você poderia vir com a gente somente por alguns minutinhos? É realmente importante.

— É claro. Posso sim. Até depois, gente.

— Mas olha só, meu Deus! Eu esqueci completamente que marquei de falar com a Amélia antes da próxima aula. Se eu correr ainda consigo encontrá-la.

— Mas do que você está falando, Laura? Vocês já não decidiram se encontrar amanhã na casa...

— É claro que não, Helena, sua bobinha! Ainda existem muitos detalhes que precisam ser resolvidos. Eu não sei do que você está falando. Inclusive, se eu fosse vocês, já começaria a me planejar, pois creio que vocês já viram que essa pesquisa será bastante extensa.

— Divino Criador, a Laura definitivamente não fazia a menor ideia de como disfarçar uma situação. Me pergunto como ela conseguiu mentir por tantas horas na Colônia de Férias.

Assim minha amiga partiu, sem rumo pela escola, coincidentemente para o exato lado oposto ao que a Amélia se encontrava. Mas era isso. Levei a mão até a testa para demonstrar a leve vergonha que eu estava sentindo. Qualquer um que nos visse acharia que Laura tivesse criado uma ocasião para a sua melhor amiga se declarar para o garoto que essa gostava. Se o chão não fosse tão duro, eu certamente cavaria um buraco e enterraria a minha cabeça nele.

Bem, não tinha mais nada que eu pudesse fazer, então pelo menos eu falaria com ele para fazer o grande mico valer minimamente a pena.

— Oi, Thomas, certo? Nós ficamos na mesma dupla para fazer o trabalho de história. Bem, não sei se você se lembra, mas o meu nome é Helena — o que eu estava dizendo? A Laura havia acabado de repetir o meu nome pelo menos umas três vezes.

— Eu me recordo sim, inclusive eu gostaria de...

— Espere! Antes que você diga qualquer coisa, eu gostaria de pedir desculpas pela semana passada. Eu não tive nenhuma intenção de te menosprezar ou algo do gênero. Eu comentei sem pensar muito antes e não percebi que talvez você pudesse se sentir atacado.

Thomas abaixou a cabeça e encarou o seu tênis preto e branco.

— Eu acho que sou eu quem deveria te pedir desculpas. Quando eu cheguei, fiquei com muito medo dos outros adolescentes serem cruéis comigo, então vesti uma armadura de ignorância, estando sempre na defensiva. Fui incapaz de enxergar que eu ainda não sabia se as pessoas de fato me tratariam mal. Assim, no primeiro microssinal de uma muito improvável ameaça, eu fui rude, o que foi absurdamente desnecessário.

Mas o que levaria aquele garoto a pensar que os outros estudantes da nossa escola não seriam amigáveis com ele? Não fazia sentido começar a frequentar um novo colégio com tanto pessimismo já no primeiro dia.

— Ah... Então podemos considerar que aquele mal-entendido está superado?

— Com certeza, Thomas! Quem sabe até podemos nos tornar amigos? Isso é, se assim você desejar. Reparei que você estava ligeiramente incomodado no grupo em que você estava, então talvez não seja a melhor ideia do mundo fazer amizade com alguém tão tagarela quanto eu, logo de primeira – soltei um sorriso brincalhão.

— Não tem problema. Não é que eu não goste, é que não estou tão acostumado a estar no meio de um pessoal tão comunicativo e que faz muitas perguntas. Acho que eu me sinto meio tonto e confuso com tantas informações. Entretanto, não é uma sensação ruim.

— Meus Deus! Todo mundo já está entrando na sala novamente e nós aqui distraídos. É melhor nos apressarmos! Não sei se você já esteve em uma das aulas do professor Ivo, mas podemos dizer que ele literalmente não tolera atrasos.

— Mas não íamos combinar como vamos realizar o trabalho de história?

— Você tem razão! Amanhã, depois da aula, na biblioteca? — sugeriu, enquanto apertávamos o passo.

— Está bom para mim.

No dia seguinte, fizemos de acordo com o combinado. Eu levei uma espécie de marmita para o meu almoço, contendo vários sanduíches com o recheio semelhante a uma maionese de batata bem temperada, que também possuía pedaços de ovos cozidos, cenoura ralada, couve e um ingrediente acrescentado à receita pela minha vó e que fazia toda diferença, além de deixar o alimento com uma cor demasiadamente bonita: pedacinhos de beterraba cozida.

— Thomas, você por um acaso se esqueceu de trazer seu almoço? — observei, após notar que ele não retirou nenhum recipiente de sua bolsa.

— Que coisa, não é mesmo? Nem passou pela minha cabeça que ficar na biblioteca de tarde significava não voltar para casa para almoçar. Mas tudo bem, quando eu for embora como alguma coisa assim que chegar.

— De jeito nenhum! Se vamos fazer o trabalho, precisamos estar concentrados e, eu não sei você, mas se o meu estômago pede por alimento ele fica tão impaciente que não deixa o meu cérebro focar em mais nada. De todo modo, minha avó sempre faz os meus lanches com

o dobro de comida que eu normalmente como. Ela argumenta que nunca se sabe quando o nosso organismo exigirá mais alimentos, visto que teoricamente ainda estamos na fase de crescimento – dei um sorriso enquanto pensava na minha avó. — Portanto eu tenho o bastante para nós dois. Vamos lá em uma das mesas da biblioteca para almoçar.

— Bem, já que você está insistindo, eu vou aceitar. Mas caso o que você trouxe seja suficiente apenas para matar a sua fome, não precisa se preocupar comigo.

Nos ajeitamos em uma das mesas do estabelecimento, porém, quando eu estava prestes a dividir os sanduíches, a bibliotecária surgiu e nos repreendeu.

— Vocês crianças não tomam jeito, viu? Será que eu preciso aumentar o tamanho daquela placa que está deixando bem explícito que é proibido comer na biblioteca? Está, literalmente, desenhado e escrito também. Não são competentes para saber ler na idade em que se encontram? Quando vocês espalham montes de farelo por aqui, somos nós, os funcionários e funcionárias, que precisamos ficar depois do nosso expediente para limpar tudo. Os dois acham isso bonito?

— Mas, senhora, esse é o único lugar com mesas que temos acesso para ter a nossa refeição. A senhora não abriria uma exceção, somente desta vez? Prometemos que vamos arrumar tudo.

— Vocês não têm como cuidar de suas questões, não têm nada a ver comigo. Cada um deve resolver os seus próprios problemas.

— Mas como a senhora acredita que faremos isso? Supostamente temos que levar uma cadeira nas costas enquanto andamos de bicicleta?

— Ei, Helena, acho melhor irmos embora. Damos o nosso jeito – falou Thomas. Ao reparar em sua linguagem corporal, notei que

ele estava um tanto quanto incomodado por estarmos chamando tanta atenção.

— Embora eu não esteja de acordo com essa situação, eu vou desta vez. Porém quero deixar claro que não faz sentido a escola querer que fiquemos depois da aula para estudar se não nos deixa usar o refeitório fora do intervalo e nem as mesas da biblioteca. Faria muito mais sentido uma placa exigindo que limpássemos o lugar do que outra nos proibindo de usá-lo. Enfim, não é como se eu ligasse mesmo. Voltaremos mais tarde sem os lanches.

— Muito obrigada pela colaboração – agradeceu a bibliotecária ironicamente e satisfeita.

Saímos do interior da construção e fomos para o gramado que ficava em frente, algumas grandes árvores formavam sombras agradáveis com suas densas folhagens.

— Olha, Thomas, eu não sei como você consegue ser tão calmo. Eu estou fervendo de indignação até agora.

— Não é que eu não concorde com os seus argumentos. Na realidade, penso que eles fazem sentido, mas não acredito que ganharíamos qualquer coisa permanecendo ali. Algo que eu aprendi no lugar onde eu nasci é que, até que você consiga uma oportunidade para mudar isso, manda quem pode e obedece quem tem juízo. Isso não significa que devemos aceitar tudo que nos oferecem, mas sim que devemos saber o momento certo de agir. Mas veja: até que não é tão ruim. Temos uma boa sombra para comer na grama.

— Sombra na grama e tempo agradável. Seria um ótimo dia para fazermos um piquenique caso tivéssemos alguma grande toalha.

— Tive uma ideia! Vejo que você e eu estamos com blusas amar-

radas na cintura e, por coincidência, eu trouxe uma a mais dentro da bolsa, pois achei que pudesse esfriar um pouco durante a manhã, o que não aconteceu.

O Thomas não havia formulado frases o suficiente para que eu conseguisse entender com clareza o que ele estava pensando, então só consegui acompanhar o raciocínio quando ele estendeu suas duas finas blusas na grama, se sentou em uma delas e pediu o meu pote com sanduíches para colocar em cima da outra. Um improvisado piquenique, genial! Foi a minha vez de desamarrar a minha da cintura e me sentar em cima dela, no chão também.

Dividimos os sanduíches enquanto aproveitávamos o bom tempo, duas blusas serviam como “cadeiras” e a outra, que estava centralizada, como “mesa”. Pelo visto, carregamos todos esses grandes objetos para a escola sim. Bastava ver de uma inusitada e inovadora perspectiva.

Thomas era mais reservado do que eu, então não tentou se comunicar nenhuma vez durante a refeição. Assim, eu fiquei encarregada de quebrar o silêncio.

— Thomas, por que você estava com receio de nós não sermos amigáveis com você? – foi o primeiro tema que me veio à cabeça.

— Bem, é um pouco complicado. Eu vim de outro país, então temi sofrer algum preconceito ou algo do tipo.

— Entendi. É verdade que algumas nações têm um etnocentrismo bastante acentuado. Sabe aquele preconceito de achar que a nossa cultura é a melhor e tratar as outras como ruins ou menos desenvolvidas?

— Nossa, eu nunca tinha ouvido essa palavra antes. Ainda bem que você explicou.

— Podemos considerar que você é bom em física e eu em história. Por incrível que pareça, sou uma estudante razoavelmente bem dedicada – dei um singelo risinho.

— Então, suponho que isso seja bem conveniente para nós agora, já que a pesquisa é sobre história. Qual era o tema mesmo?

— Segunda Guerra Mundial! Eu amo essa parte da matéria. É tão interessante como os acontecimentos daquele período influenciaram tanto o nosso modo de viver nesta década! Eu acho fascinante a maneira como os conflitos se desenrolaram, as estratégias e até mesmo as tragédias. Elas mostram até onde o ser humano pode ir quando está fora de controle. O Holocausto é uma das partes mais tristes para mim. Acredito que você ainda não saiba, Thomas, mas eu e minha família seguimos a religião judaica. Então, falar do Holocausto é praticamente como falar de um pedaço da minha própria história e cultura, sabe?

— Você é judia, Helena? – Estranhamente, o Thomas parecia ter medo da própria pergunta e seu rosto ficou levemente pálido.

— Sou sim! Eu e toda a minha família! Mas não se preocupe. Eu não discriminio ninguém por não seguir a mesma religião.

— Isso nem passou pela minha cabeça. Mas que interessante! Você estuda na escola algo que aconteceu com o seu próprio povo. Você deve ficar horrorizada quando lê sobre isso.

— Olha, às vezes eu fico, pois imagino se eu estivesse no lugar daquelas pobres almas que foram aprisionadas e assassinadas nos campos de concentração. Embora eu tenha um pouco de vergonha disso, quando eu era menor houve uma época em que eu passei a detestar tudo que tinha relação com a Alemanha, mas o meu avô me instruiu explicando que guardar tanto rancor era tolice. Hoje em dia eu consigo compreender sobre o que ele estava falando, sabe? Há um tempo atrás

minha avó me contou uma história sobre um prisioneiro de guerra e, no meio dela, nós refletimos a respeito da existência de lados bons e ruins nos contos. Ela disse que os soldados, muitas vezes, fazem coisas cruéis com o inimigo por ordem de seus superiores e para que eles mesmos e suas famílias não sejam prejudicados. Quando eu penso no que os alemães fizeram com os judeus, o meu coração dói e estremece assustado, mas se eles faziam isso com os inimigos, imagine só como deveriam ameaçar os soldados alemães que ousassem desobedecer às ordens. Não vou dizer que é fácil engolir ou perdoar tudo isso, pois eu seria hipócrita se afirmasse nunca ter me incomodado, mas não seria justo odiar uma nação inteira sendo que não eram todos que não gostavam do meu povo.

— Então você não odeia os alemães? — questionou Thomas, como se não conseguisse absorver o que eu estava transmitindo.

— Como eu poderia, Thomas? Eu nem conheço todos os alemães do mundo. Ou, melhor dizendo, eu não conheço ninguém que veio da Alemanha. Mas eu sei que não é porque alguém nasceu lá que essa pessoa acredita no nazismo ou algo do gênero. As pessoas são diferentes umas das outras. Então, por mais que alguns insistam em acreditar nessa metáfora, os cidadãos que nascem em um mesmo berço nem sempre são biscoitos do mesmo pacote. Mas vamos mudar de assunto, tudo bem? Vamos falar de algo mais animador! Como está sendo a sua vida desde que você se mudou para a Polônia, Thomas?

— Eu normalmente não gosto muito de falar sobre mim mesmo, Helena. Mas ver como você se dispôs a abrir o seu coração a respeito de um tema tão forte e pessoal, eu não vejo outra escolha.

— Ei, não se sinta pressionado. Não quero te obrigar a nada.

— Não, está tudo bem. Bem, desde que meu pai entregou a alma a Deus, eu, a minha mãe, minha vó, minha irmã mais velha e o meu

irmão caçula saímos da nossa terra natal e viemos para a Polônia. Então eu tenho trabalhado em um café no período noturno para ajudar financeiramente a minha família. Nem sempre foi assim. No nosso país de origem possuímos uma boa condição de vida. Entretanto, já que decidimos recomeçar do zero, temos que lutar mais do que antigamente para conseguir nos manter e nos encaixarmos por aqui.

— Nossa, vocês foram muito corajosos! Eu nunca passei por uma mudança tão drástica. Os maiores sacrifícios que tenho que fazer não vão muito além de me obrigar a ler alguns livros que a escola pede e que não chegam nem aos pés do meu predileto: “A Fantástica Fábrica de Chocolates”.

— Não brinca! Você também gosta desse livro? Ele não é o meu favorito, mas eu diria que consegue tranquilamente entrar nos 20 primeiros. Na Alemanha, eu era o único que era apaixonado pela leitura dentro do meu antigo grupo de amigos.

— Eu te comprehendo completamente... Espera! Onde?

Thomas levou a mão até a boca imediatamente e arregalou os olhos. Ele aparentemente tinha se deixado levar pelo momento animado e havia revelado uma informação que não gostaria que ninguém soubesse. Então era por isso que ele temia que o tratássemos de maneira desrespeitosa na escola!

Eu tinha que permanecer calma e aliviar a tensão no meu rosto que transparecia o quanto eu estava chocada. Ele não era uma pessoa ruim aparentemente, porém era muito reservado e poderia nunca mais se sentir confortável em olhar nos meus olhos novamente se eu o afastasse agora. Eu sabia poucas informações sobre ele, mas não queria perder a chance de poder conhecê-lo melhor e tirar minhas próprias conclusões. Aquelas que vão além do estereótipo que colocamos em seu país de

origem.

— Thomas, não precisa se preocupar com isso. Eu não vou te julgar por conta do passado. Você não é responsável pelos pecados de seus ancestrais.

O sangue lentamente voltou para as suas bochechas e ele relaxou os ombros.

— Se eu pudesse escolher onde eu teria nascido, as coisas poderiam ser diferentes.

— Não fala isso! Minha avó diz que todas as experiências pelas quais nós passamos formam quem somos hoje, ou seja, se você mudasse um fato tão relevante, como o lugar de seu nascimento, talvez pudesse se transformar em uma pessoa completamente diferente da que é hoje. E você não parece ser ruim.

— Obrigado pelas palavras, Helena. Eu não sei como você pôde reagir tão calmamente desta maneira.

Para ser sincera, nem eu comprehendia totalmente como havia conseguido manter a compostura. Atitudes que não são impulsivas geralmente não eram minha especialidade.

— Sei que te pedir algo mais seria um abuso, mas você poderia, por favor, não contar para ninguém no nosso colégio? Eu tenho perfeita noção de que nem todo mundo compreenderia e isso é algo que quero manter engavetado até que eu esteja pronto para tomar qualquer atitude a respeito.

— O seu segredo está a salvo comigo, Thomas.

Eu falei a frase mais clichê que poderia, mas não consegui pensar em nada melhor para dizer naquela delicada situação, pois precisava

de algo curto, objetivo e isento de metáforas para que minhas intenções fossem corretamente compreendidas.

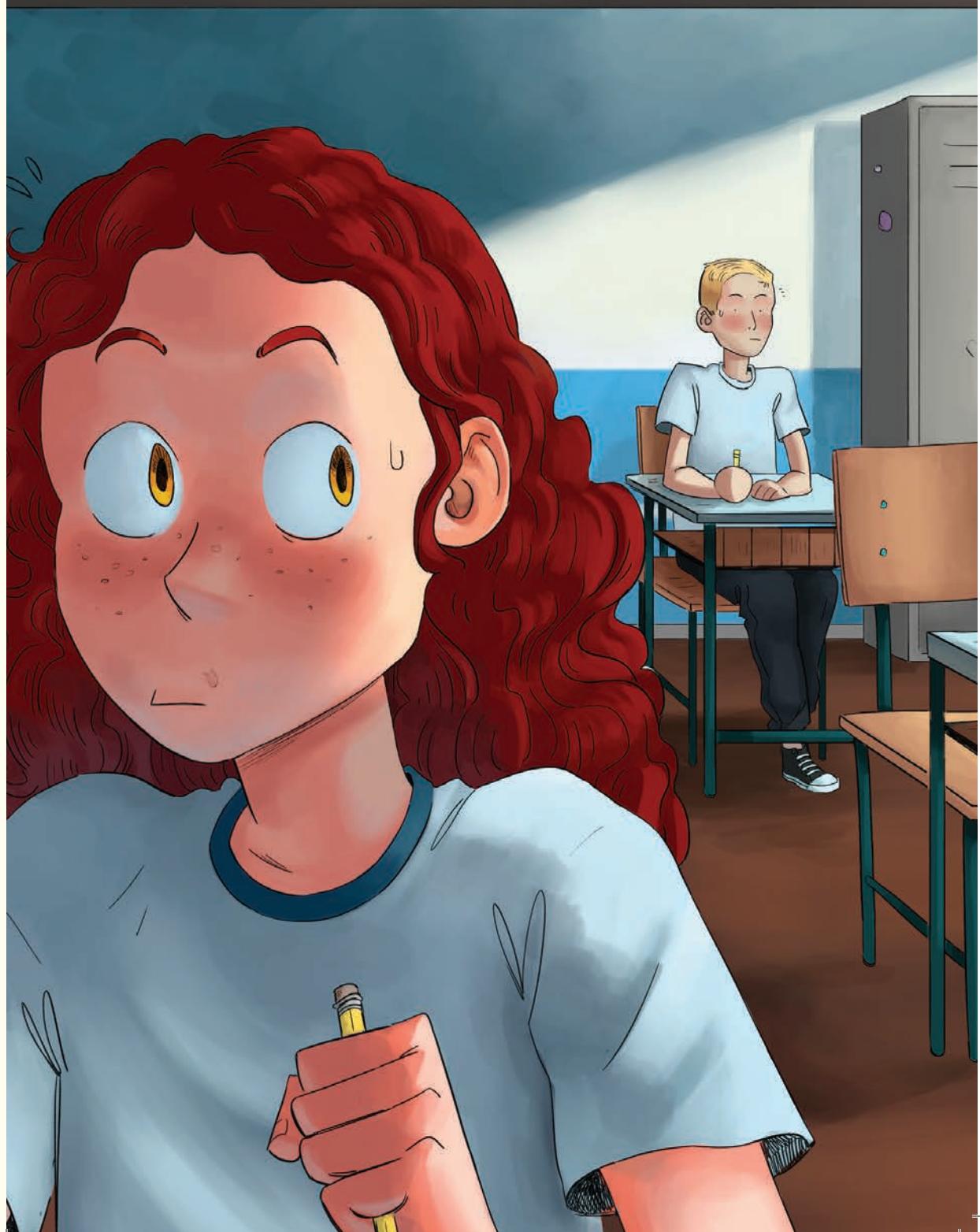
— Nossa, nós perdemos a noção do tempo. Acho que o melhor seria sacudirmos a grama de nossas blusas e irmos fazer a pesquisa na biblioteca – falei.

Olhei para o céu, tapando os raios de Sol que atingiram os meus olhos.

— É... Acho que você tem razão.

Eu levantei e esperei que o Thomas voltasse a si para fazer o mesmo. Tive a impressão de que ele precisava daqueles segundos, pois estava prestes a desabar em lágrimas. Na biblioteca, fizemos a pesquisa sem tocar no assunto do gramado novamente e depois cada um seguiu a trajetória para sua respectiva morada.

No caminho, minha mente não parava de voltar ao piquenique improvisado repetidas vezes, repassando cada parte do diálogo e tentando compreender como tudo pôde ficar tão tenso repentinamente. O planeta Terra, apesar dos seus milhares de quilômetros quadrados, fez com que lados completamente opostos de uma mesma moeda se cruzassem, apesar das minúsculas chances de isso acontecer.



9



O jogo dos sentimentos

Benjamin e eu estávamos sentados no balanço de um parquinho infantil conversando sobre a vida.

— Helena, duvido você se balançar bem alto com os olhos fechados.

— Esse desafio eu já superei há muito tempo Ben. Apesar de parecer que estamos caindo na primeira, agora o meu cérebro aprendeu o truque e não se deixa mais levar por essa falsa sensação.

— Ei! Você gostaria de dar uma volta, Helena? Eu achei um lugar muito interessante recentemente e eu quero te mostrar.

— Por que não? Vamos! Você mostra o caminho?

— Durante o nosso trajeto, o Ben nos direcionou por uma estreita estradinha de terra e, por mais que nós andássemos bastante, eu não conseguia identificar nada que valesse a pena ser mostrado, até que avistamos uma antiga construção no horizonte.

— Vem Helena, corre! É para lá que eu queria te levar.

Ela era cercada por altos muros de tijolos de concreto, que estavam destruídos em vários pontos, não sendo muito eficaz para proteger a casa de possíveis assaltantes. Logo na entrada havia um portão de ferro com pontas em formato de flecha, mas esse já estava todo enferrujado e entreaberto.

— Nós não vamos entrar aí, não é mesmo, Benjamin?

— É claro que vamos! Eu pretendia explorar junto com você! Não parece uma casa mal-assombrada?

— Como diria aquele general na Colônia de Férias: Você está usando os seus miolos corretamente? Benjamin, você deve ser mais ra-

cional que a sua amiga aqui, se lembra? A função de propor aventuras malucas ainda é minha e não sua.

— Não vai me dizer que você acredita mesmo em fantasmas, Helê. Vamos, não tenha medo! Eu vou primeiro e te encontro lá.

— Ei! Eu sou uma amiga responsável e não te deixarei sozinho.

A grama do jardim estava extremamente grande e ervas daninhas cresciam por todos os lados. Os pilares da varanda estavam cobertos de teias de aranhas que os interligavam. Além disso, a casa em si possuía um ar assustador. Ela era de madeira e possuía dois andares. Algumas tábuas do chão estavam apodrecidas, fazendo com que vez ou outra afundássemos o nosso pé em alguma. As janelas possuíam vários vidros quebrados em partes perigosamente pontiagudas e cortantes. E no telhado faltavam diversas telhas, além do fato de que as restantes estavam repletas de musgo e fungos.

— Benjamin, você tem certeza mesmo disso? Não me parece muito seguro entrar.

— Não se preocupe, Helê! Vai dar tudo certo.

Meu amigo precisou usar muita força para abrir a porta da frente que estava emperrada. Quando entramos, vimos que tudo estava muito sujo e coberto de poeira que pairava sob os móveis, como uma peluda e cinzenta manta de proteção. Apesar da existência de janelas, uma limitada luz natural adentrava pelos buracos nos vidros, já que as partes intactas estavam sujas demais para proporcionar uma boa iluminação. No fim da sala de estar, encontrava-se uma comprida escada que dava para dois lados opostos do segundo andar.

— Agora que estamos aqui dentro, ela parece mais sombria do que eu imaginava.

— Nem me fale, Benjamin. Eu avisei que era uma péssima ideia! Mas, já que estamos aqui, vamos terminar de explorar. O máximo que pode acontecer é nos encontrarmos com alguns nojentos insetos. Vamos subir as escadas. Você vai para a direita e eu vou para a esquerda. Qualquer coisa, nós gritamos.

O Ben concordou e eu engoli em seco antes de seguir pelo lado proposto. Encontrei alguns quartos e um banheiro que pareciam não ver limpeza há séculos. Estava prestes a investigar algumas figuras de madeira que estavam dentro de uma cristaleira quando ouvi um desesperado grito de meu amigo.

— Helena, me ajude! Venha até aqui urgentemente! Está me arrastando!

Corri para o lado dele do corredor e me deparei com o Ben tentando puxar sua perna para fora, pois ela estava presa em uma das tábua-as quebradas no chão.

— Me ajuda! O meu pé não quer sair daqui de jeito nenhum.

Cogitei que fosse apenas uma brincadeira de mau gosto dele, pois já havia acontecido de prendermos o pé em alguma madeira podre, porém nos soltamos com facilidade. Entretanto, eu puxei com muita vontade e repetidas vezes, mas a perna dele não saía de onde estava.

— É como se alguma coisa estivesse me segurando e não quisesse largar! O que eu faço, meu Deus? Eu só desejo ir embora!

O meu amigo estava pálido feito as pétalas de um branco lírio e ele estremecia de pavor. Pensa, Helena, pensa! Nada vinha, nenhuma solução. Só conseguia me recordar das histórias que meu avô contava de casas desertas, mal-assombradas, onde muitos entravam, porém ninguém saía com vida. Elas geralmente possuíam segredos que eram

escondidos em seus porões e sótãos e que guardavam algo relacionado a alguma alma atormentada que não foi capaz de encontrar a paz.

— É isso! Essa casa tem que ter um porão! Se algo sobrenatural estiver mesmo acontecendo, acharei algum meio de deter o que quer que esteja te segurando. Nem que seja um machado para quebrar todas as madeiras ou seja lá o que for necessário!

— Helena, aonde você vai? Não me deixe sozinho, não me abandone agora!

Desci as escadas rapidamente abrindo todas as portas em busca de alguma que desse para um andar subterrâneo. Finalmente encontrei qual era e fui apalpando algumas prateleiras para achar algo que fosse útil. Qualquer coisa... Meus dedos apenas conseguiam encostar em poeiras e em alguns bichos que tinham textura semelhante a de piolhos de cobra e baratas. Rezei para que não desse o azar de esbarrar em um escorpião que fosse venenoso ou em qualquer coisa que pudesse me ferir. Aquele porão mais parecia um depósito vazio. Encontrei uma caixa pesada. Valia uma tentativa. Então, segurei-a e saí de lá para conseguirvê-la melhor. Ela tinha um pequeno fecho sem trancas. Bastou um esforço mediano para que ela abrisse. Graças às bênçãos do Criador, lá dentro estavam várias ferramentas, incluindo um martelo e um pequeno machado que teriam que servir.

Voltei para o cômodo onde Benjamin se encontrava e comecei a quebrar as tábuas em volta de sua perna com o pequeno machado até que finalmente ele se soltou. Corremos para fora da construção como se nossas vidas dependessem disso e, ao alcançarmos a parte exterior dos portões, respiramos aliviados.

— Lembre-se de nunca mais tentar roubar meu papel! A imprudente sou eu! Além disso, eu claramente não sirvo para ser a parte sen-

sata da dupla. Que isso nunca mais se repita! – consegui falar, enquanto expirava e inspirava freneticamente. Eu estava exausta e apoiava as minhas mãos nos joelhos enquanto minhas costas estavam arqueadas.

— Helena?

— Olha, eu estou até com medo do que você irá dizer. Se você sonhar em querer entrar lá novamente, considere: vamos ter uma conversa muito séria!

Quando inclinei minha cabeça para cima para conseguir ver o rosto dele, notei que estava de olhos arregalados e apontando para baxo. Em sua canela, além de arranhões feitos pelas madeiras, tinha uma vermelha marca de mão, como se dedos humanos tivessem se agarrado nela com muita força. Nós nos entreolhamos, apavorados.

— Você está certa, Helena. Isso de inverter os papéis não combina com a gente. Eu nunca mais vou chegar nem perto dessa estrada de terra depois que sairmos daqui.

— Sempre que meu avô falava das casas mal-assombradas eu achava que era uma analogia fantasiosa para os campos de concentração, onde a maioria dos judeus que iam para lá nunca mais saíam com vida. Jamais sequer imaginaria que elas fossem reais. Benjamin, você está me ouvindo?

Ele estava encarando o caminho de terra. Então fiz o mesmo para descobrir o que era tão interessante assim que o fazia parar de prestar atenção na minha fala.

— Laura? O que você está fazendo aqui? Esse cabeça de vento te contou sobre a casa mal-assombrada também? Já adianto: não passe por aquele portão nem que a sua vida dependa disso! Foi horrível! Não desejo essa experiência nem para os meus piores inimigos! Que baita

susto foi o que eu levei.

— Obrigado, Laura. Por absolutamente tudo que você fez por mim. Você é minha melhor amiga.

— Que história é essa, Ben? A Laura é minha melhor amiga e eu não pretendo permitir que ela tenha esse título com mais ninguém. — comentei, brincando, porém levemente enciumada.

— E você é insubstituível para mim, Benjamin.

— Gente, vocês estão me escutando? Laura? Benjamin? Não finjam que estão me ignorando, por favor. Sabem que eu não gosto desse gênero de piada.

Os dois caminharam em direção um ao outro e começaram a fazer o caminho de volta ao parquinho, me deixando para trás.

— Sem você, Laura, eu não sei se teria escapado com vida. Você é a única com quem eu posso contar e você sabe disso.

— É para isso que servem as melhores amigas, né?

— Benjamin, fui eu quem te livrou daquela enrascada! Eu, Helena! E não a Laurinha, pois ela chegou bem depois, quando nós dois já estávamos aqui fora. Olhe para mim! Não ouse me deixar falando sozinha! É sua responsabilidade eu ter passado por essa experiência perigosa! Você não pode simplesmente me abandonar, sabia?

Uma névoa começou a rodear toda a construção e depois expandiu-se para além dela, impedindo que eu conseguisse enxergar nitidamente. Quando eu tentei me deslocar, meus pés não se mexiam, não importava o que eu fizesse.

Gente, eu não consigo me locomover, me ajudem! Por favor! —

comecei a berrar para as duas silhuetas que ficavam mais embaçadas a cada segundo que passava, conforme elas iam se distanciando.

— EEEEEEI!

Eu acordei, me sentando imediatamente na cama, enquanto recuperava o fôlego.

— Foi só um pesadelo. Não passou disso, eu estou bem e estamos todos bem. — falei baixinho para mim mesma. — Escola. Tenho que me ajeitar para ir para a escola.

Segui minha rotina matinal normalmente, ainda um pouco atordoada pelo terrível sonho. Eu raramente sonhava com os meus amigos e, quando conseguia, era um pesadelo desses. Que desperdício! Nem para estarmos jogando algo, viajando ou mesmo revivendo um momento do ensino fundamental. Sonhos eram para ser divertidos e invejáveis, não traumatizantes. Da mesma maneira que eles podem confiar em mim, eu posso contar com eles e não preciso de ninguém para me confirmar isso.

No ônibus, sentei ao lado de Benjamin, como de costume, mas por algum motivo, ao ver o rosto dele, fiquei inexplicavelmente um pouco brava. Acho que por conta do pesadelo. Não havia sido real, mas mesmo assim eu estava ligeiramente magoada.

— Oi, Helê! Venha, sente-se rápido. Temos que conversar sobre o jogo de hoje à tarde. Você não tem noção do quanto eu estou animado!

O jogo! Com todas as emoções que o meu subconsciente tinha me feito passar, eu havia esquecido completamente. O Benjamin me avisou a alguns dias atrás que oficialmente teria o seu primeiro jogo de futebol americano. Seria a escola dele contra um time de outro colégio da cidade vizinha. Ele estava se dedicando absurdamente aos treinos e tinha grandes expectativas.

— Oi, Ben. Eu também não vejo a hora de te ver arrasando com os adversários. Estarei torcendo por você e eu não ligo se você ficará com vergonha ou não. Mas tenha certeza de que eu e a Laura abriremos um cartaz bem grande com o seu nome e também estaremos caracterizadas com as cores do seu time.

— Eu não duvido que vocês farão isso – rimos juntos.

— Então, vamos conferir: o jogo será às 16h, no campo da sua escola, porém Laura e eu iremos chegar com uma hora inteira de antecedência. Afinal, queremos pegar bons lugares.

— Aparentemente está tudo conforme o planejado. Só não se esqueça de levar algum lanche ou dinheiro para a pipoca, pois eu tenho confiança de que será praticamente um show. O diretor da minha escola estará lá e é muito importante que eu cause uma boa primeira impressão no campo. É claro que ele já viu um ou outro treino, mas o que conta mesmo é como nos sairemos contra os adversários. Não sei se fico nervoso de medo ou de felicidade. – Ele tinha um brilho inexplicável quando falava sobre esse assunto.

— Se eu pudesse te presentear com um conselho, eu diria para não ficar ansioso, afinal isso pode fazer mal para você. Tome cuidado para isso não te atingir fisicamente. Mas está bem. Agora que já te aconselhei, posso expressar o que estou sentindo de verdade, sem enganar ninguém: eu também estou extremamente ansiosa por hoje à tarde. Você vai ter uma performance sensacional. Eu não guardo nenhuma minúscula dúvida sobre isso.

— Tomara que você esteja certa, Helena. Bem, eu vou indo, pois chegamos no meu colégio. Até mais tarde?

— Até mais tarde!

Quando o Benjamin passou pelas portas automáticas e foi em direção aos portões de sua escola, foi recebido por um grupo de alunos que falavam animadamente. Hoje definitivamente deveria ser um dia de grande relevância para ele, e eu estarei lá torcendo por sua vitória, assim como eu sei que ele faz comigo.

Quando cheguei ao meu colégio, fui logo falar com meus amigos.

— Bom dia, Rita e Amélia! Como vocês estão? – cumprimentei-as, cantarolando.

— Nossa! Olha só quem já está toda feliz logo de manhã! Tem alguma novidade? – perguntou Amélia.

— Sobre mim, não. Mas vocês se lembram do garoto que apresentei para vocês na minha festa de aniversário, o Benjamin? Como vocês já sabem, ele joga futebol americano e hoje será o primeiro jogo oficial no qual ele participa.

— É aquele que foi motivo da sua intriga com o Thomas, não foi? Eu lembro sim! – brincou Amélia.

— Ei! Não foi por conta dele que eu e o Thomas discutimos. Aquilo foi só um mal-entendido. Além disso, nós já nos resolvemos. Na verdade, nós precisávamos nos resolver, já que formamos uma dupla para a pesquisa de história.

— Que bom que vocês já fizeram as pazes, Helê. Aliás, eu acho muito legal que hoje você irá em um jogo do Benjamin. Ele parecia ser legal e você sempre parece toda orgulhosa quando fala dele. Espero que o time dele ganhe a partida.

— Ah, eu também! Às vezes sinto que estou mais ansiosa do

que ele, apesar de pensar que isso seja quase impossível. Eu nunca fui a uma partida oficial antes, então vai ser interessante. Vocês deveriam ir também! Laura e eu vamos juntas e faremos uma boa torcida.

— Vamos, Ritinha! Podemos chamar o Edgar também! Se bem que eu não sei se qualquer um dos tipos de futebol faz muito o estilo dele.

— É verdade, Amélia. Mas quem sabe ele não vá só para apreciar a nossa companhia. Helena, por que você não chama o Thomas também? Quem sabe não consiga mudar um pouco a visão dele sobre essa modalidade?

— Ah, eu não sei não, hein. Veremos.

Thomas. Eu não tinha falado com ele desde o dia anterior, quando fizemos a pesquisa na biblioteca e quando eu descobri que ele veio da Alemanha. Eu tenho que manter em minha mente que isso não significa nada, pois nem todos os alemães são nazistas e menosprezam os judeus. Pelo jeito do Thomas, a sua família educou-o muito bem, e ao menos ele não transparecia ter algo contra a minha religião.

— Helena, o que você está esperando aí na frente? Vamos! – advertiu Laura, ao passar por mim.

Quando encontrei a Laura, eu não pude evitar de ter o mesmo sentimento que tive ao ver o rosto de Benjamin pela manhã. Esse pesadelo havia me incomodado imensamente, mas eu não poderia deixá-lo me fazer criar confusões que nem sequer existiam com a minha melhor amiga.

— Estou indo!

Quando me sentei em minha carteira, ao ver o Thomas, acenei

para ele. Vários olhares se voltaram para nós, afinal poucas pessoas sabiam que não havia mais rivalidade entre nós dois. Então, quando ele me cumprimentou de volta, vi alguns colegas de classe com uma expressão que indicava ainda mais confusão.

— Parece que vocês dois estão bem agora – comentou Laura antes de ir para a carteira dela.

— Você viu? A sua estratégia deu certo no final das contas.

“Tão certo que sem querer acabei fazendo com que ele revelasse um segredo que não queria que ninguém soubesse”, pensei, mas não poderia admitir isso. Nem para a minha melhor amiga, pois era uma informação que não me pertencia.

— Você preparou tudo para o jogo de hoje à tarde? Eu separei a tinta para fazermos algum tipo de pintura ou algo assim no rosto. Está aqui na minha mochila.

— Com certeza! O cartaz já está pronto lá no meu quarto, enrolado em forma de cilindro para não ter nenhum amaro e as letras nele são bem grandes para as pessoas conseguirem ver de longe.

— Helena, parando para pensar nisso, imagina se mais ninguém for caracterizado! Será que passaremos vergonha?

— Não tenha preocupações em relação a isso Laurinha. O Benjamin falou que os primeiros jogos da temporada são uns dos que mais lotam as arquibancadas. Além disso, é quase uma questão de honra para muitas escolas que a torcida seja marcante e notável. Eles terão até líderes de torcida fazendo acrobacias e essas coisas. E mesmo se formos as únicas, deixaremos todos os outros jogadores com inveja, pois são poucos que conseguem amigas tão maravilhosas como nós. – Depois dessa minha fala, eu e Laura rimos juntas.

— Só você mesmo, Helena!

— Eu por acaso estou atrapalhando o assunto de vocês, meninas? — o professor Ivo chamou a nossa atenção.

— Não, senhor — dissemos em conjunto e a Laura foi para a sua carteira.

Eu estava tão bem-humorada que nem mesmo as aulas do professor Ivo poderiam estragar isso. Assim, as horas seguiram até que o intervalo chegou. Eu estava falando com a Laura, quando o Thomas, o Edgar e a Rita se aproximaram de nós.

— Como assim? Todo mundo ia assistir a um jogo de futebol americano e vocês só me chamaram agora? — o Edgar reclamou de brinca-de-criança.

— A Amélia e a Rita te contaram, Edgar? Eu e a Laura chamamos elas no início da manhã. Achamos que você não gostaria de ir.

— Não é porque eu não gosto muito de praticar determinados esportes que eu não goste de assistí-los. É claro que alguns não fazem minimamente o meu estilo, como golfe, mas eu acho os de futebol americano muito empolgantes.

— Sem falar nas líderes de torcida — falou Rita. — Elas são tão bonitas e aqueles uniformes são simplesmente fantásticos! Se a nossa escola tivesse um time, eu adoraria ajudar a confeccionar os uniformes delas.

— Vai Thomas! Pergunta para elas! — o Edgar falou bem alto para o Thomas, de modo que todos nós conseguimos ouvir, fazendo com que o garoto perdesse ainda mais a coragem para falar o que quer que fosse.

— Tudo bem, eu pergunto! Vocês não se incomodariam se levássemos o Thomas junto, não é mesmo? Eu e Edgar chamamos ele e, por “livre e espontânea” pressão nossa, ele acabou aceitando desde que falássemos com você antes. Afinal, foi sua ideia desde o começo – disse Rita animadamente.

— Você quer mesmo ir, Thomas? Achei que não gostasse muito de futebol americano. Não tem problema se você não se sentir confortável – falei, admito que com um pinguinho de amigável provocação, pois ele havia demonstrado ter uma opinião bastante forte sobre o tema. Antes de responder ele limpou a garganta.

— É que... O tom que eu usei para me expressar naquele dia foi um pouco áspero demais, e depois do que você disse, tudo aquilo sobre desvincular alguém ou algo do estereótipo de seu local de nascença, bem, eu acho que não custa nada tentar dar uma chance. – falou ele, enquanto passava a mão na parte de trás de seus cabelos loiros e olhava ligeiramente para o lado, com o intuito de evitar um contato visual direto.

Eu dei um largo sorriso de satisfação e concordei, feliz:

— É claro que você pode ir! Eu só estava brincando. Mas todo mundo tem que estar com pelo menos algum acessório que represente a cor do time do colégio do Ben, combinado? Afinal, se for para ir e não entrar no clima, não vale nem a pena.

— Concordo plenamente. Duvido que vocês superarão a nossa caracterização, mas vai ser muito mais divertido se todo mundo seguir essa pequena regra – falou Laura.

— Eu acho que tenho uma roupa perfeita para essa ocasião – comentou Rita. Ela já havia entrado em seu próprio mundinho.

— Combinado. Então a gente se vê por aí hoje à tarde!

O Thomas parecia estar achando engraçada toda aquela situação. Ele parecia bem mais confortável do que quando estava entre o maior grupo de pessoas naquele outro dia.

As últimas aulas duraram quase uma eternidade para mim. Eu estava muito animada para começar a me preparar. Laura e eu fomos juntas para a minha casa. Ela havia levado uma troca de roupas na mochila, então pudemos nos arrumar sem problemas.

No final, estávamos perfeitas. Eu havia deixado o cabelo solto, colocado uma saia laranja que ia até os joelhos e uma blusinha verde-escura. Abaixo de um dos meus olhos eu fiz uma espécie de caminho de bolinhas que alternavam entre essas duas cores. Laura estava usando uma calça verde-escura, uma blusinha laranja de gola alta e havia prendido o seu cabelo em um rabo de cavalo com uma fitinha da mesma cor que a calça, deixando a franja solta, o que era um charme, e em cada bochecha fez dois tracinhos também de cores alternadas.

— Aí sim, meninas! O Benjamin deve se sentir muito abençoado por Deus por ter amigas que o apoiam tanto assim.

— Modéstia à parte, eu concordo com você vovó – falei em tom divertido

— Tchau, Dona Aurora! Obrigada por ter me recebido!

— Não precisa agradecer, Laura. Venha sempre que você desejar.

Pegamos o cartaz e fomos para o campo do colégio do nosso amigo, chegando bem cedo, assim como esperávamos. Na arquibancada ainda havia muitos lugares excelentes vazios, então aproveitamos para escolher os que mais nos agradassem. Estava observando o cenário ao redor, quando os meus olhos pararam em uma grande cartola de tecido listrado de verde escuro e laranja, as cores do time de Benjamin.

— Espera um segundo, Laura. Aquela é a Rita?!

— Onde? Eu não estou vendo.

— Com aquela cartola de pano, lá na frente!

— Mas não é possível... É ela mesma! E olhe, lá estão o Edgar, a Amélia e até o Thomas! Quando a Ritinha citou já ter ideia de qual seria o seu visual, eu definitivamente não esperava essa combinação inusitada de vestido laranja com uma cartola.

Nós gritamos os nomes deles e balançamos freneticamente nossas mãos até que nos notassem e viressem para perto.

— Ainda temos vários lugares, por que vocês não ficam com a gente? — sugeriu.

— Essa é uma ideia excelente, Helê — concordou Amélia.

Todos estavam caracterizados ao seu modo, até mesmo o Thomas estava com duas pulseiras de tecido, uma laranja e uma verde escura, no braço.

Mais pessoas foram chegando e ocupando os lugares, praticamente enchendo toda a arquibancada antes do início do jogo. Aparentemente, mesmo pessoas de outros colégios tinham vindo prestigiar o momento. A princípio, tivemos uma apresentação de cada grupo de líderes de torcida antes que os times de sua respectiva escola entrassem no campo. Quando o Benjamin entrou, levamos um certo tempo até reconhecê-lo por conta do capacete e dos uniformes.

A partida teve início e, já que eu tinha um conhecimento básico sobre as regras por já ter jogado na escola durante as aulas, eu estava conseguindo acompanhar os acontecimentos. Cada time possuía 11 jogadores em campo e tinham como objetivo invadir o “território” até

chegar em uma área colorida para fazer os pontos, os famosos *touchdowns*. O Benjamin estava atuando na posição de *Tight End*. Pode-se considerar que os jogadores nessas posições são híbridos, pois eles ficam na linha ofensiva, para serem bloqueadores, entretanto podem sair dela para receber passes. O jogo estava uma loucura! Os alunos da outra cidade eram melhores do que eu esperava e o seu nível era quase tão bom quanto o do time do Benjamin. Os adversários começaram com a vantagem, eles eram muito habilidosos e os jogadores que protegiam aquele que estava com posse de bola eram extremamente fortes e estratégistas. Eles fizeram vários *touchdowns*. Por outro lado, o time de Ben não ficava para trás. Eles eram imensamente rápidos e tinham um companheirismo muito forte. Cada passe era mais impressionante que o outro. Eu apostei que não conseguiria ter uma mira tão apurada quanto a deles. Apesar da minúscula probabilidade de isso acontecer no futebol americano, quando os minutos do último tempo estavam se esgotando, ambos os times permaneciam empatados, antes que, repentinamente, o capitão do time de Benjamin fizesse um singelo sinal com a mão. Foi o bastante para o time mudar completamente a estratégia utilizada, surpreendendo o grupo inimigo. Assim, um último *touchdown* foi marcado, dando seis pontos de vantagem para o time do colégio de nosso amigo. A torcida foi ao delírio, gritos alcançavam meus ouvidos de todos os lados, formando um único e bagunçado som. Eu e Laura apertávamos as laterais do nosso cartaz, no qual estava escrito “Arrasa Benjamin!”, com mais força do que a preciso, amassando um pouco as pontas, enquanto pulávamos e o erguímos o mais alto possível. Rita balançava sua cartola com a mão freneticamente, Amélia assobiava, colocando dois dedos na boca, e Edgar gritava desesperado e com todo o seu fôlego, algo que eu nunca o havia visto fazer. Até mesmo o Thomas, que aparentemente não gostava muito da modalidade esportiva, estava batendo palmas e sorrindo, tomado por toda aquela energia embriagante e eufórica. Todos suavam e comemoravam a vitória do nosso amigo. Eu certamente ficaria rouca no dia seguinte, pois berrava palavras de alegria com todo o ar

de meus pulmões.

Quando toda a confusão inicial deu uma diminuída e o time vitorioso recebeu seus parabéns e cumprimentos, Benjamin veio nos encontrar.

— Gente, vocês não têm noção da dimensão da minha felicidade em ver vocês cinco aqui. Até vocês, Amélia, Edgar e Rita vieram. Muito obrigado mesmo! Nós cinco abraçamos o nosso amigo que estava segurando seu capacete com uma mão e pingando de suor.

— Parabéns, Ben! Você arrasou! – elogiei.

— Eu não te disse uma vez que o meu desempenho no esporte “*È il mio cavallo di battaglia*”?

Sorri ligeiramente ao lembrar dessa memória de anos atrás.

— Benjamin, você não vai vir para a confraternização de comemoração que o treinador fará na casa dele? – outro jogador surgiu e falou.

— É claro! Vamos pessoal.

Antes que pudéssemos dizer algo, o amigo interveio.

— Não te avisaram, cara? Cada jogador só pode levar uma pessoa de fora do time.

Um silêncio esquisito pairou sob nossas cabeças até que Amélia o quebrou, falando em um tom divertido enquanto apoiava o seu braço no ombro de Rita.

— Não sejam bobos galera, é óbvio que quem vai junto é a Helena, né?

— Pode ir tranquilamente Helê, nós nos vemos amanhã. Tchau! — disse Edgar e em seguida arrastou Rita e Thomas para irem embora junto com ele e com a Amélia.

Aquilo não parecia certo. Desde a Colônia de Férias éramos um trio, e não mais uma dupla. É claro que eu possuía mais afinidade com a Laura, mas ainda éramos um trio. Teríamos que compensar a Laura muito bem, pois ela era nossa amiga e possuía um espaço grandão no nosso peito, embora ninguém tivesse culpa de nada.

— Tchau pessoal! Vejo vocês outra hora! E não se preocupem. Vocês podem me pagar um sorvete para compensar essa ocasião — disse ela e deu uma piscadinha.

Porém, quando ela estava prestes a virar as costas, Benjamin tocou o seu ombro.

— Desculpa, Helê. Mas está tudo bem se a Laura for comigo nesta?

Eu estava absolutamente chocada naquele instante. Por um momento eu realmente queria acreditar que estava sonhando novamente.

— Eu sei que somos amigos há mais tempo, mas a Laura tem estado próxima de mim recentemente e tem me ajudado com algumas questões. É horrível ter que tomar essa decisão, pois somos um trio de amigos, mas é só dessa vez. Tudo bem? No próximo jogo você vem e eu tento convencer o treinador a abrir uma exceção para a Laura também.

A Laura apresentava uma expressão de confusão e choque ainda maior que a minha e, no seu olhar, eu conseguia ver que ela não desejava em nenhuma circunstância me trair.

— Ei, gente, vamos parar com isso! Desculpa, Ben, mas eu não

acho justo fazer isso com a Helê. Se ela não pode ir, então eu também não vou.

— Nem sonhando, Laurinha! Vá e divirta-se por nós duas. E aquele sorvete que você tinha citado anteriormente como forma de compensação, bem, eu vou cobrá-lo. — Forcei um sorriso que dizia que “estava tudo bem”, mesmo que eu só desejasse sumir naquele exato segundo.

— Tudo bem então... Eu acho — disse Laura em um tom baixo. Depois os dois se despediram de mim e se afastaram até que suas silhuetas ficassem embaçadas na minha visão. Quase como no meu pesadelo, eu nunca pensei que aquele sonho pudesse ser algum tipo de sinal. Queria acreditar que minha intuição estava enganada.

Em algum momento que eu não percebi, Thomas havia mudado sua rota e dado meia volta. Ele estava atrás de mim, com uma expressão séria que indicava que ele não tinha gostado do que havia visto. Dei um sorriso amarelo e acenei com a mão para ir para casa.

— Helena, antes de você ir, gostaria de comer uma pipoca da barraquinha comigo? Eu posso pegar duas no tamanho grande para nós.



70



Convite especial

Na manhã seguinte, eu ainda não sabia muito bem o que pensar sobre a tarde anterior, mas de uma coisa eu estava certa: eu não fazia ideia de como iria encarar o Benjamin hoje. Quando ele e a Laura haviam ficado tão próximos? Eu o via quase todos os dias no ônibus, onde conversávamos ao menos por alguns minutos, mas não recordava da Laura ter me falado que se encontrava com ele também. Fora algumas vezes que fiquei sabendo, como quando eles vieram aqui em casa e ela nos deu os presentes com a temática dos três mosqueteiros.

— Bom dia, vovó. Só vou tomar o meu café e pegar a minha bicicleta.

— Bom dia, Helena. Acho que você está tão acostumada a se atrasar que não reparou que ainda está no horário certo. Eu diria que você conseguirá tomar café tranquilamente e ainda assim chegar a tempo no ponto de ônibus, sem nem precisar correr.

Como não obteve nenhuma resposta, minha sensitiva avó logo notou que algo estava errado.

— Helena, algo aconteceu com você? Por acaso tem algum motivo especial para que você prefira ir de bicicleta hoje?

— Ah, vovó. Sinceramente aconteceu algo no jogo de ontem entre mim e o Benjamin. E eu não sei como encarar ele por enquanto, sabe?

— Por acaso um de vocês se declar... — Antes que minha avó pudesse completar a frase, eu a neguei.

— Nada disso, vovó! Eu diria que é praticamente o oposto — Eu não sei exatamente o porquê, mas discordar daquela maneira fez o meu coração doer ligeiramente. Declaração... Isso nunca havia nem passado pela minha mente.

— Entendi. Eu acho que, por enquanto, você ainda não se sentirá confortável o suficiente para me contar todos os detalhes, Helena. Portanto, fica um pouquinho complicado elaborar um bom conselho. Todavia, se eu pudesse falar algo a partir das informações que você me deu, eu diria que você deve tentar ver o outro lado da história. Se vocês são esses ótimos amigos que aparentam, uma pequena discussão não mudará isso. Tente ver pela perspectiva dele. Eu tenho certeza de que ele tentará ver pela sua também.

— Obrigada, vovó. Agora vou indo, que tenho muito o que pedalar.

— Tudo bem. Até a hora do almoço.

Peguei minha bicicleta vermelha e fui pelo caminho, pedalando mais lentamente do que o costume para que o ônibus e eu não nos cruzássemos, ou melhor, para que um certo rostinho que estivesse na janela não percebesse assim de cara a minha atitude. A brisa empurrava algumas mechas de meu cabelo para trás conforme eu seguia minha trajetória.

— Oi, Helena — falou Laura, com um pouco de receio.

— Oi, Laura! Quero que você me conte absolutamente tudo sobre ontem.

Ao perceber que eu não me encontrava chateada com ela, afinal quem havia feito a escolha tinha sido o Benjamin, portanto nem teria lógica se eu estivesse, minha amiga abriu um largo sorriso e começou a me contar.

— Eu não fiquei muito tempo por lá, talvez uma ou duas horas, mas foi bastante divertido. Conheci algumas das líderes de torcida e alguns jogadores e até mesmo fiz amizade com eles, você acredita?

— Que inesperado. Achei que o Ben iria aproveitar o tempo para comemorar com você.

— Então, eu também estranhei um pouco, para ser sincera. Apesar de sermos muito amigos, eu achei que ele iria te escolher porque vocês têm bem mais assuntos em comum. Eu até diria que você é a tagarela do grupo. Eu gosto de estar com o Benjamin, assim como eu gosto de estar com você, mas quando nós dois estamos juntos não debatemos sobre muitos temas. Então passei a maior parte da confraternização falando com outras pessoas.

— Mas ele falou que vocês estavam mais próximos recentemente.

— Isso é verdade. Nós nos encontramos algumas vezes depois do treino dele para estudar geografia. E teve uma vez que fomos juntos à sua casa para jantar, lembra? Sobre os estudos, eu acredito que ele preferiria pedir a sua ajuda, pois você é melhor em história e temas relacionados a ela. Mas foi bem na época em que você estava estudando para a prova de russo e também estava com mais afazeres de casa para dar conta. O Benjamin foi na minha moradia perguntar se eu poderia ajudá-lo, e eu disse que sim. Estudávamos nos dias em que você estava revisando a matéria sozinha.

— Ele poderia ter me contado! Sabe que eu tiraria um dia para ajudar.

— Acho que exatamente por isso ele não comentou nada e pediu para que eu fizesse o mesmo. Helena, nós somos seus amigos e podíamos ver o quanto você estava empenhada para tirar uma boa nota em russo. Não é de se estranhar que ele não quisesse atrapalhar. Ficamos mais próximos sim, mas não é nada que supere a amizade do nosso trio. Não se preocupe.

Fiquei raciocinando sobre as palavras da Laura durante a aula. Por que será que o Ben tinha feito aquilo? Será que ele estava chateado todo esse tempo por eu estar mais chegada a Laura recentemente? Mas isso também nem fazia sentido, pois nós duas nos vemos bem mais, e, além disso, eu aposto que ele também tinha amigos e amigas no colégio, a julgar pelo grupo de pessoas que eu vi que iam conversar com ele. Tudo bem que nem todos deveriam ser confiáveis, mas mesmo assim algo não estava se encaixando e não fazia sentido. Às vezes ele só poderia ter sentido que dava mais atenção para mim do que para Laura e resolveu mediar a situação. Enfim, esse era um tema para outro momento.

— Bom dia, turma! Tudo bem com vocês?

Olhei para a dona da voz e percebi que não era ninguém mais, ninguém menos que a professora Alicja! Era muito raro eu conseguirvê-la, pois esse ano ela não estava dando aula para a minha turma. Era realmente muita “sorte” minha ter entrado para uma instituição de ensino onde ela e o professor Ivo trabalhavam. E, mesmo assim, só ter aula novamente com o professor Ivo. Mais uma vez o universo fazendo uma de suas pegadinhas, que para mim não tinham a menor graça.

— Bom dia, professora! – cumprimentamos em harmonia.

— Eu estou vendendo alguns rostinhos familiares nesta sala, mas, para quem não me conhece, o meu nome é Alicja e eu também sou professora desta escola. Eu só não dou aula para a turma de vocês este ano. Bem, mas vamos ao que eu vim de fato fazer aqui. Como todos já sabem, anualmente o nosso colégio é um dos que têm a tradição de proporcionar uma viagem muito divertida, gratuitamente, aos alunos que mais se destacaram até a então data. A viagem deste ano será para a cidade turística de Gdansk e os estudantes selecionados não terão gasto com transporte, alimentação, estadia nem com passeios. Fizemos uma reunião com todos os professores recentemente para chegar à conclu-

são de quais seriam os alunos selecionados, de acordo com suas notas, participação e comportamento. No total, 18 de vocês serão agraciados com esse presente da escola. Os que forem selecionados deverão estar bem cedinho aqui no colégio, na data prevista, com suas bagagens e a autorização dos pais devidamente assinada.

A professora Alicja abriu a pasta que estava segurando em uma das mãos para pegar a folha que continha a lista de nomes. Eu olhei para a Laura e nós fizemos os sinais que representavam as palavras “Bom” e “Sorte” para compartilhar energias positivas entre nós. A professora começou a falar os nomes, citando em quais matérias os escolhidos se destacaram mais, para que não houvesse nenhuma acusação de fraude ou algo do gênero a respeito da lista. Edgar, Amélia, Laura, entre outros. Quanto mais ela ia se aproximando do final, mais minhas esperanças iam se esvaindo.

— E, por último, Helena e Thomas. Antes que vocês comemorem, eu gostaria de alertar a todos para terem cuidado com o comportamento. Os dois últimos alunos que eu citei quase perderam a vaga na viagem por conta de uma discussão em sala de aula. Embora a Helena tenha se destacado em história e, surpreendentemente, em russo, e o Thomas se mostrara competente em física e matemática, vocês poderiam ter deixado de serem prestigiados com essa oportunidade. Foi por muito pouco. Então pessoal, sejam mais cautelosos, pois na maioria das vezes entrar em uma briga nunca é vantajoso, mesmo que tenhamos razão. E isso vale para a sala completa e não somente para os dois, pois só os usei de exemplo.

Um silêncio desconfortável se instaurou na sala e eu abaixei a cabeça. A professora estava completamente correta e, pelas expressões de todos, tínhamos entendido o recado. Acredito que outros colegas também estivessem pensando em situações onde perderam a calma por desnecessárias razões e no quanto elas podiam tê-los prejudicado.

— Não precisam ficar assim. Isso não foi uma bronca, mas sim um aviso, que dei apenas pensando no bem de vocês. Podem comemorar, pois apesar de tudo os que eu citei estão de parabéns pelo seu esforço e dedicação, sendo merecedores dessa recompensa. E para aqueles que não conseguiram desta vez, não fiquem tristes, pois todos os anos uma viagem é ofertada. Portanto, não faltarão chances para vocês tentarem. E, além disso, eu consegui convencer a diretoria a dar um agrado para os que permanecerem na escola durante os dias do passeio, porém isso é uma surpresa. A única e exclusiva dica que posso dar é que certamente as suas papilas gustativas apreciarão.

— Será que é sorvete? Cairia tão bem neste calor – deduziu alguém na sala.

— Eu acho que será algo salgado, como algum lanche com bastante queijo. Já estou quase salivando – discordou outro colega.

Assim, um atrás do outro, os comentários dos alunos foram mudando completamente a atmosfera da sala, deixando-a muito agradável e alegre. A professora Alicja saiu com um sorriso no rosto, como se estivesse satisfeita por ter passado seu recado e mesmo assim não ter mantido um bom humor na sala. As aulas aconteceram sem nenhum outro acontecimento marcante até que o intervalo chegasse.

— Eu estou tão feliz que nós vamos a uma viagem escolar juntas de novo Laurinha! Eu não vejo a hora.

Quando passamos pelo refeitório, notamos Rita, que aparentava estar frustrada, com Amélia, Thomas e Edgar sentados em volta de uma das mesas.

— Rita, não fique assim! Na próxima você conseguirá passar – consolou Edgar.

— Que raiva! Se não fosse por educação física e por aquela ben-dita prova de russo!

— Um conselho de amiga: eu acho que você poderia buscar par-ticipar mais nos esportes. Provavelmente você não foi bem nessa maté-ria porque vivia procurando desculpas para não praticar as modalidades.

— O que eu posso fazer, Amélia? Eu sou terrível nos esportes e minha coordenação motora é horrorosa! Sempre que eu jogo, o time no qual estou fica decepcionado por ter que me aceitar como jogadora.

— Eu não vou admitir que você fale mal da sua coordenação motora! Eu já fui na sua casa e vi as roupas lindas que você mesmo confecciona. Para costurar tão bem daquele jeito é preciso um controle altíssimo e muita precisão. Eu sou mais bruta e não conseguaria. É isso, te falta brutalidade! No próximo ano você pode ir na minha casa para treinarmos juntas.

— Mesmo tendo você como a melhor professora de educação física, não acredito que eu seja capaz de ficar minimamente aceitável nessa matéria. Em russo então, estou oficialmente perdida.

— Eu não concordo que esse seja o melhor pensamento nessa situação. Não digo isso como o dono da verdade e nem quero te impor minha opinião, Rita. Mas, olhe para mim, eu nem sempre fui bom em fí-sica. É meio embaraçoso admitir isso, mas eu me perdia nas contas mais simples e nunca comprehendia direito as fórmulas. Então um professor uma vez sugeriu que eu treinasse mais a minha matemática básica, pois ele havia notado que o meu problema não era o conteúdo em si, e sim resolver as contas nos exercícios. Foi o que eu fiz. Eu comecei revisan-do lá de trás, até mesmo os tópicos mais óbvios para a maioria, como contas de multiplicação e divisão. No final, acabou dando certo. Então, mesmo que você seja muito ruim nisso, eu acredito que você possa me-

Ihorar, isso é, se esse realmente for um objetivo que você esteja disposta a correr atrás.

Thomas falou de uma maneira calma e acolhedora, fazendo com que Rita ficasse admirada e concordasse com a cabeça, expressando ter compreendido o que ele havia dito e recuperando suas esperanças.

Buscando alguma alternativa para poder ajudar a minha amiga também, eu a surpreendi por trás, colocando minhas mãos em seu ombro e encostando o meu queixo em sua cabeça.

— É verdade, Ritinha. Olhe para mim: você conhece alguém que não se identifique com russo mais do que eu? Nós duas estudamos juntas e conseguimos tirar boas notas. Se você quiser, podemos te auxiliar. – afirmei, apontando para a Laura.

— Que susto! Desde quando vocês estavam aí? – falou Amélia, que anteriormente estava concentrada em Rita.

— Nós estávamos passando e ouvimos tudinho. É claro que não poderíamos ficar de fora. – disse Laura erguendo os ombros.

— Vocês estariam dispostas a me ensinar também? Sério? Eu definitivamente vou aceitar e lembrar depois, viu? Eu acredito que seja muito abençoada por ter amigos que me apoiam e me motivam como vocês. Obrigada a todo mundo.

Sentei-me à mesa também, alonguei os meus braços e olhei para o Thomas, que também havia se surpreendido com a nossa presença. Ele sorriu sem mostrar os dentes e me cumprimentou. Eu estava feliz por ele ter encontrado um grupo que o fazia se sentir tão confortável e cheguei a essa conclusão final quando notei que, recentemente, ele sempre estava ao redor, preferindo a companhia de seus poucos novos amigos do que a dos maiores grupos. Eu diria que, se ele quisesse, se

encaixaria facilmente entre alunos populares da escola, pois, apesar do seu jeito mais recatado, era fácil fazer amizade com o Thomas, e a sua aparência física também chamava atenção de muitas pessoas, porque ele era alto, possuía cabelos loiros e olhos bem verdes. Ele era muito diferente do Benjamin, que era um moreno com íris azuis e mais comunicativo. Além disso, eu quase nunca tinha desentendimentos com o Ben. Era como se ele me entendesse mesmo que eu não passasse nenhuma informação, quase como telepatia ou como se eu fosse um livro aberto que ele conseguia ler.

— Helena? Você está bem? — O Thomas estava passando a mão em frente ao meu rosto.

Eu voltei para a realidade e balancei a cabeça para retomar os meus sentidos. Por favor Deus, que eu tivesse encarado o chão e não ele. Eu imagino o quanto deve ser assustador ter alguém te olhando fixamente, sem nem piscar, por exagerados segundos.

— Oi? Desculpe, estava pensando sobre um assunto, mas não era nada de mais.

Ele deu uma pequena risada que representava que havia achado graça na situação. Após isso, voltamos para a sala e no final do horário eu fui para a minha casa.

Assim que eu cheguei, vovó Aurora veio ao meu encontro tão apressadamente que estava segurando uma colher de madeira suja, que a auxiliava na elaboração do almoço. Ela estava contente por algum motivo.

— Helena! O carteiro acabou de entregar uma carta de seu irmão!

— O quê? Eu não acredito! Será que é algo relacionado a sua

vinda? Que Deus permita que seja! Vamos abri-la, vovó, rápido!

— Nem sonhando, mocinha. Você sabe muito bem que a sua mãe ficaria muito irritada se não esperássemos por ela! O envelope ficará aqui no meu bolso para garantir que você tenha paciência.

— Mas e se você quiser abrir antes da mamãe chegar também? Ficarei atenta às ações da senhora. Isso seria uma imperdoável traição – falei brincando, afinal eu não questionaria a autoridade de minha avó.

— Eu não sei se conseguirei me conter, também. Quer saber? Vamos deixar a carta dentro do armário. Assim, se uma de nós não conseguir se controlar, a outra ouvirá o barulho da porta se abrindo e virá ao resgate.

— Combinado! – dei uma piscadinha.

Depois do almoço, eu pedi para que a vovó me emprestasse a vitrola para que eu pudesse escutar um pouco de música no meu quarto. Eu escolhi um disco de vinil que continha músicas de jazz, fechei minha porta e coloquei para tocar. A vitrola, apesar de ser antiga, funcionava muito bem para mim e, desde que eu havia recentemente descoberto que era apaixonada pelo ritmo do jazz, ela havia se mostrado bastante útil. Eu descobri esse gosto por conta de um dia que minha avó estava fazendo faxina enquanto escutava o disco que havia acabado de comprar. Era uma música que cativava e embriagava quem estava escutando, me fazia sentir como se eu estivesse em um show ao vivo em um café com a banda tocando. O som do saxofone e do trombone eram alguns dos meus prediletos. Era impressionante como os instrumentos de sopro transformavam o ar que saía pela boca em sons tão bonitos e envolventes, dependendo da intensidade com que se sopra e das posições das mãos.

Eu decidi dançar depois que tentei ler e falhei miseravelmente.

Até mesmo os meus livros favoritos não pareciam ter graça caso eu os comparasse com a satisfação que teria ao ler as palavras que o meu irmão havia escrito de um lugar tão longe, e que agora estavam bem aqui, dentro daquele armário que quase implorava para ser aberto. Então resolvi me distrair de outra maneira: dançando jazz sozinha. Eu não sabia exatamente quais movimentos específicos aquele ritmo exigia, pois nunca aprendi muito sobre isso, porém do meu jeito eu ia de um lado para o outro, me deixando levar pelos diferentes e harmoniosos sons que invadiam os meus ouvidos. Era uma maneira de ocupar-me física e mentalmente, tirando o meu foco de qualquer outra coisa que não fosse a música.

Eu balançava e aproveitava cada nota que a vitrola misteriosamente conseguia tirar daquele grande círculo preto. Os minutos se foram junto com o som, e, quando notei, já estava perto do horário em que minha mãe chegava. Por acidente, eu bati o meu dedo mindinho do pé na penteadeira, o que causou uma dor angustiante que cortou todo o clima que a música havia trazido para o meu quarto. Eu pulei em uma perna só até alcançar a minha cama e me jogar de costas nela. Eu estava levemente cansada de tanto dançar e o meu dedo ainda doía um pouquinho, então fiquei deitada descansando e voltando a prestar atenção no conteúdo do disco. Eu comecei a cantarolar conforme o ritmo e, assim que ouvi os sinais que indicavam o retorno de minha mãe, corri para a cozinha.

— Mãe! Você finalmente chegou, estava demorando uma eternidade! Vamos ler a carta que o Theo mandou!

— O quê? Chegou mais uma? Que maravilhoso! Vamos ler agora mesmo, depois eu me preocupo em tomar banho.

— Vamos, vovó! A minha mãe já chegou! – gritei enquanto abria a aquele armário e retirava o envelope de seu interior.

Queridas mamãe, vovó e Helena,

Como vocês estão? Eu me sinto bem. Finalmente as situações imprevistas foram resolvidas e logo serei liberado para visitar vocês. Espero que estejam tão alegres quanto eu, pois não vejo a hora de retornar para casa, mesmo que por um limitado tempo, que garanto será muito bem aproveitado.

Ah, vou aproveitar da vantagem que tenho por estar distante há muito tempo e pedir para que vocês não se incomodem com o fato de que eu tomei a liberdade de convidar a Ísis para ir junto comigo. O meu desejo mesmo era fazer uma surpresa, só para poder ver a cara de vocês, porém eu entendo que receber convidados na nossa moradia seja algo que necessite ser avisado com antecedência, já que é preciso arrumar um lugar para a pessoa passar a estadia e também se organizar a respeito da quantidade de alimentos que se precisa comprar para que todos consigam ter suas refeições sem problemas. Conto com vocês para cuidarem de tudo.

Levarei algumas lembrancinhas, que eu espero que vocês gostem. São quase todas com tema de galáxia, porém eu escolhi os itens a dedo de acordo com os gostos de cada uma de vocês. Portanto, estou quase certo de que irão agradá-las.

Um abraço tão caloroso quanto o Sol,

Theodor.

Embora essa tivesse sido uma das menores cartas de Theodor, era a que mais havia trazido alegria para a nossa família. Saber que ele estava saudável e feliz era uma coisa; agora, receber a notícia de que ele se encontrava bem e que também estava voltando, era inigualavelmente estupendo! Eu esperava ver um semblante de felicidade no rosto de minha mãe. Entretanto, quando olhei para ela, vi que estava carrancuda.

— Kataryna, você não está animada para a chegada de seu filho mais velho?

— Por que o Theodor tinha que inventar de trazer a namorada dele junto? Eles já não se veem sempre? Quem está com saudade do Theodor somos nós. Será que ele não poderia pensar que seria mais lógico aproveitar seu tempo livre com a gente?

— Parece que alguém está com ciúmes.

— Desculpe vovó, mas sou obrigada a concordar com a minha mãe. Ninguém pediu para que a garota viesse junto.

— Então vocês prefeririam que nunca conhecêssemos a menina que está ao lado de Theodor? Isso não seria irresponsável de nossa parte? Afinal, precisamos saber qual é o tipo de gente que o Theo está mantendo por perto. Eu fico mais tranquila que ela venha junto. Sinal que não tem nada a esconder de nossa família e que está disposta a se apresentar.

Eu e mamãe estávamos de boca aberta. De que lado a vovó estava?

— Coloquem esses queixos de volta em seus lugares e tratem de se arrumar que daqui a algumas horas já iremos jantar. Você não deveria estar tomando banho, Kataryna? Hoje preparei um prato bastante delicioso para nós, pois tive um sonho com esse animal. Vocês sabem como isso é raro, então vão já se aprontar. Sabia que aquele sonho significava boas notícias.

— Então hoje teremos um jantar especial, vovó?

— Isso mesmo, Helena.

Fui para o meu quarto e peguei meus cadernos e canetas. Desde

o último bilhete, eu não havia feito mais nenhum contato com o nosso inquilino e um jantar especial seria uma boa desculpa para conhecê-lo. Eu o convidaria através de outro pedacinho de papel. Assim, mesmo que ele negasse, a vovó não brigaria comigo, pois eu tecnicamente não o incomodaria e nem o obrigaria a nada. Focar um pouco nisso seria uma boa distração para tirar minha mente ansiosa da volta de Theodor, que ainda poderia demorar um pouco.

Olá! Como você está se sentindo neste maravilhoso dia? Quem está te enviando este outro bilhete é a Helena novamente. Eu vim te convidar para jantar conosco nesta noite, pois a vovó preparou um prato especial e iremos comemorar a notícia de que meu irmão voltará para casa em um período próximo. É claro que você não é obrigado a aceitar, mas acredito que seria um desperdício enorme deixar de comer essa refeição tão deliciosa enquanto ainda estiver quentinha.

Estarei te esperando, portanto sinta-se bem-vindo para aparecer caso desperte alguma vontade. Estou ansiosa para poder te cumprimentar pessoalmente.

Helena.

Minha avó estava na cozinha, entretida no meio dos sons que as panelas faziam, e minha mãe estava tomando banho. Portanto, aquele seria o momento ideal para entregar o bilhete. Já que o ex-prisioneiro permanecia em seu quarto nesses horários, eu passei o papel por debaixo de sua porta e bati nela três vezes sem usar muita força. Apenas com o intuito de chamar sua atenção caso ele estivesse distraído, mas não o suficiente para acordá-lo caso estivesse dormindo. Feito isso, voltei para a minha cama e fiquei lendo até que o jantar ficasse pronto.

— KATARYNA! HELENA! Está tudo pronto, estou esperando.

Nós duas nos dirigimos para a mesa, tomamos os nossos lugares. O grito da vovó havia sido tão alto que tenho certeza que até o hóspede havia notado que o jantar estava servido. Então agora era por conta dele.

— Antes de nos servirmos, alguém gostaria de expressar o nosso agradecimento ao Criador por esta refeição? Que tal você, Helena?

— Tudo bem, vovó. — Pelo visto ele não viria mesmo, pois todos sabiam que “é falta de educação aparecer na refeição depois da oração”. O vovô até havia me ensinado essa rima para que eu não esquecesse.

— Caso não se incomode, Dona Aurora, eu gostaria de fazer a oração de hoje.

Eu olhei bruscamente em direção à entrada da cozinha, de onde o nosso misterioso hóspede estava falando. Ele era alto e forte, possuía uma barba crespa completa, daquelas que os meninos querem ter quando chegam na puberdade, usava óculos e sua camiseta revelava várias cicatrizes de tamanhos e larguras variáveis nos dois braços. A vovó levantou bruscamente de sua cadeira e falou:

— Boa noite, Petroski! Eu não imaginava que você se juntaria a nós nesta noite, porém seja muito bem-vindo. Meninas, esse é o Petroski, o nosso inquilino, e ele fará a oração desta vez.

Minha mãe me encarou, acusando-me de maneira não verbal e discreta de ter algo a ver com aquilo. Eu queria negar, mas estava com um sorriso de orelha a orelha tão grande que ficaria na cara que eu estaria mentindo.

— Boa noite! Petroski, correto? Eu sou a Helena e essa é a minha mãe Kataryna. Estamos muito contentes por finalmente te conhecer. Fala boa noite, mãe.

— Eu já ia falar Helena, você não precisava me avisar. Seja muito bem-vindo Petroski.

— Muito obrigado. É um prazer conhecer vocês.

A vovó sempre falava que minha mãe havia se tornado alguém difícil de fazer amigos, então acredito que isso justificava o fato de ela parecer tão desconfortável com toda a situação. Eu também achava que ela não era uma grande fã de surpresas, então deveria ser estranho ter um completo desconhecido no jantar de comemoração pelo futuro retorno de meu irmão Theodor. Mesmo assim, na minha opinião, ela deveria estar mais animada, pois finalmente estávamos conhecendo o indivíduo que estava morando debaixo do nosso teto durante todo esse tempo. Era muito claro que eu e minha mãe não tínhamos personalidades nem minimamente semelhantes.

Enfim, vovó indicou um lugar para que ele ocupasse e fizesse os agradecimentos.

— Eu agradeço ao Senhor, nosso amado e respeitado Deus, primeiramente, pela possibilidade com que o Senhor nos presenteou, de estarmos de pé neste dia. Obrigado por sempre cuidar de todos nós e nunca nos deixar sozinhos, por abençoar cada minúsculo passo que damos em direção aos nossos futuros e por nunca permitir que nos falte o mais necessário para nossa inteira existência: esperança e amor.

Eu fechei os olhos para absorver a oração. Aquelas palavras traziam paz e tranquilidade; e eu, por alguma razão, não queria que elas terminassem. O Petroski deveria ser um daqueles indivíduos que têm o dom de transmitir sentimentos às outras pessoas através de sua voz. Quando ele acabou, minha avó agradeceu pelas palavras e nós iniciamos a degustação de nossa refeição. Minha mãe foi a primeira a se retirar, deixando um pouco de comida no prato e alegando estar com sono

por conta do dia cheio. Quando ela passou, o Petroski desejou um boa noite de sono e ela acenou com a cabeça. Eu particularmente achei que aquilo foi uma atitude que representou uma notável falta de educação, mas ela era a minha mãe, portanto eu não deveria falar nada a respeito.

Quando o resto de nós terminou os seus pratos, Petroski sugeriu que dividíssemos entre nós a organização da cozinha para terminar o serviço mais rápido. Contrariando a vontade de minha avó, foi ele quem lavou a louça, depois que tirei a mesa. Assim, vovó secou e guardou tudo de volta nos armários.

Me despedi deles e finalizei a minha noite satisfeita pelos últimos acontecimentos. Eu nunca havia visto um homem ser tão cavalheiro se oferecendo até para ficar com a parte principal de uma limpeza, que naquele específico caso era a louça. Mesmo o vovô Wicenty, que era sábio e prezava pela educação, não lavava um copo sequer, sempre atribuindo essas funções para as mulheres e afirmando que os serviços mais pesados eram dos homens.



II



A viagem dos sonhos

Finalmente a época de provas e trabalhos havia terminado e a data da viagem chegou! Eu havia organizado toda a minha bagagem no dia anterior e separado a roupa que eu usaria.

— Você colocou tudo mesmo, Helena?

— Sim, vovó! Não se preocupe.

— Escova de dentes, roupa de frio e calor, meias extras, sabonete, sapatos?

— Sim, vovó. Quer dizer, eu não vou levar sabonetes pois acréscito que tenha lá onde vamos dormir.

— Eu vou pegar um agora mesmo para você, Helena. Nunca se sabe realmente o que eles vão fornecer e esses objetos de higiene básica não podem faltar.

Vovó Aurora sempre se preocupava com os mínimos detalhes e argumentava que deveria fazer isso, pois nessas situações ela está muito longe de mim, sendo incapaz de vir ao meu socorro imediatamente caso eu tenha algum problema. É muito fofo da parte dela fazer isso, porém eu acabei tendo que espremer os meus pertences para que tudo coubesse na minha pequena mala.

— Aqui! Este é um daqueles bem cheirosos de que você tanto gosta.

— Obrigada. Vovó, acho que pegamos tudo.

Espremi todas as roupas e objetos o máximo que pude, mas só consegui fechar o zíper definitivamente quando sentei em cima da mala para que o meu peso fizesse suas duas partes se encontrarem. Seria preciso um certo esforço para arrumá-la de novo quando eu voltasse para casa.

— Você vai de ônibus, Helena?

— Vou, sim! Já que temos que estar lá às 7h30, consigo até mesmo chegar com alguns minutinhos de folga. Além disso, eu duvido muito que a cestinha da minha bicicleta aguentaria todo esse peso sem que acabasse se soltando.

— É, você tem razão. E além disso, não sei se a escola permitiria que você deixasse a bicicleta lá guardada por tantos dias. Então, tome um café da manhã bem reforçado e depois você já pode sair. Eu já vou me sentar à mesa para comer. Finalize o que precisa e vá logo, tudo bem?

— Entendido, vovó! Vou daqui a dois minutinhos.

Assim que eu fiquei sozinha, peguei um caderno e uma caneta para escrever um bilhete.

Petroski,

Oi! Como você já deve ter adivinhado, aqui é a Helena. É muito cedo, então estou escrevendo este bilhete para não te acordar. Eu fiquei muito contente por você ter aceitado o meu convite da última vez e, mesmo que você diga que não quer incomodar, estou te afirmado novamente que você seria bem-vindo em dividir os momentos de refeição com a gente mais vezes. Sei que já sugeri isso em outros momentos, mas, caso você não tenha notado, eu posso ser ligeiramente insistente em algumas situações.

Estou aproveitando para escrever antes de sair, pois eu estou indo para uma viagem escolar hoje, portanto ficarei fora por alguns dias. Você já conheceu Gdansk? É para lá que eu vou. É a primeira vez que estarei nessa cidade. Então, estou muito animada e espero que seja

legal. Deseje-me sorte.

Helena.

Agora que eu sabia o nome do inquilino eu podia colocá-lo no espaço destinado para o meu destinatário, antes do conteúdo do bilhete, deixando esse com a estrutura levemente mais completa, porém eu não achava necessário colocar uma data e nem uma despedida, por ser algo mais informal e rápido. Por fim, depois que deslizei o papel por debaixo da porta do Petroski, fui para a cozinha.

A vovó havia feito um suco natural e um bolo com cobertura de geleia de frutas, ambos estavam deliciosos.

— Helena, eu pedi para que você tomasse um café reforçado e não para se encher até o início da garganta. Normalmente eu não ligaria, mas você deve lembrar que ficará por consideráveis horas em um ônibus em movimento, portanto deve tomar cuidado para não passar mal e vomitar. Você jogaria fora toda a energia da refeição se isso acabasse acontecendo.

— É verdade, vovó. Mas é que está tão apetitoso que eu não consigo me controlar. Mas farei como a senhora está pedindo para não me arrepender.

No ônibus, eu tive que me esforçar um pouco para acomodar as minhas coisas, de modo que não atrapalhasse a passagem de ninguém pelo corredor.

— Acho que as suas pernas ficarão um pouco marcadas pela textura da sua mala, já que você teve que espremer entre seus pés e o banco da frente – disse Benjamin.

— Pois é. Mas aqui dentro nós não temos bagageiro, então este é o único jeito.

Ben e eu tínhamos nos resolvido a respeito daquele incidente da partida havia algum tempo. Na realidade, nós praticamente apenas ignoramos o ocorrido. Eu acabei admitindo que havia ficado sentida por sua escolha, mas que eu entendi que era um direito dele decidir quem ele gostaria de levar. Por sua vez, o Benjamin afirmou que não havia feito com o intuito de me chatear e que com certeza me compensaria, então nós finalizamos o assunto. Eu defini que não ficaria remoendo aquele sentimento de traição e que seguiria em frente, afinal também não era correto incentivar ciúmes dentro do meu próprio trio.

— Você está animada para a viagem?

— Com certeza! É uma pena que você não vá desta vez, mas sonhos também requerem alguns sacrifícios, como estudar longe de um amigo.

— Não vale elaborar e executar nenhuma missão impossível sem mim, viu? — disse ele com uma piscadinha.

— O quê? Você acha que eu chamaria outra pessoa para sair andando comigo no meio de um lugar desconhecido, enfrentar quase assaltos, fingir ser filhos de outros pais no trajeto e entrar disfarçados em um estabelecimento, com direito a nomes falsos e tudo mais? Não teria a mínima probabilidade!

— Agora que você descreveu desse jeito, eu acredito que de fato teria somente uma minúscula chance de outro alguém, que ainda seja lúcido, aceitar tal proposta.

Nós rimos em voz alta, achando graça da situação. Nem parecia que tínhamos vivido aquela história havia apenas alguns anos.

— Eu vou tentar me comportar desta vez, eu prometo.

— Olha, não vejo problema nenhum em aprontar um pouquinho, desde que não seja naquele nível. Uma Helena que segue à risca todas as instruções não possuiria a essência da minha amiga.

— Só você mesmo, Ben.

— Você pode colocar a sua mala no corredor só por um segundo para que eu passe? — pediu ele ao notar que seria complicado ter que pular por cima dela.

— Claro que posso. Boa aula, e bons treinos.

— Tchau, Helê. Boa viagem! E não faça nada que eu não faria junto. Ou melhor, se uma ideia soar muito maluca, não concretize ela, mesmo se você achar que eu iria junto. — afirmou ele com uma falsa expressão de seriedade.

— Pode deixar. Tchau.

Eu sabia que ir para um passeio escolar sem o meu amigo seria estranho, era a primeira vez que eu conseguia a autorização da minha mãe desde a Colônia de Férias. No final das contas, a maneira mais madura com que a sociedade me enxergava depois dos meus 15 anos também tinha suas vantagens.

Chegando no meu colégio, fui encontrar o meu grupinho de amigos.

— Oi, gente! Vocês estão preparados? — perguntei.

— Bom dia, Helena! Eu não vejo a hora de partirmos, mas acredito que ninguém esteja mais preparado do que a Laura. Parece até que ela vai mudar de casa — disse Edgar ao apontar para ela, que carregava

uma mochila estufada e uma mala grande de rodinhas.

— O que você tanto está levando aí dentro, Laura? Serão poucos dias. — perguntei.

— Um pouco de tudo. Tem alguns produtos para cabelo, maquiagem caso sintamos vontade de passar algo fraco e natural para ir nos passeios, alguns pares de sapatos e conjuntos de roupa para ter opções, um caderno e um estojo para que, caso fiquemos entediados no ônibus, possamos brincar de jogo da velha, um travesseiro para não ficar desconfortável, uma mantinha e mais algumas coisas.

— Nossa! Eu estou apenas com algumas trocas de roupa e já estava achando minha mochila cheia demais — disse Amélia chocada.

— Como assim, pessoal? Eu achei completamente primordial. Vocês não sabem a dor no pescoço que eu tive quando dormi de mal jeito naqueles bancos uma vez. — Laura até alongou o seu pescoço, girando ele, ao lembrar da sensação. — Mas e você, Helena, está animada? Já fazia um certo tempo que você não ia, mesmo na nossa antiga escola.

— Nem me fale, Laura. Eu fiquei apavorada com a possibilidade de que minha mãe não deixasse eu ir e eu perdesse a minha vaga para outra pessoa de novo. Seria como ter o próprio esforço jogado no lixo.

— Ué, você já perdeu a sua vaga na viagem em outra escola, Helena? Por que sua mãe não permitiu que você fosse? No meu antigo colégio tinham apenas passeios mais curtos, mas meus pais não pensavam duas vezes antes de assinar a autorização. — Edgar estava curioso a respeito disso.

— É complicado. Digamos que alguns acontecimentos deixaram ela com receio do que eu pudesse inventar enquanto estivesse em outras cidades. Mas agora ela já está mais tranquila — Dei um riso um pouco

sem jeito, tentando desviar do tema.

— Oi, cheguei atrasado? – falou Thomas ao se aproximar de nós.

— Não, ainda temos tempo antes que nos chamem para entrar no ônibus - afirmei.

— Gente, agora que eu parei para pensar. Precisamos decidir quem serão os pares nos bancos dos ônibus, já que estamos em um número ímpar - Thomas declarou.

— Se vocês quiserem, eu posso ir com o Thomas desta vez, já que ele ainda não tem tanta afinidade com o resto da turma, fora nós, para convidar alguém.

— De jeito nenhum! Desculpe, Thomas, mas não abrirei mão da companhia da Helena. Somos uma dupla - Laura rapidamente se manifestou.

— Não se incomodem com isso gente, desde que eu sente próximo a vocês já estará de ótimo tamanho.

— Eu posso sentar com você, Thomas. A Amélia só dorme quando anda em qualquer veículo, não desperta nem para conversar.

— É você que quer ficar de papo-furado a todo o instante, Edgar. Na nossa antiga escola eu mal podia prestar atenção nos meus próprios sonhos. Aposto que até o Thomas faria o mesmo. – brincou Amélia.

— Amélia, se você acha o Edgar tagarela então você nunca deve se sentar junto com a Helena, viu?

— Eu não acredito que você está espalhando tais calúnias de mim, Laura!

Olhei para o Thomas e ele parecia estar achando engraçado todo aquele clima divertido da conversa.

— Acho que, pensando no aproveitamento do meu sono da beleza, vou convidar aquela menina para se sentar comigo. Ela vive dormindo nas aulas, então espero que na viagem não seja diferente. Seria a companhia ideal — Amélia apontou para a garota e foi em sua direção como quem estava convencida de que seu plano era brilhante.

— Então acho que está tudo decidido — afirmou Laura.

— Pessoal! Todos venham aqui, por favor — a professora Alicja chamou.

Todos nós fomos ao local indicado, perto do ônibus, para ouvir o que os professores tinham a nos informar.

— Hoje é o dia da nossa viagem para Gdansk. Estão todos preparados?

— Sim! — respondemos em conjunto.

— Antes de tudo, darei a vocês algumas orientações. Os professores que irão acompanhar vocês neste ano é o professor Hugo e eu. Você não deverão sair nem por um minuto de onde mandarmos e devem seguir à risca todas as instruções, certo? — Por um instante, eu poderia jurar que a professora Alicja havia olhado para mim ao dizer o final da última frase.

— Certo, professora — respondemos.

— Assim que entrarmos no ônibus, vocês devem escolher os seus lugares e guardar suas malas no local adequado, depois faremos a chamada e pegaremos a estrada. Antes de chegar ao destino, nós vamos fazer uma parada para almoçar, depois seguiremos na estrada até o final.

Assim que estivermos em Gdansk, o professor Hugo falará sobre os dormitórios para que vocês possam guardar os seus pertences e se acomodar, para assim começarem as demais atividades que serão explicadas em outro momento. Lembrando que toda vez que entrarmos ou sairmos do ônibus será feita a chamada para garantir que todos estão presentes. Como vocês já sabem, no total são 18 alunos e dois professores, não é permitido que ninguém vá para longe do grupo sem autorização e é de imensa importância que sempre que estabelecermos um local de encontro todos estejam lá na hora marcada, sem nenhum atraso.

Assim que ela terminou sua fala, o professor Hugo complementou:

— Lembrando, pessoal, que em caso de algum aluno estar passando mal, ter alguma emergência ou qualquer coisa que necessite de ajuda, vocês devem comunicar imediatamente a um de nós dois, que somos responsáveis pelo bem-estar de vocês. Ah, e por último, mas não menos importante: vocês já devem aproveitar esse momento para ir ao banheiro. Afinal, a viagem é longa e teremos chão até que a hora do almoço chegue.

Eu nem tinha parado para pensar sobre isso. Imagine só se o professor Hugo não lembrasse a gente e depois ficássemos apertados no meio da estrada, onde não há nenhum banheiro à vista. Seria desastroso e desesperador. Todos seguimos as instruções e depois retornamos. Entramos no ônibus e pegamos os nossos assentos. Por sorte, todo o nosso grupinho conseguiu ficar em bancos que eram perto uns dos outros. Atrás de mim e de Laura estavam o Edgar e o Thomas e à nossa frente estavam Amélia e a sua companheira.

— Thomas, como você está se sentindo? Já fez uma viagem escolar antes? — perguntei, virando para trás no meu lugar.

— Não, no meu antigo colégio eles não tinham esse costume. Eu estou um pouco apreensivo, já que não sei muito bem como tudo isso funciona. Porém, vendo os semblantes satisfeitos de todo mundo, eu estou com boas expectativas.

— Nós garantimos que você vai adorar, Thomas. Eu queria que tivéssemos uma câmera fotográfica para registrar alguns momentos, mas o nosso amigo que possui uma está em outro colégio – disse Laura.

— É aquele para quem vocês estavam torcendo naquele jogo de futebol americano? O Benjamin?

— Esse mesmo! Eu, ele e a Helê tiramos uma fotografia muito legal na última viagem em que fomos juntos, um dia você tem que a ver.

— Espero que eu tenha essa oportunidade.

— Vai sim, não se preocupe. Eu queria conseguir achar uma lojinha que vendesse pingentes que representassem a cidade para colocar na minha pulseira. Ela ainda tem muitos espaços, então seria interessante colocar enfeites que lembrassem de lugares pelos quais eu passei, além de pessoas que são especiais para mim – comentei.

— Então essa pulseira que sempre está com você possui significado, Helena? Eu achei que você a usava apenas por ela ser bonita.

— Você nunca reparou, Thomas? Até mesmo eu sei o que cada pingente da pulseira dela representa. Quer que a Helena te conte também? – Edgar entrou na conversa.

— Eu não quero ser intrometido.

— Não se incomode, Thomas. Na verdade, eu até gosto de falar sobre isso. Veja só: essa chavinha dourada eu ganhei do meu avô, assim sinto que sempre estou perto dele. Ela foi o primeiro enfeite.

— Ele é uma pessoa legal?

— Você não tem nem ideia, ele era simplesmente maravilhoso! Infelizmente o Criador decidiu que queria meu avô ao seu lado novamente. Então, ter essa chavinha é como ter ele aqui fisicamente.

— Sinto muito.

— Sem problema, isso já tem alguns anos, então agora consigo falar sobre isso tranquilamente – dei um suspiro por conta da saudade.

— Agora, indo para o próximo, você vê esta menina aqui? Ela me representa na pulseira da Helê, e fui eu que escolhi e comprei – falou Laura, toda orgulhosa, para mudar o clima triste da ocasião.

— E essa bola de futebol americano é por conta do Benjamin?

— Exatamente, Thomas. Inclusive foi ele quem me deu a pulseira, como presente de aniversário de 15 anos. A que eu usava antes era bem mais simples.

— E vocês são melhores amigos? – era raro ver o Thomas perguntando qualquer coisa pessoal. Então me surpreendi, mesmo sendo algo simples.

— De jeito nenhum, Thomas. Talvez no começo da amizade deles sim, mas hoje em dia eu sou a melhor amiga da Helena. Digamos que nós três formamos um trio muito unido, porém eu e ela somos um pouquinho mais íntimas agora. Até mesmo porque o Ben anda muito ocupado, então Helena e eu acabamos tendo mais contato entre nós duas cotidianamente. Ele sabe disso, mas mesmo assim somos próximos.

— Entendi. Vocês duas parecem bem grudadas mesmo. Aparentemente vocês têm uma amizade muito bonita.

— Obrigada – respondemos em harmonia.

— E você, Thomas, possuía alguma melhor amiga antes? – questionou Edgar

— Eu tinha vários colegas, mas não tinha uma maior afinidade com nenhum deles. As nossas opiniões eram bem contrastantes em alguns assuntos específicos, então eram raras as pessoas ao meu redor com quem eu me identificava.

— Dá um exemplo de algum desses assuntos – sugeriu Edgar.

Eu percebi que aquele era um tema sobre o qual o Thomas não queria se aprofundar, visto que ele não se sentia confortável em falar de sua terra natal. Então eu tentei desviar o rumo da conversa.

— Thomas, você sempre gostou muito desses tênis, não é? Percebi que você sempre está usando eles.

— Desde que eu tinha uns 12 anos eu uso este modelo, acredita? O primeiro que a minha mãe me deu era um vermelho e eu tentei, de todas as formas, convencê-la de não o jogar fora mesmo quando já estava até furado de tanto uso. No final, eu acabei aceitando e ela comprou um novo, mas de outra cor. Atualmente eu prefiro usar esse aqui, que é preto e branco mesmo, pois combina mais com as cores das minhas roupas, porém eu também gosto de alguns que possuem cores claras.

— Eu imagino a cena entre você e a sua mãe. Deve ter sido muito fofo e engraçado – falou Laura.

Parando para pensar, a paleta de cores das roupas de Thomas geralmente sempre variava entre tonalidades neutras e claras, raramente sendo algo vibrante. Até mesmo no dia em que foi torcer com a gente na partida estava só com pulseiras das cores verde e laranja, enquanto o

resto de seu traje não possuía cores chamativas.

— Gente, vocês notaram que até agora a Amélia não falou nada?
— observei.

Eu virei para o banco da frente para cutucá-la, mas notei que ela estava dormindo com a cabeça encostada no vidro da janela.

— Viu como eu tinha razão?

— Quem diria que você estaria mesmo certo, Edgar? – Todos nós rimos baixinho depois do comentário de Laura.

— E se nós a acordássemos? – sugeri.

— Nem pense nisso, Helena. Por experiência própria, sei que ela fica muito estressada e mal-humorada se a tirarmos de seu sono apenas para conversar. Além disso, não teríamos o resultado esperado, pois no máximo ela resmungaria, simplesmente viraria para o lado e voltaria a dormir, como se nada tivesse acontecido. Vamos poupar nós mesmos dessa frustração – Edgar avisou em tom brincalhão.

Ficamos em silêncio por um tempo. Enquanto apreciávamos a vista pela janela, eu mergulhei em minha imaginação e me deixei levar por pensamentos de como às vezes a paisagem apareciam estar se movimentando e não o veículo em que eu estava, que se a Lua já estivesse no céu, talvez eu tivesse a impressão de que ela estaria correndo para nos alcançar, que algumas florestas pareciam verdes e fofinhos cobertores se olhássemos de cima, que os brilhos dos raios solares raramente conseguiam ser adequadamente reproduzidos nos desenhos infantis e que as nuvens iam se movendo gradativamente, formando imagens para o nosso entretenimento. Aliás, eu poderia jurar que havia visto uma no formato do meu papagaio e outras duas representando as bolas dos dois tipos de futebol.

— Pessoal, vocês querem ouvir um pouco sobre a história de Gdansk? Afinal, a nossa visita pode ser bem mais interessante se soubermos sobre o passado daquela terra, não é mesmo?

— Eu quero sim, professor. Eu soube que Gdansk é uma cidade muito famosa pela sua história e seus pontos turísticos.

— Exatamente, Helena.

Todos concordaram em escutar sobre a história da cidade e ficaram quietos.

— Os registros mais antigos de Gdansk referem-se por volta da segunda metade do século X, quando o ducado da Pomerânia era responsável por governar a cidade. Aproximadamente três séculos depois, esse território foi anexado às terras polonesas, e as duas regiões tornaram-se apenas uma.

— Professor, isso significa que todo mundo virou polonês? — perguntei, depois de ter erguido a mão e o professor ter me autorizado a falar.

— Boa pergunta, Helena. Realmente, as pessoas que moravam lá se tornaram súditos daquele monarca. Continuando, naquela época o mundo se encontrava em meio ao período medieval, onde a igreja usava instrumentos de dominação. Essa estabelecia as regras de acordo com as vontades dos indivíduos que pertenciam às classes dominantes. Com a morte do rei, os cavaleiros teutônicos tomaram o governo, apoiados pela igreja, e isso não deixou a população nenhum pouquinho satisfeita. O controle deles era imenso e exageradamente violento.

— Professor, você está dizendo que a Igreja Católica oprimia o povo? — questionei. Afinal, aquilo não fazia sentido, já que eu tinha colegas que seguiam essa religião e que eram muito legais.

— Exatamente, Helena. Temos que observar os fatos com um olhar histórico e não pessoal. Embora as atitudes dos governantes não seguissem muitos princípios daquela religião propriamente dita, eles a usavam do mesmo modo como desculpa para dominar os cidadãos. Percebiam que o problema não eram os fiéis em si, e sim as elites que desejavam a todo custo impor suas vontades e manter os seus privilégios.

— Entendi, professor Hugo! Muito obrigada.

— Por nada, Helena! Com muita luta e de forma demorada e gradual, os poloneses venceram os cavaleiros teutônicos e colocaram um novo rei no poder, chamado de *Kazimierz*. Embora o reinado estivesse agradando mais as pessoas, o problema do agudo controle por parte da igreja católica permaneceu.

— E o que os poloneses fizeram a respeito disso, professor? — um dos meus colegas de classe perguntou.

— Depois que os teutônicos foram expulsos, começou-se a trabalhar para tirar todo aquele poder da Igreja Católica. O que foi concretizado séculos depois, mas a Polônia não fez isso sozinha, e sim pôde contar fortemente com o apoio da igreja protestante. Ah, deixe-me explicar para vocês o que foi a Reforma Protestante: basicamente ela aconteceu quando algumas figuras se desvincularam do catolicismo, pois não concordavam com várias das regras, e estabeleceram novas religiões, dentre esses indivíduos podemos destacar o João Calvino e o Lutero. Enfim, por conta dessa nova corrente de pensamento, que não defendia a permanência daquela estrutura (de clero, nobreza e terceiro estado), o nosso país conseguiu a liberdade religiosa. Assim, no lugar cresceu uma tolerância maior com pessoas que possuíam diferentes religiões, tanto que muitos escoceses e holandeses migraram para cá. Mais tarde, huguenotes e judeus fizeram o mesmo.

— Então é por isso que a nossa nação é mais tolerante agora, professor?

— Exatamente, Laura. Seguimos agora para a Idade Moderna. Nela, a Polônia disputava fronteiras com os seus vizinhos e um deles era a Prússia. Talvez vocês não estejam familiarizados com esse nome, pois atualmente ela não existe mais. A cidade que estamos indo visitar hoje foi palco desses conflitos, que tiveram um desfecho somente no século XIX, quando Napoleão invadiu esses reinos, inclusive a Polônia, e impôs uma supremacia francesa. Quem nos ajudou a expulsá-lo daqui foi a Rússia, que atuou praticamente como uma salvadora para nós.

— O Exército Vermelho possui realmente toda essa força, professor? — perguntou Thomas de modo pensativo.

O professor permaneceu calado por alguns instantes, como se estranhasse a pergunta dele, até que esclareceu:

— Acredito que tivemos uma pequena confusão aqui, Thomas. Afinal, o Exército Vermelho ainda não existia naquela época. Mas os russos de fato eram, e são até hoje, muito fortes. Inclusive nós temos sorte de poder contá-los como nossos aliados.

— Professor, você não vai falar das grandes guerras, que aconteceram depois de 1900? — aquela era a minha parte preferida.

— Ótimo ponto, Helena! Vocês sabiam que foi aqui na Polônia que houve o assassinato do arquiduque Francisco Ferdinando? Isso foi o estopim que estourou a Primeira Grande Guerra! Nós fomos aliados da Tríplice Entente, do mesmo lado que a Rússia, a França e a Inglaterra. No final desse enorme conflito, a Polônia ficou sob tutela das Liga das Nações. E muito importante foi o “Outubro Vermelho de 1917”, fato que iniciou a revolução na Rússia e que teve como consequência a adoção do grande regime comunista. Já na Segunda Guerra Mundial, nós

fomos invadidos pela Alemanha nazista. Um dos motivos que levaram a isso foi o desejo dos alemães em ter acesso à cidade de Gdansk, pois ela era um ponto estratégico para o sistema logístico de guerra nazista. Afinal, era por lá que eles poderiam receber minério de ferro. Thomas, você havia falado sobre isto antes. Então acredito que conseguirei te responder melhor. É nesse contexto que o Exército Vermelho entrou. Aliás, nós fomos muito abençoados por tê-lo, afinal foi justamente ele que livrou o nosso país do controle dos nazistas cruéis.

— Entendi, professor — Thomas parecia levemente incomodado.

— Infelizmente, em meio a toda aquela catástrofe, Gdansk ficou praticamente em ruínas.

— Então visitaremos uma cidade em ruínas, professor Hugo? Eu achei que ela fosse muito bonita e tivesse vários pontos turísticos — questionou Edgar.

— De jeito nenhum, Edgar. Na verdade, é muito pelo contrário. Os cidadãos de Gdansk, entre outros indivíduos que também ajudaram, é claro, deram tudo de si para reconstruir a cidade. A maior parte dos lugares pelos quais passaremos são todos reconstruídos, tudo graças ao esforço coletivo para fazer o lugar voltar a ser belo.

— Nossa! Uma vez eu observei alguns pedreiros construindo uma casa e pensei no quanto o trabalho parecia pesado e muito difícil. Imagina reconstruir uma cidade inteira? Deve ter levado muito tempo e ter sido imensamente complexo.

— Eu soube que existiam campos de concentração, nós vamos passar em frente a algum desses? — perguntei.

— Acredito que não, Helena. Quem sabe em uma próxima. Pessoal, esse foi o resumo que eu queria contar para vocês. Espero que

tenham gostado. Podem voltar ao que estavam fazendo. Em breve faremos a parada para o almoço.

— Agora eu estou muito mais animada para chegar logo! E vocês? — comentei.

— Bem, pelo que vejo a Amélia nem estava acordada durante a história. Então, para ela não mudou muita coisa — disse Laura de brincadeira.

— Eu concordo com você, Helena. Depois que você descobre informações sobre o local ao qual você está indo conhecer, fica tudo mais emocionante — falou Edgar.

— E você, Thomas, o que achou? — questionou Laura, incluindo ele no assunto.

— Admito que fiquei um pouco perdido em algumas partes, já que era a primeira vez que eu ouvia sobre o tema, mas parece muito interessante. Eu não sei o que esperar para ver quando chegarmos lá, então estou curioso. Mas acho que isso nem se compara ao brilho nos olhos da Helena quando ela expressa sua animação.

— Que maneira fofa de falar — disse Laura. Eu pude notar que o Thomas ficou um pouco sem jeito.

— Não que eu estivesse reparando nisso de uma maneira estranha, nem nada do tipo — justificou ele.

— Relaxa, eu só estava brincando — respondeu Laura com um sorriso.

Eu coloquei uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e tentei desviar do tema:

— O que vocês acham da gente jogar algo para nos distrairmos?

Eu estava deslumbrada pelo tanto que havia aprendido em sómente uma viagem de ônibus. Era incrível saber como cada povo tinha sua complexa trajetória e que os acontecimentos variam tanto entre lugares diferentes, mesmo que estes pertencessem ao mesmo conjunto. Eu diria que se Gdansk fosse uma pessoa, certamente seria muito corajosa.



12



Lugares inesquecíveis

Nós almoçamos em um restaurante que ficava ao lado do lugar onde o ônibus parava para abastecer. As paredes do estabelecimento eram de madeira crua e as mesas eram cobertas por toalhas quadriculadas em bege e vermelho. A refeição foi muito boa, com direito a bolo de sobremesa. Após isso, voltamos para a estrada até chegar no nosso destino. O veículo estacionou, nós acordamos a Amélia com cosquinhass e descemos, pegando nossas malas. Assim que os meus pés tocaram o chão, eu alonguei o meu corpo inteiro.

— Gente, acho que dormi de mau jeito! Se eu for selecionada de novo, eu certamente farei como a Laura e trarei um travesseiro – reclamou Amélia, enquanto estralava suas costas.

— E pensar que eu trouxe o meu na mala e acabei nem usando – comentou Laura.

Os professores fizeram a chamada e depois a professora Alicja expôs para nós as devidas orientações.

— Silêncio, por favor! Então pessoal, agora eu falarei as duplas que dividirão os dormitórios, lembrando que meninos estarão de um lado e meninas de outro e trocas não são permitidas. Conforme forem chamados, vocês podem guardar seus pertences e voltar aqui em até 20 minutos, pois mostraremos o caminho até o refeitório para o lanche da tarde, para estarem de barriga cheia para o nosso tour por Gdańsk. Se tiverem alguma pergunta, podem fazer.

Por sorte Laura e eu éramos colegas de quarto. O cômodo tinha duas camas de solteiro com um abajur de parede do lado de cada uma, um guarda-roupa grande de madeira e uma janela com cortinas na cor cinza claro. Dividimos o espaço do armário igualmente, apesar da Laura tentar roubar duas das minhas gavetas, pois havia trazido muitas coisas. Nos ajeitamos e depois fomos tomar o lanche no refeitório com os ou-

tros.

— Vocês duas deram sorte. Nenhum de nós três conseguimos ficar em quartos iguais.

— Fale por você Edgar. A menina que está comigo é muito legal. Eu já conversei com ela algumas vezes na escola. Mas eu estaria mentindo se dissesse que não sinto falta da Rita. Ela provavelmente me deixaria só com três gavetas e ficaria com o restante do guarda-roupa, mas não importaria – respondeu Amélia.

— Viu, Helena. A Amélia deixaria sua amiga querida ficar só com um espacinho a mais se ela pedisse – Laura estava me dando uma indireta.

— Mas a Amélia veio com uma mala bastante compacta. Então os pertences dela provavelmente cabem em qualquer cantinho. Sua vez de contar, Thomas. O que achou do menino que está no mesmo quarto que você?

— Bem, eu nem conheço ele direito. Então não sei se tem muito o que falar – Ele apoiou o queixo na palma da mão enquanto pensava.

— Acho melhor levarmos os pratos lá logo. Os outros alunos estão ao redor dos professores e deveríamos estar fazendo o mesmo para não acabar perdendo nada.

— É verdade, Edgar. Eu nem havia reparado nisso. Vamos logo – levantei já com o meu prato e com a minha caneca vazios na mão.

— Então gente, vamos dividir vocês em dois grupos de nove alunos. Um me acompanhará e o outro ao professor Hugo.

Após a separação, Laura, Thomas e eu estávamos no mesmo grupo, no da professora Alicja, enquanto Amélia e Edgar estavam no outro.

Cada um foi para direções opostas para receber as informações do professor responsável.

— Espero que não tenham ficado tristes por estarem na minha turma.

— De modo algum, professora – respondi.

— Pois bem, agora faremos um tour inicial pela cidade. Aquele rapaz que está logo à frente é o nosso guia turístico. Ele nos levará para os lugares e nos explicará o que cada um simboliza. Por favor, todos acompanhem o grupo e não se afastem em nenhuma circunstância. Gdańsk é grande e é muito fácil se perder por ela. Entendido?

— Sim, professora – respondemos em coro.

— Boa tarde, galera! Meu nome é Rogério e eu serei o guia turístico de vocês hoje, combinado? Eu sempre andarei na frente de vocês e explicarei por onde estamos passando. Espero que vocês aproveitem o passeio e se apaixonem por essa cidade esplendorosa, que é Gdańsk, do mesmo modo que eu. Em algumas partes do caminho, pegaremos ônibus, entre outras locomoções, mas preparem-se para andar bastante hoje. Me sigam.

Enquanto nós andávamos, passamos por um local onde alguns homens estavam trabalhando, construindo algo que eu não pude identificar.

— Com licença, guia Rogério. O que eles estão construindo? Parece algumas estátuas ou cruzes, isso tem algum significado?

Rogério olhou para os dois lados, como se verificasse se alguém nos observava.

— Oi? Ah, aquilo ali não é nada de mais, nem sequer merece

nossa atenção ou vale a pena ser mencionado. Vamos seguir, crianças? Tenho absoluta certeza de que outros pontos bem mais legais nos aguardam enquanto jogamos palavras ao vento de algo que definitivamente não é nem minimamente interessante – ele deu uma risada forçada para desviar do assunto.

A meu ver, ele não queria se aprofundar muito naquilo, quase como se fosse perigoso. Passou em meus pensamentos se, por um acaso, aqueles homens estivessem fazendo algo que possuísse o intuito de criticar o governo, talvez fosse melhor que nós não procurássemos nos envolver.

— Galera, esse é “O Guindaste”. Ele é bem antigo, foi construído em 1442, e durante a Europa Medieval foi reconhecido como o maior guindaste já feito. Não sei se vocês já sabem disso, mas uma das razões pela qual Gdańsk conseguiu se desenvolver, economicamente falando, foi um porto para o Mar Báltico. Esse gigantesco guindaste era o responsável por carregar os navios dos comerciantes com os seus respectivos produtos.

Todos estavam prestando atenção na fala do guia turístico. Enquanto observávamos tudo ao redor, eu quase conseguia ver os navios sendo abastecidos, as pessoas que o usavam para navegar aproveitando o tempo para ter suas refeições e ficar em terra firme antes de ter que partir para o meio do mar novamente, enfrentando o vai e vem das ondas que provavelmente fazia o chão da embarcação se movimentar também, sendo assim preciso muito equilíbrio. Será que eu conseguaria permanecer de pé em um barco quando o mar estivesse bravo? Seria uma experiência completamente nova, pois o máximo de equilíbrio que eu já tive foi quando passava com a minha bicicleta por um caminho todo cheio de pedras e buracos. Ser comerciante não deveria ser fácil. Embora muitos ganhassem bastante dinheiro, eles tinham que ficar longe de suas famílias. Caso essas não viajassem junto, perdiam muitas

partes do desenvolvimento de seus filhos e nunca estavam presentes nos problemas que precisavam de soluções imediatas em seus lares. Realmente, cada profissão possuía seus prós e contras.

— Helena, acorda! Nós estamos nos movendo — Laura chamou minha atenção.

— Oi? Desculpa. Estava pensando sobre como deveria ser a vida desses comerciantes que abasteciam suas embarcações com esse guindaste.

A próxima parada foi o Green Gate.

— Pessoal, essa enorme construção tinha o objetivo de servir de morada para os reis da Polônia. O nome é *Green Gate* e foi feito por volta do século XVI.

Simplesmente maravilhoso. Era como um castelo com vários cômodos, tinha arcos brancos em sua entrada que davam um ar de grandiosidade para o local. Já que estava aberto para visitas, pudemos ver o seu interior. Tudo lá dentro é luxuoso. O guia explicou que, por conta de alguns assaltos que às vezes aconteciam, algumas coisas não eram originais do *Green Gate* e foram substituídas. Porém, em sua essência ele era o mesmo. Era realmente digno das antigas realezas, muita extravagância e luxo para todos os lugares que olhávamos.

— Vocês conseguem me imaginar com um longo vestido passando por esses corredores? — brinquei.

— Com certeza! Inclusive eu imagino você como uma princesa que fugiria correndo de seus supervisores e de suas obrigações apenas para caminhar lá fora.

— E você, Laura, com certeza seria minha queridíssima irmã,

que me ajudaria. Você me acobertaria às vezes e eu faria o mesmo por você. Nós reclamaríamos de coisas chiques, como o nosso chá quando ele não estivesse na temperatura ideal, ou que os buquês de flores que mandamos colocar como enfeite nas salas eram de outra espécie de planta e não exatamente da que havíamos exigido.

— Exatamente. Imagine só as criadas tendo um pouco de trabalho para pentear os seus cabelos e se desculpando caso puxassem um fiozinho errado e fizessem você sentir dor no couro cabeludo.

— E se eu entrasse secretamente em uma revolução, alguém achasse um dos meus fios ruivos de cabelo em um lugar onde eu não deveria estar e levasse para o nosso pai, o rei, me acusando de traição?

— Aí eu teria que me esforçar para garantir que você escapasse a tempo dos guardas não te acharem, pois traição seria condenada com pena de morte. E é claro que, apesar de ser contra a lei, eu não gostaria de ver a minha irmã ser assassinada simplesmente por não concordar com todas as decisões do nosso pai, o rei.

— Mas em quem poderíamos contar para me ajudar na fuga e não me entregar aos guardas? — coloquei a mão na testa, fingindo drama.

— Vamos ver... Com certeza seria alguém de confiança, mas que ninguém desconfiaria, como o Thomas. Thomas, quem você seria se estivéssemos em um universo em que Helena e eu morássemos aqui?

Thomas levou um leve susto ao ter seu nome agregado à conversa. Ele parecia estar satisfeito apenas observando a nossa louca história de princesas, cheia de conspirações e vestidos bonitos.

— Eu trabalho em um café. Então, talvez eu pudesse ser um cozinheiro do castelo no qual vocês confiavam e gostavam das refeições?

— Você trabalha em um café, Thomas? Que legal! E você sabe fazer torta de maçã? — Era a primeira vez que a Laura estava ouvindo aquela informação. Percebi que eu não sabia se alguém além de mim conhecia o lugar de origem do Thomas. Será que ele começou a ter ainda mais cuidado depois que acabou revelando para mim, por acidente, que era da Alemanha?

— Sei, sim.

— Estão sendo oficializados. Helena e eu criamos afinidade com você, pois sempre pedíamos que fizesse deliciosas tortas de maçã fora do horário das refeições e, já que você era gentil com a gente e nunca havia nos dedurado para ninguém, criamos um laço de confiança.

— Por mim, tudo bem. Eu até gostei do meu papel no conto. Então, o que eu faria para ajudar a princesa que estivesse fugindo?

— Talvez você pudesse se disfarçar de cocheiro e me levar de cavalo até uma pequena vila distante, onde ninguém me reconheceria.

— Mas vocês teriam que achar uma maneira de tingir o seu cabelo Helena, pois ele é uma característica marcante e acho que seria muito trabalhoso se você tentasse usar uma peruca. Mas vamos lá! O guia nos levará para outro ponto turístico.

— Galera, acabamos de chegar na *Golden House*. Vocês podem observar que logo em sua entrada ela possui várias estátuas que imitam formas humanas. Nelas estão representadas algumas figuras famosas, como a Cleópatra, Aquiles, Édipo e Antígona.

Se eu não soubesse que eram realmente estátuas, eu poderia facilmente dizer que aquelas figuras eram pessoas pintadas de branco que estavam se equilibrando na construção. Tinham tantos detalhes, as formas, as roupas, tudo era muito semelhante a pessoas de verdade. Defi-

nitivamente, os escultores que as produziram eram dotados de bastante talento e haviam desenvolvido brilhantemente suas técnicas. Como alguém podia usar pedra para imitar o tecido de uma saia e, ainda sim, fazer aquilo parecer tão leve na nossa visão? Era quase mágica.

— Agora faremos uma pausa para descansar e nos alimentar, antes de continuarmos — avisou o guia.

Chegamos em um restaurante que possuía várias mesinhas e nós três nos sentamos em uma.

— Graças à bondade infinita do Criador, quando estávamos andando eu não percebi, mas agora que me sentei eu sinto os meus pés doerem um pouco. Talvez esteja até formando uma bolha no meu dedo mindinho. Acho que esse sapato não é o mais adequado para longas caminhadas.

— Nem me fale, Laura! Fazia um tempo desde a última vez que andei tanto assim. Os meus pés não estão formando bolhas, mas me sinto ligeiramente cansada. Vou aproveitar para recuperar as energias com essa refeição. Você não está cansado, Thomas?

— Ainda não. Quando eu cheguei aqui, ainda não tínhamos comprado uma bicicleta, então eu acabei me acostumando a andar a pé até o meu trabalho. Claro que não é tão longe assim, não é nada se comparado com o tanto que caminhamos, mas acho que os momentos em que pegamos o ônibus me ajudavam a recuperar o fôlego.

— Mas agora você vai de bicicleta? — perguntou a Laura.

— Sim! Eu prefiro pedalar do que andar e não tem nem o que discutir sobre isso. É bem mais rápido, fora que ter o ar batendo nos cabelos é revigorante.

— Concordo completamente com você, Thomas. Raras vezes eu me atrasei e perdi o ônibus, e quando isso acontecia eu preferia bem mais ir de bicicleta do que correndo. Não faria nem sentido escolher a segunda alternativa.

— “Raras vezes” né, Helena? – repetiu Laura com sarcasmo.

— Ei, não vale me expor para o Thomas, hein!

— Tem alguma razão para você não desejar que o Thomas saiba dos seus defeitos, Helena? – disse ela, claramente com segundas intenções, enquanto me cutucava com o cotovelo.

— De jeito nenhum! Não foi isso que eu quis dizer e você sabe disso! Thomas, não liga para a Laura! Ela deve estar louca, essa é a única alternativa – Eu estava ficando vermelha, a minha brincadeira não tinha nada a ver com aquilo.

Surpreendentemente, ele soltou um leve sorrisinho e balançou a cabeça, sinalizando que havia entendido. Já Laura estava caindo na gargalhada. Que amiga!

— Meninas e Thomas, o que vocês vão pedir do cardápio? – a professora Alicja surgiu e questionou.

Fizemos os nossos pedidos e nos deliciamos com a refeição. Para complementar, eu escolhi um suco natural bem fresquinho para me hidratar.

— Eu estou oficialmente satisfeita – disse após terminar o último gole do meu copo de suco.

— Eu também. Esse restaurante é divino!

O estabelecimento possuía um rádio que tocava uma música de

fundo e deixava os clientes mais relaxados. Coincidemente, começou a tocar uma das músicas que também estava no disco de jazz da minha avó.

— Espere, isso é mesmo jazz? — perguntei animada.

— É sim, e essa é incrível. Escute só como os instrumentos de sopro combinam com o ritmo. Dá até vontade de dançar — respondeu Thomas.

— Gente, como vocês conhecem esse estilo de música?

— Como assim? Você não sabe o que é jazz, Laura? Eu conheci por um dos discos de vinil da minha avó Aurora e adorei.

Repentinamente, um casal de idosos levantou-se de sua mesa e começou a dançar no ritmo do som, mesmo que não tivesse ninguém mais fazendo aquilo. Logo em seguida, uma dupla de amigos se juntou a eles e, poucos segundos depois, mais alguns adultos se levantaram.

— Laura, e se a gente...

— Ah não, Helena! Nem invente! Os outros alunos da sala vão rir da gente.

— Não vão, é provável que até nos acompanhem — admito que aquilo era somente uma mentira para convencer a minha amiga.

— Não é não. E eu já estou certa disso — ela cruzou os braços fingindo ser séria.

Eu encarei o Thomas, que instantaneamente arregalou os olhos ao perceber as minhas intenções. Sua expressão facial estava me dizendo “Por favor, não”, mas ele era muito tímido para me impedir caso eu o puxasse para fora da mesa, diferentemente de Laura, que escaparia da

minha armadilha em um bater das asas de um mosquito.

— Vamos, Thomas! Agora que eu descobri que existe mais uma pessoa que eu conheço e que gosta de jazz, você não terá escapatória.

Eu levantei da minha cadeira e peguei o pulso de Thomas, puxando-o com certa intensidade para fora do seu lugar. Eu comecei a me mexer, imitando os adultos ao nosso redor, e dei uma pequena cotovelada em Thomas para que ele fizesse o mesmo. A princípio ele só balançava o corpo, mas depois foi deixando a música o consumir e começou a se soltar. A professora Alicja pareceu achar a situação divertida e puxou outros alunos para dançar nos espaços entre as mesas, que agora era praticamente como uma pista de dança. Quando me dei conta, muitas pessoas estavam dançando e sorrindo, inclusive o Thomas, que eu descobri ser bem mais habilidoso na dança do que eu. Olhei para Laura e ela colocou a mão na testa e balançou a cabeça de brincadeira, como quem não acreditava que eu, com a ajuda da professora Alicja, tinha convencido os outros a se juntarem a nós. Um garçom aumentou o som para que entrássemos mais ainda no clima e, ao final da longa música, todos voltaram para os seus lugares levemente ofegantes. Foi uma dasquelas ocasiões em que o mais improvável acontece, porém torna-se uma memória inesquecível.

— Todos estão preparados para continuarmos o tour? — perguntou o guia depois que a poeira abaixou.

— Sim - respondemos em sintonia.

Passamos pela casa dos pregadores, pelo *Golden Gate* (um portão que faz parte da arquitetura maneirista), pelo Monumento de *Westerplatte*, que foi construído para homenagear os indivíduos poloneses que foram defensores do Depósito de Trânsito Militar durante a Batalha de *Westerplatte* (um dos conflitos iniciais da Segunda Grande Guerra, que

foi entre os poloneses e os seus invasores alemães), e também fomos na principal Câmara Municipal, que continha partes que haviam sido feitas por volta de 1327.

— Galera, nós já visitamos muitos pontos turísticos, tanto que vocês podem perceber que já anoiteceu. Entretanto, para finalizar a noite com chave de ouro, nós caminharemos pelas margens do rio *Motlawa*. Me sigam, por favor. Eu sei que, se eu não me engano, já passamos por lá mais cedo, porém vocês precisam ver como é neste horário.

Continuamos nosso caminho tendo o senhor Rogério à frente de tudo, até chegarmos na beira do rio *Motlawa* que, diferentemente do que eu estava acostumada a ver, passava na cidade ao invés de estar isolado em algum lugar cheio de árvores e barro. Eu acredito que não poderíamos ter escolhido nenhum período do dia melhor para visitar aquela parte de Gdansk. Ao contrário de como é nas florestas, na cidade a chegada da noite não representa somente escuridão e sim que o povo acenderá incontáveis luzes para se guiar e continuar o andamento de suas vidas.

Para nós, na nossa viagem, isso significava que a vista às margens do Rio Motlawa estava magnífica, daquelas que tiram o nosso fôlego por conta de sua beleza. As construções davam à paleta de cores daquela paisagem a cor laranja, as lâmpadas que iluminavam as ruas e mesmo a claridade que saía das janelas dos prédios refletiam na água, que mais parecia um espelho ligeiramente embaçado do que uma substância fluida. Os vários telhados pontudos e próximos uns dos outros davam àquela cena um ar de pintura feita manualmente por um artista que, sem dúvidas, sabia exatamente o que estava fazendo. Se o que eu enxergava estivesse em um quadro, certamente valeria milhões caso conseguisse passar para o cliente o que eu estava sentindo.

— Uau! – me expressei baixinho, quase como um suspiro.

— É lindo, não é mesmo? — falou o Thomas.

— É mais que isso, é deslumbrante. Eu poderia ficar aqui observando essa obra de arte eternamente — respondi.

— Chega a dar uma paz, não é? — comentou Laura.

A professora Alicja estava com a palma da mão no lado esquerdo do peito enquanto virava sua cabeça para todos os lados para captar cada pedacinho do que estava vendo. Acho que ela estava pensando o mesmo que todos nós. Até mesmo o guia, que era bastante falador e que provavelmente já tinha passado por ali dezenas de vezes, estava parado, contemplando aquela atmosfera maravilhosa. Se eu não estivesse aqui pessoalmente, eu diria que os indivíduos com a profissão dele provavelmente se cansavam de sempre ver a mesma coisa, independentemente do quanto legal fosse, pois seria algo repetitivo. Entretanto, mesmo que trabalhasse em uma das lojinhas daquela rua, eu não conseguia me imaginar jamais enjoando daquilo. Em todos os cantos tinham pedaços de história antiga mesclados com as reconstruções que a população havia feito. Todas as emendas faziam parte do passado de Gdansk e de sua própria identidade. Aquela cidade que havia se mantido mesmo com tantos empecilhos durante sua existência estava ali, mostrando para nós que, não importa o quanto sejamos destruídos, se tivermos resiliência e determinação correndo por entre nossas veias, nosso brilho nunca se extinguirá de vez, pois com esperança o pavio de nossa vela torna-se infinito, sempre podendo ter acendido novamente.

— Galera, eu sei que a sensação é boa, porém o nosso tour está se encerrando e precisamos voltar para os dormitórios. Por favor continuem me seguindo e não se percam. Eu espero que vocês tenham gostado de seu primeiro contato com a nossa incrível Gdansk e que vocês aproveitem o restante da estadia da melhor forma possível. Não sei ao certo se eu serei o guia de vocês de novo amanhã, mas, caso isso não

aconteça, saibam que desejo que essa viagem seja memorável e do agrado de vocês.

— Muito obrigada pela paciência e pelo ótimo trabalho, senhor Rogério – a professora Alicia agradeceu.

Embora as minhas pernas relutassem para desempenhar suas funções e me tirar daquele lugar, nós fizemos o caminho de volta e o guia se retirou.

— Podem voltar para os seus respectivos dormitórios, tomar seus banhos e depois se prepararem para dormir, pessoal! Amanhã nos levantaremos bem cedo, então se preparem. Boa noite para todos vocês e qualquer coisa comuniquem a mim ou ao professor Hugo.

Laura e eu fomos para o nosso quarto e o Thomas para o dele.

— Ah, aleluia! A caminhada foi boa, mas meus pés estão me matando. Eu não via a hora de poder tirar os meus sapatos. Amanhã eu certamente escolherei outro par.

— Acho que essa é a melhor decisão que você pode fazer, Laura. Eu vou lá tomar banho, já volto.

— Acho que teremos que pedir outro sabonete, Helena, pois o que está no banheiro parece ser bem velho e está duro como pedra.

— Bem que a minha avó avisou que seria melhor trazer um. Não se preocupe, Laura. Minha avó me convenceu a guardar um na bolsa. Aí nós usamos ele.

— Eu trouxe uma mala cheia e nem lembrei de um item básico como sabonete, achei que teria um decente aqui. Vou anotar isso para a próxima vez.

Dei um sorriso ao lembrar do jeitinho com o qual a vovó Aurora sempre cuida de toda a nossa família. Ela faz parte do meu alicerce e eu não sei o que seria de mim se ela não estivesse presente na minha vida.

Depois do banho, nós duas colocamos os nossos pijamas e nos deitamos.

— Ei, Helena! Você ainda está aí?

— Estou sim, mas estava quase dormindo. E você, está aí? — acendi o abajur que ficava ao lado da minha cama, meio sonolenta.

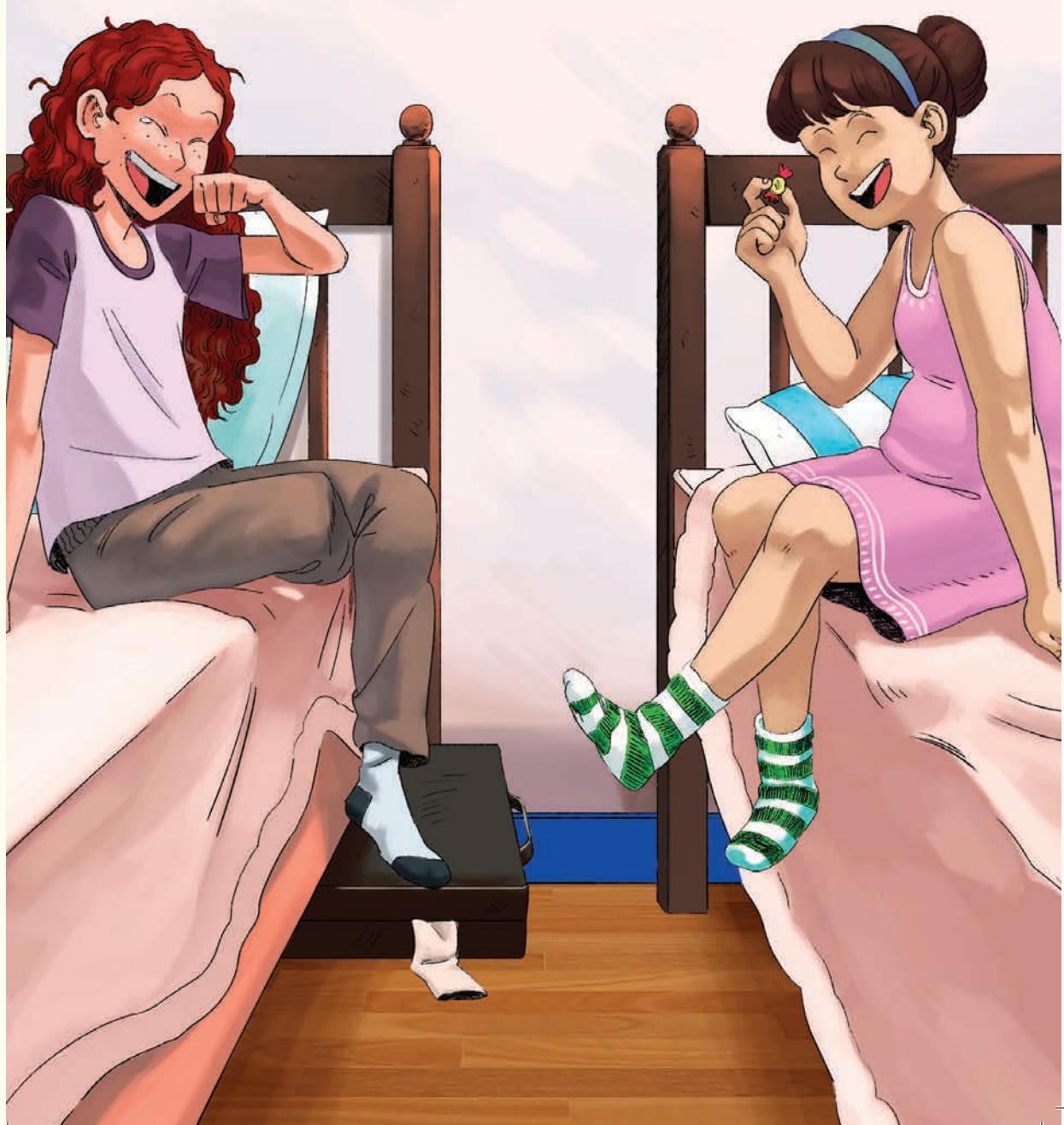
— É claro que estou, né? Se eu estou te chamando — nós duas rimos. Eu estava até meio confusa por estar quase entrando nos meus sonhos.

— Mas o que você quer, Laura? — perguntei no meio de um bocejo.

— Eu trouxe alguns doces na mala. O que acha de um lanchinho fora de hora?

Sentei imediatamente, deixando a sonolência de lado.

— Mas é claro!



13



Aventuras em Gdańsk

— Thomas, olha, vai ser como estar dentro daquela pesquisa que nós fizemos daquela vez, na biblioteca.

— É verdade. Fico feliz em ver que você está animada Helena.

Animada não era o bastante para descrever a minha situação naquele instante. Eu estava saltitando de alegria, enquanto o nosso grupo, que era o mesmo do dia anterior, se aproximava de um museu de Gdansk, que era um dos únicos que possuía coisas relacionadas à Segunda Guerra Mundial. Eu não sabia como a Laura e o Thomas me aguentariam hoje, porque eu estava me sentindo mais tagarela do que de costume, afinal, naquela manhã duas coisas que eu adorava haviam se fundido: viagem e história. Eu estava literalmente indo conhecer um museu que falava sobre um dos meus temas favoritos.

— Chegamos, galera. Só recapitulando: vocês podem conversar sem problema lá dentro, porém não é indicado que vocês gritem ou façam qualquer escândalo dentro do museu. Nós estamos aqui para apreciar objetos que remontam a diversos acontecimentos passados, assim como os outros visitantes, que desejam tranquilidade. - O guia que estava nos acompanhando era o mesmo do dia anterior.

— Sim, senhor Rogério — respondemos em coro.

— Vamos, gente! Não quero desperdiçar nenhum mísero segundo que temos lá dentro. Essa é uma oportunidade única! – falei.

Logo após a entrada, as exposições já se iniciavam. A primeira sala tinha objetos ligados aos regimes totalitários, como fascismo da Itália e o nazismo da Alemanha.

— Veja, Laura! Os uniformes que os indivíduos que possuíam bons cargos no exército nazista usavam! Eles têm a suástica bem destacada no braço! Será que são originais ou réplicas?

— Helena, você se lembra o que os nazistas fizeram com os judeus, certo? Você não deveria achar ruim que o uniforme deles esteja exposto aqui?

— Não seja boba, Laura! Esses pedaços de tecidos nunca fariam nada a ninguém sozinhos. Eu tenho que aproveitar essa chance para ver tudo que eu posso. É fascinante, para alguém que gosta de história, poder ver como eram os uniformes dos inimigos. Veja esses jornais da época! Pena que não dá para ler, pois está tudo em alemão.

Quando percebi o que eu havia dito, olhei de canto de olho para o Thomas, esperançosa. Mas pelo seu olhar eu me dei conta que era uma péssima ideia. Como ele iria explicar para a Laura que conseguia ler em alemão?

— Helena, olha! É uma foto de Lublin! – disse Laura, apontando para uma imagem em preto e branco.

— É quase como se estivéssemos famosos! Não por algo bom, claro, pois a guerra é ruim para todos. Mas vocês dois me entenderam.

O Thomas ficou mais tranquilo quando saímos daquela parte e fomos investigar por outros lados. Então ele começou a aproveitar o museu de verdade.

— Eu nunca vi esses uniformes antes, nem nos livros. Você sabe de quem são, Helena? – questionou Thomas.

— Nossa, são tão diferentes! Por incrível que pareça, eu não faço a menor ideia.

— Gente, é só ler a plaquinha que está ali no chão. Vejamos... Uniforme usado pelo exército finlandês na Segunda Guerra Mundial – Laura abaixou para conseguir ler adequadamente.

— Uau! Eu estudei tanto sobre o tema, mas sempre encontro outros fatos para descobrir. A guerra foi tão complexa, é quase como se as informações não tivessem fim.

— Helena, você é uma amiga curiosa. Eu nunca vi alguém ficar tão contente por estar em um museu antes – comentou Laura.

— Meu Deus! Eu não acredito no que eu estou vendo! Um mapa gigante da Europa quando estava nos anos de Guerra! Eu acho que é até mais alto que o seu pai, Laura!

— Aquilo são bombas? Não é perigoso ter isso em um lugar que recebe tantas pessoas? – perguntou Laura chocada.

— Onde? – Thomas e eu dissemos juntos.

Laura apontou para onde estavam as bombas. Thomas e eu fomos praticamente correndo para lá.

— Começou a se interessar repentinamente por história, Thomas?

— Eu acho legal, mas não fiquei animado só por conta disso. Você não faz ideia de quanta física existe por trás das bombas usadas na Segunda Guerra Mundial. Principalmente daquelas que os Estados Unidos lançaram em Hiroshima e Nagasaki.

— Você não gosta muito dos Estados Unidos, gosta?

— Odeio admitir isso, mas é um pouco pela influência de onde nasci. Já que você entende de história, deve se lembrar que eles são nossos inimigos agora, desde que a Segunda Guerra acabou. Então bastante gente carrega rancor e foca somente nos defeitos de lá, principalmente as pessoas mais velhas. E já que as crianças sempre escutam histórias dos avós, acabamos nos acostumando em falar mal deles.

Olhei para o Thomas e sorri. Era a primeira vez que tocávamos

nesse assunto desde o piquenique improvisado em frente à biblioteca e a maneira como ele veio tão naturalmente e sem toda aquela tensão me deixou feliz. Eu gostava de ouvi-lo falando mais sobre si mesmo. Estranhamente, o fato de ele ter revelado seu segredo para mim, mesmo que accidentalmente, permitia que ele baixasse um pouco a guarda ao conversar comigo. E isso era legal.

— Helena, Thomas, me esperem! Só vocês mesmo para correrem no meio do museu. Imagina se vocês tropeçam em algo de valor. Eu achei que a louca dos museus era só a Helena. Corrigindo: a louca que mora do meu coração, é claro.

Sorri com a piada da Laura, pois eu sabia que não tinha nenhum pingo de intenção de me ofender e tínhamos afinidade para essas brincadeiras. Nós éramos tão próximas que não escondíamos uma da outra nenhuma característica, mesmo aquelas que soariam meio estranhas para as pessoas de fora. Eu era uma judia e ainda assim estava aproveitando para ver tudo que eu podia sobre aquele conflito e não estava em prantos nem nada assim. Apesar de isso ser ligeiramente controverso, eu não precisava esconder dos meus amigos. Espera, quando foi que o Thomas passou de um colega para um amigo na minha concepção mesmo? Enfim, não era o momento para pensar nisso, eu precisava explorar mais.

— Vocês duas sabiam que no interior das bombas nucleares acontece fissão nuclear? Os cientistas basicamente pegavam um átomo que fosse instável, geralmente de urânio, e faziam com que ele se dividisse em átomos mais estáveis. Eles faziam isso atingindo um nêutron no núcleo do átomo. Assim ele se partia em dois, dando início a uma reação em cadeia, que libera uma quantidade gigantesca de energia. Isso faz com que as bombas nucleares sejam tão destrutivas.

— Ah, agora eu entendi o porquê de você ter ficado tão interessado no assunto, Thomas — comentei.

— Espera. Vocês estão me dizendo que isso aqui na minha frente é uma dessas? Essa é uma chance perfeita para nos retirarmos — sugeriu Laura.

— Não se desespere, isso deve ser só uma réplica da carcaça de uma bomba de verdade — explicou Thomas, informação que eu confirmei ao ler a plaquinha que estava do lado do objeto.

— Que susto! Por um segundo eu questionei se quem havia organizado essa exposição realmente batia bem da cabeça.

Usamos todos os minutos que tínhamos para explorar o museu. Vimos a réplica de um bunker, daqueles que os cidadãos usavam para se proteger dos bombardeios. Eram como cômodos subterrâneos e geralmente tinham mantimentos para vários dias ou até semanas. Também visitamos a parte que continha objetos relacionados à Idade Média. Lá encontramos pinturas dos movimentos que aconteceram naqueles séculos, armaduras de metal, vestidos longos da época, miniaturas da parte exterior de alguns castelos, dentre outras coisas. Esse período foi marcado pelo forte controle da igreja, que usava o nome de Deus para justificar atos cruéis e desumanos. Também foi quando tivemos vários reis e rainhas. Geralmente as histórias dos contos de fada se passam naqueles anos, apesar deles não contarem os lados ruins e pesados, pois elas são direcionadas em peso ao público infantil.

Depois fomos para uma exposição que era sobre épocas mais antigas, especificamente a pré-história. Lá vimos algumas pedras com pinturas rupestres e até mesmo fósseis de animais extintos. Na parte dos fósseis havia um professor que explicava sobre eles para quem se aproximava. Ele falou que, embora os ossos parecessem ser de animais

muito assustadores, não havia como ter certeza absoluta de qual era a aparência deles, pois não é só a parte esquelética que define isso. Ele exemplificou com o hipopótamo, que é um animal que quase todo mundo conhece e que, de longe, podemos considerá-lo até fofo, apesar de ser bastante agressivo. Segundo ele, o esqueleto do hipopótamo era assustador, com grandes dentes, porém, com a gordura, a pele, órgãos e demais partes do corpo, o físico do animal é completamente diferente do que imaginariamos caso só tivéssemos seus fósseis. Ele também explicou algumas coisas de química, que eu não comprehendi direito, sobre como os cientistas conseguiam descobrir a idade aproximada de uma múmia, por exemplo, o que prendeu a atenção de Thomas.

— Galerinha, todos aqui, por favor. Espero que tenham aproveitado o museu. Agora nós vamos almoçar no restaurante que se situa aqui ao lado.

O estabelecimento no qual fomos comer era temático, de uma das exposições do museu que falava da Idade Média. Tinham muitos enfeites de madeira e pinturas relacionadas à época nas paredes. As garçonetes usavam vestidos longos, enquanto os garçons, trajes antigos. No teto estavam pendurados lustres cujas lâmpadas imitavam velas e nas mesas tinha candelabros, fora os outros enfeites e características, que davam ao restaurante uma identidade única.

Cada um pediu o prato e a bebida de sua preferência. Eu optei por um suco natural de uva, embora não fosse o meu preferido, pois eles serviam em cálices prata, cheios de adornos, o que fazia eu me sentir como se fosse uma princesa de um tempo distante, quase como uma continuação da história que tínhamos começado no dia anterior.

— Não me diga que você pediu o suco de uva só pelo copo também, Thomas!

— Você notou? — ele sorriu e coçou os cabelos na parte de trás da cabeça.

O Thomas estava destoando completamente do ambiente com a sua camiseta preta e seu tênis de cor clara, já que o outro havia sujado no dia anterior. Pelo jeito, ele realmente possuía algumas variações de cores daquele modelo.

— Eu não sei vocês, mas eu prefiro o meu bom e velho chazinho gelado para acompanhar o almoço desta vez — disse Laura.

Depois do almoço, voltamos para o local onde ficavam os dormitórios.

— Se despeçam do nosso guia Rogério, nós temos outros planos de tarde que não envolvem mais nenhum tour. Obrigada novamente pelo seu excelente serviço, senhor Rogério — a professora Alicja agradeceu, nós fizemos o mesmo e depois nos despedimos dele.

— Professora está programado para o restante desta tarde? — perguntou um dos alunos.

— Ainda não posso revelar, porém podem ir para os quartos de vocês, caso queiram descansar um pouco, pois temos que esperar o grupo do professor Hugo chegar antes de seguiremos com a programação.

Seguimos para o dormitório como a professora deu a opção.

— Helena, eu esqueci de perguntar antes sobre isso: você avisou o Benjamin que iríamos viajar? Ele muito provavelmente ficará preocupado por conta destes três dias nos quais você não dará as caras lá no ônibus.

— Você acha que, ansiosa do modo como eu estava, eu não iria contar? Ele já está ciente há muito tempo. Mas Laura, você também é

amiga dele. Imagina se eu não tivesse falado. O Ben estranharia o nosso sumiço repentino, não acha?

— É verdade. Isso nem passou pela minha mente. Acredito que seja difícil perder o costume, pois antes ele sempre estava por dentro do que estava se passando na escola, já que nós três estudávamos juntos.

— Como a vida muda, não é mesmo? Em um piscar de olhos nós estávamos no ensino médio.

— Apesar dessa frase ser bonita, Helena, eu não diria que foi bem assim não. Pois as aulas do professor Ivo definitivamente não passaram em um piscar de olhos, muito menos a época de provas.

— Eu não posso argumentar contra esse seu ponto, Laurinha.

Alguém bateu na nossa porta algumas vezes. Era a Amélia, avisando que o grupo deles já havia chegado e que os professores estavam chamando todos os alunos. Acompanhamos os professores até uma enorme espécie de sala de estar que continha vários sofás, poltronas, puffs, caixas com revistas e até mesmo uma televisão. Os professores fizeram a chamada para conferir se todos os 18 alunos estavam presentes ali.

— Gente, agora vocês vão conhecer uma moradora da cidade, que irá nos contar uma lenda famosa aqui em Gdansk. Esta é a senhora Olga e ela aceitou o nosso convite. Por favor, sentem-se nos lugares mais próximos a nós e se acomodem para ouvir o que a Olga tem a nos dizer.

Nós escolhemos um sofá de três lugares para nos sentarmos. Laura ficou no meio, enquanto eu e o Thomas nos sentamos nas pontas. Eu coloquei as minhas duas pernas dobradas em cima do sofá e escorei no braço desse.

— Boa tarde, pessoal. O meu nome é Olga e eu espero que vocês estejam gostando de conhecer a minha cidade. Hoje eu vou contar para vocês uma lenda bastante conhecida por aqui, começando por um romance. Há muito tempo atrás, quando as pessoas ainda consideravam títulos de nobreza indispensáveis e a falta deles como motivo para separar um casal apaixonado, a filha do presidente da Câmara de Gdansk, que possuía uma beleza invejável, andava passando muitas horas longe de casa e justificava a sua ausência para o pai falando que ia à igreja rezar. Porém, o presidente começou a desconfiar daquela situação, pois passarinhos cantavam no seu ouvido que sua amada filha estava envolvida com o relojoeiro da cidade, que tinha o nome de Hans. Embora Hans fosse muito decente, gentil, trabalhador e habilidoso, sendo até o responsável pela criação do relógio da Basílica de Santa Maria, ele não era filho de nenhuma família nobre. Portanto, o presidente não toleraria, em hipótese alguma, que a sua filha namorasse com alguém que fosse socialmente inferior a eles. Já que os rumores não acabaram, o presidente decidiu ir falar com o rapaz. Entretanto, Hans estava tão entretido e focado em seu trabalho naquele momento que não notou que o pai de sua amada havia entrado e começado a falar com ele. Assim o presidente, que era demasiadamente ignorante, se sentiu profundamente ofendido pela falta de atenção e apunhalou o rapaz. Hans, numa falha tentativa de não cair da escada, tentou agarrar-se ao relógio, porém não funcionou e ainda estragou o lindo objeto. Por conta daquele escândalo, merecidamente condenaram o presidente à morte, por ter assassinado um rapaz inocente por conta de seu preconceito. Diferentemente do coração da jovem, de seu amor e da vida do pai dela, o relógio foi o único que permaneceu inteiro, mesmo que danificado, até os dias de hoje.

— E a menina, o que aconteceu com ela? Nessa época as mulheres podiam se virar por conta própria ou ela ficou à mercê de outra

pessoa? — questionei. Eu não conseguia aceitar que tamanha tragédia havia acontecido somente por conta de um título.

— Essa é justamente a graça das lendas. Como é o seu nome?

— Helena.

— Helena, esse bonito conto deixa muitas pontas desamarradas, o que nos permite completá-las na nossa imaginação da maneira que desejarmos. A garota conseguiu achar outro amor? Teve um final tão trágico quanto a Julieta de Romeu ou ela se reergueu? Será que sua mãe ainda era viva e pôde dar apoio a ela? Será que culparam injustamente sua desobediência pela morte do pai? Cabe a você decidir a melhor continuação.

— Aquilo não foi certo. Ele nem chegou a conversar com a filha ou tentar entender a perspectiva dela ou a do rapaz, decidiu por si próprio ir atrás dele e tirou a preciosa vida do garoto apenas por considerar uma distração como desrespeito.

— Concordo plenamente com você, senhorita. Então, mais alguém tem algo que gostaria de comentar a respeito da história?

— Eu tenho — Thomas ergueu a mão. — Eu também achei muito trágico e triste, entretanto eu acho que é uma boa e realista lenda, que mostra o quão obscuros os indivíduos podem se tornar caso não tenham a mente aberta para novos conhecimentos e ideias que contradigam o que eles acreditam desde a infância. Infelizmente muitos romances já foram arruinados ao longo dos milênios porque as pessoas não souberam aceitar e lidar com as diferenças umas das outras. Assim como famílias já foram destruídas por esse mesmo problema. Então, achei interessante.

Ele estava certo. Nem tudo termina com “felizes para sempre” e uma aconchegante manhã de Sol, embora esse fosse o sonho da maioria

dos seres humanos. Ele parecia ter sido tocado pela lenda, assim como eu. Mais alguns alunos expressaram suas opiniões, até que Olga se despedisse.

— Foi muito legal conhecer todo mundo, gostei de ver o quanto vocês são participativos. Mas agora eu tenho que me retirar, pois tenho um compromisso inadiável e importantíssimo. Quem sabe um dia não nos encontremos novamente. Tchau, pessoal!

— Tchau, Dona Olga! – respondemos.

— Pelo visto, vocês estão se divertindo com toda a programação que preparamos, estou gostando de ver. Agora iremos a um estabelecimento que possui diversos tipos de jogos e cada um terá um número específico de fichas para gastar – disse a professora Alicja.

Chegando lá, nós três exploramos o local para ver todos os jogos e depois decidir onde nós usaremos as nossas fichas.

— O que vocês acham de começarmos pelo futebol de botão? – sugeri.

— Eu acho uma ótima ideia, Helena – concordou Thomas.

— Não era muito o que eu tinha em mente, mas eu vou nessa com vocês. Primeiro eu e a Helena e depois a vencedora batalha com o Thomas?

— Parece ótimo! – falei.

A Laura não podia segurar sua expressão facial de frustração quando perdeu para mim por 4 pontos de diferença.

— Primeiro você claramente cometeu faltas antes. Eu não deveria ter ignorado elas, com certeza eu viraria o placar.

— Você quer ir mais uma vez para tirar isso a limpo? O Thomas pode ser o nosso juiz. Ele seria completamente imparcial.

— De jeito nenhum. Eu gastaria mais uma ficha e eu nem gosto tanto assim deste jogo. Mas tudo bem, vou aceitar a minha derrota desta vez. Estou com preguiça para ficar observando a partida de vocês, vou ver o que a Amélia e o Edgar estão fazendo de bom. Até daqui a pouco.

— Você que sabe, Laura. Até. Vamos Thomas, está preparado para perder?

— *Deutschland ist überlegen!* Eu não sei se eu ficaria tão confiante se fosse você.

— O que significa isso? – eu nunca havia escutado aquela língua antes.

— Ah, desculpe. É uma frase em alemão que significa “A Alemanha é superior!”

— Entendi. Ei! Isso é o que nós veremos. Menos papo e mais atitude no campo!

— Mas foi você que me intimidou primeiro, Helena – ele falou, achando graça na minha imitação de pessoa durona.

— Isso não é relevante agora, jogador do time adversário.

Começamos a partida, eu fiz o primeiro gol, então estava com a vantagem. Eu driblei os atacantes de Thomas e, se não fosse pela misteriosa melhora de performance do goleiro, eu teria feito outro gol.

— Essa foi quase. Acho que terei que levar o jogo ligeiramente mais a sério do que eu imaginava – disse ele.

— Se você achou que eu pegaria leve, sinto muito, Thomas, mas

você se enganou.

A partida começou a esquentar. Thomas movimentou seus jogadores de forma mais habilidosa e eu precisei me esforçar mais. De repente um gol, empatando o placar, mas eu não permitiria que aquilo continuasse assim. Eu também possuía minhas cartas na manga. Ele que me aguardasse.

— Helena, isso foi claramente uma falta.

— Eu sei, e está tudo bem. Depois que você acerta a canela de um dos melhores jogadores, mesmo que leve um cartão amarelo, a punição valerá a pena, pois esse diminuirá seu desempenho no campo por conta da dor – pisquei satisfeita.

— Mas você cometeu a falta em uma das pecinhas. Acho que essa sua suja estratégia só funciona com jogadores de carne e osso, porém não com os de plástico.

Aquela fala possuía uma ponta de razão. Enquanto eu ainda estava pensando, Thomas mexeu suas peças de novo.

— Ei! Eu estava distraída, isso é trapaça!

— Mas o relógio não havia parado para uma pausa, cara senhorita. Digamos que eu também tenho os meus truques.

Voltei a prestar atenção no jogo, dessa vez dando tudo de mim. O cronômetro já estava quase esgotando seus minutos.

— Apesar da sua ousadia, temo informar, meu caro adversário, que o tempo está acabando e que você não vai cons...

— Gol! E o relógio apitou. Acho que temos um vencedor!

— Que absurdo! Como eu iria adivinhar que você tinha a

capacidade de fazer um passe tão rápido assim?

— Você é boa, então tive que fazer com que você ligeiramente me subestimasse.

O Thomas cruzou os braços e ergueu minimamente o queixo, como se estivesse discretamente posando para uma fotografia de campeão. Eu não aguentei e comecei a rir, ele me acompanhou.

— Vamos de novo? — sugeri com um sorriso brilhante.

— Com certeza! Mas será que a Laura não quer participar?

Olhei para ela, que parecia estar contente com Amélia e Edgar, chamei pelo seu nome para que ela fosse onde nós estávamos e ela gesticulou em libras que eu podia jogar com o Thomas, pois aquele jogo não fazia muito o estilo dela.

— O que são esses sinais que vocês estão fazendo com as mãos?

— É libras! É a forma com que as pessoas que não podem ouvir usam para se comunicar, mas ela se provou muito útil para transmitir falas a uma considerável distância. Assim não precisamos gritar todas as frases.

— Genial! Parece complexo.

— No começo é, mas depois nos acostumamos. Quer que eu te ensine algumas coisinhas básicas?

— Acha que eu consigo aprender, Helena? — ele não parecia muito confiante.

— É claro. Veja: é assim que falamos “Oi, tudo bem?” — mostrei os sinais.

— Assim? – ele estava tentando.

— Sim! Só um detalhe: o último gesto é mais voltado para o queixo e não para o peito.

Eu segurei em sua mão para mostrar a posição correta, o Thomas pareceu meio surpreso com a minha ação e, quando nossos olhos se encontraram, senti a pele do meu rosto começar a praticamente arder em chamas.

— Desculpe, eu fiz sem pensar – virei para o outro lado para disfarçar o meu nervosismo. Por que eu estava daquele jeito?

— Não foi nada, você só estava tentando me mostrar. Veja, acho que peguei o jeito agora – ele fez os sinais que significavam “Oi, tudo bem?”.

Voltei ao meu estado normal e o elogiei por ter “falado” sua primeira frase em libras. Todos tínhamos que começar por algum lugar, não é mesmo?

— O que vocês estão aprontando de bom? - a Laura surgiu do nada.

Quando começou a escurecer, todos jantamos e voltamos aos dormitórios. Laura foi na frente e eu fui me despedir do Thomas.

— Eu gostei imensamente de jogar com você hoje! Fico feliz de você estar nos fazendo companhia durante a viagem.

— Eu também me diverti muito! Te vejo amanhã?

— Até amanhã, Thomas.

Virei as costas e fui para o meu quarto sentindo algo que eu não

conseguia descrever. Eu estava ligeiramente estranha, talvez eu conversasse com a Laura sobre isso.

Depois que nós duas estávamos de banho tomado e só com as luzes dos abajures ligadas, eu puxei assunto.

— Laura, eu posso falar com você sobre algo?

— É claro que pode, nós sempre conversamos sobre tudo.

— É sobre o Thomas – quando eu falei isso, Laura arrumou a sua postura.

— Tem algo a ver com os sorrisos que flagrei você soltando quando estava com ele, durante esses dois dias de viagem?

— Como você adivinhou? E, espera um segundo, você não tem vergonha de ficar espiando a sua melhor amiga desse jeito? Mas eu não sei, sabe? Eu presto atenção mesmo quando ele fala da física que envolve as bombas nucleares e eu nem gosto tanto dessa matéria. Eu fiquei mais empolgada do que normalmente jogando futebol de botão com ele; e nós temos gostos parecidos em vários aspectos. Além disso, você viu como ele sabe dançar jazz bem? Eu que tive a ideia, mas foi ele quem arrasou na pista de dança.

— Você quer dizer no restaurante?

— Isso mesmo! Mas, sabe, até quando ele fala das cores de seu tênis ou escolhe um papel completamente inesperado na nossa história de princesas eu fico interessada. Quero dizer, quem escolhe ser o cozinheiro dentre tantas possibilidades? É completamente estranho.

— Você quer algum conselho, ou só quer que eu te ouça, Helê?

— Eu não sei. Eu não sei de mais nada. Eu nem sei porque en-

trei nesta conversa para início de conversa e porque eu estou repetindo tantas palavras?

— Será que a minha melhor amiga está...

— Eu já sei o que você iria dizer e já aviso para jogar as suas expectativas a respeito disso no lixo. É claro que não, você me conhece! Eu só achei diferente ele gostar daquelas coisas, só isso. Você não acha? Quem gosta de física?

— É verdade que não são muitas as pessoas que têm essa matéria como favorita e se eu estivesse em um mundo de fantasia eu não optaria pelo mesmo papel que ele.

— Laura, eu acho que é melhor a gente ir dormir. Vai ver todo esse delírio que está passando na minha cabeça é só sono. Boa noite! – apaguei meu abajur decididamente.

— Boa noite, Helena.

Eu poderia jurar que a Laura estava com uma expressão meio confusa antes de apagar a luz do lado da sua cama, mas, de qualquer forma, eu me virei para o lado e fechei os olhos, numa tentativa de apagar aqueles pensamentos.



14



O passado vale a pena

— Alguém ajuda o Edgar! Ele está morrendo aqui!

— Amélia! Eu estou bem, não chame atenção.

— Edgar, sinceramente, qualquer um conseguiria ver que você está passando mal, mesmo alguém que não te conhecesse. Se estivéssemos em um desenho animado, o seu rosto com certeza estaria até verde — falei.

— Thomas, Laura, me defendam! Falem para elas pararem com isso! Daqui a pouco os professores vão vir checar o porquê de todo barulho.

— Estou com a Amélia e com a Helena nessa, Edgar. Desculpe, mas você está doente. Precisamos de um médico ou pelo menos de remédio — respondeu Laura.

— Pelo menos alguém tem que estar do meu lado. Thomas, faça algo!

Embora o Edgar tenha pedido por uma resposta, o Thomas escondeu os dois lábios no interior da boca e balançou a cabeça negativamente ao encarar o nosso amigo que estava com dor na barriga.

— Deixe de teimosia! Você mesmo nos contou que colocou todo o café da manhã para fora agora pouco. Além disso, visivelmente ainda está tendo bastante ânsia de vômito. Vai esperar o que para buscar ajuda? Deve ser só uma intoxicação alimentar ou o seu organismo estanhando algo que você comeu no café da manhã. Lembra que você misturou vários alimentos diferentes? — retrucou Laura.

— Mas é que tinham tantas opções que eu nunca havia experimentado. Eu precisava testar um pedaço de tudo, mesmo que os pratos não combinassem.

— Só você mesmo, Edgar! A melhor alternativa é chamarmos os professores. Assim você receberá os cuidados adequados e ficará bem de novo. Esconder só vai fazer você ficar nesse sofrimento durante o dia todo. Deixe disso e peça um remédio para eles.

— Tudo bem, tudo bem. Vocês ganharam! Mas já vou avisando que se os professores não me deixarem fazer parte das atividades, um de vocês terá que me fazer companhia. Combinado?

— De jeito nenhum! Você se meteu nessa situação sendo guloso, então pague por isso sozinho, sem arrastar ninguém! — exclamou Amélia.

— Calma, gente! Ele só vai tomar alguma medicação e participará do que foi planejado normalmente, só com um pouco de desconforto até que surta o efeito.

— A Laura tem razão, não há com o que se preocupar. Eu vou lá chamar a professora Alicja e volto daqui a alguns minutos — concordei e entrei em ação, indo em direção ao local de encontro, onde sempre podemos nos encontrar com os responsáveis pela viagem, para explicar a situação.

— Oi, professora Alicja! Tudo bem? Você poderia vir comigo, por favor? Um de meus amigos está passando mal e precisa de tratamento.

— Vou, sim Helena! Qual é o problema?

— Ele está com uma forte dor de estômago e vomitou mais cedo.

— Vamos lá, então! Me mostre onde o seu amigo está, por favor?

Levei a professora até o lugar onde o meu grupinho estava reunido e expliquei a situação mais detalhadamente.

— Entendi... Com sorte, não será nada sério. Por favor, me acompanhe Edgar, vamos até a enfermaria pedir por um remédio, mas antes pegaremos a minha pasta que contém as informações sobre a saúde de vocês e se são alérgicos a algum componente que os comprimidos, chás e xaropes possam ter.

— Vocês vieram preparados mesmo, professora.

— Temos que ser assim, Helena. Pois eu e o Hugo somos os responsáveis por todos vocês na viagem, ou seja, se alguma emergência vier a aparecer, é o nosso trabalho ter os recursos necessários para resolver isso. Algum de vocês vai querer ir junto com o amigo?

— Eu vou, professora! – afirmou Amélia.

— Não era você que havia falado que não iria deixar de seguir com o planejado só para me fazer companhia? – provocou Edgar.

Ela deu um soquinho no ombro dele e disse:

— Pode ir sozinho então, Edgar. Você está certo, eu não vou perder o meu precioso tempo em Gdansk com isso – Amélia mostrou a língua.

— Eu só estava brincando, vem logo!

— Ei! Eu vou também! Ou melhor, todos nós, para dar apoio moral.

— Helena, olha por onde você anda, senão você vai acabar... – A Laura tentou alertar, porém ela não foi rápida o suficiente.

— Ai! – Eu estava distraída e não notei um pequeno degrau logo a minha frente. Assim, me desequilibrei e caí no chão, o que causou um estalo no meu tornozelo, que foi seguido de uma aguda dor na região.

Laura e Thomas foram correndo me ajudar a levantar, mas eu estava com muita dificuldade em me apoiar sobre o pé machucado, então Thomas deixou que eu escorasse em seu ombro com um dos braços para me manter erguida.

— Acho que é mais um paciente para a enfermeira — comentou Amélia.

Laura colocou a mão aberta na sua testa, enquanto todos nós seguíamos a professora Alicja.

Após pegar os documentos, chegamos a uma salinha que ficava perto dos dormitórios. A entrada possuía o desenho de uma maleta branca com uma cruz vermelha centralizada, e, lá dentro, várias camas eram separadas por cortininhas, enquanto uma moça jovem estava fazendo a contagem do estoque.

— Bom dia! Desculpe o incômodo, eu sou a Alicja e sou uma das responsáveis pela segurança das crianças que estão passando por uma estadia aqui. Teria alguém disponível para nos atender?

— Bom dia! Podem entrar. O meu nome é Karol, eu sou a enfermeira. Estou trabalhando aqui hoje e irei atender vocês. Quais são os estudantes que estão doentes?

— Um deles sou eu. Meu nome é Edgar. Eu estou com dor no estômago.

— A outra sou eu. Meu nome é Helena. Eu caí e agora meu pé está incomodando demasiadamente. Eu não consigo me apoiar nele direito.

A enfermeira Karol analisou o caso do Edgar primeiro, que apesar do mal-estar estava fazendo muitas perguntas a respeito do cotidia-

no profissional de Karol, pois ela exercia a profissão que ele almejava alcançar. Enquanto isso, Thomas tinha me ajudado a me sentar em uma das macas do lugar.

— Prontinho, Edgar. Analisando aqui, você não tem alergia a nenhum dos componentes deste comprimido. Então é só tomá-lo com água em abundância para que não fique preso na garganta e esperar o efeito, que deve aparecer entre duas e quatro horas. Agora você, Helena, vamos ver o que esse seu acidente causou.

A enfermeira segurou no meu calcanhar, virando-o um pouco para ver a minha reação. O meu pé havia inchado desde o momento em que nós havíamos chegado.

— Ok... Pelo que eu observei, você torceu o seu tornozelo quando caiu, esse é o motivo do inchaço e do desconforto. Você terá que ficar aqui enquanto coloca gelo no seu pé e deve deixá-lo para o alto um pouquinho e evitar apoiá-lo no chão para não machucar mais. Não é nada grave, porém vai demorar um bocadinho para recuperar, talvez alguns dias. Por sorte, não foi uma torção muito feia, assim você conseguirá voltar a andar sem dor em breve. Então, de preferência, evite fazer atividades que envolvam forçar o seu pé até que ele sare e você ficará bem. Vou pegar um gelo enrolado em um pano para você. Espere aqui.

— Que massada! Só porque hoje é o meu penúltimo dia aqui em Gdansk...

— Só você mesmo para dar uma dessa, Helena – disse Amélia.

— Com sorte não teremos nenhuma atividade que envolva esforço físico e você pode pedir uma muleta emprestada da enfermaria para caminhar com mais facilidade – Laura tentou me confortar.

— É verdade – concordei.

— Voltei. Aqui está o seu gelo. Eu pude ouvir um pedaço da conversa de vocês e cheguei à conclusão de que, já que vocês estão hospedados aqui, não teremos problema nenhum em te emprestar uma muleta, desde que você devolva antes de ir embora. Podemos fazer esse acordo?

— Com certeza! Muito obrigada!

— Vou voltar aos meus afazeres. Qualquer coisa, basta vocês me chamarem. Tchauzinho – Ela voltou para a contagem que estava realizando quando nós entramos.

— Acho que está tudo resolvido agora, certo? Vocês dois querem que eu fique aqui até que melhorem? – sugeriu a professora Alicja.

— Não se preocupe professora, eles estão em boas mãos. Ninguém ficará sozinho e, se tivermos algum problema, nós te diremos – afirmou Laura.

— Tudo bem, até daqui a pouco. Cuidem-se.

Eu não aguentei ficar ali parada com o gelo no meu pé por muitos minutos, então pedi autorização para a enfermeira para que eu pudesse ser liberada e ela deixou. Logo após isso, o professor Hugo nos encontrou no caminho para nos avisar que as atividades programadas para o dia começariam logo após o almoço. Assim, tivemos a refeição e depois fomos para o local pré-estabelecido. Foi um pouco diferente ter que me adaptar à muleta e à lentidão de meus movimentos, mas acabei me acostumando no final das contas, pois não era tão ruim.

— Pessoal, vocês estão curiosos para saber o que temos programado para hoje? – perguntou o professor Hugo.

— Sim! – dissemos em harmonia.

— Teremos uma gincana com muitas brincadeiras! Para começar, separaremos a turma em duas equipes de nove jogadores.

Os grupos foram separados, eu fiquei no mesmo que a Amélia, enquanto a Laura ficou no mesmo que o Thomas e que o Edgar. Logo após isso, o professor começou a falar as primeiras orientações para a primeira disputa.

— Inicialmente, vamos amarrar uma bexiga no pé de cada um de vocês com um barbante, cada equipe tem uma determinada cor. O objetivo é vocês estourarem as bexigas do time oposto e o ganhador será aquele que estourar todas as bexigas do inimigo.

— Professor Hugo, acredito que se eu participar acabarei não tendo bons resultados – balancei a minha muleta.

— É verdade mesmo, Helena. Fora que, se você cair novamente, pode acabar piorando o seu tornozelo. Então poderá participar apenas de outras brincadeiras, mas tudo em prol da sua saúde. Vejamos... Pessoal do outro grupo, vocês terão que escolher alguém para ficar de fora, pois se continuar assim vocês terão a vantagem de ter um jogador a mais.

Um dos outros estudantes fez um comentário desnecessário, afirmando que por minha culpa o outro time seria prejudicado e que, além disso, eu deveria ter vergonha de sair por aí com aquelas muletas, pois o modo que eu andava era muito estranho e o fazia querer rir. Eu achei a piada de muito mal gosto, mas antes que eu elaborasse uma resposta, inesperadamente o Thomas tomou a frente da situação e pediu para que o aluno fechasse a boca, afinal ele não gostaria que caçassem dele por algo que não pudesse ser mudado naquele instante. Ademais, ele disse que se um time estivesse em maus lençóis seria o que contasse com alguém tão desrespeitoso e incapaz de se colocar no lugar dos colegas.

— Olha só! Que pena não é mesmo? Parece que teremos que sa-

crificar alguém do nosso lado. Embora eu quisesse muito jogar também, farei esse favor para evitar brigas – disse o Edgar com ironia, pois ele via aquela ocasião como uma bela chance de fugir.

— Pode aproveitar desta vez Edgar, agora que você melhorou seria legal se você participasse – respondeu Thomas.

— Não se incomode com isso, Thomas – afirmou Edgar, com um sorriso que pedia para que o amigo não estragasse o seu plano.

— Eu sou muito ruim nos esportes, Edgar. Então acho que ter você como jogador seria mais vantajoso. Portanto eu vou indo, boa sorte. Conto com você para fazer vários pontos para a gente – Ele colocou a mão no ombro do Edgar, mostrando que estava colocando as suas esperanças no colega. Esse não pôde fazer mais nada a não ser aceitar, pois o Thomas tinha tornado inviável que ele desse qualquer outra desculpa para sair sem ter que falar que não queria participar mesmo.

Depois de oficializar tudo com os professores, Thomas e eu nos sentamos lado a lado em um banquinho que ficava na grama, longe o bastante do campo para que ninguém tropeçasse em nós por engano.

— Ei, acho que ninguém acreditou naquele seu discurso a respeito de não ser habilidoso nos esportes.

— Você acha? Eu não consegui pensar em mais nada, mas acabou funcionando.

— Então o senhor está admitindo que mentiu? Saiba que todas as palavras ditas agora poderão ser usadas contra o senhor posteriormente neste tribunal – falei, colocando a mão no queixo como se estivesse a passando na minha barba imaginária. Ele riu.

— E você, está aproveitando ao máximo essa viagem?

— Olha, eu não sei se “ao máximo” seria a expressão mais adequada, porém eu estou me esforçando – ergui a minha perna machucada para mostrar que, por conta dela, fiquei incapacitada de desfrutar de algumas partes.

— É, acho que tivemos esse pequeno imprevisto – ele concordou.

— E você, Thomas? Como está se sentindo? Você parecia tenso em alguns momentos, sabe? Como quando entramos no museu.

— Eu não sei se você entenderia...

Ajeitei a postura e o encarei com uma falsa expressão séria.

— Se você soubesse quantas loucuras já se passaram pela minha cabeça e quantas atitudes incompreensíveis que eu já tomei, você certamente não afirmaria isso com tanta precisão assim, eu garanto.

— Será? Digamos assim que eu tenha me sentido incomodado por conta dos comentários das pessoas em algumas sessões no museu, o que você acharia disso?

— Se você está falando das exposições que tinham objetos relacionados ao nazismo, eu acho que consigo enxergar um pouco pelo seu ponto de vista. Eu ouvi muitos dos visitantes generalizando os alemães, então imaginei que você estaria um pouco alerta e com receio, porque, se fosse eu, sempre ficaria preocupado com a seguinte dúvida: “O que essas mesmas pessoas fariam se descobrissem onde eu nasci?”.

— Acredito que talvez você tenha chegado bem perto de acertar em cheio no alvo. Mas é mais que isso. Em alguns instantes, olhando aquelas fotos e uniformes, eu também me sentia culpado. E isso nem faz sentido – ele sorriu, franziu a testa, abaixou a cabeça e a balançou

negativamente, como se nem ele acreditasse que essas coisas sem lógica pesavam a sua mente.

— Thomas, eu acredito que quando o nosso povo toma alguma atitude, nos sentimos responsáveis por ela, mesmo que nem tenhamos participado. Talvez esse exemplo não se encaixe exatamente com o nosso assunto, mas veja: quando eu estudo sobre o sofrimento dos judeus é como se eu sentisse dor também, mesmo que eu nem estivesse viva e nem tivesse presenciado nada dos horrores que eles passaram. Eu não conhecia nenhum nos indivíduos que foram queimados vivos e provavelmente nem possuo parentesco com a maioria, mesmo assim, por ser um dos fatos que constituem a história dos cidadãos que dividiam a mesma cultura que eu, me incluo nisso, sentindo como se tivessem torturado um pedaço de mim no passado. Pode ser que essa culpa que você afirmou carregar seja algo semelhante, no sentido de que você não foi um dos que colocaram aquelas barbaridades em ação, entretanto uma parcela de seu povo o fez, então você sente que tem a obrigação de assumir a responsabilidade também. Ou melhor, deixe-me corrigir, “barbaridades” não, pois seria normalizar o preconceito que muitos seres humanos passaram antigamente. Vou trocar por “atrocidades” – corrigi de forma descontraída, lembrando da discussão que nós tivemos na primeira vez que nos encontramos.

— Tanta coisa na minha vida mudou repentinamente. Eu acabei me percebendo perdido no meio dessa confusão. A minha rotina mudou, mas em muitas noites minhas lembranças me levam de volta à Alemanha e eu fico indignado por não ter sido capaz de mudar nada na época. Minhas emoções me enchem até a garganta e sei que não sou o único. Na minha casa, existem alguns temas que não são mais abordados e, embora ninguém tenha decretado isso oficialmente, todos os integrantes estão cientes de tal fato. É assustador como eu me prendo e fico me policiando em todas as minhas minúsculas atitudes: tenho que

tomar cuidado com o sotaque, nunca revelar demais, não soltar palavras de frustração em alemão quando derrubo um copo da bandeja no café ou quando bato o meu dedinho do pé em uma das mesas, entre outras coisas mais simples ainda. Eu tenho medo de algum dia acabar confundindo o cabeçalho em algum trabalho e colocar o nome da minha antiga escola, de convidar alguém para ir na minha casa e esse notar que temos costumes diferenciados ou que algum prato que cozinhamos não é tão comum aqui na Polônia. Quando eu me deixei levar aquela vez na biblioteca fiquei apavorado, pensando que poderia prejudicar a minha família caso o boato se espalhasse, embora isso não tenha acontecido. Aliás, muito obrigado, Helena – durante sua fala, o Thomas fechou os punhos com muita força, como se não estivesse mais aguentando. Eu apostaria que, se ele tivesse unhas grandes, o que não era o caso, teria deixado algumas marquinhas nas palmas das mãos.

— Nossa! Eu não imaginava que você estivesse enfrentando tudo isso, sozinho ainda por cima. Para você, deve ser muito complexo conseguir confiar em outras pessoas aqui em Lublin, não é mesmo? Até me impressiono ao ver você desabafando um pouco comigo, não que eu me incomode, você tem total liberdade para isso.

— Se eu dissesse que escolhi confiar em você por livre e espontânea escolha, eu estaria mentindo. A verdade é que essa afinidade que começou a brotar na nossa amizade acabou surgindo de maneira natural e a partir de muitos riscos indesejados por mim. Eu sinceramente não queria ter revelado nada naquele piquenique, mas aconteceu, e quando eu vi que você cumpriu com a sua palavra, sem perceber eu fui me soltando um pouquinho mais quando não tinha ninguém além de você que pudesse me ouvir se eu falasse em um tom razoavelmente baixo.

— Sei que o que eu vou te falar agora pode soar um pouco imaturo da minha parte, entretanto vou compartilhar minha opinião sobre isso mesmo assim. Thomas, outras pessoas também vão te aceitar como

você é. Não estou dizendo para você ser imprudente como eu e sair por aí contando para todo mundo sobre suas origens, pois de fato existem alunos que são bastante preconceituosos, porém tem alguns que são amigos reais. Veja aqueles que te cercam, por exemplo, a Rita e o Edgar, eu não sei todo o seu passado e nem exatamente quais seriam as reações deles, porém, por experiência própria, eu aprendi que eles fazem as suas opiniões a respeito de alguém a partir dos atos da pessoa e das próprias experiências com ela, sem se deixar levar por boatos.

— Eu não sei se você continuaria com essa teoria se eu te contasse quais foram os reais motivos que levaram a minha família a se mudar para cá.

— Nunca saberei se você não me disser. Que tal um teste?

— Teste? Para quê?

— Se você teme tanto a resposta de retorno daqueles que descobrirem mais sobre você, uma opção é você me contar. Caso se sinta confortável, eu, melhor conhecadora da mente dos moradores de Lublin, julgarei a probabilidade de segurança ou perigo caso você escolha revelar para os outros.

— E como eu vou ter certeza que você não ficará chocada?

— É... Temos um furo na minha estratégia. Será mais vantajoso criarmos outra.

— Não, espere. E se eu discursar uma narrativa falsa? Você finge que ela é real e depois deve ser sincera ao contar quais seriam as suas ações futuras caso ela fosse verdadeira? A partir disso eu decidirei se é seguro ou não para a minha família que você saiba o que ocorreu conosco. Mas se prepare, pois eu não pegarei leve na confusão mental que essa ficção irá provocar. Esteja pronta para ficar pasma – ele parecia

animado com a ideia.

— Combinado! Então é a sua deixa.

— Apenas lembrando que primeiro será a mentira, certo? Eu tive parentes que foram servir o governo durante a Segunda Guerra Mundial, os alemães eram governados por um homem muito poderoso cujo nome era Adolf Hitler, que pregava o nazismo. Através de propaganda e da difusão da ideia de que a raça ariana era superior a todas as demais, eles entendiam que tinham o direito de eliminar todos aqueles que não pertencessem a essa “categoria”, como os judeus. Muitos conflitos aconteceram e no final o país foi um dos perdedores. Entretanto, como o nazismo havia sido tão forte, muitas famílias continuaram passando ele de geração em geração, inclusive uma delas era a minha.

— Thomas, honestamente eu esperava alguma coisa mais convincente depois de todo aquele suspense. Todavia eu permito que você continue.

Ele deu um sorriso amarelo e prosseguiu.

— Quando eu nasci, nós já estávamos enfrentando a Guerra Fria, que é esse conflito sem batalhas diretas onde o capitalismo e o socialismo tentam se superar para ver quem fica com a supremacia. Então, em 1961 começaram a construir um muro enorme para separar a minha cidade, que é chamada de Berlim, entre esses dois lados opostos, e a minha casa ficava na metade controlada pela União Soviética. Apesar do nazismo estar presente na minha residência, apenas dois integrantes acreditavam nele: o meu avô e o meu pai. Ao contrário do que você possivelmente imagina, conosco o meu pai era um homem muito amoroso. Ele era ignorante com os outros, mas dentro da família exercia o seu papel de forma exemplar, sendo muito presente na vida de todos os filhos. Minha mãe não concordava com a sua ideologia e cortava o ma-

rido sempre que ele tentava doutrinar os filhos a seguir aquela crença. Então ela conseguiu educar a mim e aos meus irmãos de forma que não fôssemos desrespeitosos com os outros sem motivo. Os meus pais raramente discutiam acerca desse assunto, pois o meu pai mais falava do que agia de forma ignorante. Então, além de insultos e ameaças, nunca havia machucado fisicamente ninguém por conta do nazismo. Quando meu país foi dominado, houve uma forte perseguição aos nazistas, afinal muitos sofreram por conta daquela ideologia. Então, um dia fomos denunciados por algumas pessoas que levaram a sério as ameaças de meu pai e oficiais arrombaram a nossa porta de madrugada para nos aniquilar. O meu pai, percebendo que, teoricamente, por culpa dele toda a família sofreria, pediu para que nós nos escondêssemos enquanto ele corria para fora para servir de isca. Quando os assassinos estavam a uma certa distância, corremos com todo o nosso fôlego na primeira oportunidade. Entretanto, o meu avô, que já era de idade e tinha um problema na perna, não conseguiu nos acompanhar e tivemos que deixá-lo para trás. Aquela escolha foi, para mim, como se tivéssemos colocado os nossos corações mergulhados na neve, tornando-nos nada mais que apenas criaturas frias, porém mais tarde eu compreendi que, se voltássemos, ninguém iria ter sobrevivido. Até hoje, de vez em quando eu sonho que estou escutando os gritos de angústia de meu pai diminuindo o volume conforme me afasto, que estou vendo meu avô sendo capturado e tendo seus frágeis ossos quebrados, implorando para que eu não o abandonasse. Enfim, fomos migrando de abrigo em abrigo e contando com inusitados aliados até encontrarmos refúgio aqui na Polônia, onde recomeçamos a nossa vida.

— Para uma ficção, as emoções são bastante intensas. Se essa tivesse sido a sua realidade, o mar turbulento pelo qual você teve que navegar para estar aqui, eu acho que te daria um abraço – falei hesitante, de cabeça baixa. Eu não sabia como reagir e um pedacinho do meu peito me dizia que o Thomas poderia ter se confundido na ordem de suas

histórias, embora eu desejasse que eu estivesse errada.

Olhei para cima, notando que o Thomas estava prestes a desabar.

— Thomas? Eu estou com sede. Pode me acompanhar até o bebedouro para pegarmos um copo de água?

Antes que nos distanciássemos da turma, avisei o professor, de longe, sobre o que iríamos fazer, para não gerar confusões futuras, e quando chegamos ao bebedouro eu disse:

— Pode chorar se você quiser. Esse local está deserto, pois estão todos jogando lá na grama. Não tem ninguém para te julgar, não precisa aguentar tudo dentro de si mesmo.

Naquele instante, várias lágrimas começaram a escorrer de seu rosto, enquanto ele tentava, em vão, enxugá-las com as mãos. Tudo o que eu pude fazer foi colocar a mão em seu ombro, desejando ter o poder de diminuir todo aquele peso que estava em suas costas.

— Às vezes eu não sei o que fazer. Eu sei que ele era ignorante e que as pessoas ameaçadas não sabiam que ele não era capaz de machucar nenhum ser humano, e que as suas crenças eram detestáveis. Mas, mesmo assim... Por que eu me sinto tão culpado simplesmente por ter amado o meu pai, apesar de todos os seus defeitos? Eu não tenho argumentos para justificar as suas palavras e nem para defendê-lo na maioria das ocasiões. Eu não sou nazista, nem nada do tipo. Eu entendo que pessoas como ele e meu avô eram como fantasmas do passado que assombravam a existência dos outros, mas eu queria ter somente mais cinco minutos para me despedir e dizer o quanto eu o amava, para pedir que ele não fosse e garantir que certamente nós acharíamos outra solução. Juntos. Antes que ele escorregasse dos meus braços e se sacrificasse, nos dando a oportunidade de escapar e de continuar vivendo. É mesmo justo que nós estejamos aqui, sendo que isso custou o meu pai e meu

avô? A vida deles não pode ser mais importante que a minha ou a das outras pessoas. Por que ele teve que nos deixar? Por que eu fiquei calado toda vez que via ele afirmando abertamente que acreditava no nazismo? Por que eu não tentei mudar a sua mente? Eu poderia tê-lo salvado se o tivesse convencido de que aquilo não passava de um preconceito inútil que poderia destruir a nossa família.

Em cada palavra, o fluxo de lágrimas aumentava. Eu fiquei em silêncio, enquanto o Thomas conseguia recuperar a sua postura e aguardei enquanto ele lavava o rosto com água gelada para que os seus olhos desinchassem e nós pudéssemos voltar até a grama.

— Obrigado por ter a paciência de me escutar – agradeceu ele.

— Não foi nada, é um alívio que você esteja melhor – eu definitivamente não era nada boa em dar conselhos. Portanto, não falei mais nada. Aquele era um tema no qual eu não poderia apenas soltar uma frase genérica como se não tivesse relevância. Todas as reações iniciais, medos, o fato de ele nunca falar muito sobre si mesmo, tudo estava se amarrando na minha mente.

Enquanto o jogo não acabava, eu fiquei refletindo em como aquele grande conflito havia atingido não somente os poloneses, como também os da Alemanha, sobre como toda aquela ilusão sobre superioridade que colocaram na cabeça dos cidadãos alemães foi desastrosa para os judeus e para os próprios habitantes daquele país, mesmo para aqueles que nasceram depois de 1945.



75

Sonhos lúcidos

Depois de uma pausa, a gincana continuou com as mais variadas brincadeiras e mesmo com as minhas muletas eu pude participar de alguns jogos que não necessitavam de tanto deslocamento. Depois do ocorrido no bebedouro, o clima ficou moderadamente pesado entre mim e o Thomas por conta das últimas revelações. Eu estava em um limbo onde minha ficha - de que eu era judia e tinha conhecido um garoto que viria a se tornar meu amigo, porém esse havia nascido em uma família onde o seu pai era nazista - ainda não havia caído. Eu conseguia imaginar a minha mãe pedindo para que eu me afastasse dele, pois ela não tinha como ter absoluta certeza de que ele não compartilhava dos mesmos pensamentos que o avô e o pai e estava fazendo todo aquele drama apenas para me enganar e depois me prejudicar.

Todavia, eu não era capaz de acreditar naquilo. Ele sabia que a escolha de contar um segredo para alguém viria junto com a possibilidade de essa traí-lo e espalhar a informação para todos da escola, o que de fato não seria nem minimamente vantajoso para alguém que está tentando construir uma vida aqui na nossa cidade. Tinham tantos motivos para que eu deixasse minha amizade com o Thomas de lado, mas eu não conseguia ser convencida por nenhum deles.

Embora eu sempre me policiasse para não ter preconceito com os alemães, meu pensamento era completamente diferente para aqueles que abertamente se denominavam crentes no nazismo, pois esses indivíduos literalmente desejavam a extinção do povo que seguia a mesma religião que eu. Eu não sei se seria fácil para o Thomas aceitar que a sua amiga sentia nojo de seu avô e pai, os quais eram tão amados por ele. Mesmo que eles não fizessem nada fisicamente aos judeus, ameaçar e ofender não era um ato nada honrável. Eu tinha a impressão de que as pessoas, muitas vezes, não paravam para refletir acerca do dano causado pela violência verbal, pois essa, apesar de não prejudicar o físico das vítimas, interfere no psicológico delas. Imagine só: um judeu que sabe

sobre a Segunda Guerra Mundial e descobre quais torturas e mortes cruéis nas quais os seus semelhantes tiveram que passar. Então um dia essa pessoa está andando pela rua e recebe ameaças terríveis de alguém que acredita nos princípios do nazismo. Esse judeu provavelmente ficará aterrorizado e com medo até de aparecer publicamente, pois não teria como ele ter consciência das reais intenções daqueles que o intimidaram, pois aprendeu, através dos livros, que nem sempre o ódio se contenta apenas com a forma de palavras.

Ao mesmo tempo, eu não conseguia deixar de avaliar se um assassinato era uma punição que condizia com os atos do pai e do avô de Thomas. Quero dizer, aquilo não era nada que palestras e regras mais severas, ou mesmo alguns dias na prisão, não poderiam solucionar. É claro que é difícil mudar conceitos enraizados em várias gerações, entretanto, quando aqueles homens obrigaram a família de Thomas a fugir e mataram dois de seus membros, acredito que o ato deles foi bem pior do que apenas mostrar a sua ignorância em frases, porém nunca a colocar em prática fisicamente. O peso de um homicídio e de uma ofensa eram demasiadamente distintos, a meu ver.

Não é como se alguém tivesse o direito de aniquilar a vida de outro ser humano simplesmente por ser xingado. Se tivessem optado pelo diálogo, não teriam tirado um pai querido de seus filhos e um marido fiel de sua esposa de modo tão cruel. Eles poderiam estar aqui ainda hoje, se alguém com poder o suficiente tivesse optado pela conversa. O Thomas nunca teria passado por aquelas experiências tão traumáticas. Como será que é ter que acordar na manhã seguinte sabendo que foi obrigado a abandonar familiares queridos na noite anterior, deixando-os para morrer? Como será que é ir para um novo colégio, fingir que está tudo bem, e esconder o fato de que seu interior está se despedaçando? Quanto tempo ele teve que esperar para conseguir agir dessa maneira? Quantas vezes ele não temeu que alguém descobrisse tudo e condenasse

sua família por um crime que eles nem cometaram?

Quando se está no território daqueles que o enxergam como inimigo, é natural que o instinto seja se esconder ao máximo. Ele carregava o peso de ter que guardar esse segredo para proteger quem considerava especial, e sabia que, se eu tivesse espalhado, toda a responsabilidade do sofrimento daqueles que o esperam em casa seria dele. Tinha plena consciência de que um gesto em falso poderia pôr tudo a perder. Um garoto de 15 anos jamais deveria ter que enfrentar isso sozinho, nem ter tamanho fardo o seguindo para todos os lugares.

Como era sua terra natal? Quais dos nossos costumes você estranhou, porque eram diferentes do seu? Você veio de onde? Que sotaque diferente, qual o seu primeiro idioma? Perguntas sem segundas intenções, porém o Thomas teve que prestar muita atenção. Como uma pessoa impulsiva, eu não tenho nem noção da dimensão do quanto complexo é ter que ser cuidadoso com cada sílaba que você dirige aos outros.

— Helena, você não vai sair da cama? A professora Alicja mandou que nós acordássemos bem cedinho para aproveitar este período, pois iremos embora no início da tarde. Eu já estou pronta e recomendo que você se apresse — alertou Laura.

— Eu já estava levantando, só um segundo.

— Não esqueça das muletas.

— Por incrível que pareça, o meu tornozelo melhorou consideravelmente, estando dolorido apenas em alguns pontos, mas eu já consigo andar sem o auxílio delas.

— Então a torção foi mais leve do que esperávamos. Ainda bem.

— Exatamente, devolverei as muletas na enfermaria antes do

café.

Já estávamos na reta final de nossa viagem, a gincana de ontem foi aproveitada ao máximo, então quando os resultados da equipe vencedora foram anunciados, todo mundo estava exausto. Portanto, quando fui dormir, após o jantar, entrei em um sono muito profundo e com longos sonhos. E que sonhos... O que me fez lembrar que eu tinha que falar com a minha amiga imediatamente.

— Laura, antes de tudo eu necessito te contar algo.

— Estou ouvindo, Helê.

— Você promete que não irá rir de mim, Laura? De mindinho?

— Esse mistério está me intrigando! Prometo sim, pode falar.

— Eu sonhei com o Thomas essa noite. Eu nem acredito que estou revelando isso.

— O quê? Como foi? Helena não economize em nenhum detalhezinho sequer.

Apesar da vergonha e da minha irritação com a expressão da Laura, que indicava um nítido e profundo interesse no tema, eu me aprontei enquanto narrava para ela o meu sonho, aproveitando o momento para me ocupar e não ter que fazer contato visual direto.

— Gente, vocês não vão tomar café da manhã? – questionou Amélia, enquanto batia na porta do nosso quarto.

— Já estamos indo! Tem mais alguma coisa, Helena?

— Não, isso foi tudo. Podemos ir? – respondi.

— Helena, eu vou descobrir se você estiver ocultando algo.

— Já disse que não estou. Pare agora mesmo de me olhar assim e vamos logo, pelo amor de Deus. E não ouse comentar com ninguém.

Enquanto eu comia um pedaço de panqueca com calda, na mesma mesa que Laura, Edgar, Thomas e Amélia, uma das funcionárias do local se aproximou com uma bandeja tampada em mãos, o que eu estranhei, pois a maioria dos alimentos estavam disponíveis para que nós mesmos nos servíssemos, sendo raros os pratos que tínhamos que fazer algum pedido.

— Esta é a mesa 10, preciso entregar para a menina de cabelos cacheados e ruivos. Aqui está, espero que gostem — disse a mulher ao se aproximar.

— Senhora, acho que houve um pequeno engano.

— Creio que não, mocinha, está de acordo com o requisitado — afirmou ela, colocando a bandeja na minha frente, enquanto eu ficava completamente confusa.

— Não me recordo de ter pedido nada. Desculpe.

Mas antes mesmo que eu pudesse terminar a minha frase, ela já estava indo novamente para a cozinha, colocando a mão na boca para esconder algumas risadinhas.

— Abre logo, Helena! Apesar de isso ser inusitado, todos nós estávamos mais ansiosos que você para descobrir o que tem na bandeja — exclamou Laura.

— Tudo bem, tudo bem. Vou abrir — retirei a tampa de metal para ver o que tinha debaixo dela.

Dentro havia um enorme bolo de chocolate, com duas camadas de recheio e frutinhas na parte de cima. Ao lado havia um recado dizen-

do.

Essa é a minha forma de agradecimento por vocês serem essas pessoas incríveis. Espero que façam bom proveito e dividam entre todo mundo que foi selecionado para essa maravilhosa viagem.

O recado não havia sido assinado por ninguém, mas eu tinha algumas desconfianças de quem poderia ser o remetente.

— Será que foi a professora Alicja que mandou para nós? Com o intuito de não ficarmos tristes por essas serem nossas últimas horas aqui em Gdansk? – compartilhei a minha teoria.

— Faria sentido – concordou Amélia.

— De qualquer forma, vamos chamar o pessoal para comer – sugeriu Laura.

— Gente, venham aqui! Temos bolo de chocolate para todo mundo!

Repentinamente, formou-se uma bagunça ao nosso redor. Alunos vinham de todos os lados e a Laura precisou assumir o papel de liderança para organizar uma fila única. No meio disso, alguém passou pelas minhas costas e enroscou um pequeno pedaço de papel na parte de baixo dos meus cabelos. Quando eu senti e me virei, havia muitos colegas de classe passando por ali. Portanto, não havia como adivinhar quem seria o responsável por aquela ação.

Já que estava com dificuldade de tirar aquilo do meu cabelo sem estragar meus cachos. Fui ao banheiro, com o intuito de usar o espelho para me orientar.

Oi, Helena. Tudo bem? Sei que talvez você não estivesse esperando por isso, mas gostaria de passear comigo para vermos a Fonte

de Netuno no nosso tempo restante nesta linda cidade? Caso a sua resposta seja “sim”, por favor me encontre perto do bebedouro assim que puder.

Thomas.

Fiquei alguns segundos encarando o bilhete antes que a Laura entrasse no banheiro e eu o escondesse rapidamente no meu bolso.

— Vamos, Helena. Senão o bolo acabará antes que você consiga experimentar sequer um pedacinho.

— Eu estava arrumando o meu cabelo, especificamente desfazendo um nó que tinha se formado perto da nuca. Você sabe o quanto isso me incomoda.

Segui a Laura enquanto pensava naquele convite. Não sabíamos qual era a programação da manhã de qualquer maneira e eu não acreditava que seria possível sairmos para onde nós quiséssemos daquele jeito. Eu certamente não iria escondida como na última viagem na Colônia de Férias.

Peguei uma fatia bem grossa do bolo, me surpreendendo com o seu sabor. A massa estava úmida e muito macia, o recheio era cremoso e se desfazia na boca como um mouse caprichosamente feito. As frutas na parte superior traziam uma refrescância que quebrava o intenso doce do chocolate, deixando tudo mais harmônico.

— A cozinheira ou cozinheiro que o fez é genial, sem nem uma minúscula sombra de dúvidas – elogiei com um pouco de massa ainda na boca.

— É impossível discordar disso – disse Amélia, que estava próxima de nós.

— Bom dia, pessoal! O que está acontecendo por aqui? — perguntou o professor Hugo, enquanto via toda aquela festa.

— A professora Alicja comprou um bolo para nós — respondeu Edgar.

— Desculpe decepcioná-los, mas eu não tive nada a ver com isso — a própria professora afirmou, após surgir de trás de seu colega de trabalho.

— Já que estamos aqui, o que acha de nos servirmos também, Alicja?

— Não tenho nenhuma objeção a essa ideia, Hugo.

Depois que estávamos satisfeitos e restavam apenas algumas gotas perdidas de cobertura na bandeja que outrora tivera uma arte da confeitoraria, a professora nos avisou:

— Já que iremos para casa no começo da tarde de hoje, vocês estarão livres para decidir quais pontos turísticos querem visitar, desde que esse esteja dentro de uma das opções que vamos ofertar. Nós vamos disponibilizar quatro guias para acompanhar cada grupo e vamos ter um local de encontro estabelecido, onde vocês poderão encontrar a mim ou ao professor Hugo em qualquer momento, bastando pedir para os seus guias acompanharem vocês até lá. Vocês terão esta próxima meia hora para escolher entre a Fonte de Netuno, o Caminho Real (que era por onde os reis passavam para entrar na cidade), a Town Hall e o Prédio dos Correios. Conforme decidirem, passem os nomes para mim.

— Helena, que tal irmos no Caminho Real? Poderíamos continuar nossa fantasia fingindo que somos literalmente da realeza. Além disso, aposto que lá nos explicarão vários fatos históricos que são do seu interesse.

— Laura, eu preciso te mostrar algo. Vem comigo.

— Você está estranha, não me diga que é algo relacionado a “aquela pessoa” de novo – ela se animou antes mesmo que eu revelasse o que pretendia.

Mostrei para a minha amiga o bilhete e falei como esse tinha sido preso no meu cabelo de forma misteriosa.

— Helena! Meu Deus! Isso é tão fofo! Eu havia mesmo desconfiado que você estivesse escondendo alguma coisa lá no banheiro. E então, você vai, não é? Eu me certificarei de que Edgar e Amélia vão para outra opção para não atrapalhar.

— Vou sim. Então acho que tenho que encontrá-lo no bebedouro agora, não é?

— Sim! O que você está aguardando? Vai logo!

Eu segui discretamente a trajetória até lá, onde Thomas estava me esperando distraído e encostado na parede. Quando ele notou minha presença, de forma um pouco desajeitada, arrumou sua postura e veio me cumprimentar.

— Oi... Por um breve instante achei que você não viria.

— É claro que eu aceitaria. Mas como você adivinhou que teríamos a oportunidade de ir na fonte?

— Sobre isso... Eu perguntei para o professor Hugo ontem à noite. Achei que não teria retorno, mas já que ele estava sonolento, acabou revelando a programação sem querer, me fazendo prometer que não espalharia para ninguém. Então decidi te convidar. Falando nisso, desculpe pelo seu cabelo. Eu não saberia como te chamar na frente dos outros, então foi o jeito mais criativo que consegui imaginar.

— Nossa, foi muita coincidência mesmo que alguém tenha nos enviado aquela sobremesa anonimamente! Caso contrário, eu não conseguia imaginar você conseguindo colocar algo no meu cabelo sem que eu ou a Laura descobrissemos a sua identidade.

— Mas você gostou do bolo? Ele parecia apetitoso ao olhar.

— É claro! Estava perfeito. Se eu soubesse o autor, eu elogiaria quem o cozinhou. Espere um minuto, a situação acabou sendo muito conveniente para o seu plano, não? E você estava desaparecido no café da manhã. Ademais, você não disse que trabalhava em um café e sabia cozinhar alguns pratos? Não me diga que...

— Eu esperava que fosse um mistério um pouco mais complexo de solucionar. Eu pedi ajuda das cozinheiras para fazer o doce na noite anterior.

— Thomas, infelizmente você está lidando com alguém que já seria detetive profissional caso isso dependesse somente de experiência. Não sou enganada por amadores – voltei o meu queixo para cima, fingindo ser metida.

— A minha estratégia era revelar isso posteriormente, mas eu fiquei encurrulado. Da próxima vez, elaborarei um mistério que não seja tão tedioso e simples de resolver – ele piscou para mim de forma divertida e nós rimos.

— Thomas, acredito que nós devemos ir passar os nossos nomes para a professora, antes que as vagas para esse destino acabem. Não que eu saiba se tem um número limitado de alunos para cada lugar, mas é recomendado prevenir.

E foi assim que fizemos. Antes de sairmos, pedi para a Laura me acompanhar até o nosso quarto urgentemente.

— Helena, faltam apenas 15 minutos e você decidiu se arrumar agora?

— Eu não possuía meios de adivinhar que o Thomas me convidaria, Laura – respondi, enquanto velozmente colocava o meu vestido rodado azul claro que ia um pouco para cima dos joelhos e passava um gloss nos lábios.

— Uau, quanto capricho! Não vou te julgar por querer estar bonita em seu primeiro encontro – ela sentou na cama e jogou uma parte se seus cabelos para trás.

— O quê? Quem falou em encontros? É somente uma caminhada entre amigos, aceitei do mesmo jeito que concordaria caso você ou a Amélia me convidassem.

— Eu não vejo você se aprontando com tamanha intensidade nessas ocasiões.

— Qualquer indivíduo gostaria de ter uma boa aparência no seu último passeio pela bela Gdansk. Você está pensando demais sobre isso, Laurinha. Por favor, não alimente essas ilusões – balancei a cabeça expressando que não via lógica no raciocínio da minha melhor amiga.

— Se você está dizendo...

Fomos encontrar os outros alunos e cada um seguiu o guia que estava se direcionando para os pontos turísticos escolhidos. Eu me despedi de Laura, Edgar e Amélia e fui para perto de Thomas.

— Está preparado para os nossos últimos momentos aqui, Thomas?

— Estou sim, e você?

— É claro! Aposto que vamos aproveitar cada segundo.

— Eu já vi as carinhas de vocês em algum outro dia. Vocês por acaso não estavam no grupo que fez o tour pela cidade comigo, estavam? — questionou o nosso guia.

— Exatamente! O nome do senhor é Rogério, não é? — falei reconhecendo-o.

— Correto, apenas por um detalhezinho: você acha que já estou na idade apropriada para que as crianças se dirigiam a mim usando o pronome de tratamento “Senhor”? O planeta está girando muito apressadamente, na minha opinião — ele colocou a mão no peito indicando uma falsa preocupação e drama.

— Não foi isso que eu quis passar, acredito que seja força do hábito.

Ele fez um gesto com a mão indicando que estava tudo bem e nos orientou até a famosa Fonte de Netuno.

— Galera, esta é a Fonte de Netuno de Gdansk. Ela pertence ao movimento artístico rococó maneirista, foi construída em 1549, entretanto ela era diferente do que vemos hoje, tendo modificações feitas em 1633. Em meio a todo o caos da Segunda Guerra Mundial, afinal Gdansk foi destruída em vários pontos, cidadãos com boas almas a desmontaram e guardaram secretamente, ficando escondida junto com outros tesouros da nossa cidade. Ela só conseguiu retornar para a localização apropriada no ano de 1954, sendo poupada de toda aquela tragédia.

— Para uma estátua, ela já enfrentou muitos desafios — falei impressionada.

— Realmente, é um milagre que ainda possamos ter o privilégio

de admirar a sua estupenda beleza. Se não a tivessem desmontado a tempo, ela seria transformada em ruínas. Sintam-se à vontade, ainda temos tempo antes que eu precise levar vocês de volta para o edifício dos dormitórios.

— Quer explorar um pouco, Helena? — sugeriu Thomas.

Eu abri um largo sorriso e nós chegamos mais perto daquele símbolo tão importante para a cidade. Centralizada na fonte estava a estátua de um homem alto, musculoso, que segurava uma espécie de tridente que estava apontando para baixo. O homem aparentemente estava em cima de algum animal que eu não consegui identificar ao certo. O mármore no qual a fonte era feita tinha uma cor escura e algumas pombinhas pousavam no lugar para beber goles da água que estava cristalina.

— Quanto mais eu descubro sobre Gdansk, mais eu me apaixono por ela, Thomas.

— Imagina quanta força as pessoas tiveram que fazer para desmontar essa fonte! Não parece nada leve.

— Acredito que ela provavelmente possa ser dividida em várias partes, mas mesmo assim, você tem razão. Acho que nem nós dois juntos aguentaríamos a parte do homem inteira.

O dia estava agradável, a confortável luz solar batia na fonte e em nossos corpos. Estábamos praticamente no início do verão, o que me agradava consideravelmente.

Sentamos em um banquinho próximo e ficamos observando a fonte e as pessoas que passavam. Eu gostaria que aquela viagem nunca chegasse ao fim.

— Helena, eu tenho um presente para você — revelou Thomas.

— Para mim? De verdade? Eu não acredito! O que é? – Eu estava muito curiosa, afinal eu jamais esperaria ganhar um presente de Thomas.

— Eu não sei se é do seu agrado, mas eu lembro que você comentou que gostaria de uma lembrança de Gdansk para colocar na sua pulseira. Entretanto, eu não vi você comprar nenhuma. Durante o tour pela cidade, passamos em frente a algumas lojinhas que vendiam peças de âmbar. Aparentemente esses estabelecimentos são famosos na cidade. Então eu rapidamente me afastei e comprei isso. Mas é claro que você não é obrigada a usar se achar feio, pois eu ainda não entendo muito sobre os seus gostos.

Ele me entregou uma meiga caixinha com um laço que a enfeiava. Quando a abri, eu me deparei com um delicado pingente de âmbar em formato de estrelinha. Coloquei a joia na luz para vê-la brilhar.

— É simplesmente perfeita. Além do âmbar representar um aspecto de Gdansk, essa estrelinha me lembra da paisagem noturna que vimos nas margens do rio Motlawa. Eu não consigo pensar em nada mais perfeito para acrescentar à minha pulseira que lembre esta viagem. Obrigada, Thomas. Verdadeiramente.

— Quer que eu coloque para você?

— Se você não se incomoda, eu aceito sim.

Ele pegou meu pulso suavemente e encaixou o enfeite em um dos vários lugares vagos de minha pulseira. Não teria maneira melhor de finalizar aquela manhã. Nossos olhares se encontraram e eu senti o meu coração palpitar suavemente, como ele não fazia havia um certo tempo. Puxando nas minhas memórias, eu só conseguia lembrar de um outro indivíduo especial que me causava essa mesma sensação.

— Eu não comprei nada para você, Thomas. Desculpe, é que eu não estava esperando. Em uma próxima oportunidade te presentearei também.

— Não se incomode com isso, eu não comprei o pingente com o intuito que você me desse nada em troca – ele olhou para onde o Rogério estava sentado, a vários metros e de costas para nós.

— Helena, você não acha que hoje é um dia muito quente?

— Eu não diria que demasiadamente, porém está agradável para sair sem blusa de manga comprida. Por quê?

Thomas começou a levantar uma perna de cada vez para ultrapassar a pequena espécie de cerca de metal que contornava a Fonte de Netuno, que claramente atuava como um pedido para que os turistas não tocassem na estátua.

— Thomas! O que você está fazendo? Se o guia te ver você levará uma bronca merecida e eu vou achar graça ainda. Saia daí!

— É que, já que a senhorita concordou que está calor, pensei que talvez fosse querer se refrescar – audaciosamente, ele se voltou para a fonte, colocou suas mãos em formato de concha, encheu de água e jogou em mim. Apesar do ato ter sido inesperado, eu consegui desviar da maior parte, tendo apenas um dos meus braços molhados.

— Você não teve essa coragem... Se eu estivesse em sua pele, eu desejaria não ter mexido com a Helena aqui, pois a vingança será fria e molhada.

Eu pulei as pequenas estruturas de metal também, o que não foi muito difícil, já que elas não eram nem da metade do meu tamanho, porém me arrependi instantaneamente pela pontada de dor no meu pé

ainda não cem por cento recuperado. Depois que a sensação passou, eu corri para pegar água e fazer com que aquela dívida fosse paga. Apesar de ele ter desviado da minha primeira tentativa, abaixando a cabeça, antes que ele pudesse levantar, o surpreendi com um bom tanto do líquido no centro de seus cabelos. Esse os encharcou e escorreu pelo rosto.

— Parece que temos uma declaração de guerra. Espera, vem aqui! – ele puxou o meu braço apressadamente e fez um sinal para que eu agachasse ao seu lado.

— O que foi? Por que isso repentinamente?

— O guia está vindo para cá, acho que já vamos voltar para os dormitórios.

— Vamos sair logo e encarar o sermão, para que não seja pior. Tomara que ele não comente nada aos professores.

— Não achei que você fosse tão covarde. A batalha mal teve início e você já quer balançar a bandeira branca? Ele está vindo nesta direção, mas acho que conseguimos nos esconder antes que ele nos visse com nitidez.

— Entretanto, assim que levantarmos, não terá mais jeito.

— Shiu! Me siga e, com um pouco de sorte, vamos ter sucesso.

Eu estava nervosa, e sentia meus batimentos cardíacos acentuarem-se, não de uma boa maneira, porém fiz como ele sugeriu. Pelo que pude observar, nós estávamos dando a volta na fonte, abaixados, enquanto Rogério a contornava, andando lentamente, tentando encontrar os dois alunos que faltavam. Quando ele resolveu se distanciar para nos procurar em alguns metros mais longe, aproveitamos a oportunidade para rapidamente sair pelo lado oposto ao que ele estava. Assim, nos

sentamos em um banquinho próximo, fingindo estar distraídos com a paisagem, até que o guia notou nossa presença e disse:

— Ah, vocês estavam aí. Desculpa interromper, galera, mas o nosso horário está apressando vocês, lembrando que a culpa é dele e não minha – avisou Rogério. – Vejam só, vocês dois estão tendo um encontro! Que romântico! Então é por conta disso que a outra menina que andava com vocês não veio hoje. Eu não a julgo, não é legal estar na posição de vela.

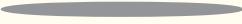
— De jeito nenhum, não é nada disso! Não é mesmo Thomas? – disse convencida.

Fiquei esperando a minha confirmação, entretanto o Thomas estava completamente calado e, quando olhei para ele, notei que esse estava de cabeça baixa e com o rosto todo vermelho, me fazendo ficar da mesma maneira.

— Tudo bem, tudo bem. Vocês dois não precisam se justificar para mim. Galerinha, quero todo mundo aqui na minha frente para conferirmos a chamada que os seus professores me passaram e fazermos o trajeto de volta. Espero que tenham aproveitado a visita e, desde já, desejo a vocês uma segura e tranquila viagem de retorno para as suas casas.



16



Uma vida de desilusões

Voltamos e encontramos os professores e o restante dos alunos. Assim nos orientaram a almoçar, ir nos quartos e conferir a nossa bagagem. Uma vez que terminássemos, era para nós retornarmos com elas já em mãos.

— Anda logo, Laura, ou nos atrasaremos.

— Não sei como você conseguiu fechar a sua mala em segundos, mesmo com tantos pertences nela. Eu não lembro de ter tido tanta dificuldade na minha casa.

— No final das contas, você não usou nem metade das roupas, não é?

— Nem gaste sua garganta tentando fazer com que eu me arrependa, Helena. Ter várias opções também é algo de indiscutível relevância.

— Então, por que você não leva o travesseiro na mão?

— Ah não, ficar carregando isso no banco no ônibus até chegar em Lublin seria muito chato – minha amiga reclamou. – A não ser que...

— Amélia! – exclamamos em conjunto, afinal eu duvidava muito que a nossa amiga não aceitasse um objeto que fosse ser útil para que ela dormisse com mais conforto.

— Helena, que fofo. Não sabia que você havia parado em uma das lojinhas de âmbar para comprar mais um pingente. Que criatividade! O âmbar faz todo sentido para representar Gdansk. Eu jurava que você pegaria no máximo alguma letra “G” ou algo do tipo, que fosse mais óbvio, sabe?

— Na realidade, foi o Thomas que me deu, na Fonte de Netuno – admiti em baixo som, pois eu já desconfiava da expressão que Laura

iria esboçar.

— Eu não acredito! Pode me contar absolutamente tudo. Será que ele também sonhou com você na noite passada? Imagina a sintonia.

— Laurinha, claramente os ares de Gdansk bagunçaram os seus miolos. Não se apegue a essa ilusão, por favor.

— Que maneira estranha de falar. “Miolos”, isso entrou para o seu vocabulário desde a Colônia de Férias por conta daquele general. Não tente imitá-lo.

— Eu não gostava dele, portanto não me espelho naquele general. Entretanto, uso essa palavra somente quando me deparo com algo isento de qualquer sentido, como agora.

— Para mim, é você quem não está reconhecendo a veracidade dos fatos.

— Mudando de assunto. Vamos, Laura! A culpa será toda sua se perdermos ônibus, ou se acharem que, pela demora, escolhemos morar aqui.

— Ou sua, por ter demorado tempo demais para oferecer ajuda a sua querida amiga. Venha, você empurra a parte de cima da mala e eu fecho o zíper.

A estratégia, com muito custo, acabou funcionando, assim conferimos todos os cantos do guarda-roupa, embaixo das camas e o banheiro, para nos certificarmos que não deixaríamos nada para trás.

Ocupamos os mesmos lugares no veículo, que foram estipulados anteriormente. Laura se ofereceu para emprestar o travesseiro a Amélia, que aceitou sem que fosse preciso perguntar duas vezes, agradecendo e pegando no sono em menos de 20 minutos após o automóvel ter come-

cado a se movimentar.

— Amélia sendo Amélia — falou Edgar.

— A Rita diria que ela está fofinha — lembrou Laura.

— A Rita é suspeita para falar. Na opinião dela, quase tudo é bonitinho, até mesmo aqueles gatos sem pelo, os quais vimos uma fotografia na aula de biologia. Olha a Amélia: vez ou outra ela abre a boca e solta alguns grunhidos não propositais.

— Eu não posso dizer que você está mentindo, Edgar. Porém eu não vou me arriscar concordando, pois eu não faço a menor ideia se sou estranha quando durmo — O que eu estava dizendo era verdade, ninguém sabia se roncava até que outra pessoa avisasse.

— Helena, agora você me deixou paranoica. Será que eu faço algum barulho vergonhoso durante meu sono profundo? Quando chegarmos vou perguntar para os meus pais se eles se recordam de algo assim quando eu era pequena — Laura parecia incomodada com aquela possibilidade.

— De qualquer maneira, isso não muda muita coisa, a não ser que você vá posar na casa de alguma amiga que tenha sono leve ou se case. Então ainda é cedo — o Edgar deu de ombros.

— Helena, se um dia eu for posar na sua casa, você promete não espalhar para ninguém caso eu ronque? — pediu Laura.

Nós três rimos. Embora o Thomas pudesse livremente participar da conversa a qualquer momento, ele não o fez. Em vez disso, estava olhando o ambiente exterior à janela, quase como se ignorasse a nossa presença ali ao seu redor.

— Ei, Thomas, você ronca? — acredito que deveria pensar em

questionamento diferente para puxar assunto.

— Eu acho que não... — ele nem havia se dado ao trabalho de me olhar para responder, quase como se eu fosse um incômodo.

— Está tudo bem, Thomas? Você está passando mal? — perguntou Edgar.

— Não, mas obrigado pela preocupação. Acho que só estou cansado, pois acordamos muito cedo hoje. Mas sintam-se à vontade para continuar, apenas estou quieto.

Se ele possuía a intenção de nos dar uma desculpa convincente, havia falhado miseravelmente, pois para alguém que estudava de manhã e ainda trabalhava em um café de noite, aquele argumento não encaixava. Era verdade que caminhamos bastante aquela manhã, entretanto, quando fizemos aquele imenso tour pela cidade, enquanto eu e a Laura estávamos acabadas, ele parecia ainda ter suficiente energia sobrando. Ao meu ver, ele não queria dialogar conosco, portanto seria mais decente apenas ter explicado isso, ao invés de somente mentir.

Ele continuou com aquela postura imatura mesmo depois que estacionamos em Lublin, me deixando relativamente chateada. Eu entendia que todos têm os seus momentos, mas ele nem parecia mais aquele garoto que estava se arriscando a levar uma bronca na fonte somente para brincar e rir comigo.

Ao descer do ônibus, comecei a procurar pela minha avó, que teoricamente viria me buscar assim que eu chegassem, porém não a encontrei. Em contrapartida, fui incapaz de manter o meu mau-humor ao enxergar o indivíduo que estava em cima da minha bicicleta vermelha, sorrindo para mim e a deixando de lado para me abraçar.

— Theodor! Você finalmente voltou para a nossa casa. Eu senti

tanto a sua falta!

— Então alguém está admitindo que está feliz pelo meu retorno?
— provocou.

— Mas é claro! Posso revelar que tive saudade até mesmo do traço irritante de sua personalidade, por mais improvável que isso seja.

— Você já pode me largar agora, sabe disso?

— Tenho plena consciência de tal fato, todavia não é de meu desejo — falei propositalmente com o vocabulário refinado para brincar.

— Pelo que eu posso deduzir, eu trouxe a bicicleta à toa, porque com essa pesada mala, nós teremos que ir andando mesmo.

— Você tem um argumento irrefutável — afirmei encarando a minha bagagem.

Seguimos nosso trajeto até passar pelo campo de papoulas. Pedi para que o Theo me desse alguns segundos para admirá-lo. Raramente eu via o Scooby, ou melhor dizendo, o Heiko e a sua dona por aquelas redondezas. Afinal, na maioria das vezes, eu ia para a colégio de ônibus. Mas a menina cresceu demasiadamente. Ela era uma criança de beleza estonteante. Vez ou outra eu tentava chamar a sua atenção, mas sempre que ela notava a minha presença se afastava bruscamente. Ao menos ela havia entendido o ensinamento dos pais a respeito de ser cuidadosa com estranhos. Já que aquelas flores normalmente floresciam no verão, estavam muito bonitas e com cores vibrantes, eu me imaginei trajada com um longo vestido para tirar algumas fotografias naquele cenário. Com certeza elas ficariam estonteantes.

— Podemos ir? — a voz de Theodor me fez voltar ao mundo real.

— Sim. Inclusive temos que nos apressar para que eu conheça a

sua namorada.

— Você está doente, Helena? Estamos em algum universo paralelo? Eu poderia jurar que você seria ciumenta – Theo me olhou curiosamente.

— Não é isso, é que é meu dever me certificar de que você está mantendo uma garota decente na sua vida. Seria uma enorme irresponsabilidade da minha parte se eu simplesmente deixasse tudo pelo julgamento, que não conta, pois a paixão influencia.

— Já aviso que, independentemente do que você ache, nenhum de meus pés estão para trás acerca da minha escolha. Não que eu tenha algo a temer, pois a Ísis é maravilhosa e você vai amá-la caso consiga se afastar desse seu preconceito com qualquer outra garota que seja especial para mim.

— Não cabe a você julgar isso, Theodor. Não aceito subornos, tente com outra jurada – voltei o queijo para cima, fingindo seriedade.

O Theo balançou a cabeça e olhou para cima, rindo:

— Você é impossível, Helena.

Vovó Aurora veio nos receber na entrada de casa. Ela estava com um autêntico sorriso tão grandioso que repartia seu rosto em dois.

— Aí estão os meus dois netinhos reunidos novamente, não há felicidade maior do que a de assistir a esta cena. Nos conte tudo sobre Gdansk mais tarde, Heleninha, temos que terminar de acomodar o seu irmão e a senhorita Ísis. Eu disse para o Theodor que estava indo te buscar e que ele deveria ficar aqui por ter acabado de pisar os pés na nossa terra de novo, mas ele insistiu em vê-la de surpresa.

— A senhora acha que eu perderia essa chance, vovó Aurora?

Uma moça alta, e de médios cabelos cacheados, surgiu no corredor e Theodor se posicionou perto dela.

— Eu já a apresentei a todos, exceto por você, irmãzinha. Está é a Ísis, a minha namorada. Ísis, como você possivelmente já adivinhou pela cor do cabelo, essa é a minha irmã caçula, Helena.

— Prazer em conhecê-la, Helena. Tenho esperanças de que possamos ter uma fantástica relação de amizade – ela estendeu e mão.

— Prazer em conhecê-la também, eu acho – cumprimentei-a receosa.

Minha mãe surgiu atrás do casal. Ela parecia estar em um misto de alegria e incômodo e nós compartilhávamos do mesmo sentimento.

— Ísis, querida, me siga, pois eu separei um quarto exclusivo para o seu uso pessoal. Assim você não terá que dividir um cômodo com o Theodor e terá bastante espaço para se sentir muito à vontade.

— A senhora não precisava se aborrecer com isso vovó, aposte que a Ísis não deseja dar trabalho algum.

— Não seja por isso! Pois eu faço questão. Venham, mostrarei o cômodo.

Nos deslocando pelo corredor, passamos pelo meu aposento, o de Theodor e até o de Petroski.

Minha avó nos guiou para o cômodo que ficava o mais distante possível do quarto de meu irmão. Então a vovó Aurora não estava tão tranquila com a ocasião quanto demonstrava.

Eu discretamente dei uma cotovelada no meu irmão e levei a mão até a boca para segurar a risada. Ele levantou as sobrancelhas e

deu de ombros, numa tentativa de não tornar tudo aquilo mais divertido ainda para mim.

— É... Obrigada, Dona Aurora, pela consideração. Eu vou guardar os meus pertences aqui no armário então – Ísis agradeceu.

— Eu vou ajudá-la – decretou meu irmão.

— Vamos deixá-los. Helena, você deve ir fazer o mesmo que a Ísis. Kataryna, venha me ajudar a preparar a janta, por favor, pois já está anoitecendo. Ah, antes que eu me esqueça, Theodor, nós temos um novo hóspede que, de alguns dias para cá, tem tido as refeições conosco. Espero que você não se importe com isso.

— Você alugou um dos quartos vovó? Por que eu não fiquei sabendo disso?

— Nem teria como. Nós já tentamos mandar cartas para o instituto onde você estuda, porém elas sempre voltam com um carimbo enorme, indicando que não podem fazer a entrega em prol de manter o endereço em segredo.

— Desculpe por isso. Já que estamos desenvolvendo as pesquisas, eles preferem receber somente aquilo que for essencial, para que nenhum intruso tente invadir o local. Até mesmo o endereço das minhas cartas é falso, mas não conte essa informação para ninguém, pois é confidencial. Estou avisando só para o caso de alguma maluquinha tentar me encontrar por lá também – ele direcionou os olhos para mim.

— Como se eu fosse em busca de algum objetivo que arruinaria a minha paz – brinquei.

— Esta é a Helena que eu conheço.

Enquanto eu arrumava as minhas roupas em seus devidos luga-

res, ouvi alguém batendo na porta.

— Pode entrar – respondi em tom alto.

— Com licença...

Para a meu espanto, quem surgiu foi a Ísis, adentrando o espaço com certa timidez.

— Eu posso conversar com você um bocadinho, Helena?

— É claro. Ísis, correto? – fingi não ter certeza de seu nome, apesar de ter remoído ele dentro de minha mente desde que soube de sua existência.

— Desculpe te atrapalhar, mas se quiser eu posso ir redobrando essas peças enquanto você as guarda para agilizar o processo e não ficar aqui só tomando a sua atenção – ela deu um sorriso amarelo, claramente desconfortável.

— Eu acredito que não tenha problema em você me ajudar – afirmei.

Enquanto ela movimentava as suas mãos dobrando as roupas mais rapidamente do que eu poderia, começou a falar:

— Eu vim aqui, pois também tenho uma irmã mais nova, e me coloquei em seu lugar. Embora sejam experiências distintas, eu ficaria descontroladamente enciumada e insatisfeita se um dia ela viesse me apresentar algum namorado, ainda mais se eu não soubesse nada a respeito da vida dele. Assim, eu queria deixar claro que eu não vim com o intuito de roubá-lo da sua família. Eu sei que vocês não passarão a me considerar como um membro do grupo do dia para a noite e também que é complicado ter que se acostumar com o fato de que ser irmão está em um relacionamento amoroso agora e que, por conta da distância, quando

ele está no instituto acabo me encontrando mais com ele do que vocês. Enfim, eu tenho esperanças de que possamos nos dar bem futuramente e que você me dê uma chance.

— Eu posso tentar...

— Combinado, então. Era apenas isso que eu gostaria de dizer. Vou voltar para lá e devolver a sua paz aqui no seu quarto. E mais uma coisa: será que você teria uma lâmpada sobrando? Pelo que vi, a minha está queimada. Então vou trocá-la.

— Você sabe trocar lâmpadas sozinha?

— Sim, é mais simples do que você imagina. Eu posso te mostrar se você quiser.

— Eu adoraria, só vou guardar as últimas peças aqui.

Assim que eu terminei, fui no local onde quedavam as lâmpadas e peguei uma, avisando a minha avó. Então a Ísis me mostrou passo a passo como eu fazia para trocá-la. Ela parecia já ter bastante prática naquilo, pois mesmo estando mexendo com eletricidade não estava com medo de choques, por saber exatamente o que estava fazendo. Eu, estranhamente, torci para que a lâmpada do meu quarto queimasse em breve e eu pudesse aplicar aquele útil ensinamento. Mas teria que ser naturalmente, porque eu traria problemas a mim mesma caso estragasse a lâmpada propositalmente e a minha mãe descobrisse. Portanto, eu teria que esperar que a minha tivesse com defeito, afinal aqui em casa aqueles objetos tinham uma grande longevidade.

— Obrigada por me ensinar, Ísis.

— Por nada, pode chamar sempre que precisar. Eu também sei desentupir pias e ralos, cortar a grama, abrir potes fortemente tampados

e até mesmo arrumar um chuveiro, caso seja algo simples, dentre outras coisas. Nunca achei que alguém poderia se impressionar com isso.

— Deixe-me te perguntar: se você já sabe fazer tudo aquilo que, teoricamente, são tarefas dos homens, por que você está namorando o meu irmão? — antes que eu terminasse de falar a pergunta, percebi o quanto fria ela parecia. Afinal, eu sabia muito bem que um relacionamento era mais que isso. Fui levada pelo desejo de provocar o Theodor, o que não possuía lógica, afinal ele nem estava escutando.

— Esse foi um questionamento engraçado, preciso reconhecer. Acho que é amor, sabe? Eu consigo me ver em um futuro com o Theodor. Apesar de termos alguns gostos distintos, não é nada que não possa ser trabalhado e aceito.

— Mas vocês não brigam por conta das diferenças?

— Com toda certeza, nós brigamos.

— Se vocês fazem isso, a melhor alternativa não é terminar, Ísis? Não que eu queira isso, mas, na minha mente, não faz sentido estar com alguém sendo que se tem tantos desentendimentos.

— Eu sei que nós estamos acostumadas a ouvir e ler sobre perfeitas histórias de amor, mas no nosso mundo não é bem assim. Nunca encontraremos alguém exatamente igual a nós e mesmo que isso acontecesse, não funcionaria, pois a outra pessoa cometaria os mesmos erros que você, ao invés de te completar e de te ajudar a evoluir. E mais: você aguentaria conviver diariamente com um clone de si mesma? Eu me estressaria se morasse com outra Ísis que ficasse me imitando. É claro que existem alguns limites. Quando o casal não se respeita, não se apoia, trai ou até mesmo parte para a violência, nessas situações o relacionamento não é saudável e, na maioria das vezes, a melhor opção é encerrá-lo o mais depressa que puder, antes que se oficializem o matrimônio.

— Como naquelas famílias onde ocorre violência doméstica?

— Sim, você está pegando a minha linha de raciocínio. Fora isso, algumas vezes o casal simplesmente não é compatível ou tem planos muito diferentes em relação ao futuro, não sendo capaz de chegar a um consenso.

— E como eu vou saber se o relacionamento funcionará ou não?

— Honestamente? A maioria das pessoas não sabe. Você analisa se vale a pena ou não e, se a resposta for “sim”, você se joga e arrisca. Claro que tendo cuidado para não acabar colocando a carroça na frente dos cavalos.

— Você é mais madura do que eu pensava, Ísis. Eu enxergo lógica no que você está dizendo. Vou me lembrar disso caso eu me apaixone um dia.

— Então, até hoje você nunca gostou de ninguém?

— Não que eu saiba. Já me senti estranha perto de algumas específicas pessoas, mas não sei se aquilo era paixão mesmo ou só alguma reação aleatória do meu organismo.

— Entendi. Acho que nós não temos tanta intimidade para que você possa se abrir comigo, mas se desejar, eu estarei à disposição. Vou tomar um banho, pois não quero estar fedida para o primeiro jantar com a minha sogra e minha cunhada – ela deu uma piscadinha e foi para o banheiro.

Eu me retirei e deitei na minha cama, esticando as pernas e pensando sobre a viagem. Quanto tempo fazia que eu não sentia aquela adrenalina como na fonte. Estar a um passo de sermos descobertos, apesar de assustador, era meio divertido. A conexão que se estabeleceu en-

tre mim e o Thomas era interessante, a forma inusitada que se originou e foi se desenvolvendo. Mas porque ele estava agindo daquele modo na volta a Lublin? No que ele estava pensando?

Mais de um quarto dos judeus foram assassinados durante a Segunda Guerra Mundial, mais de 1 milhão de cidadãos, como eu, mortos a sangue frio. Alguns afirmam que a Alemanha foi um dos principais países responsáveis pelo início daquela guerra. Embora eu tentasse desvincular Thomas de tudo aquilo, vez ou outra essas informações voltavam à tona. A maneira como ele falava de seu pai não demonstrava que ele era cruel, mas ele acreditava no nazismo que fez isso, que queimava seres humanos nos campos de concentração, o meu povo. Eu estava superando isso aos poucos, me convencendo de que o Thomas estava sendo verdadeiro e que o seu pai e avó só se diziam nazistas da boca para fora, mas ainda era complexo acreditar que eu verdadeiramente desejava manter a nossa amizade. Eu não era melhor do que ninguém, também tinha dificuldades em passar por cima dos meus próprios preconceitos.

Os cidadãos da Alemanha também passaram por muitas coisas ruins. Neste exato momento, segundo as notícias que chegam aos nossos ouvidos, muitos alemães querem passar para o lado capitalista do país, pois a situação não está favorável na República Democrática Alemã, que é controlada pela União Soviética, porém são impedidos pelo muro de Berlim, a cidade natal do Thomas. Eles passam algo semelhante a nós, aqui da Polônia, que tem que conviver com um governo que é maravilhoso somente na teoria.

Eu definitivamente estava muito chateada com o Thomas. Eu verdadeiramente tentava compreender o seu lado e lidar com minha própria confusão interna após ter as informações sobre o seu passado, entretanto ele, repentinamente, havia começado a ser grosso e indiferente comigo, como se nem ao menos fosse grande coisa, e isso não me ajudava nem um pouco. Eu não fazia ideia de como tinha que reagir perto dele e não

era legal agir daquele modo sem nem explicar os seus porquês.

— A comida está na mesa! — afirmou minha avó Aurora em alto e bom tom, o que me fez questionar se o Petroski realmente se juntaria a nós. Enfim, era tarde demais para mandar qualquer bilhete naquela hora.

Minha dúvida foi respondida quando vi que, pela primeira vez em muitos anos, todos os lugares da mesa estavam preenchidos. Ísis, Theodor, vovó, mamãe, Petroski e eu. Se tivéssemos qualquer outro convidado, teríamos que improvisar com algum banquinho.

— Vovó, posso fazer a oração hoje? — pediu Theodor.

— É claro que pode, Theo. Será uma honra te ouvir. Eu sentia muitas saudades dessas ocasiões — respondeu vovó, orgulhosa.

— Antes de qualquer coisa, obrigado nosso Deus por este dia abençoado. Graças ao Senhor eu tive saúde e meios para visitar a minha amada família depois de um grande período e fui iluminado em esbarrar com essa garota infinitamente maravilhosa, que é a minha namorada, Ísis. Obrigado pelo alimento de cada dia e por sempre nos ajudar acendendo uma estrela brilhante na escuridão do universo para que a sua luz guie os nossos passos neste mundo gigantesco. Obrigado por sempre nos proteger e por nos dar meios de realizar os nossos sonhos, não importando o quanto distante esses estejam. O senhor sempre nos dá um foguete para alcançá-los.

Imaginei que o clima daquela noite seria o mais alegre que eu enxergaria naquele ano, afinal estávamos cercados de boas novidades: eu havia retornado de uma viagem de alguns dias, meu irmão mais velho estava finalmente aqui após vários meses e até mesmo o nosso inquieto havia deixado a timidez de lado e estava se alimentando conosco. Porém, algo não estava correto. Minha mãe parecia apreensiva e não parava de passar a polpa dos dedos por cima de suas unhas. Petroski es-

tava incomodado por alguma razão, como se alguma etiqueta áspera em sua roupa não o deixasse ficar com os ombros quietos, necessitando se ajeitar na cadeira com frequência. Ademais, ele encostava seus dedos, um de cada vez, na mesa em uma sequência interminável, o que me faz agradecer por ele não ter unhas extensas, que provocassem irritantes barulhos com aquela ação. O Theodor tentou contar algumas piadas para nos descontrair, mas quase ninguém conseguia achar graça daquilo por conta da pesada atmosfera.

— Petroski, há algo que queira nos contar? Você está inquieto e muito sério – minha avó foi quem questionou, colocando em som o que todos estavam pensando.

O inquilino levantou lentamente, limpou a garganta, cruzou suas mãos estralando os ossos e respirou bem fundo antes de se pronunciar.

— Desculpe por acabar saindo um pouco das novidades atuais, mas eu preciso fazer um anúncio oficial.

— Vamos, diga! – apressou vovó Aurora.

— Eu não consigo nem expressar adequadamente o quanto eu sou grato pela maneira na qual vocês todas têm me tratado desde que eu cheguei aqui. Eu fui recebido de braços abertos pela Dona Aurora, apesar de todas as circunstâncias, fui muito respeitado e não tenho realmente nada a reclamar sobre a hospedagem ou do ambiente. Todavia, como já é de nosso conhecimento, a nossa vida é feita de fases e eu acredito que, infelizmente, este nível da minha, em que eu moro com vocês, está chegando ao fim.

— O quê? Aconteceu alguma coisa? Fizemos algo errado? – minha avó estava perdida, aparentemente ela também não ouvira a notícia previamente.

— Não é nada disso, Dona Aurora. Vocês não fizeram nada de errado. Alguns imprevistos acabaram surgindo, uma coisa foi levando a outra e, bem, no final de tudo eu cheguei à conclusão de que seria mais vantajoso se eu me mudasse de casa. Por conta dessas razões, não é mais viável que eu permaneça por aqui. Assim, já tenho um local em mente e partirei amanhã logo cedo. E uma última coisa: eu gostaria de pedir para que a senhora disponibilizasse alguns minutos depois do jantar para que eu possa acertar o preço do aluguel correspondente a essas últimas semanas.

— Eu não posso interferir em seus motivos pessoais, Petroski, e pelo que você falou, não há nada que possa ser feito a respeito disso. É uma pena que você vá embora logo agora que tínhamos nos habituado à sua presença, mas se você acha que essa é a melhor opção, deixarei por sua própria conta e risco – a vovó parecia triste. Será que ela estava pensando na falta que aquele dinheiro faria em nossa casa ou na dificuldade em arranjar um novo hóspede?

— Obrigado pela atenção e perdão por ter interrompido a refeição. Eu voltarei a comer e depois me retirarei para o meu quarto – disse Petroski por fim.

— Foi um prazer te conhecer, embora tenha sido breve, Petroski – afirmou o meu irmão, erguendo o seu copo.

— O prazer foi todo meu, Theodor – respondeu o ex-prisioneiro, ligeiramente melancólico com a despedida.

Eu até cheguei a considerar se eu não deveria questionar aquelas súbitas decisões, mas a minha cabeça já estava cheia. Depois de tantos dias longe de casa e de toda aquela situação com o Thomas e com suas injustificáveis atitudes, eu só desejava colocar a minha cabeça no travesseiro e me distanciar daquela tensão.

Nós terminamos a nossa refeição e ajudamos a organizar tudo.

— Helena, o que você acha de assistirmos um filme? Apenas nós três? — sugeriu Theodor quando eu, Ísis e ele estávamos indo em direção aos nossos respectivos aposentos.

— Boa ideia, Theo! Eu faço a pipoca! Trouxe alguns grãos diferenciados dentro da mala e um pouco de açúcar escondida. O que vocês acham de provarmos uma de minhas receitas mais apetitosas e mais raras? Afinal, obter açúcar em abundância é um problema considerável. Vamos comer pipoca doce? — Ísis se animou.

Aceitei a proposta e nós pegamos uma manta verde para dividirmos no sofá. O Theodor sentou no meio e escolhemos um dos filmes que estavam passando na televisão, aproveitando a oportunidade para relaxar enquanto degustávamos a pipoca, que estava excelente, por sinal.

— Ísis, você estava certíssima! Este sabor é sensacional — elogiou.

— Eu já não havia te avisado que a minha namorada era de outro mundo, Helena?

— Fico feliz que vocês dois gostaram.

Os dois deram um selinho, o que me fez olhar torto para o meu irmão e cruzar os braços indignadamente.

— Ei, pare de nos encarar, Helena. Vai assustar a Ísis com esse bico enorme aí. Você não sabia que casais faziam isso, por um acaso? Eu estava certo: não importa quanto a minha irmã caçula cresça, ela sempre será uma menininha, pelo menos para mim.

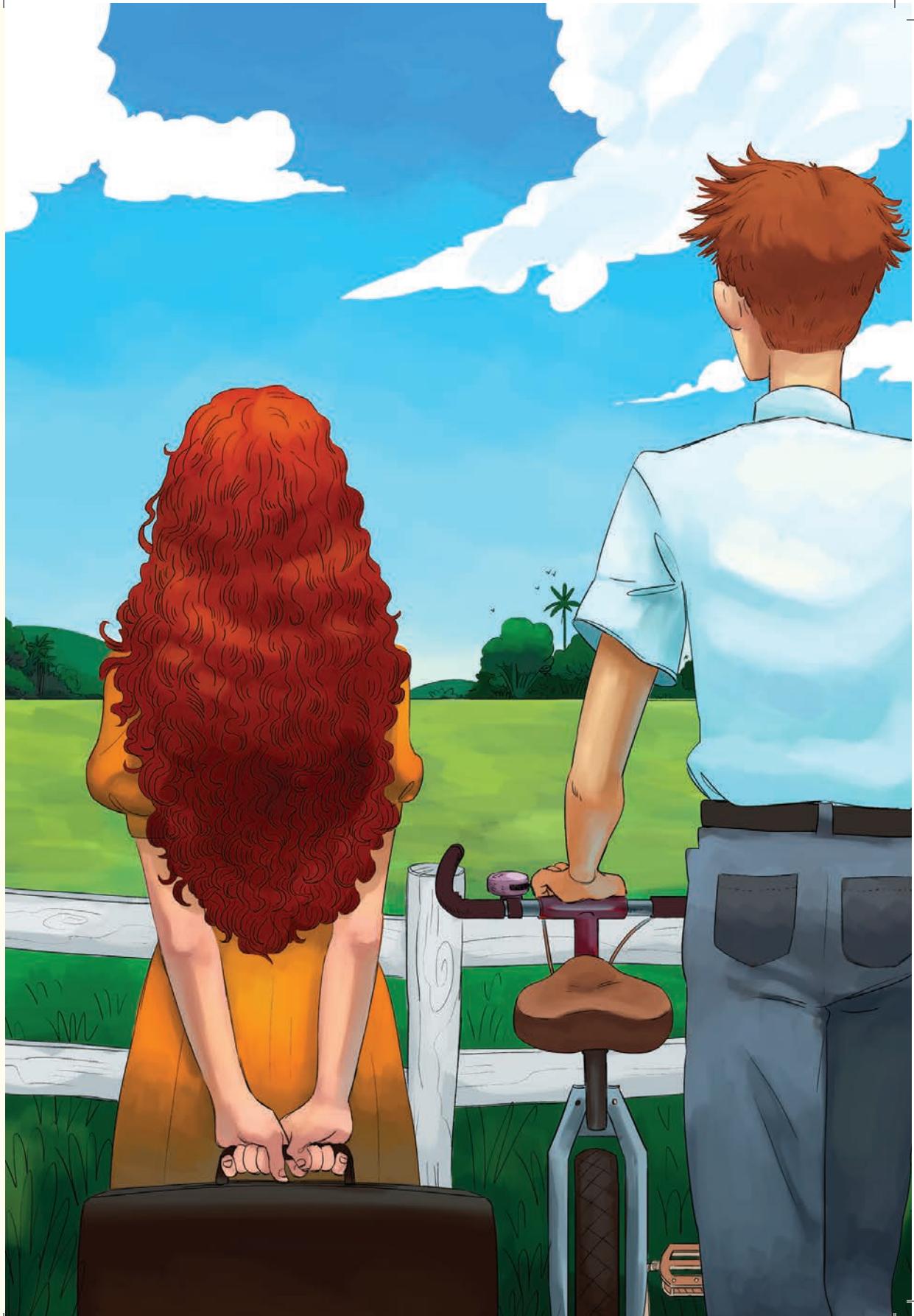
— Obviamente isso já era de meu conhecimento, não é Theo?

Mas é completamente diferente aceitar que você faz isso. Ainda estou engolindo o fato de vocês serem um casal – balancei a cabeça.

— Theo, não force a barra. Imagine só se fosse ao contrário, como você se sentiria ao ver a Helena beijando um menino.

— Eu não tenho que pensar nisso, afinal nunca vai acontecer.

— Será? — deixei a dúvida pairando no ar, embora não tivesse nem chegado perto de dar o meu primeiro beijo, só para assistir uma enorme ruga se formando na testa de meu irmão. Aquela cena era mais engraçada que qualquer filme de comédia que pudesse estar passando na tela.



77



Finalmente uma resposta

Esfreguei os meus olhos com os meus punhos enquanto esticava as pernas. Ainda era madrugada, mas o meu organismo decidiu que me acordaria. Analisei o ambiente ao meu redor. Eu me encontrava sozinha no sofá com a manta que eu, Theo e Ísis dividimos e com o meu travesseiro, que misteriosamente havia ido parar ali. Algumas almofadas estavam no chão, amontoadas da maneira mais organizada possível no cantinho.

— Que horas são? — soltei um largo bocejo.

A sala estava muito escura, portanto eu não conseguia enxergar os ponteiros do relógio ou qualquer outro objeto com clareza, então decidi acender a luz. Eu estava sonolenta, mas mesmo assim optei por juntar os meus pertences e caminhar para o conforto da minha cama.

Ao andar pelo corredor, uma pequena criatura desceu do teto, por um fio de seda que fabricava com impressionante rapidez e agilidade, até a altura de meu nariz, onde parou e começou a mexer suas perninhos. Uma aranha! Dei um pulo para trás imediatamente, me segurando ao máximo para não soltar um grito agudo de susto e pavor, caso contrário eu levaria um sermão bem extenso de minha avó por já estar de pé naquela hora. Quando renovei o meu equilíbrio e calma, direcionei minha visão para a aquele serzinho que, para o meu desespero, havia desaparecido, deixando apenas uma linhazinha translúcida e fina que indicava não ter sido apenas uma miragem criada pelo meu subconsciente.

— E agora? — sussurrei. Como os sábios diziam: “Pior do que ver uma barata é perdê-la de vista”. Mas, neste caso, eu estava no fundo do poço, pois pelo menos baratas só fugiam. Elas não te picavam e nem podiam conter venenos fatais.

Procurei ao redor, entretanto não encontrei a aranha. Só faltava olhar para a minha manta que estava caída no meio do corredor. Que

massada! Aquele era um ambiente perfeito para que ela me pegasse des-prevenida enquanto eu chacoalhasse o tecido. Seria demais que aquele serzinho honrasse o nosso acordo para termos uma convivência saudável sem precisar aniquilar um ao outro? Era realmente muito difícil conseguir me diferenciar de uma formiga gigante ou qualquer outro inseto que fosse sua presa? Se ela tivesse simplesmente continuado onde estava, eu não estaria passando por aquilo e nem ela, que por sinal também deveria estar muito assustada.

Já que eu não era impulsiva o bastante para tocar no cobertor com as minhas próprias mãos, fui até o espaço onde guardávamos os produtos de limpeza e peguei duas vassouras. Com os cabos delas fui erguendo a manta e vasculhando em todos os esconderijos possíveis. Nada. Eu não conseguia voltar a dormir com a consciência de que aquele bicho estava à solta em alguma parte.

Gastei em vão mais alguns minutos a sua procura, mas já que não a achava, resolvi ir para a cama. Entretanto, quando eu passei pelo espelho e consegui ver um pedaço da parte de trás do meu cabelo, fiquei paralisada feito pedra. Então era ali que aquela criatura indesejada havia se refugiado enquanto eu me debatia no corredor?!

Faltavam-me opções. Eu não relaria os meus dedos nela nem que me pagassem para realizar tal proeza, não tentaria afugentá-la com uma caneta, pois se ela se enroscasse mais a fundo no meu cabelo, que era naturalmente embraçado, eu estaria perdida. Também estava fora de cogitação pedir ajuda a minha mãe, que tinha que acordar cedo. E, mesmo se eu batesse a minha cabeça contra a parede, mediando a força, ela poderia ser esmagada e seus restos mortais espalhados pelos meus fios. Ou, pior ainda, eu poderia ser picada.

Alguns afirmam que o primeiro passo para resolver um problema é reconhecer a sua existência. Entretanto, eles se esqueceram de

explicar o que recomendavam que fosse feito após essa etapa. E eu não aguardaria pela boa vontade da senhorita aranha, de deixar o meu corpo por livre e espontâneo desejo.

Recorri ao meu último recurso, aquele que nem sempre era alcançável, porém estava disponível atualmente: meu irmão.

Na ponta dos pés, fui até o seu quarto e bati na porta, mas não tive retorno. Tentei novamente. Nenhum resultado.

— Desculpe, Theo, mas é urgente – sussurrei para mim mesma.

Adentrei no cômodo mesmo sem ter autorização, tomando cuidado para não fazer muitos ruídos, entretanto a cama estava desarrumada e vazia. Que massada! Onde aquele cabeça de vento estaria de madrugada? Logo agora que eu estava passando por um momento de terror e angústia.

De repente, escutei alguns risos vindos do final do corredor, uma voz feminina. Como eu imaginava, o som vinha dos aposentos de Ísis. Então eu silenciosamente encostei minha orelha naquela grande tábua de madeira que nos separava.

— Só você mesmo, Theo!

— Fale baixo, ou a minha avó ira acordar – disse ele de forma brincalhona.

— Não é a nossa culpa, temos que a consumir antes que acabe mofando e estragando. Já que não nos aguentamos e pegamos alguns pedaços no trajeto, não sobrou o bastante para todo mundo da família. Então seria uma tremenda falta de educação oferecer. Quer mais uma fatia?

Eu não estava acreditando que o meu próprio irmão estava me

traindo assim. Se fosse algum doce, ele certamente me pagaria mais tarde.

— Ah, eu estou satisfeito, mas parece tão apetitoso que sinto que, se eu não aproveitar, irei me arrepender. Então passarei por essa doce tortura.

Fiquei tão indignada que acabei deixando de prestar atenção no real porquê de estar ali. Assim, quando eu senti as patinhas da aranha se movimentando no meu cabelo, esqueci de medir a força que usava para pisar no assoalho e, ao mudar um de meus pés de posição, o chão fez um agudo ruído. Que massada! Conseguí ouvir um suspiro assustado de Ísis.

— É oficial! Estamos lascados. Com certeza é a minha avó.

— O que faremos? — perguntou ela.

— Nem um super-herói teria habilidades para nos fazer escapar dessa, Ísis. Mas não se descabele. Eu, Theodor, irei arriscar a minha vida e enfrentarei a minha avó para tentar explicar, de cabeça baixa, que não é nada de mais.

— Conto com você então, senhor super-herói. Mas por favor, tente não falecer. Todo mundo sabe que no final do livro a pessoa que salva o dia ganha um beijo da menina que gosta. Isso é, se ela deixar.

Ouvi o meu irmão chegando perto, porém se eu corresse faria ainda mais ruídos, podendo acordar a minha avó de verdade, deixando nós dois fritos.

— Olha avó, não é o que a senhora está pensando, eu prometo.... Helena?

— Oi, Theo... — dei um sorriso amarelo.

— O que você está fazendo aqui? Entre antes que a vovó te escute. Você está louca? Está acordada de madrugada e ainda só de meia?

— Olha quem fala – respondi balançando a cabeça.

— Ao menos eu posso fugir para o instituto para me livrar da punição – brincou.

— Aposto que, se você jogasse esse argumento, se livraria de qualquer castigo.

— Oi, Helena! – cumprimentou Ísis envergonhada. Ela estava de pijama.

— Boa noite... desculpa o incômodo.

— Ai, meu Deus! O que é isso na sua cabeça, Helena? – exclamou Theo.

Eu consegui sentir aquela criatura agora no topo de meu couro cabeludo.

— Eu sei. Me ajuda pelo amor de tudo que tem valor para você.

— Shiu! Não faz escândalo, senhor Theodor. Senão a Dona Aurora realmente aparecerá por aqui. Vem aqui Helena, que eu tiro para você.

Ela cuidadosamente orientou a aranha para as costas de sua mão e a jogou para o lado de fora através da janela.

— Como você teve coragem? Muito obrigada mesmo!

— Mi mi mi mi mi! Por que você não pede para que a Ísis seja a sua nova irmã mais velha também? – falou Theodor.

— Quer saber? Talvez eu faça isso mesmo, ela parece legal – provoquei.

— Parem com isso. Se vocês ficarem com ciúmes um do outro eu não terei a menor chance – afirmou Ísis brincando.

— Mudando o tema, o que é isso que vocês estão comendo, por acaso?

— Nem pense, Helena. Só tem mais um pedaço e ele é meu.

Theo entrou na minha frente tentando me impedir de notar o bolo de morango que estava em cima da cama de sua namorada.

— Nossa! Seria uma pena mesmo se a vovó descobrisse que você entrou no quarto de sua namorada de noite para fazer não sei o que... – ameacei falsamente.

— Você não seria capaz de prejudicar a Ísis dessa maneira – ele balançou a cabeça de forma convencida.

— Obviamente que não, pois não deixaria que o fato de ter sido contra a vontade dela não fosse mencionado – cruzei os braços e sorri com os lábios fechados.

— Isso é golpe baixo. Você ganhou nesta rodada, mas eu nunca desistirei da guerra – meu irmão abaixou os ombros demonstrando sua derrota.

— Era uma piada. Nós dividimos na metade, combinado?

— Agora sim estamos falando o mesmo idioma. Temos um acordo, então.

Ele cortou o pedaço ao meio e nós comemos.

— Aproveitando que você está aqui, gostaria de receber o seu presente adiantado? — sugeriu o Theodor.

— Sério? Que presente? É claro que sim — ele conseguiu prender minha atenção.

— Não acredito que você esqueceu, eu mencionei na carta — ele colocou a mão na testa fingindo estar decepcionado e depois se dirigiu até o seu guarda-roupa para pegar uma caixa, enfeitada com um papel que continha figuras de extraterrestres, e entregá-la para mim.

Eu podia sentir que o objeto no interior do embrulho era relativamente pesado e, quando sacudi, notei que talvez fosse algo feito de um material frágil.

— Você está louca? Quer estragar o presente ante mesmo de tirá-lo da caixa? — meu irmão interveio.

— Desculpe, não é a intenção. Acho que vou abrir ao invés de ficar tentando adivinhar — era melhor não correr o risco de quebrar nada.

Tirei a fita e o papel de embrulho e puxei o lado indicado no papelão para ver o seu interior.

— Nossa! Eu nunca havia visto nada semelhante para comprar nas lojas aqui de Lublin. Quando você disse que teria o tema espacial, eu não pensei que seria de tão bom gosto, mas eu estou impressionada. Muito obrigada, Theo.

Eu estava segurando uma redonda luminária em formato de lua cheia com uma base de madeira que servia para que fosse possível apoiá-la nos móveis.

— Você gostou? Você viu só as manchinhas? É quase como se fosse uma realista Lua em miniatura. Eu que escolhi. Ah, feliz aniversá-

rio, alguns meses atrasado, mas ainda com o mesmo significado! Soube que você teve uma festa aqui em casa, desculpa não poder me fazer presente naquele dia.

— Obrigada, Theo – coloquei a peça na cama e abracei meu irmão com toda a força que eu tinha, deixando que toda aquela saudade se manifestasse pelos meus braços e fizesse com que ele entendesse o quanto ela era intensa.

— Também senti a sua falta – meu irmão me abraçou e deu suaves tapinhas no topo da minha cabeça com a palma da mão.

— Vocês dois têm uma relação de irmãos tão adorável! – Isis estava com o queixo encorado em suas mãos.

— Você tem essa opinião porque não viu os nossos desentendimentos. Meu irmão é muito abençoado por ter te conhecido, não sei como você aguenta ouvir ele falando tanto de foguetes e de seus estudos.

— Ei! Nem tente manchar o meu filme, não vai funcionar.

— Para mim é muito fofo observá-lo tagarelar sobre os assuntos que chamam o interesse dele – Isis inclinou o seu rosto. Eu apostaria que, se estivéssemos em alguma espécie de desenho cartoon, as pupilas dos olhos dela tomariam o formato de dois corações cor-de-rosa ou vermelhos.

— Eu acho que vou vomitar – levei o meu dedo indicador até a minha boca para representar que eles eram tão doces que isso chegava a ser enjoativo.

— Quando for a sua vez, serei eu que rirá por último. Mas não se apresse, a minha vingança pode esperar por, no mínimo, aproximadamente mais 30 passeios do planeta Terra em torno do Sol.

— Não é porque não tenho interesses românticos agora que vou esperar ter quase 50 anos para ter meu primeiro namorado. Não se iluda.

— Enquanto eu estiver aqui, atrapalharei qualquer um de seus planos, não se preocupe. Já que eu sou tecnicamente o “homem da família”, exigirei que o garoto venha falar comigo e, de antemão, já avisarei que possuo um facão e uma espingarda guardados do lado do sofá em caso de qualquer gracinha.

— A mamãe sabe que você escondeu essas coisas lá?

— Eu iria apenas enganá-lo, não importa se as armas existissem ou não, desde que o menino acreditasse nelas – ele argumentou.

— Está bem então, eu acho... Vou me retirar antes que a conversa tome rumos ainda mais estranhos. Ah, volte logo para o seu quarto, Theodor, pois a vovó acorda bem cedo e acho que ela notaria sua ausência no cômodo antes mesmo que você levantasse suas pálpebras. Obrigada novamente, Ísis. Até amanhã.

— Até amanhã – os dois se despediram em baixo som.

Já estava adentrando o meu quarto quando ouvi cochichos originados dos aposentos de minha avó. Com a minha poderosa curiosidade, fui na ponta dos pés até a sua porta para ouvir o que se passava. Ela estava conversando com a minha mãe secretamente.

— Com todo respeito mãe, mas não acho que a senhora deva interferir neste assunto. Sou eu a responsável por decidir.

— Este é o meu último aviso, Kataryna. Se você não contar, eu conto!

Desejava permanecer ali e ouvir mais, entretanto era muito arriscado, pois elas estavam se encaminhando para o final da discussão e

eu não teria como sair dali sem fazer barulho caso estivesse com pressa. Peguei a minha manta e travesseiro que havia largado no chão, próximo a minha cama na hora do desespero, e me deitei.

— Psiu, licença. Só vim entregar a sua luminária que você deixou lá por acidente — Ísis entregou o meu presente. Então eu me levantei e o coloquei em um dos nichos da minha prateleira, arrumando os livros que estavam nesse em outros espaços. Pluguei-a na tomada e observei a luz que deixava ainda mais nítidas as manchinhas naturais da Lua, quase como se eu tivesse pegado aquele círculo brilhoso do céu e assumisse que agora ele me pertencia. Depois a desliguei para tentar aproveitar aquelas últimas horas que eu ainda poderia ter de sono.

Me acomodei em várias posições distintas, preendi meu cabelo e depois o soltei de novo, cobri minha cabeça para que não ficasse pensando na probabilidade de algum bicho escalar a minha cama e se enroscar em meus cabelos, coloquei uma das pernas para fora por conta do calor, fiquei encarando a parede para ficar entediada e pegar no sono, mas os meus olhos nem ao menos ficavam levemente pesados. Eu necessitava que aquela situação fosse resolvida, afinal, dois dias depois seria o meu retorno ao colégio e eu não gostaria que os meus olhos estivessem fundos de tanto que minhas olheiras se destacariam, contrastando com a cor da minha pele.

Resolvi então seguir com a alternativa restante: deixar que minha mente me levasse para onde desejasse. Eu só não esperava que fosse para aquele específico destino. Por algum motivo, me peguei pensando no Benjamin. Fazia vários dias que nós não nos encontrávamos e ele devia estar curioso a respeito da viagem. Eu tinha tanto para dizer: o que eu vi no museu, a história de superação de Gdansk, a vista noturna nas margens do rio Motlawa, dentre outros pontos. Eu queria que nós tivéssemos mais tempo juntos. Eu apreciava o tempo em que podia ficar ao seu lado e falar sobre absolutamente tudo. O Benjamin definitivamente

significa muito para mim, ele não é como um amigo comum. Quando eu comparo a relação que tenho com ele e com Edgar, por exemplo, não consigo colocá-los no mesmo pacote. Nós nos vemos bem menos e, mesmo assim, é complexo de explicar. Mas existe algo a mais, sabe?

O seu jeitinho doce, sua sinceridade, a maneira como traz tranquilidade para o meu coração, suas brincadeiras e conselhos, seus olhos azuis que expressam uma compreensão mais ampla que o céu e conseguem estar em perfeita harmonia com os meus sentimentos. Caso me perguntassem a respeito deste tema, eu não poderia deixar de admitir que ele também é bonito, inclusive um pouco demais para o meu gosto, pois consigo facilmente imaginar muitas garotas ficando apaixonadas por ele, que, além da beleza exterior, possui uma personalidade muito cativante. Não que seja da minha conta, é claro, pois, de certo modo, ele não tinha nenhuma conexão diferenciada comigo que o impedisse de aceitar a declaração de alguém. Por que será que, embora eu tenha plena consciência de que a nossa amizade não pode interferir nas nossas conexões com outros indivíduos, eu ficava inquieta sempre que me vinha na cabeça uma imagem dele de mãos dadas com uma menina? Eu precisava parar com aquilo imediatamente, afinal eu não era a dona de meu amigo para deixar que o meu ciúme interferisse em sua vida - e esse nem tinha lógica, para início de tudo.

Enfim, eu também teria que contar sobre a Fonte de Netuno. Na realidade, talvez eu ocultasse esse passeio durante a história. Não que eu tivesse feito algo errado que tivesse que omitir, é claro, mas o Benjamin nem se interessaria por essa parte. Era somente um objeto de mármore por onde a água circulava, nada mais que isso. Tudo bem, uma fonte que foi estrategicamente desmontada, salva de uma possível destruição e depois colocada de volta ao seu local de glória, em um contexto onde Gdańsk estava passando por uma época bastante difícil e cheia de tragédias.

É, definitivamente eram informações muito interessantes que

ele talvez se impressionasse ao conhecer. Também tinha o meu novo pingente de âmbar, que representava o começo da minha coleção de enfeites que me lembrassem de lugares marcantes. Como explicar que era o Thomas quem havia me dado e que ele não se pronunciou quando o guia supôs que nós estávamos tendo um encontro? Estava fora de cogitação que o Benjamin entendesse a situação equivocadamente, quero dizer, apesar de esse ser um assunto que diz respeito somente a mim e não tenha nada a ver com ele, eu não almejava que ele deduzisse que eu e Thomas, bem, fôssemos algo a mais.

Thomas, eu estava ficando maluca por não ter a mínima ideia do porquê de ele me ignorar. Após tantas revelações e experiências divertidas, aquela atitude não era nem minimamente racional. E por que ele permitiu que o mal-entendido entre nós e o guia permanecesse? Se boatos começassem na escola, nós não saberíamos o significado da palavra “paz” até o final do ensino médio. Ele se sentiu envergonhado por deixar que seu lado mais travesso transparecesse em Gdansk? Aquele Thomas que foge das regras e pula miniaturas de portões que foram feitos para nos manter distantes de uma estátua eu acabara de conhecer e não posso negar que o achei levemente intrigante. Ele também foi a primeira pessoa que me deu um pingente pensando em algo que genuinamente me agradaria e não que fosse um símbolo que a representasse.

Eu desconhecia o preço de uma pequena joia de âmbar, mas esperava que ele não tivesse gasto muito de seu dinheiro com ela. Afinal, como ele mesmo falou, a quantia que ganha trabalhando no café é destinada para ajudar nas despesas de sua casa. Apalpei a estrela com a mão oposta à que a pulseira ficava, as pontinhas não eram afiadas o bastante para fazer qualquer corte no meu dedo e a sua textura era lisa como vidro. Aparentemente o âmbar havia sido caprichosamente polido. Pegando o Edgar novamente para estipular uma comparação, eu notei que, assim como Benjamin, o Thomas também não habitava a

mesma embalagem que os meus outros amigos e amigas.

Essa misteriosa característica que os distinguia do resto do pessoal ainda era desconhecida para mim, e tal fato era frustrante, pois mesmo Laura, minha melhor amiga, não se enquadrava nesta, digamos assim, categoria. Me repreendi mentalmente por alguns segundos. Não era nada decente separar os indivíduos em setores, pois eles não eram mercadorias nem pedaços de plástico inanimados.

Enfim, aquela madrugada estava se estendendo exageradamente. Eu teria que avisar minha avó logo cedo para termos cuidado com as aranhas que invadiram a nossa propriedade. Todas as estações carregavam vantagens e desvantagens e um ponto negativo do verão era o aumento de algumas criaturinhas indesejáveis, mas esse era o preço, pois não podíamos exigir do universo que apenas abelhas e outros seres agradáveis e fofinhos ganhassem espaço neste período do ano. Falando nisso, um melzinho cairia bem como acompanhamento de algumas panquecas macias e um suco natural. Era triste que não cultivássemos colmeias no nosso pedacinho de terra, mas essa era uma boa sugestão para apresentar a minha avó e a minha mãe. Eu soube que há algumas espécies de abelhas que não eram muito agressivas e, por conta disso, muitos fazendeiros as escolhiam para serem criadas. Com um pouco de sorte, se eu decidisse ir em frente com as colmeias e me deparasse com um vendedor que as comercializasse por um preço justo e acessível, eu começaria um novo projeto aqui em casa, que inclusive teria potencial de gerar uma renda extra a longo prazo. Conhecendo minha avó Aurora, era óbvio que ela transformaria aquele doce mel em outros alimentos igualmente, ou até superiormente, saborosos.

— Bom dia, dorminhoca! O galo já cantou e você ainda está na cama – acordei em um pulo com o Theodor falando no meu ouvido.

— Você não tem tarefas a serem realizadas hoje não? – atirei

meu travesseiro em sua direção.

— O sono te trouxe amnésia de brinde, por acaso? Vamos, você me acompanhará por bem ou por mal – ele começou a puxar as minhas pernas para fora da cama.

— Está bem, está bem, estou indo! Nunca te ensinaram que é falta de educação entrar nos aposentos de uma dama sem que essa permita? Melhore esse jeito ogro de ser, somente a Ísis para te aturar mesmo. Pelo amor de Deus! – resmunguei e Theo riu.

— Obviamente que eu sei disso, nossa mãe não falhou em me educar. Mas eu não sei de quem você está falando, eu não vejo nenhuma dama neste cômodo. A Ísis já está na cozinha, acho que você se equivocou. Ajeite essa juba cacheada e vamos.

— Como você se atreve? – retirei uma das meias de meu pé esfreguei em seu nariz dedicadamente até que ele conseguiu se afastar.

— Sorte sua que estava limpa e não era uma daquelas suadas de quando você acaba de chegar do colégio. Caso contrário, a vingança seria plena.

— Mi mi mi mi mi, com licença – imitei a sua expressão da madrugada anterior e coloquei os meus sapatos.

Após dobrar as cobertas e lavar o rosto, fui buscar leite da vaquinha com o Theodor, que se ofereceu para me acompanhar.

— Olha só isso! Tudo errado. Parece que nem sabe ordenhar vaca. Que decepção!

— Talvez você não dominasse a técnica com destreza e agora esteja chocado ao assistir alguém a executando com mais precisão do que você nunca será capaz – fingi uma pose de metida.

— Mas esse leite aí é para o café da manhã ou para o lanche da tarde? O seu novo entretenimento é deixar os convidados passando fome? Sabia que devia ter trazido algumas comidas desidratadas. Assim todos teriam o que mastigar até a sua volta.

— Aposto que isso nem é permitido. Se fosse você traria para matar a nossa curiosidade. Deve ser ruim, mas seria uma experiência única.

Retornamos e todos estavam sentados à mesa, incluindo o Petroski.

— Bom dia, gente! – cumprimentei.

— Bom dia, Helena! Pode se servir – respondeu vovó Aurora.

— Mãe, pode me passar a faca de cortar pão? Mãe? – encostei em sua perna por debaixo da mesa.

— Oi, Helena. Você falou comigo? – ela estava distraída.

— Sim, sim. Me passa a faca de cortar pão, por favor?

— É claro, toma aqui minha filha. Desculpe, minha mente não estava aqui – ela estava estranha. Geralmente não me chamava assim e raramente se desculpava.

— Com licença, Dona Aurora. Eu terminei minha refeição e, como eu havia avisado noite passada, irei me retirar. Obrigado novamente por absolutamente tudo.

Eu não questionei sobre o motivo da partida de Petroski, porém estava extremamente curiosa a respeito daquilo, embora eu acreditasse que pressioná-lo não seria legal. Portanto, me contentei em apenas me despedir.

— Tchau, Petroski. Foi uma honra te conhecer.

— Igualmente, Helena. Até outro dia, caso Deus permita.

— Deus é muito bom, então com certeza vai — complementou minha avó.

O Petroski caminhou até a porta principal, entretanto, quando estava prestes a girar a maçaneta, minha mãe, que estava colocando o seu prato na pia, bruscamente chegou ao seu lado e repousou sua mão sobre a do ex-prisioneiro, impedindo-o de concretizar a sua atitude.

— Mãe, o que você está fazendo? — questionei.

— Não vá. Você não precisa ir embora. Nós podemos dar um jeito nisso.

— Nós concordamos que era a melhor escolha, eu já machuquei esta família demais — ele engoliu em seco, claramente implorando para que a minha mãe confirmasse sua frase anterior mais uma vez e não permitisse que ele fosse para o lado de fora.

O que o Petroski estava afirmado? Ele não havia feito nada de errado, outrossim qual era a razão por trás da minha mãe agir daquela maneira? Ademais, ela não gostava de ter contato físico com desconhecidos, então por que ela estava pegando na mão dele? Estariam eles namorando escondidos do resto de nós?

— É claro que no final de tudo é você quem deve optar pelo que mais te convém é... Petroski — ela soltou a mão dele e recuperou a compostura.

Será que eles realmente estavam tendo um relacionamento amoroso e, por conta de algum desentendimento, o Petroski havia decidido partir para não ficar ao redor de sua agora ex-namorada? A minha mãe

não teria pensado que poderia prejudicar a renda de toda a família por decidir trocar beijos descompromissados com o nosso inquilino? O que tinha dado nela? Eu nunca a havia visto daquele jeito. Primeiro era mal-educada com ele e agora deixará assuntos particulares interferirem no bem-estar da família?

— Mãe, você está me escutando? – ela me ignorou e o ex-prisioneiro suspirou.

— Adeus, Kataryna... – ele seguiu até a porteira.

Minha mãe não o perdia de visão, com os olhos arregalados, demonstrando a aflição de ter que fazer uma escolha sobre a qual você desejasse mais semanas para raciocinar. Repentinamente, ela levou a mão até a boca e começou a chorar com os olhos cerrados. Ver a minha mãe assim por conta de um homem não tinha lógica para mim.

Ela se posicionou em frente à porta aberta e estendeu sua mão quando gritou:

— Não vá ainda, espera! BARTOLOMEU!

Ela havia o chamado de quê?

Ao ouvir aquele nome, o hóspede se voltou para trás brutalmente a passos largos. Após alguns segundos, não se conteve e correu até a minha mãe.

— Você tem certeza disso? – questionou ele, incrédulo.

— Você cumpriu a sua promessa e eu não estou disposta a abandonar a minha parte dela tão facilmente. E enquanto a você? – ela sussurrou.

— Eu não selecionaria nenhuma outra opção nesta vida, Katary-

na – seus olhos se encheram de lágrimas e ele abraçou a minha mãe ao puxá-la para perto pelo braço, deixando-a estática de tanta surpresa.

— Alguém pode me explicar o que está acontecendo? Quem você acha que é? – Theodor bateu as mãos na mesa e engrossou a voz, insatisfeito com aquele súbito abraço.

— Calma, Theodor. O Bartolomeu explicará tudo mais detalhadamente – minha avó colocou a mão no ombro do meu irmão.

Eu e ele encaramos ela imediatamente, completa e profundamente pasmos. A Ísis parecia um cego em meio a um tiroteio, apenas rezando para achar um local onde pudesse se esconder de toda aquela confusão à qual ela claramente não pertencia, enquanto eu e o meu irmão intercalávamos nossos olhares entre nós, minha avó e, aparentemente, meus pais?

Petroski, ou Bartolomeu, eu já não sabia mais, soltou a minha mãe percebendo o tumulto que havia causado.

— Oi, filha. Oi, Theo. Eu estava com saudades. Sei que já faz tempo, mas estou muito feliz em poder finalmente reencontrar vocês.

— Vamos acalmar os nossos nervos e respirar, tudo bem? Helena, Theo, este é o pai de vocês. Não, ele não os abandonou. Na realidade, ele retornou para a Polônia há quatro anos, entretanto permaneceu na instituição da marinha para se reintegrar e trabalhar em cima de alguns traumas. Não se desesperem, escutem por favor.

Eu estava absurdamente chocada. Depois que a vovó disse que ele retornou para nosso país havia quatro anos, eu não ouvi mais nada. Como pode alguém ser tão insensível a ponto de deixar a família toda sem esperanças, não se importar conosco e ainda se intitular o meu pai? Eu poderia esperar que sua personalidade fosse de várias formas, menos

daquela.

— Não é possível! Eu fui na marinha há quatro anos e não achei o meu pai. Quantas mentiras você continuará a nos contar? E mesmo se fosse verdade, Petroski, ou Bartolomeu, eu nem te reconheço mais, por que você demoraria tanto tempo? Não sentiu a nossa falta? Você achou engraçado nos fazer esperar por todos esses anos e ainda se sentiu no direito de prolongar o tempo para mais quatro? Você estava debaixo do nosso teto durante todas essas semanas, a minha avó provavelmente te contou no quanto eu lutei para tentar te encontrar, enquanto você estava por aí, livre, e só não quis voltar. Nós cogitamos a possibilidade de você ter morrido e você não deu a mínima, é isso mesmo? Você tem noção de tudo que eu passei, toda a angústia que senti e da gravidade desta situação?



18



Cicatrizes do tempo

— Helena, abaixe o tom agora mesmo! Você não sabe o que realmente é passar por momentos ruins. Antes de se levar pela impulsividade e depositar o seu antecipado julgamento no seu pai, ouça o que ele tem para te contar – minha avó me repreendeu imponentemente, fazendo com que eu me calasse e percebesse a minha falta de educação. Apesar disso, eu não comprehendia a razão de tudo aquilo.

Olhei para o Theodor, que também parecia confuso. Ele sussurrou algo inaudível para Ísis, que concordou com a cabeça e se retirou da cozinha. Então veio e colocou uma das mãos nos meus ombros.

— Vamos dar a eles uma chance, tudo bem? – eu havia me esquecido que nós estávamos nessa juntos, era uma revelação e tanto para nós que pensávamos ter perdido nosso pai para sempre.

— Uma chance, né... – só pude falar isso demasiadamente.

— Tudo bem. Vou tirar a mesa e fazer caprichados copos de água e açúcar para nós. Portanto, voltem para os seus lugares. Hoje a manhã será bem longa.

Fizemos como a vovó Aurora pediu e, conforme a colher de chá batia nas laterais dos copos de vidro, eu observava a linguagem corporal dos presentes: minha mãe batia freneticamente um de seus pés debaixo da mesa, Theodor estava com os braços cruzados e parecia ter a mente em outro ponto da nossa linha do tempo e Bartolomeu engolia em seco tentando fazer contato visual comigo que sempre desviava. Uma reviravolta inesperada que o universo proporcionou, visto que apenas algumas semanas atrás eu era quem tentava me comunicar com o “Petroski”. Não sei se estava envergonhada pela minha reação ou somente cansada daquele interminável jogo de mistérios.

— Aqui. Copos bem cheios, pois nossos nervos precisam estar preparados. Então, quem vai começar. Petroski? Me corrijo, Bartolo-

meu. Perdão, foi a força do hábito.

— Sem problema, Dona Aurora. Fui eu quem pediu para que a senhora se referisse a mim por esse pseudônimo. Então, Theo, Helena, meu nome real é Bartolomeu e eu sou o pai de vocês. Primeiramente eu... nem sei por onde iniciar ou como fazer com que vocês me perdoem, mas... — a sua voz foi falhando conforme o decorrer do parágrafo e lágrimas invadiram o espaço embaixo de seus globos oculares.

— Eu darei o ponto de partida às crianças. Bem, quem deu o primeiro passo para que o pai de vocês retornasse foi o Wicenty. Assim, antes de dormir, agradeçam ao avô de vocês por lutar pela felicidade até mesmo em seus últimos dias. Porém, ele não teve tempo o suficiente para concretizar seu objetivo, deixando-o em minhas mãos, mas muitos imprevistos nos encurraram e o plano demorou mais do que o previsto.

— Bartolomeu, comece contando o motivo de seu sumiço — sugeriu vovó.

Ele recuperou a compostura e limpou a garganta.

— Resumidamente, para localizá-los, eu de fato fui para a marinha quando vocês eram pequenos. Não por vontade própria, é claro, e sim porque fui convocado e eles não são nada gentis com desertores. Durante o processo, eu fui sequestrado pelos nossos inimigos e me tornei um prisioneiro de guerra. Após muito esforço, meus companheiros conseguiram me resgatar. Não é mentira que eu estou na marinha desde quatro anos atrás, mas eu não sei se vocês compreenderam o que eu vou afirmar a seguir: precisei aguentar as inúmeras tentativas dos adversários de me obrigar a revelar informações, o que acabou desencadeando traumas sérios e outros problemas psicológicos, além dos físicos, como desnutrição e desidratação. Eu estava incapacitado de seguir uma vida comum sem receber os tratamentos adequados e os meses foram pas-

sando até que, quando encarei o calendário, notei que estava até alguns algarismos mais velho. Eu entendo que não é nada fácil me aceitar assim, de uma hora para outra, que eu perdi fases indispensáveis do desenvolvimento de vocês e que incontáveis vezes eu não estava aqui para ajudá-los, mas eu não poderia simplesmente largar a chance de tentar revê-los por medo da rejeição.

Bartolomeu olhou para cada um de nós. O meu irmão escondeu os dois lábios na boca e os mordeu antes de soltar.

— É muita informação para digerir, pai. Mas, por enquanto, eu posso só... te dar um abraço — Theo estava tímido e receoso.

O nosso pai se comoveu instantaneamente, levantou da cadeira e abriu os seus braços. Theodor fez o mesmo. Os dois se abraçaram de forma brusca.

— Seria impossível ter mais orgulho do homem que você se tornou, meu filho. Você cuidou bem da nossa casa e da sua mãe, irmã e avó?

— Eu diria que quem cuidou de mim foram elas, pai.

— Você... a história da vovó sobre ex-prisioneiros. Aquilo era verdade, não foi tudo encenação? — puxei na memória aquela agradável noite.

— Nós queríamos omitir o mínimo possível — respondeu vovó.

— Mas, por quê?

— Se você permitir que eu explique, eu prometo que nenhum de seus questionamentos ficará em aberto, Helena. Mas eu estou pedindo uma oportunidade, sem isso não tenho um meio para esclarecer nada — ele se afastou de Theodor e estava quase implorando pela minha

compreensão.

Visivelmente, ele havia se esforçado muito para estar ali naquela manhã e agora só precisava que eu não me fechasse. Decidi apenas confiar em suas palavras e relaxar os meus ombros tensos, meu egoísmo ficou na prateleira e eu parei de lutar contra as ondas que insistiam em me levar para uma localização desconhecida.

— Todos eles? É um juramento? Sem mais desvios ou enganações?

— Sem mais desvios ou enganações, filha.

O equivalente à água salgada do inteiro oceano começou a transbordar do meu corpo, meus soluços vinham exageradamente sem pedir licença e meu nariz escorria. O meu mundo parou e minhas pernas ganharam vida própria, correndo na direção de meu pai velozmente. Eu o alcancei e o abracei intensamente. Ele retribuiu o meu gesto e os outros membros da nossa família ficaram em câmera lenta, quase como se uma conexão extraordinária estivesse se formando entre nós dois.

— Eu achei que nunca mais te veria novamente – falei.

— Eu nunca mais vou negar pegar na sua mão.

— Você fala como se já tivesse se negado alguma vez – prestei atenção nos detalhes de seu rosto e, sem aviso prévio, tomei a liberdade de mexer em sua barba, que, para o meu espanto, cobria uma cicatriz próxima a boca.

— Eu já vi esta cicatriz antes, há muito tempo, na viagem da Colônia de Férias, em um rosto o qual não é mais nítido nas minhas lembranças.

— Não era aí onde a sua manchinha se localizava, Bartolomeu?

— minha mãe estranhou.

— Ela foi retirada através de um punhal relativamente afiado, como forma de tortura — ele revelou.

— Então, na marinha, mas ele não havia me respondido...

— Helena, sei que é desafiador, mas você confia em mim?

— Sim.

— Então, por favor, não crie conclusões precipitadas. Você conhecerá a história original — meu pai garantiu.

— Finalmente este peso foi retirado de cima dos meus ombros. Mentiras e omissões não fazem bem para a alma. Aproveitem essa calmaria, pois o Bartolomeu nos narrará mais tarde pelo que passou.

— Por que não agora vovó? — meu nível de curiosidade estava ligado no máximo.

— Helena, minha neta, veja só o seu pai neste instante. O pobre coitado está mais acabado do que nunca. Foram muitas emoções e mudanças de planejamento para alguns míseros minutos. Temos que acalmar os nossos corações e voltar para os eixos antes de prosseguir, além de proporcionar melhores tratamentos para a nossa visitante Ísis, que deve estar no seu quarto rezando para que toda a tensão acabe. Ela por acidente entrou no meio de um furacão familiar que nem pertence aos seus parentes de sangue. Theodor, vá acalmá-la. Vocês três se organizem para tomar banhos bem quentes e demorados, depois retornamos aos assuntos. Eu também preciso respirar e regar as flores. O nervosismo quase fez com que eu explodisse na frente de vocês e suponho que ninguém deseje isso.

— A senhora tem razão, mãe. Avançaremos devagar, subindo um

degrau após o outro. Vamos deixar nossa mente lidar com as novidades para depois enchê-la com outras – afirmou a minha mãe.

— Exatamente. E não se preocupe, Helena. Eu sempre voltarei, a partir de hoje, quando sair por essa porta – assegurou Bartolomeu.

— É tão maravilhoso ter a casa cheia novamente! Queria que o Wicenty presenciasse esse reencontro. Aposto que estaria orgulhoso do próprio trabalho – lamentou minha avó Aurora.

Tomei um banho morno e longo, desembaracei e lavei os cabelos e optei por roupas confortáveis. Quem adivinharia que o meu pai literalmente bateria na minha porta, sozinho, sem que eu necessitasse buscá-lo pessoalmente? A paciência era uma virtude que detinha o seu charme e que resultava em relevantes recompensas.

Peguei um livro, mas não o li. Eu me contentei em assimilar aquele completo café da manhã deitada na cama, observando as linhas que juntas compunham integralmente o tecido da fronha do meu travesseiro.

— PESSOAL, VENHAM ALMOÇAR! – minha avó gritou.

Nós nos servimos conforme o grau de nossas fomes e comemos. A refeição seguiu sem transtornos.

— Então, esta é a sua namorada, filho?

— Sim, pai. O nome dela é Ísis. Ísis, este é o meu pai.

— Prazer em conhecê-lo, senhor – cumprimentou a moça.

— Quanta formalidade! Ainda não me acostumei a essa nova situação. Desculpe se tornei o ambiente desconfortável para você essa manhã, não pretendo repetir tal ato.

— Eu entendo que era um tema urgente, não há necessidade de se desculpar.

— Ah, eu estava racionando em um modo de contar a minha trajetória de uma vez só. A Dona Aurora me alertou de que o Theodor e a Ísis não ficarão por muitas semanas, então quero sanar as dúvidas para que possamos ter outras atividades em família. O que acham de nos reunirmos na sala de estar assim que acabarmos os nossos pratos aqui?

— Soa perfeito, pai! — afirmei entusiasmada.

— Acho uma ótima sugestão — concordou minha mãe.

— E é claro que a Ísis está convidada, isso é, se você não se incomodar em escutar histórias de um homem que participou da marinha polonesa.

— Será uma honra! Eu nem tinha expectativas de conhecer o senhor. É uma oportunidade excepcional — ela e Theodor se entreolharam e sorriram.

E assim fizemos. Já que eram muitos indivíduos, pegamos algumas almofadas e colocamos no chão, para que não faltassem lugares para se sentar.

— Prontos e acomodados? Quando eu fui convocado para a marinha polonesa, fiz intensos treinamentos e depois me aventurei em missões oficiais da União Soviética. Embora não tivesse muitos conflitos oficiais na região, alguns rebeldes que eram contra o governo atual estavam reunindo informações e pessoas para elaborar uma estratégia e derrubar quem estava no poder.

— Mas pai, isso não é bom? Muitos cidadãos aqui de Lublin estão insatisfeitos com as atuais condições que o governo impõe — falei.

— Eu entendo o seu ponto de vista, filha, mas nesse caso, especificamente, eles não eram cidadãos adequados para a função. Acreditavam e usavam muita violência para atingir os seus objetivos e não buscavam o bem-estar do povo. Pode-se afirmar que eles só queriam entrar no poder para benefício próprio. Aparentemente eles se justificavam pelas matanças que oficiais do governo realizaram, mas para mim isso era apenas uma desculpa de fachada para que fossem cruéis.

— Então nem valia a pena – concordei.

— Continuando, uma das nossas missões foi nos infiltrarmos em um acampamento do inimigo para bolar uma estratégia e exterminá-los.

— Você quer dizer “prendê-los, correto? – assassinatos eram coisa de vilões.

— Infelizmente, eu lamento informar, minha filha, mas as nossas ordens eram para acabar com a ameaça pela raiz. Eu sei que na nossa concepção matar é algo maligno e eu concordo com você, entretanto eles desejavam fazer o mesmo conosco, ou seja, na guerra você é levado a fazer atos nunca pensados pela sobrevivência. Mas, para o nosso azar, eles previram os nossos movimentos e nos atacaram durante uma noite nebulosa e sem a Lua para nos guiar. Nós estávamos navegando no mar quando o conflito iniciou. Tiros foram disparados e amigos queridos caíram ao meu lado sem que eu tivesse a possibilidade de salvá-los. Os botes salva-vidas foram alvos de granadas para limitar a nossa recuada. Alguns marinheiros foram atingidos por flechas envenenadas que limitavam os movimentos de seus músculos. Assim, não saíam de suas posições e viravam vítimas fáceis. Foi uma cena horrorosa e demasia-damente violenta, com sangue para todos os lados e desespero nos destabilizando. Quando me vi na mira de uma arma, me joguei no mar com a esperança de escapar. Entretanto, bati a cabeça em uma pedra escondida por debaixo da água e perdi a consciência por alguns minutos.

— Meu Deus, você quase veio a falecer de verdade, pai! — exclamei.

— Realmente, Helena. Mas, depois que fui “resgatado”, levei muito tempo para considerar tal fato como uma bênção.

— Como assim? O que seria pior que a morte? — questionei.

— Bem, os inimigos me acharam vivo na margem. Assim, me arrastaram de lá, amarraram os meus braços e pernas, colocaram um tecido em minha boca e me colocaram em cima de um cavalo, de forma desconfortável, como se eu fosse alguma espécie de mercadoria. Mas eles não tinham intenção alguma de se desfazer de mim, muito pelo contrário: me mantiveram aos seus “cuidados” por um longo período. Sem que eu pudesse fazer nada para revidar, afinal sempre estava imobilizado, vendado e sob guarda de alguém. Nós viajamos de navio, cavalo e até de caminhão. Depois de vários dias sem conseguir ver luz alguma através daquele tecido amarrado em meus olhos, que nunca era afrouxado, finalmente me deixaram enxergar de novo. Havia me levado para uma terra completamente desconhecida, onde os nativos falavam um idioma que eu não conhecia.

— Meu Deus, pai! Onde você estava? — Theo estava concentrado nele.

— Eu demorei para descobrir, filho, pois quase não conseguia ir para fora. Eu fui capturado com mais três homens que pertenciam ao meu grupo na marinha e fomos obrigados a ficar em uma prisão. Lá estavam indivíduos do exército polonês e até mesmo alguns pilotos de avião, nas condições mais precárias que você possa imaginar.

— Quais exatamente, pai? — perguntei.

— Vocês não vão gostar nada de saber disso. Era uma construção

fria e com cômodos apertados, sem banheiro, pia ou camas.

— Mas eles levavam vocês para fazerem as necessidades, não é?

O meu pai aparentemente segurou um refluxo e fechou os olhos com força antes de prosseguir.

— Eles não optariam por ter todo esse trabalho, filha. Afinal, eram muitas pessoas. Embora não quiséssemos nos aliviar ali, no mesmo concreto em que dormíamos, o privilégio da escolha não nos era oferecido. Quando não aguentávamos mais, o único jeito era fazer ali mesmo. O chão ficava grudento pelos dejetos humanos que iam sendo pisoteados e misturados e as celas nas quais éramos confinados eram isentas de janelas, o que impedia que qualquer novo ar circulasse. Ratos imundos invadiam o espaço pelas grades, espalhando doenças, mordidas, pulgas e carapatos. A minha pele coçava pela alergia e falta de higiene, meus cabelos ficavam duros, pois nem se lembravam mais da textura do sabão. Os meus cílios eram grudados por densas remelas que, por mais que eu passasse as mãos e as retirasse, se renovavam conforme a acidez daquele odor e a sujeira que adentravam os meus olhos.

— Como vocês conseguiam comer em meio a essa situação? — vovó estava com a mão no peito.

— Eles esperavam que ficássemos tão famintos que nem pensávamos muito quando o alimento era oferecido de maneira brusca e nojenta. Não sei nem se posso nomear aquilo de comida. Era uma pasta cheia de pedaços indefinidos, com cheiro de algo estragado. Alguns homens simplesmente pegavam uma funda concha e iam colocando aquilo em nossas mãos através das grades. Era possível sentir o gosto da sujeira enquanto lambíamos nossos dedos, mas a fome era tanta que relevávamos isso.

Minha mãe saiu pelo corredor até o banheiro com a mão na

boca. Escutamos alguns grunhidos e o barulho da descarga e da torneira, depois disso ela retornou.

— Continue. Eu não tive controle sobre o meu estômago ao visualizar a cena, mas agora estou bem — ela afirmou.

— Tem certeza mãe? Mais um pouco e suas bochechas ficam verdes — comentei.

Ela me lançou um olhar de repreensão e eu me calei instantaneamente.

— O que você está esperando, Bartolomeu? Já disse que estou nova em folha, não há mais nada para colocar para fora aqui dentro.

— Se é assim, Kataryna, então confiarei em ti — ele deu de ombros com um ar duvidoso — Enfim, apesar da vontade de sair ser estrondosa, temíamos no fundo da alma que nos buscassem. Algumas vezes na semana, eles escolhiam uma das celas e pegavam um indivíduo. Esse ficava fora por dias ou nem ao menos retornava. Outrossim, quando ele voltava, estava cheio de hematomas, com algumas unhas faltando e cortes que se tornavam fatais em alguns soldados e marinheiros, visto as condições imundas em que tentavam se tratar, sem remédios ou álcool para desinfetar os ferimentos.

— Mas você fugiu antes de chegar o seu turno? Diga que sim, por favor — implorou vovó.

— Quem me dera, Dona Aurora! Eu permaneci naquelas condições por aproximadamente dois anos, ou seja, podemos até considerar um milagre que eu não tenha falecido em decorrência de alguma infecção ou coisa pior. Essa parte, que se refere aos momentos em que eu era o escolhido, está embaçada na minha cabeça. Acredito que por pura autopreservação e uma tentativa de meu corpo de conservar ao menos o

mínimo de minha saúde mental.

— Então você se esqueceu das torturas, pai?

— Não completamente, Helena. Ainda guardo alguns frames apavorantes. Descobri que eles nos mantinham lá com o intuito de conseguir informações sobre as forças armadas e o governo em geral.

— Então por que você simplesmente não dava? – esbravejou minha mãe.

— Kataryna, é necessário que você entenda que revelar a localização e fatos estratégicos dos grupos significa ter quase indiretamente o sangue deles nas próprias mãos. Ademais, se eles notassesem já ter espremido todo o nosso caldo, éramos descartados como bagaços de laranja. Eu achei um equilíbrio, para que também não fosse jogado fora por ser uma fruta seca. Eu dava algumas pistas falsas para as pesquisas deles, que não tinham como ser provadas, ou falava algum plano quando eu já tinha quase certeza de que a execução estava completa. Assim, eles viam os vestígios e concluíam que tinham chegado tarde demais e que a culpa não era minha. Eu não estou afirmando que sou perfeito. Ao todo, acredito que houve três vezes que falhei. Me pressionavam por resultados, ameaçando seriamente com minha morte e colocando a vida de outros que estavam presos como moeda de troca. Então, cedi em uma única vez. Entretanto, não cheguei a contar diretamente para os torturadores, mas deixei escapar para outros colegas de prisão algumas respostas de perguntas estranhas em outros dois momentos, mas eu não fazia ideia de que eles estavam conspirando contra nós. Mais tarde, descobri que os inimigos prometeram liberdade para alguns homens que nos traíssem lá dentro. Obviamente que não cumpriram isso, apenas os executaram depois de terminarem de falar. Tenho plena consciência que, indiretamente, participei do assassinado de cidadãos do meu país e da União Soviética, o que me entristece.

— Os que jogaram dos dois lados não se envergonharam? — disse, indignada.

— Não creio que seja tão simples assim, filha. Quase todos tínhamos uma família esperando em casa, porém nos encontrávamos ali, sem perspectiva de futuro.

— É, se jurassem que eu abraçaria nossa família novamente, seria complicado.

Fiquei pensativa. Até onde seguiríamos com a nossa moral a custo de abandonar benefícios individuais relevantes?

— Partindo daí, com o decorrer do tempo, os prisioneiros perdiam suas vidas por diferenciadas razões, como pela hipotermia causada pelas noites impiedosas de inverno e doenças, enquanto os rebeldes iam renovando o seu estoque de escravos fornecedores de dados. Observando os meus companheiros, vi que eu era um dos únicos que restaram do grupo de quando cheguei, ou seja, os meus dias estavam contados e fugir era uma questão de vida ou morte. Em uma tarde, ouvi uma conversa entre rebeldes a respeito do dinheiro deles estar acabando e eles precisarem de uma nova fonte de renda. Assim, estavam raciocinando a respeito de mandar os prisioneiros para as minas para a realização de trabalho escravo a fim de captar pedras preciosas. No que muitos viram uma morte certa pela inalação do pó gerado pela mineração desprotegida, eu vi uma luz que representava oportunidade de viver.

— Eu não sei qual reviravolta está nos aguardando, mas deve surpreender, pois eu não adivinhei nada — me inclinei para prestar mais atenção.

— Filha, eu sei que é improvável, entretanto se realizou, pois foi um plano gradual e em total sigilo, sem compartilhar com uma alma sequer. Eu fui trabalhando e fingindo estar ficando sem forças. Eu ob-

viamente estava desgastado, mas fiz acreditarem que estava a caminho de definhlar. Bem devagarinho para que ninguém suspeitasse, fui demonstrando uma queda de minha saúde. Meus supervisores relaxavam cada vez mais a sua guarda quando eu estava minerando, até que um dia eles me perderam de visão por 10 minutos, com o intuito de separar uma briga entre dois prisioneiros recém-chegados. Para mim, foi mais que suficiente para sair correndo e adentrar a floresta próxima à mina. Quem diria que justamente aquela mata, que eles usavam para acobertar aquelas atrocidades, seria o seu fim?

— Eles não conseguiram te raptar, pai? — era a vez do Theodor ser curioso.

— Veja: eles tentaram arduamente, mas em vão. Como não sou bobo, seguia minha trajetória desviando das trilhas e somente no entardecer e de noite, enquanto de manhã cavava um buraco na terra e me cobria lá, deixando somente o meu nariz de fora e o escondendo com algumas plantas ou rochas. Eu contava que, se fizesse assim, eles desistiriam e inventariam para o chefe que avistaram meu corpo, com a alma já de volta ao reino de Deus, em algum canto. Se isso é verdade ou não, não interessa, afinal funcionou. Caminhei sem rumo até uma cidadinha, roubei sabão e algumas roupas do varal de uma das primeiras casas da fronteira. Pausa para ensinar vocês a nunca roubarem, Theodor e Helena. Se o Criador permitir, nunca enfrentarão uma circunstância específica e hostil assim, portanto nunca realizem tal repugnante ação. É uma ordem.

— Sim, senhor — respondemos sérios e em harmonia.

— Gostei de ver. Enfim, eu tomei banho em um riacho próximo, afinal vocês não têm noção da catinga que emanava da minha pele depois de anos sem me lavar com sabão. E eu precisaria me comunicar com os cidadãos de lá, que por sinal nem falavam o meu idioma. Se eu

pedisse ajuda fedido, eles nem fariam um esforço para me compreender. Vesti as roupas e me distanciei o máximo que deu, indo para a outra ponta da cidade, para que o dono das vestimentas não me confrontasse, é claro. Seria desastroso.

Ele tampou a boca e soltou uma leve risada. O meu pai era extraordinário. Como um ser humano poderia sorrir depois de tanto sofrimento?

— Não é engraçado, Bartolomeu! — minha mãe o repreendeu e o atingiu com um ardido tapa nas costas, brava.

— Ai, ai! Desculpe, desculpe, eu estava imaginando se o proprietário das roupas as exigisse de volta — ele tossiu e seguiu.

— Após muitas confusões, desenhos e mímicas, e aprendizado forçado de algumas palavras da língua, eu descobri que estava na Chechênia, especificamente ao Sul da Rússia, e que a construção que eu habitei anteriormente se localizava em uma fazenda nas redondezas. Assim, eu me certifiquei de sempre ir na direção oposta a ela.

— Você achou alguma família que te acolhesse? — questionou vovó.

— Graças ao bom Criador, um velho senhor me disponibilizou uma moradia e alimento por uma semana para que eu ganhasse peso. Com o tratamento de escravo na prisão e depois uma alimentação através dos recursos de uma floresta que eu nem conhecia, vocês não imaginam como era o meu estado esquelético. Era muito arriscado ficar lá por muito tempo. Então, assim que consegui condições físicas, eu trabalhava no que aparecia: limpando galinheiro e estabulos, cortando lenha, carpindo quintais, polindo sapatos, entre outros.

— Como um faz tudo?

— Exatamente, Helena. Como um faz tudo. A inconveniência é que eu não ganhava muito, não o bastante para uma viagem entre as fronteiras da URSS de volta para casa. Então procurei mapas na biblioteca para me situar e me forcei a aprender o básico do idioma para ao menos ser capaz de pedir informações e voltar para a Polônia. Assim, desenhei um trajeto, com a ajuda do senhor que me acolheu, para ir de cidade em cidade escondido em caminhões, partindo antes que alguém me notasse e usando meu dinheiro economicamente para alimentação. É claro que eu procurava serviços rápidos no caminho. Quando pisei na Polônia, tudo ficou mais simples. Perguntei para todo mundo que eu via qual era a marinha mais próxima.

— Então você chegou lá e passou pela reabilitação?

— Foi levemente mais complexo que isso, Dona Aurora. Primeiro eu precisei provar que era um marinheiro. Eu falava o que tinha ocorrido e eles iam conferir, porém isso era através de cartas. Então estacionei ali. Quando o correio entregou a resposta, eu fiquei bastante aliviado. Afinal, já que eu servi a marinha em muitas missões e em torno de sete anos antes de ser sequestrado, o general reconheceu o meu nome à primeira vista e mandou que me levassem para lá. Agora, preciso contar um segredo. Em uma das minhas semanas iniciais, uma menina, muito nova e que era dona de cachos estonteantes, surgiu sem aviso prévio na instituição e me encontrou, mas eu entrei em choque e fui incapaz de reagir como ela esperava, me afastando. Eu estava cercado de pesados traumas, que chegaram a me fazer ter alucinações e crises de pânico. Passei por um estado que precisava sempre da confirmação do general para distinguir o real da miragem. Então, quando vi aquela pessoinha, que tinha traços de alguém que eu precisei deixar há anos, eu não soube se estava vendo nitidamente ou se o meu consciente estava me pregando uma pegadinha, mostrando uma situação que eu almejava no fundo da alma somente para que eu acreditasse e depois descobrisse

melancolicamente que não era real.

— Então, na Colônia de Férias, era mesmo você! Mas você estava tão diferente!

— Sim, eu estava sem barba, o que revelava a minha cicatriz. Acho que você tentou me reconhecer pela manchinha que eu possuía neste mesmo local, entretanto ela foi arrancada em uma das torturas na prisão, como eu já mencionei. Já faz quatro anos também e você havia se esbarrado comigo apenas naquele dia, onde eu estava com roupas que cobriam os braços e nem mostravam meu cabelo direito. Era natural que os traços no meu rosto fossem se apagando da sua cabeça, visto que minha ação te convenceu que eu nem era seu pai. Desculpe pela demora, mas até que eu estivesse apto para conviver socialmente de forma segura, o general preferiu manter segredo, até mesmo porque eu tive uma recaída poderosa quando soube que o seu avô Wicenty havia falecido. Eu simplesmente não conseguia aceitar. Esse foi inclusive um dos fatores inesperados que fizeram minha recuperação demorar mais.

— Como o vovô sabia da sua localização?

— Essa eu respondo, Helena. O vovô Wicenty continuava ligando na marinha de tempos em tempos para perguntar sobre seu pai, sem nunca perder a esperança. Ele até soprou algumas dicas no ouvido de Benjamin para que vocês elaborassem boas estratégias. Ele também os ajudou me pedindo para costurar as fantasias de marinheiro, recorda-se? – esclareceu vovó.

— Como esquecer? – respondi.



79



Sintomas da distância

Querido diário,

Hoje estou indisposta para assistir as aulas, meu corpo está pesado e lento, como se uma grande pedra tivesse me esmagado. Talvez tal fato realmente houvesse acontecido metaforicamente, afinal diversos elementos que constituem o meu passado me atingiram brutalmente ontem. Eles, inclusive, martelavam o meu cérebro desde então, gerando uma incômoda dor de cabeça. Agora eu entendo o conceito de esgotamento mental pela própria experiência. Mesmo se eu corresse sete quilômetros, meu estado físico seria melhor do que o que está refletido no espelho da penteadeira. Naquela noite, tive a impressão que nem se eu grampeasse a pele que esconde os meus globos oculares quando pisco, eu conseguiria dormir. Minhas olheiras eram profundas e eu poderia jurar que, por pouco, uma ruga quase surgiu em minha testa e fios de cabelo perderam a tonalidade de vermelho alaranjado para branco. Faltaram milímetros para que isso ocorresse.

O meu pai me explicou os porquês que orientavam as ações daqueles rebeldes. Eu compreendi que eu compartilhava de algumas opiniões da teoria que os motivava. Entretanto, como muitos espertalhões ao longo dos séculos, eles eram somente mais um grupo que usava razões nobres para justificar seus atos desonrosos. Eles queriam o poder, mas sinceramente não mudariam nada para o povo menos economicamente privilegiado, e sim para a elite, que pode pagar por favores e possui influência nas mais variadas áreas de produção. Esse era o problema de depositarmos as nossas esperanças em quem propositalmente fala com palavras difíceis ou promete demasiadamente, garantindo que irá proporcionar o que nós necessitamos, tocando músicas para as nossas orelhas com as letras que queremos escutar. Até eu consigo elaborar discursos bonitos e gastar todo o meu dinheiro com propagandas de algo que sei, com lucidez, que não tenho recursos para promover.

O meu pai foi vítima de um desses compilados de monstros que

almejam construir sua escada para o sucesso se utilizando dos cadáveres daqueles aos quais estão dispostos a sacrificar, humilhar e passar por cima desenfreadamente. Eles privaram a minha família de ter esse reencontro mais cedo, assim como muitas outras, e garantiram que algumas nunca mais colocassem as mãos em notícias de seus entes queridos. Como uma vez discuti com a minha avó Aurora, em toda guerra há duas facetas opostas e iguais de uma mesma moeda. Ambas sofrem, são obrigadas a realizar atividades hediondas pelos hierarquicamente superiores, têm baixas nos soldados, escassez de algum recurso, motivos para lutar e ilusões que convencem os mais fracos a entrar para um time que nem apoiam se decidissem seguir a moral.

O discurso de meu pai foi emocionante e pavoroso em alguns parágrafos, me deixando atordoada e indignada. Tudo que ele enfrentou, acarretou em consequências desumanas, provando que a pior parte dos traumas é que eles não duram por um breve período, depois que o evento ruim em si acha o fim. Ele muda a sua moradia para o psicológico da vítima, atormentando-a por anos e a impedindo de ser feliz em muitos aspectos.

Sabe, querido diário, eu queria que o meu pai fosse feliz. O seu sequestro e o que ele acarretou foram tão injustos! Ele não merecia aquilo, justamente quando já havia servido a marinha por praticamente sete anos. O vovô Wicenty serviu a Polônia por seis e após isso foi liberado. Talvez a hora do meu pai estivesse chegando, se não o raptassem. A determinação dos adversários para satisfazer seus desejos egoístas prolongou isso para mais de uma década inteirinha. A Terra girou mais de 10 vezes em torno do Sol antes que trouxesse o meu pai de volta para mim.

O meu pai afirmou que gostaria de passar um tempo agradável conosco e por isso contaria tudo naquela tarde, mas quando finalizou a sua história até a minha avó Aurora abandonara a sua costumeira

*calma expressão, deixando que rugas de preocupação recebessem des-
taque em sua testa até a hora de dormir. Minha mãe olhava seu marido
tristemente, quase se culpando por não poder salvá-lo quando esse pre-
cisou. Como será que a relação deles ficará? Cerca de treze anos são
mais do que o suficiente para modificarmos traços da nossa persona-
lidade, gostos, prioridades e caminhos. Nossos contornos se metamor-
foseiam e a questão era que nem mesmos eles saberiam afirmar com
propriedade que, embora nenhuma separação fosse mencionada, ainda
eram peças cujos formatos se encaixavam e se completavam.*

*Para o Theodor também não foi nada simples. Ele planejou uma
visita para matar saudades e apresentar a Ísis à nós três, só não imagi-
nava que iria poder abraçar alguém do qual ele sentia uma falta absur-
da e de longa data, e que traria a namorada para uma montanha russa
de emoções de um grupo no qual ela ainda nem entrara oficialmente.
Eu apostaria que a maior preocupação de meu irmão era a de se sentir
desconfortável por ser o centro das atenções, e não que uma específica
pessoa brilhasse do nada, iluminando uma parte do passado que era to-
talmente abstrata e oculta de nós. Nem sempre as novidades e notícias
são agradáveis, mas umas são piores que outras.*

*Não me entenda mal, querido diário, não estou reclamando ou
dizendo que preferiria ficar na escuridão, apenas que é um memorável
choque aceitar que alguém que você ama passou por algo que daria um
filme de ação, tragédia e superação.*

*Não posso me segurar e me impedir de me colocar no lugar de
meu pai. Quando minha mãe impediu que ele saísse pela porta, e sua
identidade veio à tona, eu me enfureci a falei coisas insensíveis para
ele, como se tivesse desaparecido propositalmente. A culpa também
foi responsável pela minha falta de sono. Me senti uma daquelas ga-
rotas mimadas, malcriadas, esnobes, ignorantes e ingratas, que não
respeitam os outros e nem levam em consideração que a vida vai além*

de seus leves conflitos cotidianos. Benjamin e eu fomos salvos quando tentaram nos assaltar, e até pelo general, que nos acompanhou de volta para a Colônia de Férias depois de nossa imprudência. No caso do meu pai, ele não havia feito nada de errado e, mesmo assim, quando se viu em um ambiente estranho e tenebroso, foi torturado e passou até fome, ninguém foi salvá-lo. Quantas vezes, querido diário, o meu pai não deve ter implorado ao Criador que algum super-herói o resgatasse, que minha mãe, seus companheiros ou mesmo um estranho descobrisse seu paradeiro e assegurasse que aquela dor agonizante parasse?

Enquanto eu o julgava e lamentava pelo fracasso de meu plano, ele estava sendo tratado psicologicamente e sofrendo por não saber se a sua filha era uma ilusão ou se de fato a havia deixado escapar por entre os dedos. Quantas vezes ele não implorou por cinco minutos de paz, pela oportunidade de voltar para casa e se sentiu sozinho e abandonado? Diferente de mim, ele não tinha minha mãe, avó e irmão para que o consolassem e auxiliassem. Se o meu pai está aqui hoje é porque ele foi atrás, nós éramos todos culpados por ficarmos sentados esperando que um milagre o trouxesse para nós. As ondas do universo não o carregaram até a praia. Ele veio nadando contra elas individualmente, vencendo gradativamente, tirando uma pedra de sua trajetória após a outra.

Eu queria poder visitar o senhorzinho que o acolheu e alimentou, para agradecer. Embora ele não fosse um membro de sua família, o senhor pôde fazer mais por meu pai do que nós. A bondade de um calejado coração permitiu que o meu pai se recuperasse para trabalhar e estar aqui hoje, e isso não tinha preço.

Mas você, meu diário, provavelmente está se perguntando como o dia anterior transcorreu. Bem, depois da história, cada um teceu alguns comentários e fomos todos caminhar para engolir aquilo. Pobre Ísis, mesmo estando perdida, era cristalino que ela almejava ser capaz

de retirar a aflição de meu irmão. Segurava a mão dele durante o nosso passeio e bagunçava seu cabelo numa tentativa de elevar o humor de Theo, mas não havia nada que estivesse ao seu alcance. Afinal, existem episódios na nossa existência que naturalmente trazem emoções desagradáveis, porém são insubstituíveis para o nosso amadurecimento. Enfim, o silêncio foi o rei durante o trajeto. O que falar para consolar alguém que apanhou tanto do destino?

O meu pai prometeu me dar todas as respostas para as minhas dúvidas e ele estava cumprindo isso devagarzinho. Será que aqueles que dizem que há coisas que é melhor nem saber se estão se referindo a esse nível de desastres? Quando eu leio um livro o qual predominantemente passa sentimentos desconfortáveis ao leitor, vovó Aurora questiona minha leitura, pois teoricamente não queremos ficar para baixo. Apreciar esse gênero de conteúdo é como um tiro no próprio pé, pois autossabotamos nossa alegria. Eu argumentava que páginas onde os personagens viviam em uma utopia eram entediantes, não retratavam em nada a realidade e tiravam toda a graça dos fragmentos que tinham como objetivo transmitir contentamento e animação ao leitor, pois geralmente quando, por exemplo, o protagonista é desafiado e percorre através de contratemplos e adversidades, nós damos muito mais valor às suas vitórias, e até nos identificamos com ele ou ela. Verdadeiramente, nenhum de nós se beneficiaria se meu pai ocultasse sua prisão apenas para não nos entristecer. As experiências que ele teve agora fazem parte de sua essência também e eu anseio por aprender absolutamente tudo sobre ele, aceitá-lo por inteiro e não uma versão plastificada e industrial sem cicatrizes.

Você não concorda, querido diário? Não é correto fingirmos que temos vidas perfeitas e padronizadas, como se fôssemos encomendados sob medida. Somos humanos e não objetos de decoração que não têm marcas, riscos e vontade própria. Eu não desejo uma família artificial,

nem ser uma Helena artificial. Se eu escondesse dos meus amigos a minha impulsividade e opiniões, não seriam amizades verídicas, pois ninguém nunca me conheceria pelo que sou, e sim por versões adaptadas para agradar cada um dos indivíduos. Assim, com prazer, eu vou acolher o meu pai com todos os seus defeitos e sequelas que seus traumas causaram.

A noite foi mais tranquila. Dispensamos o diálogo excessivo do cronograma e optamos por ver um programa de comédia na televisão. Assim, demos “Boa noite” e cada um foi para o seu respectivo quarto.

Os meus pais continuam dormindo em cômodos separados. Antes que você me critique, diário, eu sei que eu não posso criar expectativas, mas já que pensar não custa nada, permita-me viajar no sonho de que eles fiquem juntos e tenham o romance reacendido. Ah, um casal separado pelos ventos por mais de uma década, assim como os pais da moça, se reencontra e vive feliz para sempre ao se apaixonar novamente pela nova versão um do outro.

Uau! Eu necessitava mesmo desse desabafo. Obrigada por ser um bom ouvinte, querido diário, mas agora tenho que ir tomar café e comunicar a todos que irei faltar no colégio. Me mande energias positivas para que eles entendam que o meu estado de espírito não é o mais adequado para a sala de aula hoje.

Guardei o caderninho no local adequado e fui para a cozinha.

— Bom dia, vovó, pai, mãe, Theo e Ísis – bocejei ao fim da frase.

— Bom dia, Helena – o meu irmão parecia exausto.

— Bom dia, minha neta. Meu Deus, Helena! Tudo bem? Está toda acabada e nem se encontra pronta ainda – minha avó se espantou.

— Eu posso faltar na escola hoje? Eu não me sinto muito bem vovó, não consegui dormir direito.

— Vamos abrir essa exceção filha, coma e vá descansar – respondeu minha mãe.

— Você e o Theodor precisam de um bom compilado de vitaminas para se recuperarem dessa palidez. Já sei! Cozinharei fígado de boi e beterraba para que vocês se revigorem – decretou vovó.

Eu e meu irmão engolimos em seco. Aquilo não soava saboroso.

— Vovó, por favor, não se incomode! Não sei se isso passará pela minha garganta.

— Se essa é a sua única preocupação, darei um jeito. Nem sempre o que nos fortalece é saboroso, então baterei a sua porção no liquidificador e servirei em um copo que não seja transparente. Assim você tomará em um gole gordo e único como se fosse remédio. Para você também, Helena?

Theo se ajeitou na cadeira, havia piorado a situação.

— Não, não, vovó! Comerei com muito gosto em forma sólida mesmo.

— Eu imitarei a Helena, vovó. Aposto que tendo ela como exemplo o meu cérebro aceitará a proposta, mesmo que a contragosto.

— Se vocês insistem... Mas, qualquer coisa, não hesitem em pedir, pois líquido desce mais rápido e é digerido mais eficazmente – ela colocou as mãos na cintura.

Escutamos uma risada e direcionamos nossa visão para ela. Eu me espantei ao notar que pertencia a minha mãe, por conta do momento

engraçado. Theodor e eu nos entreolhamos.

— Então minha filha também sente falta dessa antiga receita? Bartolomeu, você também está muito fraquinho. Já decidi! Farei uma porção para todos antes do almoço.

— Tudo bem, mamãe, não que a senhora fosse aceitar qualquer negação de qualquer forma. Bartolomeu e eu comeremos também – ela deu uma leve cotovelada no meu pai.

— O quê? Por quê? – meu pai ficou sem palavras, contrariado pela resposta de minha mãe em relação a ele também, buscando desesperadamente um jeito de voltar atrás e não ser incluído naquele tema.

— Vovó, a senhora vai excluir a nossa convidada assim? – falou meu irmão.

— Não, Theodor! Dona Aurora, eu não me incomodo e não darei mais tarefas a você, me contentarei em observar apenas – negou Ísis.

— Você tem razão, meu neto. Desculpe pelo inconveniente Ísis. É claro que você terá um bom tanto também.

— Theodor! Não vou nem te falar nada! O que é seu está guardado, somente espere – Ísis indiretamente declarou vingança contra meu irmão.

Theo engoliu em seco, se arrependendo de despertar a versão brava de sua namorada.

— Então pessoal, eu já estou atrasada para o trabalho. Até mais tarde.

— Tchau, mãe – respondi e o resto da mesa se despediu também.

Minha mãe pegou a sua bolsa cantarolando, parando em frente a porta para suspirar e sorrir. Assim ela foi embora.

Eu e o Theodor nos entreolhamos de novo.

— Vocês estão se comunicando pelo poder da mente, por acaso? Vão nos excluir mesmo? – vovó cruzou os braços.

— Vovó, o que aconteceu com a nossa mãe?! – Theo e eu exclamamos juntos.

— Deixem a Kataryna ser feliz, ela não fica criticando quando vocês estão contentes. Ao invés de reclamar, aproveitem.

— Não estamos reclamando vovó, mas a senhora presenciou o mesmo que nós?

— Para que todo esse rebuliço, meus filhos? – questionou meu pai.

— Ver você os chamando assim com orgulho é adorável, Bartolomeu. Crianças, a mãe de vocês não era tão séria antigamente e comportamentos iguais aquele eram coisa do cotidiano – explicou nossa avó.

— Vovó, por favor, não tente nos enganar – pedi.

— Agora que a senhora comentou, eu acho que quando eu era mais novo a mamãe era mais carinhosa e alegre mesmo – refletiu Theo.

— Não é só porque eu era pequena demais na época para guardar a memória que sou tão inocentemente manipulável, gente. Parem com essa brincadeira – aquela piada era demasiadamente óbvia para que eu fosse inteligente o suficiente para escapar.

— Antes que o Bartolomeu partisse para servir a nossa pátria, a

Kataryna costumava ser mais animada e de bem com a vida em geral. Todas as manhãs ela beijava a sua testa e a do Theodor e dava um selinho em Bartolomeu. Só posteriormente a essa demonstração de afeto, ela ia trabalhar.

— Eu recordo disso — meu pai precisou morder o lábio inferior para conter o sorriso nostálgico.

— Além disso, apesar da timidez, ela era mais sociável e honesta a respeito de suas emoções. Aqueles ataques de raiva, como, por exemplo, quando o Benjamin trouxe as balinhas de leite anos atrás, não existiam. Aliás, ela era muito grudada em vocês dois, não os deixava em paz. Quando cada um era recém-nascido, bastava um resmungo quase imperceptível que ela já os estava segurando nos braços.

— Ataques de raiva?

— Bartolomeu, infelizmente a Kataryna foi testada de inúmeros modos quando a marinha te chamou. Além da rotina mais pesada, pois tivemos que suprir as suas tarefas, foi assim... muito árduo enxergar as esperanças se esvaindo do olhar dela conforme se passavam e não tínhamos notícias.

— Eu não fazia ideia... — lamentou meu pai.

— Não foi culpa de ninguém, cada um teve que enfrentar os seus próprios dragões, e o dela era poderoso. Ela era absurdamente apaixonada e o relacionamento entre marido e mulher de vocês era encantador e invejável para muitos casais. A Kataryna acabou se afastando dos filhos e até mesmo de mim e do Wicenty, mas não como você pensa. Como posso explicar... Ela ainda era uma mãe muito aplicada, se desdobrou para atender todas as necessidades dos filhos, já que o pai não estava mais ali para dividir a rotina, mas sentimentalmente ela se recolheu, sabe? Nos primeiros meses, eu pegava ela chorando silenciosamente en-

quanto vocês dormiam para não atrapalhar ou acordar ninguém. Ela me dizia que não gostaria de repassar aquela dor para vocês, pois desejava proporcionar uma infância normal e gostosa para ambos, sem falar que preocuparia as esperanças de Theo pelo retorno do pai.

— Nossa, vovó! Deve ter sido angustiante.

— E com certeza foi, Helena. Percebendo que revirar os pertences de Bartolomeu a deixava mal e o Theodor também, ela guardou todas as fotos e demais coisas em um baú, lá naquele local que você, Helena, mexeu quando era mais nova. Mas o objetivo não era manter lá eternamente, e sim só até ele voltar.

— Mas não eram muitas coisas que pertenciam ao meu pai? Coube tudo no baú?

— Não, as roupas ficaram em caixas. Mas conforme foram completando 6, 8, 9 anos e nada, ela foi desistindo e, em uma noite, alguns marinheiros recomendaram que nós nos preparássemos para o pior. Ela teve uma recaída e as doou para uma instituição de caridade.

— Como eu não a impedi? — Theo ficou frustrado.

— Estava tudo muito bem fechado, provavelmente usamos a desculpa de serem objetos velhos do porão. Veja Theo, a posição de sua mãe não era agradável. Fomos chamados de loucos por vizinhos por não desistir e, quando chegou a um determinado estágio, ela teve que lidar com o fato de que era vital para o seu bem-estar que ela superasse a perda do marido. Nessa data, as fases da negação, frustração, raiva, tristeza, haviam sido todas encaradas e ela sofria uma pressão externa enorme para que se casasse novamente. As pessoas que dão palpites gratuitamente são muito tóxicas às vezes. E quando isso é contínuo e repetitivo, nos afeta mesmo.

— A Kataryna namora, Dona Aurora? — meu pai engoliu em seco.

— Não que seja do nosso conhecimento, Bartolomeu.

— Então foi o ódio que influenciou minha mãe assim, vovó?

— Não, Helena. Foi uma coisa ainda mais devastadora: o amor.

— Mas isso não possui lógica alguma vovó. O amor é bonito e só acarreta em benefícios para nós, não é? O próprio vovô Wicenty afirmava que o amor era tão puro que somente e exclusivamente ele poderia salvar o mundo da maldade, que ele cria laços indestrutíveis entre duas almas e que estrutura e proporciona bases firme às famílias.

— Sem dúvida alguma. Porém, tudo possui lados positivos e negativos. Quando nos acostumamos a viver em meio a esse sentimento, ou, falando especificamente de casamento, estamos apaixonados por alguém, ao perder esse indivíduo, ficamos arrasados. Vamos usar um exemplo que talvez permita que você visualize: o seu avô era muito amado por nós, certo?

— Exatamente, vovó.

— No dia em que ele entregou a alma a Deus, como ficou o seu coração?

— Foi como se ele se quebrasse e meu chão desaparecesse.

— É isso que o amor causa também. É a outra faceta dele.

Eu fiquei sem palavras. Todo o mistério, os desvios de meus questionamentos, as crises de fúria repentinhas e isentas de lógica, se designavam como os sintomas das feridas abertas da minha mãe.

O meu pai levantou, enxugando a garoa que escorria até a suas

bochechas.

— Com licença, Dona Aurora – ele se direcionou para o corredor.

— Ísis, até agora eu só te coloquei em confusão e não te levei para um encontro decente. O que acha de nos arrumarmos e irmos ver estabelecimentos de seu agrado e fazer algumas compras.

— De verdade?

— Sim! Ah, vovó, eu tenho um presente para você e para a minha mãe. Portanto eu já entregarei o seu. Só um segundo.

O Theodor foi para o quarto e voltou.

— Eu espero que você goste, vovó. Eu não vejo a senhora usando muitas joias, mas achei que esta combinaria muito contigo – ele entregou um pacotinho para ela.

Dentro deste havia um delicado colar com uma pedra preciosa em formato de Lua enfeitando-o. A nossa avó abriu a boca, admirada.

— Não precisava, meu neto! Já sou muito grata apenas por ter a sua presença aqui, mas eu adorei. Esse seu gesto me encantou tanto e a partir de agora eu usarei mais joias, afinal vou aproveitar todas as ocasiões para exibir este lindo presente.

— Vou colocar na senhora então.

Theo prendeu o pequeno fecho atrás do pescoço da vovó Aurora, que instantaneamente segurou o enfeite com carinho.

— Com a sua licença, vovó, eu levarei a Ísis para uma volta. Até mais tarde.

— Que o Criador guie os passos de vocês dois – respondeu ela.

— Tchau, Theo. Até.

Assim que o casal se foi, comuniquei à vovó que iria deitar novamente para tentar dormir mais um bocado. Mesmo consumido pela falta de energia por conta da noite de insônia, o meu corpo não se rendeu ao sono. Portanto, fui obrigada a pegar um dos livros mais entediantes da minha coleção e comecei a folheá-lo. Esse método nunca falhava. Assim, não durei nem vinte minutos acordada.

Despertei somente no horário do almoço, quando fui chamada.

— Pai, agora que já decidimos que você morará conosco, o que pretende fazer? Já que não é mais efetivamente da marinha?

— Não sei ao certo, filha. A princípio, talvez começar a cuidar da plantação, afinal eu devo ajudar a manter a casa, pois não sou um folgado que quer abusar da boa vontade de sua mãe e avó. De resto, tudo parece turvo.

— Entendi – respondi.

— Isso ainda não entra na minha cabeça. Eu achei que nunca mais te enxergaria em carne e osso, pai. Quando eu voltar para o instituto, vou sentir saudades.

— Você não pode prolongar a sua visita, filho?

— Infelizmente não, já que há muitos interessados na minha vaga. Preciso, obrigatoriamente, ter um bom desempenho, pois eles não são muito tolerantes com atitudes que consideram preguiçosas. Desculpe.

— Tudo bem, Theo. Eu comprehendo que alguns sonhos reque-

rem sacrifícios e, se você está disposto a correr atrás desse, eu não irei te impedir,

— Desculpe, de verdade. E pensar que o seu apoio quando eu era uma criança significou tanto...

— O que você quer dizer com isso, Theo?

— Quando eu apenas brincava de ser cosmonauta com o meu foguete, na época em que você não havia sido convocado. No instituto, eu imaginava qual seria a sua reação ao descobrir que eu segui em frente com isso.

— Eu estou demasiadamente orgulhoso de quem meus dois filhos se tornaram.

— Eu sei que o papo está bom, mas a saúde também é relevante. Como promessa feita é promessa cumprida, aqui está o suplemento de vitaminas de vocês. A Kataryna não almoçará em casa. Então farei o dela depois.

Que massada! Era por isso que a minha mãe nem tinha se abalado. Ela já sabia que iria escapar ilesa daquela. Minha avó Aurora se aproximou da mesa com pedaços cortados e fritos de fígado de boi, acompanhados de beterrabas cozidas e cortadas.

— Vovó, eu acabei de acordar...

— Outro motivo para se alimentar adequadamente. Coma tudo e depois almoce.

Minha avó era a maior autoridade na nossa moradia e aquilo era para o nosso próprio bem-estar. Então, não questionamos e pegamos as nossas porções, mesmo a contragosto.

— Hum, como a senhora conseguiu transformar aquilo neste prato delicioso? – meu pai estava comendo com gosto.

— Como assim, pai? – comentou Theo abismado, enquanto olhava torto para a refeição.

— Depois que se vai servir a pátria, aprendemos a valorizar os pratos caseiros aos quais temos acesso na nossa casa. Admito que estava relutante, pois acabei confiando na negação de vocês. Espero que vocês nunca experimentem misturas tão nojentas que nem podem ser nomeadas de alimento. Se acham isso ruim, é sinal de que a vida tem sido generosa, graças a Deus.

— Eu vou experimentar também! – a carne era acompanhada de rodelas de cebola caramelizadas e de bastante tempero, enquanto a beterraba estava salgada na medida certa e combinava muito com o azedinho do limão.

— Então, filha?

— Não é horrível como a imagem sugere, eu inesperadamente gostei – acredito que a visão anterior que eu tinha do fígado de boi era graças ao meu preconceito, por não ser uma parte tão popular.

— Vocês são incríveis. Será que é só o meu que tem o sabor diferente? Não importa quantas vezes eu prove, não fica apetitoso. Você concorda com eles, Ísis?

— Depois de hoje, eu talvez realmente cogite a possibilidade de me tornar vegetariana. E não é brincadeira.

Nós todos rimos ao notar o modo com que a Ísis estava encarando os pedaços de carne, quase como se eles a assustassem.

— Ei, vovó, falando nisso, a senhora não vai pegar um pouco

também?

— Vou pular direto para o almoço normal, Theodor. Eu não aprecio o sabor dessa parte do boi, mas vou aceitar a salada de beterrabas.

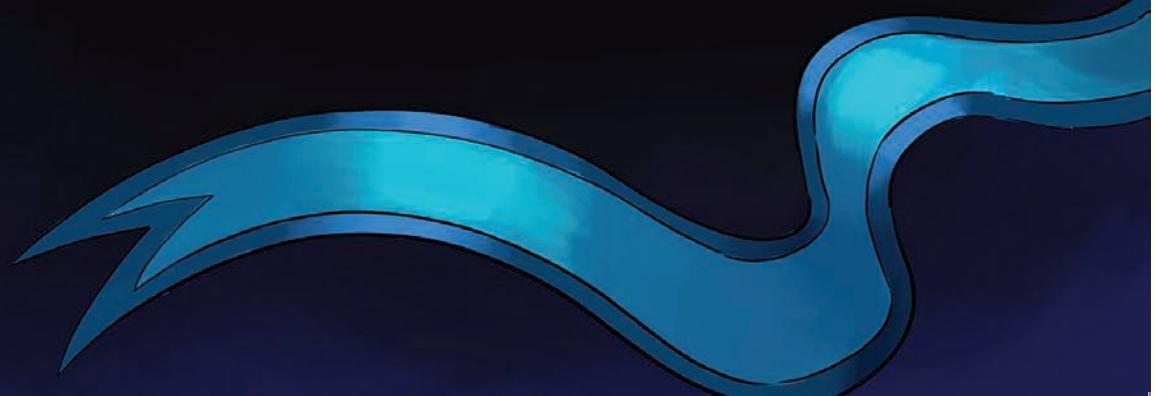
A nossa risada sumiu instantaneamente.

— Com todo respeito, vovó, mas que hipocrisia! – cruzei os braços fingindo estar chateada.

— Vovó, a senhora também precisa de nutrientes. No instituto, aprendemos superficialmente sobre como o nosso corpo carece de alguns elementos e vitaminas conforme o decorrer dos anos – Theo fez pose de inteligente.

— Mocinho, o que está sugerindo com essa afirmação? Vou lavar a sua boca com sabão lá no tanque.

Nossa avó pegou um rolo de amassar pão e bateu levemente com ele na cabeça do meu irmão.



20



Declaração inesperada

— Nada vovó, somente que eu prezo pela saúde da senhora — tentou disfarçar.

— Pois saiba, senhor Theodor, que eu não estou velha o suficiente para ter esse tipo de preocupação, viu? Estou nova em folha.

— E eu concordo com a senhora.

— É bom mesmo, mocinho.

— Mudando o assunto, vovó, esse colar ficou sensacional em você.

— A Helena está coberta de razão, Dona Aurora.

— Muito obrigada, Helena e Ísis. Agora se apressem e coloquem esse conjunto de vitaminas para dentro — ela deu um sorriso.

— Que injusto — Theo resmungou, antes de obedecer.

Almoçamos e eu fui para o meu quarto para conferir os meus materiais escolares. Eu havia faltado sem nem ao menos parar para ver se naquele dia teria alguma prova ou entrega de trabalho. Era muita irresponsabilidade e, dependendo do que eu lesse na agenda, ficaria claro se eu ficaria ou não em apuros.

Por sorte, não teríamos nenhuma avaliação, a não ser que algum professor houvesse aplicado alguma que fosse surpresa. Ademais, me esforçaria para pegar o conteúdo e as anotações com a Laura no dia seguinte.

Estiquei os braços e estralei as minhas costas.

— Foi uma irresponsabilidade necessária para o meu psicológico — sussurrei.

O que será que alguns dos meus amigos estariam fazendo agora? A Rita talvez esteja costurando algum modelo originado de sua mente criativa, o Edgar provavelmente encontra-se entretido em algum livro relacionado a sua desejada profissão futura e o Benjamin, vejamos... eu chutaria em treinos de futebol americano.

— HELEENA! Tem visita para você – minha avó gritou.

— Só um segundo!

Seja lá quem fosse, eu não poderia mostrar meu cabelo desarrumado da maneira que estava. Eu ultrapassara a data de lavagem e os cachos estavam todos sem forma. Peguei um grosso amarrador de cabelos roxo e preendi minhas madeixas em um coque, deixando duas mechinhas soltas na parte da frente.

— Cheguei, vovó. Quem gostaria de falar comigo?

— Eu aqui – virei-me para o dono da voz, que era Benjamin, e fui em sua direção para abraçá-lo. Eu não o via havia muito tempo.

— Esperava que agora fosse horário de treinos.

— Não, hoje não. Senti sua falta no ônibus esta manhã e resolvi vir te ver em casa. Pelas minhas contas, você deveria ter ido. Aconteceu algo?

— É uma longa história. Você não acreditaria...

— Boa tarde – de repente, o meu pai limpou a garganta para chamar atenção e nos cumprimentou com uma voz proposital e estranhamente grossa.

— Boa tarde. O senhor é quem está se hospedando aqui?

— Sim, ou melhor dizendo, não mais. É... mais ou menos.

— É complicado – afirmamos em harmonia.

— Eu te explicarei tudo, Ben. Você não ficará por fora de nenhum detalhe – garanti. Aproveitaria a presença de meu amigo para atualizá-lo sobre absolutamente tudo.

— Você não vai apresentar o seu amigo para o Bartolomeu, Helena?

— Obrigada por me lembrar, vovó. Bartolomeu, este é o Benjamin. Benjamin, esse é o Bartolomeu, o meu... pai.

Ben inclinou a cabeça bruscamente, olhou para mim e franziu a testa em sinal de extraordinária confusão, como se o seu cérebro tivesse travado.

— Prazer, senhor – o Ben estava ligeiramente em choque, entretanto estendeu a mão para o meu pai, que a pegou e chacoalhou, apertando mais do que o preciso.

— O prazer é realmente todo meu, rapaz – ele respondeu friamente.

— Pai! Você está bem?

— Sim, Helena. Agora, vamos ao que é verdadeiramente relevante. Quais são as suas reais intenções a respeito da minha filha? Espero que não esteja brincando com os sentimentos dela e nem preparando alguma armadilha sem graça.

Todo o pigmento de Benjamin e também de mim foi convertido a branco imediatamente, enquanto até mesmo minha avó encarava meu pai, reprovando-o.

— Nós obviamente somos amigos, pai – eu sei que essa era teoricamente uma das funções atreladas ao seu papel, mas já que eu nunca tive a sua figura paterna muito presente, aquilo fora agudamente incômodo.

— Bartolomeu! – exclamou minha avó.

— O que foi? Eu fiz alguma coisa errada? – ele estendeu as palmas das mãos para cima, em protesto – somente lancei uma pergunta.

— Então... nós vamos indo. Até mais tarde, pai.

Antes que eu puxasse o Ben, ele se reergueu e se colocou confiantemente em frente ao meu pai. Porém, com os braços tremendo levemente.

— Para esclarecer: não tenho a intenção de realizar mal algum para a Helena, senhor. Não fique aflito por conta disso, por favor – afirmou com determinação.

— Então o que é esse objeto não identificado que você está escondendo aí atrás das costas? – meu pai cruzou os braços.

— São chocolates, senhor. Trouxe para dividir com a Helena, já que ela não foi para o colégio de ônibus nesta segunda-feira.

— Sei, não possuo mais nada a declarar, somente um detalhe. É de suma importância que eu reviste e experimente estes chocolates antes de vocês seguirem. Afinal, se estiverem estragados eu terei dor de barriga no lugar de minha preciosa filha.

— Sim, senhor. Aqui estão...

— Não! Benjamin guarde os chocolates para você e a Helena. Bartolomeu, não tente roubar os doces das crianças, compre os seus

com o seu dinheiro!

— Tudo bem! Era brincadeirinha, dona Aurora.

— Tchau vovó, tchau pai. Venha Ben, vamos para a casa da árvore.

Subimos as escadinhas com cuidado e nos sentamos perto da janela.

— Sua vida aparentemente está bem agitada ultimamente, Helê.

— Por onde você quer que eu comece, Benjamin? Eu mencionei que o Theodor voltou também e com a namorada dele ainda por cima? Ela sabe até trocar lâmpadas. E o homem que você viu lá dentro é o meu pai. Ele serviu a marinha, foi prisioneiro na Chechênia e passou quatro anos recebendo tratamento a respeito de seus traumas. Fora isso, eu também tenho muito a te falar sobre a viagem para Gdansk.

— Eu não consegui acompanhar, Helê. Definitivamente é muita informação. Que tal iniciarmos no dia em que você saiu de Lublin? Não se preocupe com a hora. Caso a fome bata no nosso estômago, temos vários chocolates deliciosos bem aqui.

Aos poucos eu fui explicando detalhe por detalhe de Gdansk, os pontos turísticos e restaurantes, o meu tornozelo torcido, o museu, a sala de jogos, a lenda de romance trágico de Gdansk e até mesmo sobre a Fonte de Netuno, ofuscando ao máximo a participação de Thomas e focando na parte histórica. Por algum motivo, eu sentia um nó na garganta quando ia citar ele.

— Você parece ter caído de amores por aquela cidade, Helena.

— Como não se apaixonar, Benjamin? Em todo canto há um fato curioso. Eu observava as construções perguntando-me se eram uma das

várias a serem completamente refeitas ou se eram originais mesmo.

— Reconstruir uma cidade toda, quanto trabalho não deu? — questionou ele retoricamente, olhando para o nada.

— Gostaria que você estivesse lá, Ben. Poderia levar sua câmera fotográfica para refazermos aquela pose dos três mosqueteiros, mas desta vez na paisagem noturna do rio que passa bem no meio do lugar.

— Nós poderíamos escolher outras posições também para as fotos, criando novos marcos e referências. Algumas em dupla, por exemplo.

— É verdade, mas daria muito trabalho ter que tirar três fotos para formar todas as combinações de duplas possíveis entre mim, você e a Laura.

— E sobre o museu? Tinha mesmo exposições sobre alguns regimes totalitários?

— Sim! Até uniformes que os nazistas usavam e uma imitação da carcaça de uma bomba atômica. A Laura ficou assustada, pensando que era real. Foi engraçado.

— Quem colocaria uma bomba nuclear perto dos cidadãos? Ninguém seria louco o bastante, Helê.

— Eu não duvido, Ben. Levando em consideração que indivíduos já dispararam contra civis inocentes para demonstrar poder e “acabar” com uma guerra que praticamente já se deslocava para o fim.

— É, por esse ângulo... inúmeras famílias morreram sem nem saber o que estava ocorrendo naquele dia. Deve ter sido assustador e doloroso ser derretido e pulverizado de um minuto para outro.

— Benjamin, como você chuta que será a próxima guerra?

— Como assim? Não estamos em paz agora? Acho que o mundo se comoveu com a destruição provocada até 1945, não é?

— Eu não sei. Quanto mais estudo, mais eu percebo que aparentemente nunca existiu uma completa paz mundial. Sempre há conflitos violentos em algum cantinho, mesmo que esses não sejam tão divulgados pela mídia. Há pessoas sofrendo e morrendo pela pátria, em busca de uma tranquilidade utópica que nunca alcançam.

— E sobre a Fonte de Netuno? Você não falará mais sobre ela?

— Ah, foi um dos pontos mais entediantes. Você não está perdendo nada – menti.

Falamos sobre o retorno do meu irmão, da minha frustração com o fato de ele agora ter uma namorada e, por último, sobre a loucura que se desenrolara a respeito do meu pai. As sombras iam mudando de posição conforme eu deixava Benjamin a par dos assuntos. Embora o melhor tenha sido guardado para o final, ele não me apressou, permitindo que eu detalhasse as situações de acordo com os meus desejos.

Ele inspirou profundamente e soltou o ar antes de comentar.

— Uau! Eu também não teria disposição para frequentar a aula depois dessas reviravoltas. Era mesmo ele naquele dia da Colônia de Férias, mas o seu pai não estava lúcido o suficiente para entender se o que ele estava vivendo era real.

— Sim, eu falei palavras cruéis sem dar tempo para que ele se explicasse.

— Ele não te culpou, não tinha como adivinhar, Helê. Então era por conta disso que o seu avô Wicenty sabia como nos aconselhar. Ele

sempre esteve quatro passos à frente de nossos planos, colaborando de forma a revelar o mínimo possível para não estragar tudo.

— E o seu falecimento atingiu a família inteira. Minha avó afirmou que meu pai não conseguiu lidar com a falta do meu avô e a sua negação, aliada aos traumas já existentes, complicou o seu estado.

— Graças a Deus, você não explodiu, Helê. Mais de uma década resumida e descoberta em surpreendentes dois dias. Isso não é para qualquer um.

— Agora que sei do passado do meu pai, não posso me considerar forte. Você acredita que ele até riu em uma parte da história? Eu me imagino incapaz de encarar o mundo novamente caso estivesse na pele dele.

— O Bartolomeu é surpreendente e sua mãe também, por aguentar a falta dele. Não é de se estranhar que a filha dos dois seja tão impressionante – ele deu de ombros.

— Ei, nem comece! Desaprendi a lidar adequadamente com os seus elogios. Vou ficar vermelha como um pimentão.

Me dando conta do que acabara de falar, senti vontade de desaparecer. Quem admite algo assim? Foi como se eu afirmasse que alguma mudança estava me fazendo ter emoções diferenciadas.

— Como eu vou evitar? Cada vez que direciono a visão para você, enxergo mais e mais qualidades.

Ele obviamente estava exagerando muito. Se Deus tivesse criado alguém que se encaixasse naquela definição, claramente seria o Benjamin e não eu. Para contradizê-lo eu impulsivamente respondi:

— Igualmente. Se há uma pessoa neste planeta que reúne infini-

tas e positivas qualidades, é você. Mesmo um cego veria isso.

— Você acha? — ele deu uma risada sem jeito — É... Você tem desfrutado da visita de seu irmão?

— Sim! Meus pensamentos sobre Ísis se voltaram contra mim e eu aprecio a personalidade dela agora. A garota sabe trocar lâmpadas, você acredita?

— Não é tão complexo assim, Helê. Você acertaria de primeira. Mas é legal que ela esteja desconstruindo um pouquinho a nossa crença de que as tarefas têm que ser designadas de acordo com o sexo biológico das pessoas.

— Exatamente, Ben. É claro que cada um tem os seus pontos de destaque. A Amélia, por exemplo, tem mais força do que muitos meninos que eu já conheci. Acredito que também não faz sentido distribuir tudo igualmente, assim, do nada. Primeiro a pessoa tem que desenvolver as habilidades. Se você me pedisse para trocar a lâmpada antes da Ísis me ensinar, eu não teria a menor ideia de nem por onde começar.

— Para quase tudo na vida é assim, Helê. São raríssimas as coisas que já nascemos sabendo — ele complementou.

— Concordo plenamente contigo nesse aspecto, Ben. Mudando o tema, você diria que minha mãe e meu pai voltarão a ter um relacionamento amoroso?

— Como assim?

— Digo, eles ainda são casados perante a nossa religião, mas não é estranho que repentinamente sejam um casal de novo, com todas as transformações pelas quais passaram? Desculpe o assunto, é que não me sinto confortável para perguntar isso para ninguém em casa.

— Sem problemas, Helê. Pela lógica, eles mudaram significantemente. Mesmo nós dois, caso nos comparemos com nossas versões de apenas quatro anos atrás, notaremos o quanto diferente estamos. No caso deles, pelo que você contou, passaram-se aproximadamente 13 anos, ou um pouco mais, não é?

— Sim. Pelas minhas contas, foi por volta desse tempo mesmo.

— Eles terão que se redescobrir e conhecer quase que desde o início, na minha opinião. As manias, costumes, pontos de vista, entre outros, não são iguais, ou seja, eles não se identificam mais com vários traços do passado, incluindo com alguns que até atraíam o parceiro romântico.

— Então...? – sinalizei para que ele completasse o raciocínio.

— Para mim há uma probabilidade, mas dependerá exclusivamente dos dois. Ambos terão que verificar se ainda são compatíveis. Você aceitaria um conselho?

— Vindo de você, sim.

— Prepare-se para todas as opções e não se prenda em nenhuma delas. Não é certo obrigarlos a nada, pois é com a felicidade de ambos que estamos lidando. Se duas pessoas querem estar unidas, é necessário que isso seja de livre e espontânea vontade.

— Realmente, eu odiaria ser obrigada a namorar um garoto por pressão alheia. Se for para me envolver com alguém, eu teria que estar apaixonada, sabe?

— Acredito que sim...

— Você já se apaixonou, Benjamin? – aquela era uma pergunta que eu não havia feito para o meu amigo ainda e estava apreensiva sobre

qual era a resposta.

— Por incrível que pareça, sim – ele estava receoso.

— E como você soube? Como teve certeza que era amor?

— É abstrato. Como posso explicar? Existe uma menina que prende a minha atenção mais do que qualquer outra. Quando estou ao seu lado, me sinto envolvido e interessado, o meu coração palpita em alguns momentos e eu tenho que me segurar para não expressar absolutamente tudo o que se passa na minha cabeça. Afinal, isso deixaria os meus sentimentos óbvios demais.

— O que você pensa, Ben? – eu desconfiava que era demasiado intrometimento, porém aquilo era relevante para uma dúvida sobre mim mesma.

— Nada muito sério, sabe? Eu fico reparando nos seus detalhes, me impressionando com a sua estonteante beleza, em como a acho fofa e destemida, entre outras coisas. Eu almejo que os segundos se demorem quando estamos juntos, mas eles realizam o meu pedido ao contrário, pisando ainda mais brutalmente no acelerador.

Por que eu estava me identificando com algumas parcelas do discurso de Benjamin? Não era lógico que, logo eu, já tivesse me sentido assim também. E por que eu estava triste em saber que tinha uma garota que o interessava?

— Nossa Ben, você deve gostar mesmo dela! Pode descrevê-la um bocadinho?

Ele engoliu em seco, como se raciocinasse acerca dos rumos daquela conversa.

— Seus traços são muito bonitos. Ela possui algumas caracte-

rísticas relativamente raras por aqui, oferece sua ajuda sempre que eu preciso, tanto que já tive receio de atrapalhar suas atividades cotidianas. Ela é confiável, mas age de acordo com os seus instintos em certas ocasiões, o que eu acho um pouco perigoso, mas é incrivelmente divertido acompanhá-la, embora eu tenha medo de, em algum momento, não estar lá para apoiá-la nas enrascadas que se coloca. É como se essa menina me completasse. O que falta em mim, ela possui e eu gosto de pensar que sou do mesmo jeito para ela. Apesar das diferenças, também temos muitos pontos em comum e nos entendemos impressionantemente bem, quase como se possuíssemos telepatia. Ela incentiva meus sonhos, mesmo que isso signifique que a nossa amizade tenha que sofrer um pouco, e não se envergonha de demonstrar para centenas de pessoas que está do meu lado, mesmo que eu nem esteja vencendo. Temos uma confiança extraordinária. Eu posso ser meu verdadeiro eu com a convicção de que não receberei julgamentos da parte dela e vice-versa. Percebi isso quando notei que ela sempre me contava de suas confusões íntimas e adversidades, não segurava suas lágrimas ao meu redor e nem os sorrisos.

— E por que você não diz tudo isso para a menina? Claramente deve estar estampado em suas feições, ela só não detectou.

Dei esse último conselho com um nó na garganta e contra a minha própria vontade. Era como se o Benjamin precisasse de somente um empurrãozinho para avançar a sua relação com essa garota e isso não me agradava nem minimamente. Entretanto, o peso de ser uma boa amiga incluía fazer o que é melhor para a outra ponta; e não apenas ser egoísta.

— Essa é a questão, eu já contei — ele deu de ombros como se não soubesse de nenhuma outra opção para fazer com que aquela pessoa o interpretasse adequadamente.

— E a menina não captou a mensagem? Como assim? Para ser

mais direto que isso, só se você colocasse para fora com todos os sons e pausas a frase “eu te amo”.

— Você acredita que funcionaria, Helena?

— Obviamente! Se o que você contou for verdadeiro mesmo, ela provavelmente se encontra imersa nas mesmas emoções que você. É quase como se fossem um par perfeito.

Fechei a minha mandíbula, como se estivesse mordendo algo, para conter a repentina vontade de chorar que me tomou. Eu me peguei invejando aquela amiga dele, entretanto em hipótese alguma eu deixaria aquilo transparecer. Eu incentivaria meu amigo até o final, sem mais nem menos, independentemente dos meus ciúmes inteiros.

— Helena? – ele me chamou pelo nome.

Virei em sua direção, aguardando o complemento da frase e respondi com a voz fraquejando, apesar do meu esforço:

— Oi?

— Eu amo você.

— O quê? – eu fiquei paralisada.

— Você é essa garota, a única. Eu tenho considerado isso há algum tempo e, por mais que eu tente me convencer que estou errado, não adianta rivalizar com o meu interior. É você.

Embora nenhuma tábuia da casa da árvore se encontrasse podre ou infestada de cupins, o chão no qual eu me apoiava cedeu subitamente e eu só pude encarar o meu amigo com a boca entreaberta.

— Helena, você consegue me ouvir? – Benjamin passou a palma

da mão em frente ao meu rosto. Ele estava nervoso e inquieto.

— Mas você optou pela Laura naquele jogo, não faz sentido – o meu cérebro era um ambiente caótico naquele instante.

— Aquilo não significou absolutamente nada! O pessoal estava comentando coisas por trás com outras intenções. Eu estava começando a descobrir o que se passava dentro de mim e não queria que você fosse pressionada. Você não tem nenhuma obrigação de me corresponder, Helena. Eu dou muito valor à nossa amizade e, naquela época, temia que isso pudesse estragá-la. Então tentei inutilmente te superar, mas não deu certo.

— Então, você não estava me abandonando e sumindo conforme a névoa ficava mais densa? – recordei daquele terrível pesadelo.

— Absolutamente, não! Embora eu não tenha compreendido inteiramente a sua metáfora, desculpe se dei essa impressão. Como eu poderia?

— Eu estou sem palavras, Ben – comecei a apertar uma de minhas mãos com a outra pelo desconforto e confusão.

— Helena, se você não tem interesse romântico em mim, pode ser sincera. Eu não vim com nenhuma exigência de reciprocidade. Talvez eu demore um pouquinho para passar por cima disso, mas ainda te quero em minha vida. Você é uma grande amiga para mim, eu vou aquietando o meu coração até que ele cure e ame outro alguém, mas eu não quero, em nenhuma circunstância, te perder.

O que ele estava sugerindo? Só de cogitar deixá-lo para outra garota eu me arrepiava de medo. Não era mentira que ultimamente borboletas invadiram o meu estômago quando o Benjamin se aproximava, que eu reparava em seus traços e beleza involuntariamente e que meu

sangue fervia de aflição temendo que houvesse alguém especial no meio daquele grupo que o cercava quando descia do ônibus.

— Ben, por favor, não se precipite. Eu não estou te rejeitando, mas você poderia me dar um tempo para pensar? Sei que talvez isso seja pedir muito, mas encontro-me em uma bagunça tão intensa agora que nem sei o que fazer.

Ele soltou o ar que estava prendendo sem perceber e respondeu:

— Quando você estiver preparada, estarei aguardando que puxe este tema novamente então – ele abraçou os joelhos e enterrou sua cabeça neles – Estou tão aliviado por finalmente ter posto isso para fora.

Um silêncio desconfortável se estabeleceu. Benjamin levantou e bagunçou os meus cabelos.

— Venha! Vamos dar uma volta e saborear os chocolates antes que eles derretam.

Ele estendeu sua mão para que eu ficasse de pé também e eu a peguei.

— Nossa! Você estava corretíssimo, isso é delicioso! – elogiei com pedaço generoso do doce na boca e outro na mão.

— Você viu? É que eles têm tipos diferentes: alguns são recheados com morangos, outros com mousse de maracujá ou limão, que combinam demais com o chocolate ao leite.

— Exatamente. Nunca fica enjoativo, o que é assustador para o bem-estar do meu organismo, pois eu comeria facilmente uma caixa inteira, sem arrependimentos.

O Benjamin riu, mostrando seus brancos dentes e me oferecendo

uma trufa de mousse de limão, enquanto pegava uma de maracujá para si.

— Sabe o que cairia bem neste calor? – ele perguntou.

— Sorvete! – completamos juntos.

— Em uma posterior oportunidade, eu serei encarregada de aprender como cozinar sorvetes – afirmei, gesticulando positivamente com a cabeça.

— Mas acho que não se cozinha, e sim se congela, não é? – ele tinha que fazer essa piada óbvia e esperada.

— Antes de colocá-lo no congelador, temos que preparar a mistura, não é?

— Esse é um argumento irrefutável, Helena.

Passamos o restante da tarde em conjunto e quando o relógio se aproximava do final da tarde, Ben voltou para a sua casa.

Era incomum como tudo era descomplicado com ele. Mesmo com a nossa conversa na casa da árvore, o clima não ficou pesado ou embaralhado, pois passamos sobre isso rapidamente e aproveitamos a companhia um do outro. Se os relacionamentos amorosos fossem assim, eu não me incomodaria de talvez iniciar um com o Benjamin. Eu era capaz de nos projetar no futuro como namorados, resolvendo as brigas, fazendo compras, dividindo as tarefas domésticas, nos adaptando às transformações que viriam com o nosso amadurecimento. Meu Deus, o que eu estava fantasiando? Não era como se isso fosse acontecer e nem que eu já estivesse me declarando apaixonada. Quero dizer, agora eu até que enfim conseguia entender com palavras claras as reações físicas esquisitas que me atingiam em sua presença, mas, no fundo do meu

cérebro, alguém gritava, lembrando que eu sabia muito bem que eu já havia ficado daquele jeito com outra pessoa.

— Thomas – sussurrei para mim.

Eu seria hipócrita se fingisse nunca ter notado o modo como ficava estranha com ele também e que não o havia esquecido, apesar de sua atitude chata na volta a Lublin. Nós nos conhecíamos havia menos tempo e tínhamos uma intimidade visivelmente inferior à minha com o Benjamin. Então, por que ele ficava martelando na minha cabeça agora? Eu não desejava magoar o Ben e nem o iludir. Muito oportamente, eu torcia pela felicidade dele. Caso eu considerasse que o que determina se uma pessoa se apaixonou ou não fossem aquelas reações inexplicáveis, sem dúvida admitiria que o que ele sente por mim é recíproco. Mas não seria justo confirmar nada se eu não me resolvesse em relação ao Thomas e no que ele significava para mim.

O meu avô Wicenty me falou que era obrigação do amor entre um casal ser honesto e verdadeiro. Que se um dos indivíduos traísse, não respeitasse ou cultivasse esperanças com outro alguém, não valia a pena manter ou nem ao menos iniciar tal relação. Até onde era de meu conhecimento, minha avó havia sido fiel até o retorno do vovô e o mesmo valeu para ele. Muitos possivelmente demonstraram interesse em ambos, mas não foram retribuídos em nenhum segundo.

Eles eram os meus exemplos. Então eu almejava seguir seus passos naquele aspecto, ou seja, era um ou outro. Eu não me converteria em alguém que faz os outros de brinquedo para entretenimento individual.

Caminhei a passos largos até a cozinha para pegar alguns pedaços de batatas cozidas e fui pegar o Barth. Com a atual desordem da minha vida, eu não havia dado muita atenção ao meu amigo papagaio e esse erro necessitava de uma compensação.

— Oi, Barth. Tudo bem? Peço perdão pela demora, mas a sua agenda teria alguma brecha disponível para mim? – brinquei, oferecendo meu ombro para ele subir.

— Helena! Helena! Saudades – exclamou contente.

— Você teria paciência o bastante para escutar sobre as novidades e revelações que ocorreram nesta última semana? Inclusive, você não irá acreditar, mas acho que desvendei um dos primeiros mistérios sobre a paixão. Olha, recomendo que você não enfrente isso, afinal eu, que já tenho alguns parafusos frouxos, agora estou quase entrando em combustão. Mas não se desespere, Barth. Te deixarei por dentro de tudo. Assim, quem sabe se, diferentemente de mim, quando chegar sua vez, você já tenha uma ligeira noção para não criar falsas expectativas.



27



Pitadas de egoísmo

A porteira fez o seu característico ruído ao ser aberta e minha mãe passou por ela bocejando, sinalizando o seu cansaço. Antes que ela se aproximasse da cozinha, eu corri com as minhas pernas em modo turbo e a abracei.

— Oi, mãe! Bem-vinda! Agradeço a Deus pelo seu retorno.

— Boa tarde, Helena. Está tudo bem?

— Muito melhor agora que você chegou, mãe – afirmei. – Vamos tomar um lanche juntas hoje?

— Ótima sugestão. Mas aparentemente alguém se adiantou – com o polegar, ela limpou o chocolate que estava grudado do lado da minha boca.

— Ah, isso não é nada de mais. O Benjamin veio aqui hoje e trouxe alguns chocolates para dividir comigo, estavam deliciosos. Quando eu trabalhar eu compro um para que você experimente também.

— É cedo para pensar nisso ainda. Por ora, foque apenas em escolher a profissão que deseja seguir. Afinal, o mais importante é a sua felicidade.

— Combinado.

— Boa tarde, mamãe – minha mãe deu um beijo na bochecha da vovó Aurora.

— Veja só, que inesperado! – vovó deu uma risada estranha, surpreendida pelo carinho, e retribuiu com um beijo na testa de sua filha.

— Que bom que você chegou, Kataryna! Tenho algo para te contar e sei que você não vai se alegrar. Por conta disso, peço desculpas de antemão.

— Você me deixou preocupada, Bartolomeu. Desembuche logo, pelo amor do Criador.

— É sobre a Helena. Eu te esperei, pois você e a Dona Aurora são as principais figuras de autoridade da casa e, embora a Dona Aurora não tenha feito nada a respeito, acho indispensável que você saiba que a Helena trouxe um menino para casa hoje, enquanto você estava trabalhando. Tudo que tenho conhecimento é que o nome dele é Benjamin, se não me engano, e que estava confiante demais para o meu gosto, viu? Até me cumprimentou e não foi para casa, mesmo depois que eu o intimidei, questionando quais eram as intenções dele em relação à nossa filha. Perdão filha, eu sou novo em sua vida, mas algumas ações são intoleráveis. Eu te apoiaria em esconder qualquer outra coisa da sua mãe, mas os meninos são o meu ponto fraco.

— Você apoiaria ela a fazer o que, Bartolomeu? — exclamou minha mãe.

— Nada, senhora! Você escutou equivocadamente. Relaxa, Helena. Para outras coisas ainda estou do seu lado. É só para não revelar nossa estratégia para ela — meu pai fingiu sussurrar a última parte e eu balancei o pescoço negativamente, achando divertido.

Minha mãe colocou a mão na testa antes de explicar:

— Pode descansar em paz, o Benjamin é um amigo de Helena que nós conhecemos e ele sempre vem aqui. Nós não enxergamos problema nisso.

Meu pai colocou a mão no peito, puxou o ar profundamente com a boca aberta e se inclinou para trás, expressando indignação e surpresa, embora não estivesse sério.

— A minha filhinha tendo amizade com meninos? Eu estou fi-

cando velho mesmo.

Nós rimos com a sua reação e nos sentamos para comer pão com queijo branco.

— O que é esta agitação aqui? — perguntou Theodor ao surgir no corredor. A Ísis o seguia com a sua mão entrelaçada à de meu irmão.

— Oi, crianças. Venham repartir a refeição conosco — disse meu pai.

— Mãe, depois que você terminar, eu posso falar contigo?

Após o lanche, minha mãe e eu fomos até a sala para conversar em particular.

— Mãe, hoje a vovó Aurora relatou para nós como você era antes do meu pai se envolver com a marinha. Por favor, não leve isso como ofensa, mas eu não comprehendia alguns de seus comportamentos, como quando ficava brava repentinamente ou se afastava de nós, nunca expressando o que continha em seu interior.

Fiz uma pausa já esperando uma bronca, entretanto ela não veio. Desde que nos foi revelado que o Petroski era o Bartolomeu, minha mãe estava se metamorfoseando, ficando mais tolerante, gentil e alegre.

— Há algum tempo, eu nunca havia parado para refletir a respeito do quanto você sofreu durante todos esses anos. Quero dizer, na escola nós estudamos sobre como as famílias ficam devastadas quando os entes queridos vão para conflitos e não regressam, em como as esposas têm que se desdobrar em múltiplas partes para dar conta das tarefas e criação dos filhos, enquanto lidam com o próprio luto. Embora meu pai não tenha falecido, você passou por isso, não é? Pelo luto? De tanto que indivíduos do exterior te pressionaram, até que abandonasse uma

parcela de sua esperança.

— Helena, organizando as ideias assim, eu vejo que me identifico com a sua teoria. A morte é cruel, ainda mais para quem permanece vivo e tem que juntar os caquinhos de seu coração, mas a questão era que, já que nunca confirmavam nada, eu não sabia se podia me permitir trincar ou não. Afinal, caso minha dor aflorasse, seria o mesmo que admitir oficialmente que o Bartolomeu havia morrido. Não foi fácil, veja só, mais de uma década transcorreu e eu estava em um limbo entre esperar por ele e tocar a minha vida em diante. Porém, não era mais viável que eu permanecesse parada. Pelo meu próprio bem, eu precisava evoluir. Em um piscar de olhos, eu não era mais uma adolescente que recentemente se tornara adulta. Eu temia que, se continuasse com aquilo, minha existência iria passar sem que eu desfrutasse dela. Falar isso já é complexo, imagine então colocar em prática! Tentar ir em frente com qualquer atitude era angustiante. Se eu tirava um dos cabides dele do armário, já derretia em prantos e, apesar da crucial ajuda de sua avó, eu tinha que aprender a me virar sozinha, sabe?

— Então, mãe, depois do relato da vovó, caiu a minha ficha a respeito do quanto fui injusta com você. Tudo virou uma bola de neve e, depois do que eu fiz na Colônia de Férias, descemos ladeira abaixo como se tivéssemos desencadeado uma estrondosa avalanche. Era como se o ponto da crosta terrestre que estava entre nós rachasse, se separando e formando um profundo abismo.

Flashbacks surgiram diante de mim, fazendo com que eu notasse quantas chances de nos aproximarmos nós havíamos perdido, por conta do orgulho e falta de diálogo. Quando ela explodiu quando o Benjamin trouxe aquelas balinhas uma vez, eu poderia ter tentado entendê-la, em vez de apenas julgar, pois ninguém toma atitudes extremas sem que esteja em seu limite. Quando ela era rude, eu podia sugerir que buscássemos resolver as nossas diferenças, ao contrário de somente esbravejar

e me chatear.

— É verdade, filha. Nos distanciamos de uma forma muito triste.

— Então... desculpe, mãe. Por eu ter sido grossa, incompreensível e ignorante quando se tratava de você. Se eu pudesse viajar para o passado, faria tudo de um modo diferenciado – garanti.

— É claro que eu te desculpo, Helena. Eu também peço perdão. Não tinha como você simplesmente adivinhar sobre a minha situação. Eu tranquei ou me desfiz de tudo que era sobre o seu pai, te privei do conhecimento de vários fatos que eram direito seu de saber, eu ocultei parte da sua própria história. Estava tão desesperada em proteger a infância de vocês e a minha própria sanidade que não me atentei que, na verdade, eu não poderia preservar vocês de tudo que traz aflição, que como donos dos próprios narizes, vocês não se contentariam em trilhar o caminho reto que eu estabeleci. O Theodor sempre foi mais tranquilo e, por ainda ter memórias de seu pai, não me contradizia muito. Assim, fiquei em choque quando você cresceu e se mostrou tão decidida. Mesmo que você fosse tão pequena na época a ponto de não se lembrar dele, começou a nos perguntar sobre ele, quando eu te neguei as explicações, você foi atrás delas sozinha. O meu desespero foi avassalador. “Eu estava perdendo o controle e você sofreria com a realidade”, era só nisso que eu pensava e, no final das contas, sua dor foi ainda maior pela minha decisão.

— Não foi culpa de ninguém, mãe. Fomos jogados de um lado para o outro sem nem ter chance de arrumar uma estratégia para sair daquela bagunça. Então... era sobre isso que você e a vovó estavam discutindo naquela noite, quando a ouvi dizer que, se você não me contasse sobre algo, ela o faria?

— Helena, por que bisbilhotou pela casa naquele momento, de

madrugada?

— Mãe, com todo o respeito, você está desviando do foco! Vamos ignorar esse pequeno deslize – balancei as mãos, indicando que aquilo não era importante.

— Vai passar apenas dessa vez, hein! – ela levantou as sobrancelhas.

— E minha resposta, mãe? Folhas em branco não são aprovadas na minha sala.

— Tudo bem, você ganhou. Era sim por causa de seu pai que eu e sua avó discutimos naquela madrugada. Satisfeita?

— Sim, senhora.

— Eu quero participar desse bate-papo que vocês estão tendo aí no canto – fomos surpreendidas pelo meu pai, que entrou na sala anunciando sua presença. Atrás dele estava o restante de nossa família.

— Sabe o que me daria água na boca? O peixe fresco no jantar de amanhã. Por que não nos beneficiamos do verão e vamos pescar no lago da região?

— Boa sugestão, vovó. Aposto que a Ísis vai amar experimentar um peixinho cozido – concordou Theodor.

Tive uma excelente noite. Assim, com a minha disposição renovada, fui pegar o ônibus na manhã seguinte.

— Bom dia, Benjamin. Tudo bem? – cumprimentei.

— Bom dia, Helena. Estou ótimo, e você? Ah, eu havia reparado ontem, mas esqueci de comentar: que pingente bonito! Quando você o

conseguiu?

— O quê? De qual pingente você está falando, Benjamin? — fiquei pálida.

— Dessa estrela meio alaranjada. Que está na sua pulseira.

— Ah, este aqui? Nem me recordava dele. Na realidade, é uma história engraçada. Você não acreditaria. Na minha sala tem um novo aluno chamado Thomas. Cheguei a citá-lo na nossa conversa? Então. Acontece que eu mencionei que queria ter um pingente que representasse Gdansk na minha pulseira, afinal, não seria legal se, além das pessoas, eu também colecionasse marcos de minhas viagens? Então ele passou em frente a uma lojinha de âmbar e comprou para mim, me entregando quando fomos na Fonte de Netuno — soltei as últimas palavras de forma quase inaudível.

— O quê? Não escutei o finalzinho, Helê. Pode repetir? O que tem a loja de âmbar? — ele levou a orelha para mais perto da minha boca.

— Eu ganhei a estrela do Thomas, na Fonte de Netuno — engoli em seco.

Benjamin limpou a garganta, mexeu os ombros e se arrumou no banco.

— Ah, naquele ponto turístico sem graça que você foi? Então é uma pedra preciosa que simboliza esse tal de Thomas?

— Não, não. Primeiramente eu pesquisei em minhas anotações escolares dos anos anteriores e o âmbar não é considerado uma joia, e sim uma resina endurecida muito antiga, que foi originada de árvores do período da pré-história.

Um silêncio pairou antes que eu percebesse que havia a outra

parcela da pergunta.

— Ah, e não é um símbolo que remete ao Thomas, mas sim à cidade Gdansk. Considero o primeiro de muitos que vou comprar, ou ganhar, no caso.

— Vocês foram com a Laura? Ele também a presenteou com algum objeto?

— Olha só, que coincidência! A Laura escolheu ir para outro ponto turístico, então ela não nos acompanhou. Apenas outros alunos os quais eu não tenho tanta afinidade, sabe? – dei uma risada forçada.

— Entendi. Vocês dois foram a um encontro? – ele estava desconfortável.

— Claro que não, Benjamin! Não faça essas piadas sem graça. Foi um passeio normal entre amigos, onde pulamos uma cerca juntos e brincamos de guerrinha de água, escapamos da bronca do guia e inclusive, veja que engracado, o guia, que por sinal era chamado de Rogério, até desconfiou que era um encontro, assim como você, mas eu obviamente neguei e, mesmo que o Thomas tenha ficado quieto e abaixado a cabeça, tenho certeza absoluta que ele concordava. Não interessa que ele tenha me convidado exclusivamente, é que temos muitos assuntos e criamos uma afinidade por algumas razões muito específicas que não cabe a mim te falar, pois são informações confidenciais dele. Mas não se preocupe, porque não foi nada de mais, está bem? – estava nervosa, então o meu discurso foi três vezes mais acelerado do que minha fala normal e eu gesticulei muito com as mãos.

— Vocês compartilham até segredos que não podem me dizer? – o Benjamin olhou para a janela e mordeu o lábio inferior, para esconder sua frustração – enfim, eu não tenho nada a ver com a sua vida pessoal e você pode sair com quem você quiser... Ah, chegamos na minha escola.

Que pena! Já vou indo. Até amanhã e boa aula.

Ele se apressou, pegou sua bolsa e foi para as portas automáticas. Nem mesmo acenou para mim da entrada de sua escola, ultrapassando os portões sem enrolação.

“Parabéns Helena, o Benjamin se declarou na tarde passada e agora ele tem conhecimento que outro garoto te chama para encontros e te presenteia. O que falta? Ele deduzir que você o está traindo e iludindo e partir para outra?”, resmunguei mentalmente.

— Oi, Laurinha...

— Bom dia, Helen... Meu Deus! Que cara é essa? Sua expressão está tão sem vida quanto a de um zumbi – Laura se impressionou com o meu estado.

— Acredito que me desentendi com o Benjamin – cocei o pulso.

— Por quê? Vocês raramente brigam. Foi algo sério?

— Ele se declarou para mim ontem e hoje descobriu que fui a um “encontro” - aparentemente, todos consideram aquilo um encontro, exceto eu - e que o Thomas me deu um pingente de âmbar na viagem.

— Encontro, âmbar, declaração? Quantas horas eu dormi? Achei que estivesse doente, pois faltou ontem, não que estava com o Benjamin.

— Não fique brava nem surpresa ainda. Eu mencionei que meu irmão voltou, que conheci o meu pai e sua trágica e árdua trajetória, que acho que estou com o meu coração dividido entre dois meninos distintos, que minha avó relatou uma face mais gentil da minha mãe que eu antes nunca conhecera, que eu e minha mãe nos resolvemos e que eu inesperadamente estou me dando bem com a namorada do Theodor?

— Helena, nós voltamos de Gdansk não tem nem quatro dias e noites completas ainda. Você não acha que são muitos acontecimentos para menos de uma semana?

— Exatamente, Laurinha! Tirou o caos que está na minha mente da minha boca.

— Festa do pijama na minha casa esta noite para esparecer e narrar as novidades?

— Isso soa perfeito, Laura. Conversarei com a minha mãe, ou com os meus pais. Enfim, provavelmente estarei liberada sem qualquer objeção, então pode considerar como um sim – a felicidade de ter meu pai aqui trazia muitas estranhezas, afinal, além de meu avô, eu nunca tive nenhuma outra figura masculina de autoridade e ainda não conseguia enxergar meu pai assim, seriamente, pela falta de costume.

— Combinado, Helena. Não vire o pescoço agora, mas alguém está se aproximando de nós – ela estava com um largo sorriso.

— Quem? – dei meia volta com o meu corpo e quase esbarrei em Thomas.

— Oi, Helena.

— Bom dia. Então parece que alguém resolveu parar de me ignorar, não é mesmo? – soltei uma indireta precisa, pois não tinha amnésia.

— Sobre isso, desculpe pela viagem de volta. Eu estava pensativo e não me sentia com energia para manter uma conversa agradável. Então preferi ficar mais quieto.

— Nem eu engoli essa, Thomas. Até o Edgar viu que você foi grosso naquele dia. Existe algum motivo oculto e encoberto, não? – Laura concordou comigo.

— Acho que você me pegou, Laura. Mas não quero falar sobre isso agora, é um pouco particular – ele afirmou, sem jeito, pela acusação – Será que eu posso ter um instante privado com Helena? – ele olhou para o lado, evitando contato visual.

— É claro que sim. Até na aula, Helena.

Quando Thomas estava de costas para ela, Laura arregalou os olhos e colocou a mão na boca, muito animada. E, antes de seguir seu caminho, ela sinalizou um “Boa sorte” para mim em libras. Eu respondi com um “Vá embora” com uma expressão brava. Assim ela deu um risinho e saiu.

— O que você está fazendo com as mãos, Helena?

— Nada não, Thomas. Apenas dando “Tchau” para a Laura em libras.

— Eu desejo somente resolver um mal-entendido entre nós dois. Em Gdansk, quando o guia Rogério teorizou que estávamos em um encontro, eu não concordei com você imediatamente e ele continuou com sua suposição.

— Sem problemas, Thomas. Eu imaginei que você havia ficado tímido.

— Em uma posterior proposta, me certificarei de que você entenda antecipadamente que iremos a um encontro, para que não restem dúvidas e nem um dos dois tenha falsas expectativas. Eu não especifiquei no bilhete em Gdansk, foi um erro meu.

— Oi? – aquela súbita onda de sinceridade fez com que o meu cérebro travasse.

— Até na aula, Helena. Vou cumprimentar a Rita, o Edgar e a

Amélia. Tchau.

Permaneci imóvel por alguns segundos. Que indivíduo arremessava uma bomba daquelas e simplesmente virava as costas e saía andando, como se não fosse nada de mais? Eu não estava acostumada com esse lado de Thomas que ia direto ao ponto.

— Estou em casa, vovó! – anunciei a minha presença.

— Que bom, Helena. O almoço está servido.

— Vovó, a senhora acha que minha mãe deixa eu dormir na casa da Laura hoje?

— Honestamente, a Kataryna anda com um temperamento tão suave ultimamente que deixaria até você ir acampar sozinha, caso desejasse. Hoje seu irmão vai pescar com o Bartolomeu, você irá junto? Guardarei um pedaço do peixe para que você coma amanhã, caso você vá para a Laura ao anoitecer.

— Eu agradeceria eternamente a senhora. E acredito que vou sim.

— Todos já comemos, Helena. Só falta você – avisou Theodor.

Ele, Ísis e meu pai já estavam prontos para a pescaria, com os equipamentos nas costas, baldes com iscas que cheiravam mal e trajados de roupas adequadas.

— Me esperem, viu! – exclamei.

— Ah, meninos e Ísis, não se esqueçam deste repelente que eu fiz caseiramente. – minha avó entregou um borrifador cheio para o meu pai.

Terminei, lavei o meu prato, me arrumei e os segui.

— Me passa o repelente, Theodor. Aqui tem mais pernilongos do que imaginava – pedi enquanto coçava as minhas canelas.

— Raciocine rápido! – ele jogou o frasco para o alto, esse fez um trajeto em formato de semicírculo antes de cair em minhas mãos.

— Obrigada! Ísis, como você está aguentando?

— Eu borrifei o repelente na pele exposta previamente, Helena. E também já me acostumei a levar essas picadas. Então elas não me tiram mais do sério.

— Crianças, imitem o mestre. O primeiro passo é pegar a maior minhoca do balde e espetá-la no anzol.

Senti um refluxo subindo quando a ponta de metal fez o líquido viscoso do interior da minhoca espirrar. Entretanto, eu o contive.

— Eu vou optar pelo milho, pai.

— Alguém está com nojo de uma minhoquinha, Helena? Que vergonha!

— Saia já com essa minhoca de perto do meu cabelo, Theodor. Se eu tiver que o lavar de novo hoje, vou fazer você desembaraçá-lo, além de te jogar no rio.

— Quer tentar a sorte? Vamos ver quem cai primeiro na água?

— Shiu! Vocês vão assustar os peixes – repreendeu Ísis.

— Pelo menos a minha nora conhece as práticas e segredos milenares da pescaria.

— Pai, acredito que a Ísis só será sua nora oficialmente depois que ela e o Theo se casarem – corrigi.

— Portanto devemos apressar este casório “para ontem”.

— Já é tarde demais, senhor Bartolomeu – Ísis riu pela piada antiga.

— Em um minuto, vocês estão cheios de reclamações e dor de cotovelo por eu ter uma namorada e em menos de uma semana já planejam o meu casamento, sendo que nem pus um anel no dedo da Ísis ainda.

— Eu não estou apressando ninguém, são paranoias do nosso pai, me deixe fora disso. Embora eu acredite que a vovó ficaria contente e que permitiria que vocês dividissem o mesmo quarto – dei de ombros.

— Acho que seria mais adequado se nós tivéssemos nossa própria residência – comentou Ísis, puxando os nossos olhares para ela.

— Em Lublin, certo? – mostrei um sorriso amarelo.

— Quem sabe? – Ísis voltou as palmas das mãos para cima em sinal de indiferença.

— Peguei um! Ah, você não vai escapar peixinho! Pode se debater o quanto desejar, até cansar, mas se eu não te tirar da água, meu nome não é mais Bartolomeu!

— Vai, pai! Eu acredito em você! – torci.

— Eu sabia que esse cretino iria desistir. Eu faria o mesmo se me encontrasse em um confronto de vida e morte com o Bartolomeu aqui.

Meu pai ergueu a vara de pesca com destreza e convicção, até

que seu orgulho foi por água abaixo quando o anzol emergiu do rio com uma bota grande e velha na ponta.

Eu e meu irmão caímos na gargalhada, enquanto Ísis tapava sua risada com a mão, para não entristecer o futuro sogro.

— Mas eu senti que estava se debatendo... — meu pai largou a vara e cruzou os braços, descontente.

— Às vezes era a alma penada reclamando que alguém estava roubando o único calçado dela — brincou Theo, no meio de seu riso.

— Helena, o seu irmão sempre foi atrevido assim? Aparentemente já tenho a minha favorita — ele colocou as mãos nos meus ombros.

— Isso não é justo! Ela também riu alto — Theo protestou.

— Estou chocada com essa sua face invejosa que era oculta para mim, Theo.

— Ah é? Veremos quem terá a vantagem até o nosso retorno — ele correu em minha direção, com demasiada determinação.

— Nem pense. Sai daqui, Theodor! Não! — ele me jogou no rio e eu tampei minha respiração conforme meu corpo afundava nas águas turvas e cheias de animais aquáticos, como girinos e peixes.

Nadei até a borda e me agarrei na lamaçenta margem para me levantar. Meu sangue fervia, apesar do frio. Então peguei dois bolos de barro e espalhei nos cabelos do Theodor, sem que ele reagisse rápido o bastante.

— Como você ousa? Eu sou mais velho. Onde você enterrou o seu respeito?

— Desculpe, Theo, ele deve ter caído do meu bolso quando fui arremessada no rio sem nenhuma piedade, mas se você quiser nadar e procurá-lo, sinta-se livre.

— Nossa, Ísis! Ele é enorme! Qual isca você usou?

Ela estava tirando o anzol da boca de um enorme e gordo peixe. Se eu adivinhasse, diria que ele sozinho seria o bastante para satisfazer a família em uma refeição.

— Apesar do barulho, ele não fugiu. Eu peguei um pequeno usando um grão de milho azedo, então apostei tudo e usei minha própria conquista como isca. Aparentemente obtivemos sucesso.

— Extraordinariamente genial! Que estratégia. Tenha aulas particulares com a sua namorada filho, você está precisando.

— Mas eu nem tive a chance de tentar pescar. Esperem e verão!

— Ah, não. Fiquei cansado. Vamos voltar para casa, crianças? – meu pai se alongou, esticando as pernas e o tronco.

— Concordo, pai. Enfrento um caso grave de necessidade de banho, com bastante sabão. Além disso, levarei uma era para ajeitar o meu cabelo e ir para a Laura.

— Vocês venceram, mas somente porque estou com o cabelo lotado de lama, não é, Helena? – o meu irmão provocou.

— Isso mesmo, enquanto eu estou encharcada. Não me surpreenderia se um girino escorregasse dos meus cachos, não é, Theodor?

Abrimos a porteira e a Ísis recebeu os parabéns da minha avó pelo seu feito. Minha mãe já havia chegado, então aproveitei para citar o convite de Laura.

— Eu permito que você vá sim, Helena. Peça para o Theodor te acompanhar, pois já está ficando muito escuro.

— Que bom que você está aqui, mãe. Já entreguei os presentes da Helena e da vovó Aurora, mas falta o seu – Theo foi ao seu quarto e retornou. – Aqui está.

— Nossa, filho! Muito obrigada. Eu sempre quis provar deste vinho, mas ele é raríssimo. Não me diga que você gastou seu suado dinheiro com isso! Você sabe que não precisava – Minha mãe apparentava estar contente enquanto segurava a garrafa.

— Me deparei com um comerciante que estava vendendo e recordei que você comentava que existiam vinhos de qualidade superior a outros, citando esse nome como exemplo. Que bom que te agradou, mãe.

— Eu até permitiria que você experimentasse, Theo, entretanto para mim você ainda não atingiu idade suficiente. Eu sei que você cresceu, mas deixe-me aproveitar a sua imagem infantil que ainda guardo. É uma pena que a senhora, mãe, não aprecie muito bebidas alcoólicas e que o Bartolomeu se embriague com poucos copos, portanto não esteja em condições de beber – ela transparentemente que não queria dividir.

— Pare de espalhar tais calúnias, Kataryna. Sou forte como um leão – ele colocou as mãos na cintura e ajeitou a postura.

Me lavei e arrumei uma mochila com pijama, troca de roupa, algumas frutas para entregar à mãe de Laura como forma de agradecimento, escova de dente, um chinelo e minha toalha.

— Até amanhã, amo todos vocês – me despedi, mas minha mãe gritou meu nome.

— Graças ao Criador que vim a tempo. Adquiri coragem para organizar meus antigos pertences, então achei um álbum de fotografias que acredito que será de seu interesse, filha. Você pode explorar antes de ir para a casa da Laura se desejar. Uma dica: tem algumas imagens do seu avô, além de outras que você nunca viu antes – ela piscou e estendeu os braços com um livro, o qual continha várias fotos em saquinhos separados.

— Por que não nos juntamos na sala de estar para isso? – sugeriu.

Me posicionei no meio do sofá e abri o álbum, com eles ao meu redor.



22



A peça que faltava

Conforme eu me aventurava por aquelas antigas fotografias, eu era preenchida por um emaranhado de sentimentos. Ver os meus avós em sua juventude era praticamente como entrar em outro tempo. Eu era capaz de enxergá-los com outros olhos, pois a partir daquele instante eles não eram mais o vovô Wicenty e a vovó Aurora que sempre possuíram cabelos grisalhos e ruguinhas, e sim uma versão amadurecida daquelas figuras cheias de energia e sonhos, que foram registradas no papel. Se pudéssemos adentrar as imagens e conversar com as pessoas de lá, eu aconselharia que os dois ficassem calmos em relação à preocupação de se apagar conforme os anos, pois a minha avó é boa e brilha como o Sol, enquanto a luz de meu avô ainda reflete e ilumina os nossos passos, mesmo após a sua partida. Diria para aquela Aurora, que fora obrigada a se despedir de sua alma gêmea, não agitar demasiadamente o coração e não o encher de angústias, pois o seu esposo certamente retornaria, sendo preciso apenas um pouco de paciência.

Era a primeira vez que eu via uma fotografia de minha mãe grávida e isso me fez questionar se ela sorria caso soubesse qual seria o futuro dos filhos ou como seriam as suas aparências durante a adolescência. Me perguntei se eu fazia muita bagunça no interior de seu ventre, chutando suas costelas ou fazendo qualquer outra ação que causasse desconforto. As mulheres grávidas que eu conhecera sempre comentavam sobre isso, embora afirmasse que tudo valia a pena, pois significava que suas crianças estavam saudáveis e animadas, além de estabelecer uma, segundo elas, inexplicável conexão entre a mãe e o bebê.

Outrossim, embora já fosse de meu conhecimento que imagens carregavam histórias, eu não esperava descobrir que meu pai fora um dos responsáveis pela construção da casa da árvore, que é o meu refúgio até os dias atuais.

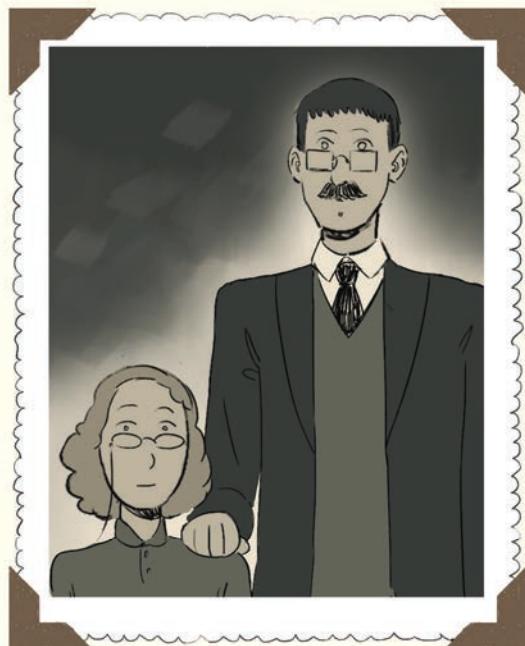
Admito que observar as lágrimas que escorriam pelo rosto de minha mãe, no dia em que o meu pai precisou nos deixar para prestar

serviço na marinha, me entristeceu. A partir daquela data, uma trajetória de imensa luta e perseverança começou a ser trilhada, a qual seria a responsável por criar diversas cicatrizes em toda a família.

Ademais, ter acesso a frames do cotidiano que agora pertenciam ao passado foi uma experiência imensamente fascinante. Eu gostaria de ter conhecido a minha tia avó Tarsila, com a qual sou tão parecida, e os nossos outros parentes. Eu me encontrava curiosa a respeito de suas personalidades e de como seria a nossa interação.

Acredito que todas as residências deveriam guardar álbuns de fotografias e mostrá-los aos seus descendentes, afinal, é interessante olhá-los, pois promovem momentos que unem a família a partir da retomada de velhas lembranças e, além disso, eles nos auxiliam a sempre manter as memórias daqueles que não estão mais neste mundo físico ainda vivas e próximas.

Já que aqueles registros de memórias não eram mais um segredo, e que havia plásticos sobrando sem nenhuma foto, eu prometi para mim mesma que continuaria a preenchê-los com novas recordações, que mostrariam para a Helena do futuro momentos após ter reencontrado o seu pai e reuniões com os amigos, mesmo que eles viesssem a seguir por longínquos caminhos conforme o decorrer dos anos.















23



O baile de máscaras

— Este livro de receitas doces é sensacional! Olha a obra-prima que criamos, mesmo sendo inexperientes na confeitoria! – balancei a cabeça em satisfação.

— Nada melhor que uma *szarlotka* para um lanchinho noturno – concordou Laura, enquanto lavava as mãos novamente.

— Eu já peguei a forma e misturei todos os ingredientes da massa, Laura. As maçãs já estão cortadas?

— Perfeito, Helê. Agora temos que colocar a massa no forno e ir preparando o recheio. As frutas já estão picadas em tiras bem fininhas para enfeitarmos a torta no final.

— O que vocês estão cozinhando, meninas? – a mãe da minha amiga questionou.

— É surpresa, mãe. Você e meu pai podem esperar no sofá? Já vamos servir nos pratos e levar para que vocês provem.

— Com todo este suspense, minhas expectativas estão altas.

— As nossas também. Tomara que funcione – torci.

No final, ficaram semelhantes a uma espécie de bolo recheado e demasiadamente fofinho. Arrumamos um pedaço em cada pratinho e enfeitamos fazendo um coração de chocolate na porcelana. Então esprememos limões para fazer uma limonada azedinha que cortasse o gosto excessivo de açúcar na boca.

— Maravilhoso! Decretarei uma regra para produzirmos mais desses. Dá até para vender e ter uma rendinha extra! – exclamou a mãe de Laura.

— As duas me surpreenderam. Eu dei uma espiadinha naquele

negócio grudento que vocês mexiam na panela e não fiquei muito otimista. Mas vocês quebraram minhas expectativas de modo positivo.

Laura e eu batemos palmas, comemorando o nosso sucesso. Depois pegamos nossas porções e fomos para debaixo dos cobertores para conversar. Atualizei minha amiga a respeito dos últimos acontecimentos, deixando o assunto dos meninos por último. Ela me desejou forças para aguentar tudo aquilo e garantiu que eu poderia contar com ela caso a situação apertasse e eu necessitasse de ajuda para solucionar algum problema ou apenas para espairecer.

— Helê, sobre os garotos, o que você vai fazer? Está apaixonada por algum deles em um nível superior – ela deitou na cama e escorou o queixo no travesseiro.

— Ah, Laurinha! Se eu soubesse eu conseguiria acabar logo com isso. Acho que o Benjamin ficou com ciúmes do Thomas, não que eu o julgue, sabe? Eu também fiquei em relação a eles por bem menos. Eu quero ser sincera com ele, mas como falar? Não vou encará-lo e soltar algo assim: “Oi, Benjamin. Tudo bem? Então, eu sei que você foi honesto e tudo mais, entretanto eu estou indecisa entre você e outra pessoa. Então, por favor, não ame outra, mas também não me cobre nada até eu tomar vergonha na cara e escolher, como se os dois estivessem em uma prateleira e fossem produtos”.

— Realmente, eu não recomendaria que ninguém se expressasse assim, caso se interesse em manter qualquer amizade – ela deu uma mordida no outro pedaço da torta de maçã que havia buscado.

— Eu devo chorar enquanto me empanturro de *szarlotka* na esperança de que uma fada milagrosa surja e conserte o meu coração, Laurinha?

— Hum... talvez sim? – ela levantou os ombros, indicando que

não sabia.

— Ah, eu sou um ser humano horrível, quero desaparecer da face da Terra – abri os braços e soltei o peso do meu corpo na cama.

— Relaxa, cedo ou tarde isso vai ser resolvido. Você vai madurecendo a ideia. É igual quando pensamos na nossa futura profissão. Analisamos as vantagens e desvantagens de muitas, entretanto as opções finais nem sempre têm lógica para todo mundo. Afinal, escolhemos pela razão e pelas nossas abstratas preferências.

— Não sei afirmar se eu comprehendi, Laura.

— Que tal assim? Quando nós fazemos amigos, note que nem sempre desenvolvemos intimidades com aqueles alunos mais inteligentes ou populares, embora, de uma vista ampla, isso traria alguns benefícios. Acabamos nos aproximando daqueles nos quais mais nos identificamos. Percebemos uma compatibilidade e harmonia. Perceba também que nem sempre isso ocorre com aqueles que são mais semelhantes a nós. Apesar de ter alguns critérios mais racionais, como o de sair com aqueles que gostam de frequentar os mesmos estabelecimentos que você, também há um fator abstrato que nos guia.

— Mas como eu vou saber qual fator é esse?

— Não cabe a mim impor minha opinião, mas acho que só você é capaz de esclarecer isso. Afinal, é o seu romance.

— Você acha que Benjamin e eu formaríamos um casal legal? Não seria esquisito para o trio? – perguntei.

— Não. Ficar de vela é para os fracos. Eu obviamente iria impor normas que proibissem abraços e essas palhaçadas nos nossos momentos de diversão.

— Mas você não ficaria chateada por termos encontros sem você, Laura?

— Convenhamos, Helena. Isso já acontece, como no ônibus ou mesmo ontem, quando ele se declarou para você. O que unicamente iria mudar seria o planejamento dessas ocasiões – ela deu uma piscadinha.

— O que você está insinuando, senhorita Laura? – ergui uma sobrancelha.

— Nada. Somente que alguns beijinhos e abraços fofos seriam acrescentados no cronograma. Ou vai me dizer que você nunca pensou em beijá-lo?

Joguei um travesseiro no rosto dela, que afastou o prato com um dos braços para protegê-lo.

— Helena, muito cuidado! Acerte-me, mas não minha comida. Os meus pulsos estão doloridos de tanto bater ovo para formar as claras em neve e não tenho o intuito de desperdiçar nenhum pedacinho.

— Graças ao Criador não a temos como autoridade no governo. O estopim que desencadearia a Terceira Guerra Mundial seria um assalto ao estoque de doce de leite do seu castelo – brinquei.

— Os governantes têm esse tipo de estoque? Que inveja! Helena, esqueça isso de emprego, vamos aplicar um golpe de estado para ter esses privilégios.

— Não fale assim, Laura. Está semelhante a alguns grupos que tomaram o governo de alguns lugares justamente para satisfazer seus próprios caprichos e que enganaram o povo, iludindo-o engenhosamente.

— Temos que conter essa ironia e sarcasmo. Se falássemos isso

perto de alguma real autoridade por engano, geraríamos transtornos.

— O que podemos fazer? A crítica está tão explícita que chega a coçar a ponta da língua. Acredito que a população em geral esteja saturada de tantas promessas vazias.

— A garganta ficou até amarga após esse tema. Vamos à cozinha pegar mais um pouco da torta, antes que meus pais ataquem.

— Para mim, nós éramos as formigas, não?

— Helena, aprenda com a profissional: se a refeição ficou boa, ela será extinta em um piscar de olhos. Esse é, inclusive, um dos critérios que os chefes usam para saber se suas invenções falharam ou não.

— Então teríamos que esperar para ver, não é mesmo?

— Helena. Preste atenção! Você tem irmão, então já não é mais um pequeno gafanhoto nesse campo de batalha. Você tem dúvida que a torta ficou apetitosa?

— Não.

— E qual era a consequência de você deixar a última fatia do bolo de chocolate, que a sua avó fez, na geladeira para comer mais tarde?

— O Theodor a consumiria antes que eu o impedisse. Ah... captei a mensagem, capitã Laura! É de crucial relevância para a concretização da missão de comer mais que disparemos para a mesa imediatamente.

— Me siga, iniciante soldada.

Para a nossa felicidade, uma fração ainda permanecia na forma. Era o bastante para repartirmos e nos saciarmos.

Escovamos os dentes, trocamos de roupa, nos vestimos com pijamas e nos arrumamos para dormir.

— Não roube o cobertor inteiro para você mesma, viu Laura — provoquei.

— O mesmo vale para você, Helena. Da última vez, eu acordei de madrugada apenas com o lençol, enquanto a senhorita estava enrolada como um burrito.

— Você está insinuando que eu sou desprovida de inteligência, Laura?

— Por acaso se esqueceu da aula de história? Burrito é uma comida que tem sua origem naquele país chamado México.

— Vamos testar essa receita? Quais são os ingredientes necessários, Laurinha?

— Eu desconheço, Helena. Só vi no livro aquele dia, mas nunca ouvi falar do modo de preparo ou dos recursos usados.

— Que pena! — lamentei dramaticamente.

— É verdade. Agora vamos deitar logo, senão pareceremos zumbis cheios de olheiras amanhã. Boa noite, Helena — ela apagou a luz.

— Boa noite. Até amanhã.

Despertei cheia de energia. Fiquei de pé e abri as cortinas. Assim o quarto se iluminou com aquela intensa luz natural.

— Para que isso? Só mais cinco minutinhos, por favor — ela resmungou.

— Deus ajuda quem cedo madruga. Vamos, Laura! Estou com

um ótimo pressentimento. Eu vou tomar café sozinha, estou avisando.

— Estou indo. O engraçado é que na sua casa você até se atrasa, né? — ela suspirou.

— Lá são outras circunstâncias. Você acha que eu serei um mau exemplo aqui?

— Seja um péssimo exemplo só um bocadinho — ela bocejou.

— Nem pense em deitar de novo, mocinha. Eu concretizo minhas ameaças.

— Ontem você reclamou que o Theodor te puxou pelas pernas em uma manhã. Hoje eu percebo que qualquer semelhança não é mera coincidência.

Nos aprontamos e Laura mostrou o caminho para o ponto de ônibus. Eu não veria o Benjamin, pois pegaríamos um veículo distinto do que ele usufruía.

— Bom dia, Rita e Amélia — cumprimentei.

— Por que vocês apresentam expressões tão opostas? — questionou Laura, afinal a Rita estava demasiadamente alegre, enquanto a Amélia, carrancuda.

— Vocês não ficaram por dentro das novidades? Algum professor deu a “brilhante” sugestão de continuarmos seguindo a tradição do baile anual da escola, pois a festa é teoricamente agradável. Como se um baile já não fosse irritante o bastante, nos incomodaremos com os preparativos em plena época de aulas — Amélia revirou os olhos.

Eu havia me esquecido completamente do fato de que o nosso colégio era famoso por esse evento. Aparentemente sempre era muito

bem planejado e memorável. Quase todos os estudantes ficavam animados com ele.

— Não fala assim. É uma oportunidade perfeita para usar roupas bonitas e maquiagens elaboradas. Ah, eu costurarei o meu próprio vestido e posso até alugar alguns que fiz para experimento e diversão. Aposto que algumas alunas se interessarão. Se avisassem com mais antecedência, eu faria uma agenda para confeccionar vestidos lindíssimos por preços acessíveis.

— O estado permite isso? — questionou Amélia.

— É algo informal, eles não têm que saber — Rita piscou com só uma pálpebra.

A professora Alicja interrompeu uma das nossas aulas para dar os recados.

— Bom dia, turma! Tudo certinho com vocês?

— Bom dia, professora Alicja — respondemos em conjunto.

— Eu vim aqui para avisá-los sobre uma excelente notícia: em uma reunião, os professores votaram pela confirmação do acontecimento do baile da nossa escola. Ele acontecerá daqui a três semanas, na sexta-feira. Um baile de máscaras, portanto é legal que todos estejam caracterizados. Sobre a localização: conseguimos chegar em um consenso com o diretor de uma outra escola e ele concordou em ceder o seu campo no período noturno da data estipulada, ou seja, talvez vocês encontrem alguns colegas de outros colégios, pois, ao todo, três participarão da festa.

— Professora, quais são essas outras escolas? — levantei a mão antes de falar.

Assim que ela pronunciou o nome das instituições de ensino, Laura e eu reconhecemos instantaneamente que uma delas era onde o Benjamin estudava. Então começamos a nos comunicar silenciosamente e disfarçadamente em libras.

“ Não havia como ser mais perfeito! ”

“ Se eu estivesse na sua pele, não ficaria tão aliviada, Helena. ”

“ Como assim? O nosso trio retornará ao brilho! ”

A professora Alicja deu as últimas instruções. Assim, Laura e eu continuamos a nossa conversa quando o professor que ocupava aquele horário virava-se de costas.

“ Você já sabe qual dos dois será o seu par? Thomas ou Benjamin? Não pode enrolá-los eternamente, isso é errado. O Thomas sabe da declaração do Ben? ”

“ É claro que não. Só falei com ele ontem, não sei como reagir depois que ele foi tão direto daquela maneira. Estou desconfortável. ”

— Helena, o seu braço se encontra dolorido? Você o está movimentando de um jeito esquisito. Quer ir até a enfermaria? — sugeriu o professor.

— Não, senhor. Estava testando um alongamento incomum que prometia diminuir os estalos dos ossos dos dedos. Mas claramente era uma mentira.

— Ah, sim. Vou prosseguir então — ele se virou de novo.

“Ainda bem que poucos indivíduos conhecem as Libras. ” — sinalizei.

“Não sei, Helê. Se eu fosse alguém com deficiência auditiva acharia estrondosamente entediante conseguir dialogar com somente específicos indivíduos. Isso complicaria as tentativas de cultivar amizades.”

“Esse argumento é irrefutável, Laura.”

A nossa turma ficou responsável pela decoração do baile. Assim, fomos avisados que as últimas aulas seriam disponibilizadas para que nós estipulássemos as funções para cada pessoa.

— Então, gente. Vocês têm ideia de como a decoração pode ser feita? — questionou Laura.

— Podemos pintar um cenário em folhas de papel e colar nas paredes — alguém sugeriu.

— Mas não será do lado de fora? Acredito que temos que pensar em enfeites que possam ser arrumados no campo e que não sejam caros nem complexos — comentei.

— Já que será de noite, poderíamos colocar uma iluminação semelhante àquelas luzes pisca-pisca, sabe? — Edgar falou.

— O que vocês acham de colocar flores no centro de todas as mesas? — sugeriu.

— Ah, e forrar as mesas redondas com longas toalhas brancas. Além disso, acredito que dará um toque a mais se arrumarmos os talheres e pratos previamente — disse outro aluno, muito empolgado.

O bate-papo seguiu. Laura foi anotando as escolhas definitivas para que depois fosse mais fácil distribuir os papéis. Quem diria que a minha amiga possuía uma liderança natural, sem que ela ou ninguém notasse? A Laura já estava à frente de todos os preparos e os alunos

tiravam até dúvidas com ela.

Os dias se passaram conforme os preparativos eram feitos. Tudo ia de acordo com o planejado. Decoração, comida, limpeza, fotógrafos, tudo estava sendo resolvido enquanto as salas se comunicavam entre si para solucionar possíveis problemas.

— Helena, eu estou exausta — Lara se jogou no sofá da casa dela.

— Quem diria que daria tanto trabalho organizar um baile, não é mesmo?

— Nem me fale, Helena. Tem tantos detalhezinhos, sabe? Quantas mesas serão colocadas, qual a altura da iluminação, quais flores serão colocadas e quando serão colhidas para não murcharem até a data proposta. É muita coisa! E por que os outros alunos da nossa sala sempre perguntam as coisas para mim? Não é como se tivessem me elegido como chefe nem nada assim.

— Pesada é a coroa de quem tem o talento de liderar pessoas. Você praticamente exala responsabilidade e confiança, Laurinha.

— E ainda temos que nos preocupar com as nossas fantasias e pares para a festa. O Benjamin ainda não te questionou sobre isso? Você sabe que é uma tradição as garotas chamarem os meninos.

— Não... Ele não comentou nada a respeito — engoli em seco e olhei pela janela.

— Helena, você continua enrolando ele e o Thomas, não é? O seu tempo está acabando. O que vai fazer com esta situação?

— Ah, eu não sei. Está bem? Eu não faço a menor ideia. Laura, eu não defini nem as cores das minhas roupas ainda e a Rita está me apressando para isso.

— Eu não vejo a hora de ela nos entregar as fantasias! A Rita costura maravilhosamente e tem bom gosto e criatividade. Ela até confeccionará as máscaras por conta própria. Vamos ficar magníficas.

— A minha avó ficou um pouco chateada por não poder assumir essa tarefa, mas eu estou muito curiosa para experimentar a criação da Rita.

— Soube que a agenda dela ficou lotada. Ela disse mesmo que determinaria preços acessíveis. Se tivéssemos mais um mês ela poderia ter aceitado outros trabalhos. Mas voltando ao assunto, o que você fará? Não chamará nenhum dos dois?

— Honestamente, eu não sei qual das três opções é a pior: Thomas, Ben ou nenhum dos dois. Que massada! – disse em tom melancólico e sentei ao lado de Laura, escorando minha cabeça em seu ombro.

— Como você se sentirá se eles forem chamados por outras meninas?

— O quê? Você acha que isso vai acontecer? – endireitei a postura e a encarei.

— Levante as suas pálpebras, Helena! É claro que vai! Tanto o Benjamin quanto o Thomas não são de se jogar fora e provavelmente atraem a atenção de outras alunas. No seu lugar eu aceleraria em vez de adiar o convite.

— Laurinha, eu vou chorar. O que você escolheria no meu lugar?
– falei exagerando no drama propositalmente.

— Nem tente jogar essa bomba para mim. Pesada é a coroa de quem é indecisa.

— Não vale jogar as frases da amiga contra ela mesma. Isso é

um golpe baixo.

— Sério, Helena. Isso não precisa ser tão complexo, não é como se você estivesse apontando quem será seu futuro marido. É só um baile escolar. Além disso, como você foi se apaixonar pelos dois de uma vez?

— É complicado, Laurinha. Sempre me senti ligeiramente diferente em relação ao Ben, sabe? Porém isso começou a ser forte recentemente. Ademais, quando eu consegui estabelecer palavras que conceituassem os meus sentimentos, eles já existiam pelo Thomas também. E se eu for com você, Laura?

— Sinceramente eu tinha alguém em vista, mas essa pessoa será obrigada a acompanhar a prima mais nova. Eu iria tentar arranjar um par para ela, mas posso abrir mão disso por você.

— Mas eu não quero te atrapalhar, Laura. Espera, quem?

— É do mesmo colégio do Benjamin. Eu o conheci naquela confraternização na casa do treinador, depois da partida de futebol americano, mas não se incomode. Embora eu não recomende que você aja dessa forma, me acompanhar geraria uma desculpa aceitável para não chamar nenhum dos dois. Mas você seria obrigada a lidar com as consequências disso. Não vá ficar carrancuda enquanto encara os pares deles. Não é possível mesmo destacar um dos meninos, Helê?

— Ah, Laurinha! A relação que eu tenho com os dois é diferente, sabe? Não dá para pesar na mesma balança, ou, como diria Theodor, medir a massa.

— Quando o Thomas se tornou especial para você, Helena? — ela mordeu uma fatia de pão com manteiga que havia pegado.

— Eu diria que fomos desenvolvendo uma expressiva confiança

gradativamente. Outrossim, conforme ele ia me mostrando outros traços de sua personalidade, como a sua face sentimental e a ligeiramente travessa, porém sem exagerar, eu ia me envolvendo sem perceber – apoiei o queixo na palma da mão – E você nem precisa questionar sobre o Benjamin, não é? Ele frequentemente despertava essas reações estranhas no meu coração e não é de hoje. Entretanto eu não entendia o significado delas no começo.

— Um antigo amor e o novo menino da classe. Quase como em um filme.

— Eu diria que a história está mais para um amigo de infância e um romance proibido – afirmei, sem pensar muito ao recordar que parte da família do Thomas acreditava no nazismo antes de eles fugirem.

— Como assim, Helena? - ela parecia confusa e eu revi meu lembrete mental de que não tinha contado para ela sobre os segredos dele.

— Nada não, Laurinha. Estava apenas deixando que palavras aleatórias saíssem da minha boca, me perdi em devaneios, não estava muito atenta. Desculpe.

— Tudo bem então... eu acho. A senhorita não está ocultando nenhum elemento?

— É claro que não! Por que eu mentiria sobre esse tema, Laurinha? – dei uma risada forçada e sem jeito. A Laura apenas ergueu as sobrancelhas e ignorou.

— Sei...

Na manhã seguinte, eu mal aguentava permanecer na escola. Em todos os cantos havia alunos se convidando para o baile. Em algumas ocasiões, os dois apenas nutriam uma amizade. Em outras, eram casais

fofinhos que já namoravam ou que tomaram coragem para se declarar.

— Qual é o problema das pessoas nos corredores hoje, hein? — reclamou Amélia.

— Isso é misterioso e entediante — concordei.

— Parem agora de se manterem nessas auras mal-humoradas. É simples: basta vocês pedirem para alguém as acompanhar — disse Rita cantarolando.

— Falar é fácil, mas não vi você com ninguém, Ritinha. Tenho a impressão que agir assim é praticamente dar em cima da pessoa — argumentou Amélia.

Rita nos mostrou um sorriso de orelha a orelha e admitiu que tinha alguém em mente. Então se afastou por conta de uma colega de classe que desejava pedir sua opinião a respeito dos acessórios que combinariam com o vestido dela.

— E você, Edgar? Já tem algum par? — perguntou Amélia.

— Por enquanto, não. A pessoa que eu acreditei que fosse requisitar a minha companhia não o fez, e não tive vontade de aceitar quando outra colega de classe propôs.

— O quê? Você rejeitou alguém? — Laura estava impactada.

— Quem foi a louca que fez o pedido para você? Faltava um parafuso no crânio dela, só pode! Você deveria ter aceitado antes que fosse tarde demais.

— Amélia, não se iluda. Todos aqui sabem que você não me acompanharia por ter medo que o seu brilho fosse ofuscado pela minha elegância — ele ergueu os ombros de brincadeira, fingindo ser metido.

— Ai, ai Edgar? O seu senso de humor atingiu outro patamar. Ninguém sequer repararia em você, se caminhássemos juntos.

— O quanto você estaria disposta a apostar nisso? – ele provoucou.

— Por uma aposta já ganha? Absolutamente tudo – disse Amélia com convicção.

— Uma semana de tarefa de casa para quem estiver com a melhor aparência?

— Fechado. Só não vale reclamar de dor nos dedos de tanto escrever depois.

Os dois se encararam como predadores e partiram para lados opostos.

— Foi a minha imaginação ou eles combinaram de ir para a festa juntos, Helena?

— Laurinha, eu estou tão chocada quanto você. Eles são quase como cão e gato.

De volta à minha casa, eu comi, tomei banho e levei o Barth para o sofá.

— Boa tarde filha! – cumprimentou o meu pai enquanto escovava os dentes.

— Boa tarde, pai – olhei para o meu papagaio e para o meu pai – Posso confirmar uma teoria com você?

— É claro. Qual teoria? – ele foi ao banheiro para enxaguar a boca e voltou, levemente apreensivo por não ter ideia de minhas supo-

sições.

— O nome do Barth é uma homenagem a Bartolomeu? – eu não havia confirmado aquilo oficialmente, embora aparentasse ser bastante lógico e óbvio.

— Ah, era sobre isso filha? É sim. Ele entrou para a nossa família previamente à minha partida para servir a marinha. Então a Kataryna anunciou que ele seria nomeado pelo meu apelido, assim os músculos do rosto dela não se desacostumariam a pronunciá-lo, mesmo com a minha ausência. Eu não fui contra, pois, ao meu julgamento, era uma homenagem extremamente adorável.

— Vocês eram um casal muito fofinho – inclinei a cabeça e afirmei.

— Sim, eu acredito que sim – ele encarou o chão e segurou um sorriso mantendo os lábios fechados, provavelmente repassando uma memória na qual eu não tinha acesso.

O Barth subiu na minha cabeça e bagunçou um dos meus cachos com o bico. Eu ofereci as costas da minha mão para que ele subisse, uma de suas patas enroscou no meu cabelo, então eu o ajudei a se libertar e acariciei suas asas coloridas.



24



A decisão inicial

Querido diário,

Os dias voaram e o baile será hoje à noite. A minha turma conseguiu cuidar das nossas responsabilidades a respeito da decoração na data prevista. Assim, os professores já levaram todas as informações e enfeites feitos para a escola de Benjamin, deixando a execução por conta dos alunos de lá, que montarão o cenário como planejamos.

Embora eu não acreditasse que me encontraria assim, estou bastante ansiosa para esse evento. Será a primeira vez que participo de algo do gênero, portanto não tenho uma devida noção a respeito de quais expectativas eu posso ou não criar. Tenho esperanças de que essa se torne uma boa memória da minha adolescência, afinal será uma das primeiras vezes que ficarei tão elegante para uma ocasião. Quem confeccionou as minhas roupas, e as de Laura também, foi a nossa amiga Rita. E quando experimentei, apenas confirmei o que já tinha certeza: elas ficaram deslumbrantes e se encaixaram perfeitamente com o nosso estilo.

Mas não é somente nisso que se resume minhas preocupações. O céu está nublado neste exato momento. Então eu estou cruzando os dedos para que as nuvens se dispersem ao invés de derramarem água sob o gramado que abrigará a festa.

Prestando atenção na rápida forma como as nuvens refazem os seus contornos e os desenhos que cobrem o inalcançável e imenso azul, que agora estava cinza, lá em cima, eu me coloquei a pensar a respeito de todas as transformações que ocorreram em minha vida recentemente e em seus significados. Li na escola sobre um filósofo chamado Heráclito, que afirmava que era impossível se banhar em um mesmo rio mais de uma vez, pois, já que as águas estavam sempre fluindo e se renovando, esse sempre estaria diferente do passado. Então comparei a lógica dele com a nossa existência, no sentido de que a vida também

vai se metamorfoseando conforme as nossas novas experiências. Assim nós também não permanecemos com as mesmas características eternamente, e sim evoluímos a cada segundo.

Veja só: eu não sou exatamente a mesma Helena do ano passado. Mesmo contra a minha inicial vontade, eu precisei amadurecer em vários aspectos e descobrir mais fatos sobre mim. Eu estou perdendo gradativamente o medo de crescer, sabe? Embora eu não queira me tornar cinza, sou capaz de ver caminhos pelos quais eu posso seguir sem perder a minha essência, aquilo que nos faz ser únicos e ter a nossa identidade.

Ademais, conclui que é interessante observar a influência que os indivíduos ao nosso redor exercem sobre nós. Graças ao Criador, estou cercada por pessoas maravilhosas - algumas que sempre se fizeram presentes e outras que foram chegando repentinamente, como a Rita, o Edgar, a Amélia e o Thomas. Os quatro foram incluídos no meu círculo de amizades recentemente, mas para mim já são muito importantes. Eu aprendo novas coisas sobre biologia, me divirto com sua personalidade e vejo os acontecimentos por diferentes ângulos com o Edgar, me alegra com o jeito meigo e distraído de Rita, que tem ideias malucas e inteligentes, vive em seu próprio universo e tem um impressionante desempenho em várias habilidades. Eu também me encanto com a determinação e resistência de Amélia, que continua com seu sonho em mente. Apesar de muitos afirmarem que não é uma profissão adequada para nenhuma menina, ela não desiste e nem se abala. Na realidade, acha forças para continuar surpreendendo cada dia mais. Além disso, eu também me comovi com o esforço de Thomas, que estuda, trabalha no café para ajudar a família nas contas e ainda consegue ter boas notas e pesquisar sobre assuntos de seu interesse. Outrossim, suas atitudes e travessuras salientaram que é possível, sim, escapar ligeiramente das regras e ter um pouco de adrenalina sem causar grandes desastres. Sua história

quebrou alguns preconceitos que eu guardava, mostrou que cada caso deve ser analisado de um modo conforme a situação e que, se pararmos de julgar tanto, deixamos de perder possíveis amizades tão sensacionais.

Há também a Laura e o Benjamin. Não compartilhamos o mesmo sangue, entretanto eles se posicionam ao meu lado em todos os momentos. Nossa relação foi construída em uma base bem forte. Embora o plano da Colônia de Férias tenha falhado, ele serviu para nutrir a nossa lealdade e testar a nossa confiança e capacidade de ficar unidos mesmo quando as consequências de nossos atos são ruins. Eu devo muito aos dois por serem essas pessoas maravilhosas que jamais me abandonam. Eu espero que o Criador permita que eu e a Laura continuemos melhores amigas mesmo depois do fim do ensino médio e que eu e o Benjamin não nos afastemos mesmo que para conquistar os nossos objetivos tenhamos que enfrentar uma certa distância. Quero que aqueles limitados minutinhos sentados um próximo ao outro no ônibus, atualizando nossas conversas, continuem existindo.

Ah, querido diário, acredito que eu ainda não tenha te contado sobre minhas recentes descobertas. Basicamente, eu acredito que talvez esteja apaixonada. Após pensar muito nesse tema, notei que dentre os amigos que citei anteriormente para você dois possuíam um lugarzinho diferente na minha cabeça. Sempre surgiam na minha mente e ficavam indo e vindo, como se eu não me cansasse de reparar em seus detalhes e qualidades. Eles me causavam emoções esquisitas, batimentos cardíacos acelerados e asas inquietas batendo dentro do meu estômago. Benjamin e Thomas, esses são os nomes. Se você me perguntar o porquê da minha indecisão, eu não saberia responder, pois ao mesmo tempo que posso colocá-los no mesmo pacote, eles são indescritivelmente distintos. Assim, eu não diria que ambos têm o mesmo significado para mim, mas também não afirmaria que um deles nitidamente se sobressaia aos

meus olhos por enquanto. Mas não se desespere, meu paciente diário, pois não possuo intenções de iludir e enganar ninguém, apenas de me compreender.

Desviando um pouco do tema, vou te atualizar acerca do meu pai, o Bartolomeu. Agora ele oficial e definitivamente está morando conosco e começou a trabalhar nas plantações da nossa família, enquanto não tem nada mais em mente. Eu particularmente desconfio que ele fique lá por algum período, pois já que antes de servir a marinha ele morava com a minha mãe, aprendeu muito sobre a terra e as plantas com o vovô Wicenty, tornando-se visivelmente competente na função de cuidar do cultivo de nossos alimentos, das pragas que surgem periodicamente e tentam prejudicar a colheita, da qualidade do solo e dos adubos necessários para melhorá-lo, dentre outros. Minha felicidade em ter o meu pai por perto novamente é clara para qualquer um. Não era do meu desejo que ele sofresse tanto e nem que fosse obrigado a enfrentar aqueles desumanos desafios, mas fiquei aliviada ao saber que agora ele finalmente retornou para o nosso lar.

Admito que tenho algumas dificuldades em enxergá-lo integralmente como uma figura de autoridade em casa, afinal não fui acostumada a ter a atenção chamada pelo meu pai e nem a ouvir a sua opinião sobre os assuntos cotidianos. Entretanto, eu o respeito demasiadamente e minha admiração cresce sem regresso.

A minha mãe se transformou da água para o vinho. Aparentemente ter o esposo de volta renovou suas energias e restaurou suas esperanças em geral. Ela é mais carinhosa e calma com a gente. Sorrisos em seu rosto tornaram-se rotineiros e ela transmite brilho e alegria genuínos.

Você deve estar curioso para saber como o relacionamento deles está se desenrolando. Bem, segundo as palavras que saíram da boca de

meu pai e da de minha mãe pessoalmente, eles começaram a namorar de novo. Meu pai possuía plena consciência de que o casamento deles não seria magicamente restaurado após cerca de 13 anos de separação, então nem tentou forçar nada. Ele falou que minha mãe não precisa se preocupar, pois ele conquistará naturalmente o coração dela novamente. Eu achei a atitude bastante romântica e esfreguei os olhos para me certificar de que não estava alucinando quando vi minha mãe corando e mostrando uma expressão muito fofo. Eles seguem as regras da nossa religião como se não estivessem unidos pelo matrimônio e até dormem em cômodos separados. Eu não quero te influenciar a entrar para um time, querido diário, mas eu particularmente torço para que eles ainda sejam compatíveis, ambos não foram culpados pelas circunstâncias que levaram meu pai para longe de nós, e, na minha opinião, seria extremamente injusto se o universo não autorizasse a volta deles como casal ou simplesmente tomasse a harmonia e amor que um dia ambos compartilharam. Todavia, sou obrigada a esperar o desenrolar disso nas próximas páginas, assim como você.

Aproveitando que estamos falando sobre namorados, Ísis e Theodor continuam ótimos. O meu irmão está caidinho por ela, que parece ser demasiadamente prendada, gentil e querida pela família. No início, eu estranhei o fato dos pais dela terem aprovado aquela viagem para a nossa casa, afinal não é nada comum que uma garota vá para outro local sozinha com o namorado, sem nenhum acompanhante que seja um parente dela. Coincidentemente, a vovó Aurora questionou a respeito disso, e o Theodor respondeu que, pelo excelente comportamento da namorada, honesta personalidade e ótima capacidade de julgar o caráter de outros indivíduos, os pais de Ísis depositam uma densa confiança em cima dela. Assim, concordaram que Theodor a levasse por algumas semanas desde que eles o conhecessem antecipadamente e tivessem uma data determinada para o retorno da filha. Eu me impressionei, pois nem era capaz de me imaginar tendo um relacionamento

tão tranquilo com a minha mãe, mas não era certo julgá-la, afinal eu já havia aprontado mais do que a média das outras crianças e adolescentes. Além disso, era chocante o quanto o Theodor havia amadurecido, chegando ao ponto de ser confiável para os pais de uma garota. Apesar de seu jeito costumeiramente irritante comigo, seu rosto tinha um ar mais sério e adulto. Ele verdadeiramente não era mais um jovem sem expectativas para o futuro. Sua carreira como cosmonauta literalmente estava decolando, o que não era de se estranhar, pois meu irmão normalmente era dedicado àquilo que era preciso para atingir suas metas. Se eu fosse um chefe que trabalhasse naquele ramo, obviamente gostaria de manter um funcionário com tanto potencial, estudo, habilidades e motivação como o meu irmão.

Como eu queria que o vovô Wicenty estivesse aqui para testemunhar essa evolução do meu irmão, para me aconselhar a respeito de Thomas e Benjamin, para dar os parabéns pelo namoro de Theo e Isis, ficar contente ao ver meus pais caminhando pelo sítio de mãos dadas novamente, contar fábulas ou só para estar presente fisicamente, permitindo que eu o abraçasse com todo o meu vigor! A saudade é tanta que não cabe dentro de mim e a possibilidade de me contentar a nunca mais ver as ruguinhas de seu rosto se acentuarem quando ele sorria e a ir esquecendo qual era o exato e específico tom de sua voz, ainda me despedaça.

Eu sou a pessoa mais bilionária do mundo por ter tido a chance de conviver com meu avô Wicenty. Ele era um homem que fazia a sua parte mesmo quando ninguém estava olhando, era muito inteligente e tinha as melhores histórias guardadas em seu cérebro. Eu desejava, do fundo da minha alma, poder agradecê-lo. Ele usou a habilidade de discrição, que foi desenvolvida na época em que era espião, para guardar segredo sobre o retorno do meu pai até que fosse a hora certa. Ele ligou para o instituto da marinha por quase uma década para perguntar

sobre o seu genro Bartolomeu, me ajudou a encontrar meu pai mesmo sem expor isso claramente, e elaborou todo um plano que possibilitou o reencontro da nossa família atualmente.

No final, só posso dizer que a minha árvore genealógica jamais estará completa, não sem o meu avô Wicenty, e está tudo bem. Raramente vamos encontrar alguém com uma árvore genealógica inteirinha e mesmo que isso aconteça, infelizmente alguns galhos vão secando conforme os anos. Concluí que as famílias são como as florestas: constituídas de árvores que contêm os mais variados formatos e que vão sempre crescendo, conforme alguns membros abandonam este mundo e outros vão surgindo. A família de Benjamin, Thomas, Laura e a de todos os meus colegas sofrem por algum galhinho que acabou secando sem aviso prévio e que agora faz falta.

O ciclo da vida nem sempre é gentil e nem é obrigado a satisfazer os nossos anseios. O Criador leva os indivíduos de volta para o seu lado quando julga que está no horário e não é nossa função criticá-lo. Apesar disso, podemos ficar tristes e nos desfazer em prantos livremente, pois embora os nossos sentimentos não tragam os entes queridos para os nossos braços, eles transparecem toda a importância que aquela pessoa teve aqui na Terra e o quanto ela foi especial para nós. Sentir nos faz humanos, ter a alegria tem o custo de aceitar aquelas emoções que não nos fazem ficar animados e amar alguém implica na chance de sofrer pela partida desse, dividir suas dores, mas também multiplicar a felicidade.

Aprendi com a minha avó Aurora, querido diário, que tudo tem suas vantagens e desvantagens e que sempre é possível dar a volta por cima nos obstáculos, independentemente do quão cruéis eles sejam.

Eu sei que eu conseguiria ficar aqui eternamente, entretanto marquei com a Laura para nos arrumarmos juntas na casa dela. Então

aqui me despeço de você. Garanto que continuarei te guardando em um lugar adequado para que não seja danificado e que cuidarei de ti, mesmo que passe alguns meses sem escrever em suas folhas. Até logo.

— Helena, será que eu coloco as luvas ou não?

— Eu acho que essas luvas pretas até o cotovelo combinam absurdamente com o seu vestido, Laura. Seria um complemento para a criação da Rita.

— Ela é extraordinária, não é mesmo? Quem diria que já teria esses vestidos quase prontos? Só foi preciso alguns reparos para servir em mim. Eu adorei!

Minha amiga estava com um vestido longo, sem alças ou mangas. Ele era preto no começo e ficava um rosa clarinho na barra, a partir de um degradê muito bem feito, que mesclava vermelho, roxo e rosa.

— Você está belíssima, Laura. Eu não poderia imaginar um tema mais incrível do que esse para o baile. Digo, em qual ocasião poderíamos usar esses trajes deslumbrantes? — girei observando o movimento da minha própria roupa.

— Como você acha que os meninos estarão? — questionou ela.

— Essa é uma ótima pergunta, Laurinha. Eu não faço a mínima ideia. Talvez com ternos e algumas máscaras? — dei de ombros.

— Ah, deixa eu terminar de fechar os botões nas suas costas, Helena — ela se aproximou e eu joguei o meu cabelo para a frente.

— Tomara que eles não enrosquem nos meus cachos. Isso seria chato.

— Acho improvável, Helê. Mas caso aconteça, eu te ajudarei.

Não fique ansiosa. De uma coisa eu tenho certeza: usar o cabelo solto destacará ainda mais a sua boa aparência – ela deu uma piscadinha.

— O que eu seria sem você, Laurinha? Minha melhor amiga, acompanhante para o baile, assessora de moda, o que mais?

— Professora nas matérias que você tem dificuldade. Se bem que você me ensina também, então acredito que isso não seja válido. Ah, já sei! Que tal auxiliar na elaboração de planos fadados ao fracasso, como referência a Colônia de Férias?

— Genial! – nós duas rimos – mas e o seu cabelo? O que fará nele?

— Estava pensando em usar algumas mechas para fazer uma tiara de tranças. Já faz anos que eu não uso esse penteado e ele combina com qualquer evento.

— Não consigo discordar de você a respeito disso. Eu não sou muito habilidosa com tranças, mas se você precisar de ajuda, basta pedir – garanti.

— Obrigada, Helena. Já que estamos adiantadas, o que você acha de uma maquiagem mais elaborada, com um pouco de ousadia, ao invés de passarmos apenas um gloss nos lábios? Estava pensando em fazer um delineado em mim e minha mãe tem alguns brilhos de cor clara que ficariam divinos em você.

— Nada nos impede de tentar, não é? Se falharmos, lavamos o rosto e voltamos ao plano inicial. Fomos espertas em começar a nos arrumar logo cedo.

— Realmente. Me pergunto como será que a Rita se vestirá. Ela normalmente aproveita ao máximo essas ocasiões em que pode usar

peças diferenciadas do cotidiano.

— Já eu estou curiosa a respeito de quais bandas se apresentarão. Seria muito divertido se alguma tocasse uma música de jazz.

— Você recriaria a dança no restaurante, naquela vez em Gdańsk?

— Seria ótimo, mas acho que tem alguns momentos que não vão mais voltar, infelizmente – dei de ombros.

Nós finalizamos a nossa preparação. Contrastando com o de Laura, o meu vestido era da cor champanhe, clarinho como a máscara. Ele tinha um leve decote de coração e uma fenda na parte da frente que revelava o meu joelho quando eu andava com passos largos.

— Meninas, venham aqui! Façam uma pose para que eu tire uma foto. Vocês estão tão lindas, precisamos registrar este momento! – disse a mãe da Laura, demasiadamente animada com a situação.

— A senhora poderia me dar uma cópia mais tarde? – pedi.

— Com certeza, Helena! Agora usem a criatividade para posar e fiquem paradinhas quando eu ordenar.

Os pais de Laura nos levaram até o colégio de Benjamin, pois já estava de noite e, assim que nós chegamos, eles foram embora e determinaram um horário para nos buscar.

— Helena, nós fomos geniais! A decoração está do jeitinho que descrevemos no papel. Os outros alunos fizeram um ótimo trabalho colocando tudo em prática.

Olhei ao redor do campo, as mesas foram posicionadas em dois grupos, deixando uma passagem no meio para a circulação das perso-

as. Como decretamos, elas eram redondas e forradas com toalhas brancas que quase encostavam no chão. Os talheres, taças e pratos foram previamente arrumados e papoulas vermelhas em recipientes de cristal translúcido estavam posicionadas no centro. Além disso, seis cadeiras de madeira cercavam cada uma delas. Logo à frente, estava um espaço que servia como pista de dança e um palco fora montado para que as bandas tocassem.

Embora as luzes do campo em si não estivessem acesas, ele era iluminado por lanternas brancas com luzes amareladas que foram amarradas em fios e penduradas em espécies de pilares de madeiras que podiam ser removidos do gramado depois.

Todo o ambiente, mesclado com a aparência dos convidados, possuía um ar de fantasia e perfeição, que deixava a paisagem muito bela.

— Uau! – suspirei.

— Venha, Helena! Não fique aí parada, vamos aproveitar a festa! – Laura enroscou o seu braço no meu e nós nos misturamos entre as pessoas.

Eu estava seguindo minha amiga quando ela repentinamente colocou as duas mãos nas minhas bochechas e virou o meu rosto.

— Para o seu próprio bem-estar, eu recomendaria que você não olhasse para lá, Helena. Porém, te conhecendo, eu sei que você não seguirá meus conselhos. Então estou reforçando que, quando confirmarmos que viríamos juntas, você já sabia que isso aconteceria. Portanto, sem melancolia, é tarde para mudar de ideia e não estrague sua noite por conta de arrependimentos. Combinado?

— Eu nem sei do que você está falando, Laurinha. Agora me sol-

te, senão vou ficar vermelha como se tivesse exagerado na maquiagem.

Antes mesmo de terminar a minha frase, eu entendi o que minha amiga estava querendo dizer quando vi o Benjamin. Ele estava usando um casaco vintage azul escuro, com detalhes em dourado. Na realidade, toda a sua roupa estava nessa paleta de cores. Para o meu incômodo, uma menina que eu não conhecia caminhava ao seu lado elegantemente.

Dei um suspiro fundo e comentei:

— Não há nada que eu possa fazer agora, além de engolir o meu ciúme, não é?

— Pois é, Helê. Vamos para outro canto – ela deu uma pausa antes de prosseguir – Quer saber, o Thomas está logo ali. Eu iria guiá-la para outra parte do campo, mas seria muito chato ficar desviando deles a noite inteira. Então sofra tudo de uma vez, olhe para ele e se contente, depois iremos definitivamente nos divertir.

Thomas estava com uma máscara toda branca que cobria metade de seu rosto e seu terno era preto, branco e vermelho. Por sua vez, estava acompanhado por Rita que, como já esperávamos, estava simplesmente deslumbrante. Seu vestido era roxo, com uma abertura na parte da frente que revelava a segunda camada de tecidos que era preta. Além disso, uma rosa falsa enfeitava os seus cabelos.

— Nossa, eu esperava algo mais elaborado por parte da Rita. Ela nem está tão bonita assim – Laura falsamente criticou e deu um sorriso amarelo para mim.

— Não precisa fingir nada, Laurinha. Ela é nossa amiga e está belíssima e eu que lutei por não ter convidado nenhum deles. Não é culpa das garotas, afinal elas viram que ambos não tinham um par e foram espertas – alonguei os meus braços para me afastar de minha própria

energia negativa – Quer saber? Não vou ficar chorando pelo leite derramado. Nós dançaremos e nos divertiremos e ponto final.

Puxei decididamente o pulso de Laura para a pista de dança. A música era animada, então serviria perfeitamente para elevar o meu humor. Deixei que o som penetrasse os meus ouvidos e soltei o meu corpo, me movimentando com passos engraçados, que faziam a Laura gargalhar e tentar imitar as minhas palhaçadas.

Por um segundo, me senti observada, então notei que um determinado garoto que não era do nosso colégio estava nos encarando, ou me corrigindo, ele especificamente não tirava os olhos da minha melhor amiga.

— Aparentemente alguém está conquistando fãs, Laurinha. Gostei de ver.

— O que você está insinuando desta vez, Helena?

— À minha direita, perto das primeiras mesas, apenas siga essas instruções.

Laura corou imediatamente após reconhecer o menino, o que me fez questionar se eles dois já não haviam se encontrado anteriormente sem que eu tivesse esse conhecimento, até que me recordei de uma das nossas conversas.

— Eu não acredito, Laura! – exclamei, chamando a atenção dela.

— O que, Helena? – ela fingiu que nada estava acontecendo.

— Aquele é o menino que você conheceu na comemoração da vitória do time do Benjamin? A sua expressão escreve isso na sua testa e, além disso, ele não para de te encarar – provoquei.

— Está bom, você venceu! É ele, ok? Mas acredito que ele esteja com a prima, então não há muito o que possamos fazer a respeito.

— A não ser que...

— Por favor, nem invente Helena... – ela me ameaçou sem precisar de palavras.

— Tchau, Laurinha. Eu estou com sede, portanto vou encher um copo com ponche. Com licença, minha cara amiga – comecei a caminhar apressadamente antes que ela me impedisse.

A professora Alicja estava na mesa de comidas servindo alguns alunos com o ponche, que era sem álcool. Surpreendentemente ela estava com um vestido ainda mais marcante que o de Rita. O dela era unicamente vermelho, assim como o seu batom, no estilo princesa, bem cheio e rodado.

— Oi, professora. Como você está? Que roupa linda!

— Boa noite, Helena. Muito obrigada, gentileza sua! Tudo caminha otimamente e com você? Gostaria de uma concha de ponche?

— Eu aceito sim, professora. Você poderia me dar dois copos? Vou levar para a minha amiga também – pedi educadamente.

— É claro! Para a Laura? – tentou adivinhar.

— Desta vez, não. É para uma amiga que ainda vou conhecer – afirmei, deixando-a ligeiramente confusa.

Caminhei para o local em que o menino de antes estava posicionado, mas não com o intuito de falar com ele. Na verdade, estava procurando alguma garota que parecesse meio tímida e envergonhada por ter sido obrigada a ir para o baile escolar com o próprio primo, ao invés de

com outro alguém que chamasse o seu interesse.

Avistei uma moça loira, mais ou menos do meu tamanho, sentada em uma cadeira perto do garoto e com uma feição que gritava o quanto ele se encontrava extremamente entediada e frustrada, como se o seu primeiro baile escolar fosse arruinado.

— Olá, meu nome é Helena! Posso me sentar aqui?

Tirei minha máscara para transparecer minhas reais intenções.

— Fique à vontade, mas já aviso que não há nada que valha o seu tempo.

— Por que essa atitude? Se está cansada de permanecer sentada, dance – dei de ombros, sinalizando que a solução era relativamente óbvia.

— É fácil falar. Os meus pais são muito tradicionais. Então, quando souberam que eu não havia arrumado um par e planejava vir com uma colega de classe, pressionaram o meu primo ao máximo para que ele viesse comigo e não me largasse sozinha nem por um instante. Assim eu teoricamente não “aprontaria”.

— Nossa, que péssimo. Mas por que eles implicaram tanto com isso? – me inclinei para a frente com o objetivo de escutá-la melhor.

— Para eles, é absurdamente inadequado que uma mulher dance com outra. Eu sei, é estranho, mas não tenho autoridade o bastante para discordar e o meu primo não larga do meu pé por respeito aos tios dele, mesmo que esteja envolvido com uma estudante de outro colégio e sabendo que não poderá encontrá-la tão cedo depois de hoje.

— Eu sei que isso soa errado. Mas você já pensou que, apenas hipoteticamente falando, levando em consideração que os seus pais não

estão presentes e que você não tem a intenção de causar nenhum problema, talvez você possa ir se divertir com suas amigas. Assim o seu primo ficaria livre também.

— Seria perfeito, pois eu de fato só quero festear com elas. Mas ele jamais concordaria com isso é... Helena? Esse é o seu nome?

— Sim, é sim. Veja só, vou te contar a realidade. Eu sou melhor a amiga dessa estudante a qual chama a atenção de seu primo e eu sei também que seria do desejo dele aproveitar o baile com ela. Então se eu o convencer a, de repente, te perder de vista por somente uma hora e não comentar nada para ninguém, quando seus parentes vierem buscá-los, para não criar confusões a nenhum de vocês dois, o que você faria?

— Eu o ajudaria na parte de me perder de vista por 60 minutos completos.

— Combinado. Aguarde o meu sinal – dei uma piscadinha para ela e ajeitei minha máscara no rosto novamente.

Após isso, me direcionei para o lado do primo dela, cutucando seu braço com o cotovelo. Expliquei a estratégia, tópico por tópico, me certificando de que ele “reencontrasse” a prima muito antes do horário combinado com a família deles para voltarem para casa. Eu conseguia sentir o peso da curiosidade e reprovação de Laura, que estava com os braços cruzados, me secando de longe.

Todavia, eu agia para o benefício dela e mantinha minhas esperanças de que ela não me mataria por formular tudo aquilo sem a sua autorização. Para a minha sorte, o menino não estava contente com a sua atual situação, pois sentia que os tios o privavam de formular memórias especiais sobre o seu primeiro baile, apenas por um medo isento de lógica, já que, segundo ele, a prima nunca trouxera desonras para a família. Assim, ele concordou.

Eu corri para contar a Laura e ela balançou a cabeça negativamente, enquanto segurava um sorriso. Então dei uma desculpa qualquer para me afastar quando o menino veio em nossa direção.

Aproveitando que eu estava com tempo sobrando, fui procurar Amélia e Edgar. Depois de tantas promessas eu estava intrigada para ver os dois.

Não foi preciso muito esforço para detectá-los. Ambos estavam discutindo em frente à mesa de comidas a respeito de qual dos pratos era o mais saboroso. Me aproximei e sugeri que experimentássemos um bocado de todos e eles concordaram.

Eu não tinha o conhecimento sobre qual sala de qual dos colégios havia se responsabilizado pelo cardápio, entretanto ela era merecedora de intermináveis elogios. Eu só parei de comer quando garanti que cada milímetro do meu estômago se encontrava preenchido. Assim, não sofreria com arrependimentos no dia seguinte por desperdiçar a oportunidade de ter o privilégio de saborear aqueles indescritíveis pratos.

Parei um pouco para observar a interação dos meus amigos. O Edgar e a Amélia estudaram na mesma instituição antes do ensino médio e, embora fossem opositos e se desentendessem por simples razões, eles eram inseparáveis. Eu me questionei se eles tinham levado aquela aposta verdadeiramente a sério, pois ambos estavam impecáveis. A parte superior do vestido de Amélia era de um preto liso, enquanto a saia azul índigo era curta com uma calda longa atrás. O blazer de Edgar era roxo e ia até o final da coxa, e sua máscara, que cobria até o seu nariz, era em formato de gato, enquanto a de Amélia era de uma forma mais comum, que não vai muito além da linha dos olhos, e era enfeitada por uma longa pena preta.

— Por que a maioria das pessoas está indo para a pista de dança?

— perguntei.

— Acho que vai começar aquela dança que ensaiamos na escola — disse Amélia.

Durante as semanas de preparação, nós e as outras escolas tivemos aulas exclusivas sobre uma determinada dança clássica, chamada Minueto. Essa é executada em pares, é de origem francesa e transparece muita graciosidade e elegância. Os professores fizeram algumas alterações nos passos, portanto não aprendemos a forma original dela, mas ela continuava lindíssima. Apesar do Thomas ter me chamado para ensaiar com ele, eu falei que já havia combinado com a Laura.

— Levanta, Edgar. E limpe a sua boca que nós estamos indo — decretou Amélia.

— Para alguém que estava de mau humor quando soube que o baile ocorreria, você parece bastante contente — provocou Edgar.

Ela revirou os olhos e os dois partiram, se desculpando por me abandonarem, enquanto eu afirmava que não precisavam se incomodar com isso.

Enquanto eu pegava umas das papoulas do vaso para cheirar, uma silhueta cobriu o meu campo de visão.

— Benjamin? — espantei-me.

— Esta bela dama encontra-se sozinha por desejo individual ou aceitaria dançar este clássico comigo? — ele estendeu a mão com a palma voltada para cima.

Eu até pensei em perguntar sobre o paradeiro do par dele e se ela não ficaria brava pelo fato de eu roubá-lo por alguns minutinhos, porém eu realmente queria concordar com o convite do Ben. Assim, evitei

qualquer frase que pudesse estragar aquela chance.

— Eu humildemente aceito, caro senhor.

Nós dois rimos pela maneira engraçada e proposital e exageradamente formal que eu usei para dizer o meu simples “sim”, então peguei a mão dele.

Benjamin me guiou até a pista de dança e nós nos posicionamos na fileira de pares.

— Esse azul combinou muito com os seus olhos, Benjamin — elogiei.

— E a maneira como o seu cabelo se destaca nesse tom de vestido é impressionante — ele comentou, se esforçando para falar de um modo formal e bonito.

— Eu estava determinada a usar uma cor mais impactante, mas a Rita insistiu que esse champanhe seria o ideal. Pelo menos ela acertou — dei de ombros, fingindo estar convencida.

A música iniciou e nós dois começamos a seguir os passos. Aparentemente os responsáveis pelos treinos de ambos os colégios estavam em sintonia no seu método de ensino, pois Benjamin e eu estávamos em perfeita harmonia.

Primeiramente nós nos reverenciamos, como cumprimento, depois demos as mãos. Os casais se dispersaram organizadamente pelo espaço e a música prosseguiu.

O meu coração quase saía pela boca quando eu percebia a maneira com que Benjamin me observava nas partes em que as damas giravam, exibindo seus belos trajes. Quando os nossos pulsos se encostavam ao cruzarmos esses, os nossos olhos não se desviavam nem

por um segundo. O céu noturno e as luzes de tom quente das lanternas, juntamente com o clássico som, contribuíam para a permanência de um clima extraordinário e embriagante, que fazia com que eu sentisse que aquele não era simplesmente um baile escolar, e sim um evento único, que pertencia a outra época.

Os giros e movimentos que dávamos, aliados ao estranho foco de meu olhar no meu acompanhante, faziam com que todas as figuras ao nosso redor ficassesem embaçadas o bastante para não serem reconhecidas, mas isso não importava muito, porque eu queria ficar ali eternamente e guardar aquela sensação em um potinho de vidro para que eu nunca a perdesse.

— Sei que isso pode soar um pouco estranho, mas alguém já te disse hoje que você está semelhante a uma princesa, Helena?

Eu corei, mas por sorte ou coincidência, o próximo passo me afastava dele, deixando com que eu escondesse as minhas bochechas avermelhadas.

— E você seria o príncipe, Ben? — comentei, quando cruzamos os pulsos novamente, alternando os braços desta vez.

— Mesmo que eu fosse um cidadão comum, eu me tornaria da realeza caso esse também fosse o seu desejo — disse ele indiferentemente.

— O que você está falando? Só existiria um meio de isso acontecer. Sabe o matrimônio... — interrompi minha frase no meio quando Ben abriu um sorriso e eu notei que ele estava insinuando exatamente o que eu estava pensando. A clássica história onde um membro na nobreza se apaixonava por alguém de classe inferior.

Antes que eu pudesse elaborar uma resposta, as notas finais fo-

ram tocadas e eu voltei a prestar atenção no mundo e nas pessoas ao nosso redor

— Ah, eu gostei muito de dançar com você, Ben — afirmei, ligeiramente sem jeito e ajeitando uma mecha atrás da orelha.

— Igualmente, Helê — ele colocou suas mãos nos bolsos e sorriu.

Eu avistei a menina que estava acompanhando o Benjamin anteriormente vindo em nossa direção e fiquei estática.

— Oi, Benjamin! Olá! Você é a Helena, certo?

— Exatamente! Prazer em conhecê-la...

— O meu nome é Amanda. Então é por você que o Benjamin está apaixonado? Ele ficou esperando tanto pelo seu convite que quase ficou sem par, acredita? Foi muito fofo — ela deu uma leve cotovelada nele.

— Amanda, acho que você está revelando fatos só um pouquinho desnecessários, não é? — ele levantou as sobrancelhas.

— Não precisa ficar tímido, Ben. Mas não se incomode e nem fique com ciúmes, Helena. O menino que viria comigo quebrou a perna na quinta-feira e é só por isso que o Benjamin e eu unimos o útil ao agradável e decidimos vir juntos — ela deu de ombros.

— Ah, sem problema nenhum — soltei uma risadinha forçada. — Depois de girar tanto, o meu cabelo ficou desarrumado, então eu vou ao banheiro rapidinho. Até outra hora, caso nos esbarremos de novo.

Repentinamente, comecei a me sentir extremamente sufocada com aquela situação. A culpa por quase ter estragado a noite de meu amigo, deixando-o esperar interminavelmente por um convite que nun-

ca receberia, veio à tona e eu não conseguia respirar direito.

Depois de virar as costas e caminhar uma determinada distância, apressei os meus passos até o banheiro, com lágrimas quase invadindo os meus olhos.

— Por que eu sou assim, Deus? – sussurrei para mim mesma.

— Helena? – era a voz de Rita, que estava entrando no banheiro.

Apressei-me e recuperei a compostura, fingindo que arrumava a minha máscara, que por sinal nem ao menos se encontrava torta.

— Algum problema com as suas roupas? Eu posso ajudar. Vim aqui pois elas precisam de pequenos retoques nas fantasias – afirmou Ritinha, apontando para trás, onde havia três meninas, uma com um pequeno buraco na saia, provavelmente ocasionado por ter enroscado o tecido em algum prego, e outras duas, cada uma com um botão solto na mão.

— Não tenho, mas muito obrigada. Porém, como é que você vai ajudá-las sem os materiais? – fiquei curiosa a respeito daquele ponto.

Como naqueles filmes em que os protagonistas levam objetos em bolsos escondidos, Rita tirou um pequeno estojo de uma das últimas camadas de seu vestido. Dentro dele estava algumas agulhas e linhas de cores neutras.

— Preciso estar sempre preparada para acontecimentos assim – Rita afirmou.

Eu voltei para o campo e vi que Edgar, Amélia, Laura e Thomas estavam sentados em uma mesa, comendo doces, então me aproximei. Nos cumprimentamos e eles me deixaram por dentro do assunto. Pelo visto, a vocalista de uma das bandas precisou faltar ao evento, assim

eles chamaram a Rita em cima da hora para substituí-la. Eles estavam animados, pois era de conhecimento geral que a nossa amiga cantava bem, mas nunca a tínhamos ouvido em um show com direito a palco e outros recursos.

Antes de ir pegar o microfone, a Rita veio se despedir de nós e exigir que dançássemos bastante, para incentivar os outros alunos a fazerem o mesmo e não a apenas encará-la durante a apresentação.

— Eu sei que você estava ansioso por esse som, Thomas, mas é uma emergência e o dever me chama. Desculpe te deixar praticamente plantado na pista sozinho.

— Eu entendo, Rita. Arrase em sua performance. Estaremos torcendo por você.

Ela seguiu o seu caminho e nós nos preparamos para ir até lá. Eu e Thomas acabamos ficando por último, pois ele me esperou enquanto eu desenroscava o meu cabelo de um dos garfos da mesa.

— É uma pena que a Rita tenha que cantar, Thomas. Mas vocês terão outras chances, eles estão alternando bastante os gêneros musicais – tentei consolá-lo, pois ele aparentava estar ligeiramente chateado.

— Helena. Vamos dançar juntos? – ele foi tão direto ao ponto que aquela frase soou mais como uma afirmação do que como uma pergunta.

Eu engoli em seco por conta do nervosismo, antes de concordar com a cabeça.

A música era demasiadamente animada dessa vez, eu logo esqueci toda a minha apreensão e me soltei. O Thomas me fez dar várias gargalhadas com seus passos. Nós brincávamos e até fazíamos as fa-

mosas “mãos de jazz”, mesmo que aquele estilo fosse completamente distinto do que nós estávamos ouvindo.

— Thomas, eu descobri que definitivamente amo bailes! — exclamei.

— E eu amo... — por conta do alto barulho, não pude ouvir a última palavra e, embora estivesse com medo do que ela poderia ser, resolvi questionar.

— O que você disse Thomas?

— Eu amo dançar com você, Helena. É muito divertido! — ele respondeu.

O pano que constitua a minha roupa era leve, assim não atrapalhava os meus movimentos, mesmo aqueles que eram relativamente desengonçados. Eu erguia ligeiramente a saia para que eu não tropeçasse e assim continuava me divertindo.

Apesar de eu ter dito para a Laura que aquela ocasião, durante a viagem a Gdansk, jamais se repetiria, ver o Thomas completamente envolvido com o ritmo trouxe emoções muito semelhantes. Estar em um ambiente sem o receio de ser julgado, pois os outros ao seu redor estavam fazendo o mesmo que você, não tinha preço. Talvez aquele fosse o real valor dos bailes e o motivo por trás da apreciação deles por parte das pessoas, visto que muitos achavam roupas de gala belíssimas, mas raramente encontravam ocasiões para vesti-las. Além disso, pular, cantar desafinadamente e balançar-se freneticamente durante um som agitado, todas essas ações eram comuns naquela noite, o que era simplesmente maravilhoso para revigorar a alma depois de tanto enfrentar os acontecimentos várias vezes estressantes do cotidiano.

Quando a última nota ecoou da boca de Rita, eu necessitei de alguns minutos para recuperar o fôlego e fui pegar um copo de água.

— Helena, espere! Eu irei com você. — Falou Thomas.

Enquanto nos hidratávamos, Benjamin apareceu.

— Boa noite. Você é o Thomas certo? A Rita está te procurando para que vocês passem um tempo juntos agora que ela acabou de cantar.

— Obrigado por avisar. Daqui a alguns minutos eu falo com ela. Pode ir agora.

— Desculpe? — O Ben cruzou os braços e eu quase engasguei com a água.

— Você já falou que queria, não é?

— Você não acha que é um pouco de falta de educação deixar o seu par aguardando. Onde está a sua educação, Thomas?

— No mesmo lugar em que você perdeu a sua noção. Você por acaso acha bonito brincar com o coração das pessoas? Primeiro despreza a Helena naquele jogo ridículo e agora tenta reconquistá-la apenas para afastá-la mais tarde.

— Você não entende nada sobre isso. Deveria prestar atenção para manter-se calado nos assuntos que não te incluem. Você nem me conhece direito.

Eles haviam perdido o senso completamente? No meio de uma festa com um clima tão estupendo eles resolvem brigar, por mim ainda por cima? Eu não ficaria quieta somente observando, enquanto todos os olhares eram voltados para nós. Eu tinha me segurado muito para me comportar. Mesmo ficando triste pelos dois estarem com outras meninas e eles não se incomodando em manter a compostura, aquilo era inaceitável na minha concepção.

— Eu vou para casa. Não sou capaz de lidar com duas crianças que são até maiores que eu — afirmei secamente e me dirigi para o ca-

minho da saída.

Quanto eu estava prestes a passar pelas últimas mesas, os dois correram atrás de mim, pedindo para que nós três conversássemos. Embora eu me sentisse furiosa, no fundo eu sabia que carregava uma parcela da culpa por aquele desentendimento. A minha indecisão não poderia atrapalhar o baile de nós três e uma decisão inevitavelmente necessitava ser tomada.

— Gente, eu honestamente não aguento mais isso. Serei sincera com vocês.

Eu abri o jogo a respeito dos meus sentimentos para o Benjamin e para o Thomas, expliquei cada detalhe, desde o início, aquelas sensações estranhas, o que havia me levado a notá-las, o quanto eu estava mal, pois eu sabia que não era justo com nenhum deles que eu os seguisse pelas minhas incertezas individuais. De repente, olhei ao redor e notei o aglomerado de pessoas que nos cercavam. Eu não fazia a menor ideia de quando eles haviam se aproximado

Eu imaginava que eles ficariam furiosos comigo, mas não foi o que aconteceu. Em vez disso, ambos me encararam como se não fossem capazes se enxergar um final naquele sinuoso labirinto, então eu ajeitei a minha postura e disse:

— Thomas e Benjamin, eu não vou mais prendê-los. Levando em consideração o nosso bem-estar, as dificuldades e ocasiões conturbadas as quais fomos obrigados a enfrentar, todas as transformações pelas quais eu passei conforme o decorrer deste ano e tentando organizar a minha confusão interior de uma vez por todas...

Uma decisão precisa ser tomada, não posso mais ser refém de meus pensamentos, desejos.

— Eu escolho... você!



*Responsáveis pelas
ilustrações do livro*

Camila de Souza dos Santos	7° A
Juliane Ferreira Silva	7°C
Ediana Lopes Garcia	8°C
Derick Gustavo Rubim	9° A
Gabriella Eduarda Pereira Coelho	8° B
Rafael Kenzo Irie	7° A
Lucas Gabriel de Paula	9° B
Ariadny de Souza Gomes.....	7°C
Mariane Lorenzato de Lima.....	7° B
Clara Barbosa Gonçalves Firmo	9° B
Isabelle Pomini Gonçalves.....	9° B
Nhandeara Alves Favaretto	7°C
Pérola Christine Rosa da Silva.....	9° B
Giovana Duarte do Amaral Félix	7° A
Giulia Gabriela dos Santos Calizotti.....	8°C

Participação dos alunos
Projeto Crescer I

Matutino

Ana Beatriz de Moraes Silva	6ºA
Douglas Samuel Rosalino do Espírito Santo	6ºA
Emily Cristiny Coelho Fernandes.....	6ºA
Emily Nobre Borsatto	6ºA
Gabrielle da Silva Nogueira.....	6ºA
Isaac Pereira de Andrade.....	6ºA
Isabella Luana Nascimento de Oliveira	6ºA
Kael Silva Rodrigues	6ºA
Matheus Henrique da Costa	6ºA
Otavio Augusto Modesto	6ºA
Paulo André de Lima Pereira	6ºA
Raissa Silva e Silva	6ºA
Sarah Gabriele dos Santos	6ºA
Yasmin Cavalcante Alarcon	6ºA
Gabriel Teodoro da Silva Alves	6ºB
Giovanna Arissa Takechi	6ºB
Giselle Maria Garcia	6ºB
Gustavo Adrian de Azevedo.....	6ºB
Gustavo Lima Alves Sampaio.....	6ºB
Leonardo de Gouveia Ponci Pereira	6ºB

Luca da Costa Bonfim.....	6°B
Maysa Ramos de Jesus.....	6°B
Pedro Henrique da Silva	6°B
Stefany Vitória Garcia.....	6°B
Vinicius Henrique da Silva Moraes	6°B
Ana Beatriz de Carvalho Malagutti	7°A
Ana Beatriz Marques	7°A
Ana Júlia Rubim Baptistella	7°A
Daniel Luis Ferreira Bortolassi da Silva.....	7°A
Gabriela Vitoria dos Santos.....	7°A
Giovana Duarte do Amaral Felix	7°A
Gisely Souza Vieira.....	7°A
Grazielle Domingues Maciel	7°A
Gustavo Henrique da Silva	7°A
Karine Vitória Ledesma de Souza.....	7°A
Larissa Barros Nascimento Silva.....	7°A
Leonardo dos Santos Fier.....	7°A
Marcos Aparecido de Souza Junior.....	7°A
Nicole do Nascimento da Silva.....	7°A
Rafael Kenzo Irei	7°A
Thaila Gabriela de Moraes Rodrigues	7°A

Vitória Gabrielle dos Santos	7° A
Adrian Felipe Bernardi Silva	7° B
Eloá Maria Carlos Alves	7° B
Gabrielle Romão dos Reis	7° B
Gustavo Celestino Pessoa	7° B
Gustavo Henrique Muchau de Carvalho.....	7° B
Jhennifer Cristina Castro Ferreira.....	7° B
Nicolas Augusto Crivellaro da Rocha.....	7° B
Osvaldo Calebe Vespaiano França.....	7° B
Pedro Alexandre Coelho Damião.....	7° B
Antonio Ceolin Bassani	7° C
Ariadny de Souza Gomes.....	7° C
Gustavo dos Santos Firmino	7° C
Juliane Ferreira Silva	7° c
Kelly Cristina Garcia	7° C
Mikael Lucas de Lima	7° C
Nhandeara Alves Favaretto	7° C
Ryan Gabriel Santana.....	7° C
Richard Ryan Nascimento Macedo Camilo.....	7° C
Ana Beatriz da Silva Nonato.....	8° A
Ana Heloisa da Silva Nonato.....	8° A

Arthur Dias Guimarães	8°A
Ana Julia da Silva Lima.....	8°B
Eduardo Correia Bressler.....	8°B
Gabriella Eduarda Pereira Coelho	8°B
Gabriely Jedneralski da Silva.....	8°B
Gean Lucas e Silva Vaz.....	8°B
Giovana Gasparino Cestari	8°B
Heloa Pereira da Silva de Melo	8°B
Isaac Mutsuo Shimizu Firmo	8°B
Joana Isabelle Lima.....	8°B
Kauã Maciel Prates Guedes	8°B
Luiz Felipe Da Silva	8°B
Luis Gustavo Fernandes Machado.....	8°B
Maria Clara de Melo Trajano.....	8°B
Maria Fernanda dos Santos de Faria.....	8°B
Otávio Francisco Izidoro Costa	8°B
Pedro Paulo Rosa Machado	8°B
Saul Leandro Santos Silva	8°B
Bryan Marques Vieira	8°C
Ediana Lopes Garcia	8°C
Gabriel Santana de Oliveira	8°C

Geovana da Silva de Souza.....	8°C
Giulia Gabriela dos Santos Calizotti.....	8°C
Guilherme dos Santos Firmino	8°C
Isabela Vitória Ambrósio	8°C
João Vitor Bettoli Ribeiro	8°C
João Vitor Presoto	8°C
Kelly Ramos Batista	8°C
Mariane Ferreira Franzin	8°C
Nicolle Lomba de Arruda.....	8°C
Vitor Voltolini Lomba	8°C
Davi Vinicius Moreira Porfírio	8°D
Julia Strassacapa de Campos	8°D
Pedro Henrique Borim Nunes	8°D
Antônio Carlos Pereira de Oliveira.....	9°A
Derick Gustavo Rubim	9°A
Erick Gabriel Rodrigues	9°A
Fabian Thais Sassi Dezanete.....	9°A
Gabriela dos Santos Pereira	9°A
Guilherme Henrique dos Santos	9°A
Gustavo Semchechem.....	9°A
Heitor Paulino de Mello.....	9°A

Hilary Nayara da Silva Lira	9°A
Larissa Aparecida Marion Freitas	9°A
Leticia Carolina Costa Baksa.....	9°A
Letícia Mayumi Nakagawa.....	9°A
Maria Eloísa Câmara da Silva.....	9°A
Mariana Sugihara Marin	9°A
Pietra Gabriela Vieira.....	9°A
Samuel Bernardino Duarte.....	9°A

Vespertino

Gabriel Buzatto Teixeira	6°C
João Pedro Nascimento Santos	6°C
Juan Vinícius dos Santos Rosalino.....	6°C
Matheus Frasson dos Santos	6°C
Pablo Henrique Rangel Moreira	6°C
Sophia Berbel Barros	7°D
Arthur Fanelli de Oliveira.....	8°E
Danielly Horácio Bisterço dos Santos	8°E
Diogo Celestino Branco	8°E
Gustavo Santana de Oliveira.....	8°E
José Romeu Pereira Neto	8°E

Marcos Antônio Gonçalves Pereira	8° E
Maria Eduarda de Oliveira Caldeira	8° E
Ana Catarina Rodrigues Roberto	9°B
Clara Barbosa Gonçalves Firmo	9°B
Emanuel Henrique Tizzo dos Santos	9°B
Gabriely Souza Vieira	9°B
Isabelle Pomini Gonçalves.....	9°B
Jefferson Carlos Rodrigues Ismael.....	9°B
José David Rivas Heredia	9°B
Karen Caroline Silveira.....	9°B
Ketelyn Vitória de Oliveira Camarra	9°B
Lucas Gabriel de Paula	9°B
Maria Eduarda Gravena Tavares.....	9°B
Mariane Caroline da Silva	9°B
Nathalia Lopes da Silva	9°B
Pedro Henrique Da Silva	9°B
Pérola Christine Rosa Da Silva.....	9°B

Participação dos alunos
Projeto Crescer II

Matutino

Ana Luisa Gabriel Nobile	6° A
Clara Rufato Rodrigues.....	6° A
Isabella Ferreira de Souza.....	6° A
Jhocely Emanuelle Borges da Silva.....	6° A
Camila de Souza dos Santos	7° A
Júlia da Costa Alves	7° A
Anne Elis de Araújo	7° B
Kethlyn Costa Guimarães	7° B
Lavínia Martins Incão	7° B
Lucas Emanuel Teodoro Ferreira	7° B
Lucas Henrique Silva.....	7° B
Luis Henrique Dias Sanfelice	7° B
Maria Fernanda Souza	7° B
Mariane Lorenzato De Lima	7° B
Pâmela Rodrigues Perroni Da Silva.....	7° B
Patricia Aparecida Rodrigues Da Silva.....	7° B
Rayane Rozzi Belo Dos Santos.....	7° B
Sabrina Pereira Da Luz	7° B
Thays Costa Guimarães	7° B
Yasmin Lopes Gonçalles.....	7° B

Yasmin Victória Colanzi Rodrigues.....	7°B
Ana Rita Xavier dos Santos Silva.....	8°A
Ashlee Gluck Thomaz Ramos.....	8°A
Darlan Cezário	8°A
Darley Cezário	8°A
Emanuel Elias Messias De Cristo	8°A
Gabriel Pavanelo Da Silva.....	8°A
Julia Stephanie Paz Gomes	8°A
Kawan Belisario Alexandre	8°A
Mikaele Yasmin Casa Grande	8°A
Vinicio Aparecido Da Mota De Oliveira.....	8°A
Gabrielle Rodrigues Da Silva	8°A
Kauan Nicholas da Silva Bigoli.....	9°A
Lais Brambila da Luz.....	9°A
Maria Fernanda De Oliveira Melo.....	9°A
Matheus Arthur Soares	9°A

Vespertino

Analy Souza de Oliveira	9°B
Vitor Hugo Furtado de Freitas	9°C

Patrocinadores

PATROCINADORES LEI DE INCENTIVO À CULTURA 2010 A 2021



Fazer melhor é fazer com paixão



Genious
Pneus



eficiência Beal | Festval
SEGUROS





PATROCINADORES LEI DE INCENTIVO À CULTURA PESSOA FÍSICA 2021

Apoio:



Ademar Sanches	Alberto Fornazieri	André Tosca	André Itiyama	Angelo Hayashi	Aureo Cinagawa
Benedito Mariano	Daniela Lobo	Déborah Delfino	Delmo Giandon	Erika Okuno	Fabricio Bussadori
Flávio Kazuma	Geraldo Salomão	Idivaldo Vilas Boas	José R. de Souza	Júlio Borin	Josemir Queiroz
Lucia Baum	Luiz F. Tibery	Marcelo Nisioka	Marcos Nisioka	Milton Medeiros	Milton Pennacchi
Nelson Takahashi	Patrícia A. Silva	Paulo Beletato	Paulo Pennacchi	Pieker Migliorini	Rafael Beletato
Rafael Nogueira	Ramzi Abdallah	Renata Batista	Roberto Maneira	Romeu Bessa	Sebastião Rodrigues
Seiti Miura	Shirley Araki	Silvino Andresevski	Vitória Boldrin	Waldomiro Nunes	

PATROCINADORES LEI DE INCENTIVO À CULTURA 2021



CASA DO BOM MENINO DE ARAPONGAS



**CNPJ 77.355.675/0001-88
RUA PATO-BRAVO, 197 - JARDIM CULTURA
ARAPONGAS - PR - CEP 86707-670
FONE:(43) 3056-8777**

LEI 8.313/1991. LEI FEDERAL DE INCENTIVO À CULTURA

-  www.casadobommeninodearapongas.org
-  projetocrescer@casadobommeninodearapongas.org
-  www.facebook.com/casadobommeninodearapongas
-  www.instagram.com/casabommeninoarapongas
-  www.youtube.com/c/ProjetoCrescerArapongas